

**Jerônimo Coura Sobrinho**

**ESTUDOS DOS MARCADORES TEMPORAIS  
NA LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**BELO HORIZONTE**

**2004**

**Jerônimo Coura Sobrinho**

**ESTUDOS DOS MARCADORES TEMPORAIS NA LEITURA  
EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**Tese de Doutorado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da  
Faculdade de Letras da Universidade Federal de  
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção  
do título de Doutor em Lingüística.**

**Área de concentração: Lingüística**

**Linha de Pesquisa: Análise do Discurso**

**Orientadora: Profa. Dra. Ida Lúcia Machado**

**Faculdade de Letras da UFMG**

**BELO HORIZONTE**

**2004**

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos**

**Tese intitulada “*Estudos dos Marcadores Temporais na Leitura em Língua Estrangeira*”, de autoria de Jerônimo COURA-SOBRINHO, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:**

---

Prof. Dr. Agostinho Potenciano de Souza – UFG

---

Prof. Dr. Wander Emediato de Souza – Faculdade Pitágoras

---

Profa. Dra. Regina Lúcia Peret dell’Isola – FALE/UFMG

---

Profa. Dra. Kátia Valéria Modesto – FALE/UFMG

---

Profa. Dra. Ida Lúcia Machado  
Orientadora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação  
em Letras: Estudos Lingüísticos – FALE/UFMG

Belo Horizonte, 1º de abril de 2004

*À memória de Pedrinho, meu irmão, eterna referência...  
Para minha mãe, cujo silêncio diz mais que as palavras.*

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Ida Lúcia Machado, pelo convívio, durante os tantos anos de permanência na UFMG, e, principalmente, por ter acreditado em meus projetos;

Aos colegas do Cefet/MG, professores Heitor e Inês Gariglio, pelo apoio e pelas inúmeras interlocuções;

Aos professores P. Charaudeau, C. Chabrol, D. Maingueneau e, especialmente, ao J.-C. Soulages, pela acolhida, por ocasião do estágio em Paris;

À professora Regina Lúcia, pela amizade, pelo apoio e pela interlocução;

À professora Sueli Pires, pelas significativas contribuições acadêmicas;

Ao professor Wander Emediato, pelo incentivo;

Aos colegas Giani, Emília, William e Paulinho, pelo companheirismo, durante o estágio no exterior;

Aos colegas do Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da Faculdade de Letras da UFMG, pelo apoio e pela interlocução;

Aos colegas do Laboratório de Pesquisa em Leitura e Cognição (LPLC) do Cefet/MG, Ana Maria, Renato, Vicente, Rogério e aos estagiários, pelo compartilhamento em todas as fases do estudo;

Aos alunos que, gentilmente, concordaram em ser informantes da pesquisa;

Ao Jeter Neves, pelas agradáveis interlocuções;

À Jane Quintiliano, pelo apoio;

Ao Luiz Prazeres, ao Ronaldo Dias e à Sônia, pela solicitude;

Aos colegas da Coordenação de Línguas Estrangeiras do Cefet/MG, pelo apoio;

Aos professores e colegas da FALE, pelo compartilhamento, em todo o percurso;

À Capes, pela concessão da bolsa de estudos de doutorado sanduíche;

À diretoria do Cefet/MG, pela colaboração, durante o doutorado;

Aos meus irmãos, Nita, Juca, Luzia e Penha, pela compreensão e apoio, sobretudo, por terem “aceitado” minha ausência...;

À minha mãe, que sempre lutou, incentivou e acreditou nos estudos dos filhos.

*Des formes linguistiques révélatrices de l'expérience subjective, aucune n'est aussi riche que celles qui expriment le temps, aucune n'est aussi difficile à explorer...*

*Benveniste*

## Resumo

Nesta tese, a partir da leitura de textos autênticos redigidos em inglês, são discutidas as interpretações sobre as manifestações lingüísticas do *tempo*, associado ao aspecto e à modalização verbais. Estiveram envolvidos na coleta dos dados oitenta graduandos da área tecnológica, matriculados em curso de leitura em língua estrangeira (inglês), distribuídos em quatro turmas já constituídas. Os dados foram coletados em sala de aula, em um momento de avaliação da aprendizagem, por meio de uma tarefa especialmente elaborada para atender, ao mesmo tempo, aos objetivos do curso no que diz respeito à leitura e à pesquisa. Os textos lidos são de divulgação científica, de interesse dos informantes. Durante a coleta, respeitou-se o contrato situacional de sala de aula, mantendo-se os sujeitos (alunos e professor) em seus respectivos papéis, fator crucial em uma pesquisa exploratória, de caráter descritivo. Os dados mostraram certa instabilidade nas interpretações dos sujeitos para os planos enunciativos da história e do discurso. Os informantes não se mostraram sensíveis aos efeitos de sentido de alguns tempos verbais do passado, nem à dimensão temporal das modalizações. Pela diversidade interpretativa da categoria *tempo*, esta pesquisa sugere que a estrutura temporal do discurso apresenta efeitos importantes na compreensão, tratando-se, portanto, de um fenômeno que deve ser amplamente explorado no ensino da leitura em língua estrangeira.

## Abstract

In this study the interpretations of the linguistic manifestations of *time* and its relations with *aspect* and *modality* are discussed. Eighty undergraduate Brazilian students of the technological area, who were enrolled in a reading course in English as a Foreign Language, were the research subjects. The data were collected during the final term examination. A task specially designed to achieve both the purposes of the evaluation and research was carried out in the classroom, after the reading of four authentic texts of the same genre, which were of interest for the students. In this exploratory research, effort was made to keep the natural classroom environment unchanged during data gathering, leaving both the teacher and the students in their roles. Data revealed a considerable difference in the interpretations of the utterance production frame, i.e., the distinction made by the French tradition of the works of Émile BENVENIST between *discourse* and *history*. The research subjects were not able to perceive the different meanings of some absolute tenses neither did they understand the temporal dimension of verbal modalities. The variability of the interpretations of the categories of *time* suggests that the temporal dimension of discourse is an important component of reading comprehension and that temporality should be considered as a relevant element in reading courses in foreign language.



## Résumé

L'objectif de la présente recherche est de discuter les interprétations de la catégorie linguistique du *temps* associée à celle de l'aspect et de la modalisation verbale, à partir de la lecture de documents authentiques en anglais. La recherche a été conduite auprès de 80 étudiants brésiliens en technologie industrielle, distribués en quatre classes de lecture en langue étrangère. Les étudiants ayant lu hors classe quatre textes de vulgarisation scientifique, un exercice de vérification de la compréhension générale et spécifique (sur les catégories temporelles) a été fait en tant qu'évaluation et tâche génératrice des données de la recherche. On a cherché de respecter le contrat situationnel de salle de classe de façon à maintenir les rôles des participants (étudiants et professeur) et à garantir le caractère descriptif de la recherche. Les données rassemblées révèlent une certaine instabilité des interprétations concernant les plans énonciatifs de l'histoire et du discours. Les informants se sont montrés insensibles aux effets de sens de quelques temps verbaux au passé et aussi à la dimension temporelle des modalisations verbales. La diversité interprétative de la catégorie linguistique du *temps* conduit à considérer que la structuration temporelle du discours a des effets importants sur la compréhension et qu'elle est cruciale pour l'enseignement de la lecture en langue étrangère.

## LISTA DE ABREVIATURAS

BTS	– <i>Basic Temporal Structures</i> = Estruturas Temporais Básicas
CAD	– Centro de Análise do Discurso (Universidade de Paris XIII)
E	– Momento do Evento (REICHENBACK, 1947)
LE	– Língua Estrangeira
LM	– Língua Materna
ME	– Momento da Enunciação
PC	– Passado Composto do francês
PIDT	– Princípio de Interpretação do Discurso Temporal (DOWTY, 1986)
PS	– Passado Simples do francês
QE	– Quadro Enunciativo
R	– Momento de referência (REICHENBACK, 1947)
S	– <i>Speech time</i> = momento da fala (REICHENBACK, 1947)
Sc	– Sujeito Comunicante (Charaudeau)
Sd	– Sujeito Destinatário (Charaudeau)
Se	– Sujeito Enunciador (Charaudeau)
Si	– Sujeito Interpretante (Charaudeau)
TR	– Teoria da Relevância

## TABELAS

Tabela 1	– Expectativas dos alunos quanto às expressões temporais – 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> coletas	136
Tabela 2	– Percentuais de acerto das questões de compreensão geral – 1 <sup>a</sup> coleta	141
Tabela 3	– Percentuais de acerto por texto.....	142
Tabela 4	– Expressões que dão idéia de tempo presente – 1 <sup>a</sup> coleta.....	145
Tabela 5	– Expressões no presente, contendo a palavra <i>offers</i> – 1 <sup>a</sup> coleta.....	146
Tabela 6	– Expressões no presente, que não contêm a palavra <i>offers</i> – 1 <sup>a</sup> coleta	146
Tabela 7	– Expressões que dão idéia de tempo passado – 1 <sup>a</sup> coleta.....	147
Tabela 8	– Expressões no passado, contendo a expressão <i>long journey</i> – 1 <sup>a</sup> coleta	148
Tabela 9	– Expressões que dão idéia de tempo futuro – 1 <sup>a</sup> coleta.....	148
Tabela 10	– Expressões no futuro, contendo <i>next ten years</i> – 1 <sup>a</sup> coleta.....	149
Tabela 11	– Visão sobre as expressões temporais – 2 <sup>a</sup> coleta.....	151
Tabela 12	– Expressões que dão idéia de tempo passado – 2 <sup>a</sup> coleta.....	151
Tabela 13	– Expressões que dão idéia de tempo futuro – 2 <sup>a</sup> coleta.....	152
Tabela 14	– Expressões que não dão idéia de tempo – 2 <sup>a</sup> coleta.....	152
Tabela 15	– Expressões que remetem a mais de um tempo – 2 <sup>a</sup> coleta.....	153
Tabela 16	– Ocorrências do <i>Simple Past</i> e do <i>Present Perfect</i> – 1 <sup>a</sup> coleta.....	155
Tabela 17	– Ocorrências do <i>Simple Past</i> e do <i>Present Perfect</i> – 2 <sup>a</sup> coleta.....	156
Tabela 18	– Explicações sobre usos do <i>Simple Past</i> e do <i>Present Perfect</i> - 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> coletas	157
Tabela 19	– Ocorrências das modalizações – 1 <sup>a</sup> coleta.....	159
Tabela 20	– Ocorrências das modalizações – 2 <sup>a</sup> coleta.....	159
Tabela 21	– Explicação sobre as modalizações – 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> coletas.....	160
Tabela 22	– Percepção da seqüência cronológica do Texto 3 – 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> coletas.....	166
Tabela 23	– Localização seqüencial de cada fato do Texto 3 – 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> coletas.....	166
Tabela 24	– Modalizações marcadas temporalmente – 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> coletas.....	173
Tabela 25	– Tenses que acompanham as 22 expressões (ANEXO 06).....	177
Tabela 26	– Expressões com ocorrência e expectativa temporal coincidentes.....	179
Tabela 27	– Expressões com ocorrência e expectativa temporal <b>não</b> coincidentes	180
Tabela 28	– Classificação decrescente dos graus de compreensão dos textos....	191
Tabela 29	– Densidade verbal dos Textos 1 a 4.....	193
Tabela 30	– Fatos do Texto 3 considerados como primeiro de uma série de seis.	210
Tabela 31	– Percepção das seqüências dos eventos – Texto 3.....	211
Tabela 32	– Graus de dificuldade de localização temporal dos eventos do Texto 3	212

## QUADROS

Quadro 1 – Comparação dos objetivos comunicativos em dois momentos da teoria Semiolingüística (1996 e 1999).....	43
Quadro 2 – Modos Enunciativos .....	74
Quadro 3 – Os níveis da língua (uso cognitivo).....	97
Quadro 4 – A estrutura dos tempos verbais básicos do inglês.....	99
Quadro 5 – Estrutura dos tempos verbais estendidos (do inglês), segundo REICHENBACH (1947) .....	100
Quadro 6 – Estrutura de alguns marcadores temporais.....	102
Quadro 7 – Comparação do presente, em três línguas.....	115
Quadro 8 – As visões sobre os processos, segundo CHARAUDEAU (1992) .....	117
Quadro 9 – Os tempos verbais (do francês), segundo CHARAUDEAU (1992).....	118
Quadro 10 – Dados sobre os informantes da pesquisa .....	124
Quadro 11 – Textos utilizados na realização da tarefa .....	125
Quadro 12 – Configurações lingüísticas dos quatro textos .....	132
Quadro 13 – Marcas enunciativas de pessoa, no Texto 3 .....	133
Quadro 14 – Tarefa realizada pelos informantes .....	134
Quadro 15 – Expressões marcadas temporalmente – 1ª coleta.....	144
Quadro 16 – Respostas à questão 2 – Texto 3 – 1ª coleta.....	163
Quadro 17 – Respostas à questão 2 – Texto 3 – 2ª coleta.....	164
Quadro 18 – A representação do esquema temporal do texto 3.....	169
Quadro 19 – Respostas à questão 3 – Texto 2 (informantes que acertaram a questão 2).....	170
Quadro 20 – Visão sobre modalizações e tempo.....	172
Quadro 21 – Fatos do Texto 3.....	209
Quadro 22 – <i>Meaning of Modals</i> .....	215
Quadro 23 – Possibilidades de sentido dos sintagmas modais.....	217

## ANEXOS

ANEXO 1 – Texto 1 .....	252
ANEXO 2 – Texto 2.....	253
ANEXO 3 – Texto 3 .....	254
ANEXO 4 – Texto 4 .....	255
ANEXO 5 – Dados sobre os informantes.....	256
ANEXO 6 – Lista de expressões temporais.....	257
ANEXO 7a – Exercícios sobre texto 1.....	258
ANEXO 7b – Exercícios sobre texto 2.....	259
ANEXO 8a – Exercícios sobre texto 3.....	260
ANEXO 8b – Exercícios sobre texto 4.....	261

## FIGURAS

Figura 1	– Estrutura da instância de recepção .....	28
Figura 2	– Tipos de dêiticos .....	62
Figura 3	– Olhar temporal segundo MAINGUENEAU (1999) .....	64
Figura 4	– A referência segundo KERBRAT-ORECCHIONI (1999) .....	87
Figura 5	– Classificação das referências, segundo MOESCHLER (1994) .....	109
Figura 6	– Proporção entre as expectativas temporais dos informantes.....	178
Figura 7	– Expectativas temporais em relação à expressão <i>over the next couple of years</i> .183	
Figura 8	– Expectativas das expressões com ocorrência no <i>Simple Present</i> .....	186
Figura 9	– Representação do discurso da informação .....	190
Figura 10	– Interpretação da expressão <i>over the next couple of years</i> .....	229

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	14
<b>1 – Comunicação e compreensão</b> .....	24
1.1 Compreensão e leitura .....	24
1.2 O processo de comunicação de JAKOBSON, revisto por KERBRAT-ORECCHIONI .....	27
1.3 O processo de comunicação no quadro da Teoria da Relevância .....	29
1.3.1 O princípio da relevância .....	33
1.4 A visão semiolinguística do processo de comunicação.....	36
1.4.1 Os níveis do dispositivo comunicativo .....	39
a) O nível situacional do dispositivo .....	39
b) O nível comunicacional do dispositivo .....	40
c) O nível discursivo .....	40
1.4.2 Os objetivos comunicativos .....	41
a) O objetivo factitivo .....	41
b) O objetivo informativo .....	41
c) O objetivo persuasivo .....	42
1.5 A aventura da instância interpretativa – o caso da leitura .....	44
1.5.1 A visão semiolinguística sobre as inferências .....	47
1.5.2 Tipos de Inferência .....	49
1.5.3 A dimensão inferencial da compreensão na Semiolinguística e na Teoria da Relevância.....	51
1.6 Considerações gerais.....	52
<b>2 – Enunciação e discurso</b> .....	53
2.1 Linguagem e tempo nas perspectivas saussuriana e guillaumiana.....	54
2.2 A teoria da enunciação.....	57
2.2.1 Enunciação e leitura – os marcadores dêiticos.....	62
2.3 A teoria dos tempos (WEINRICH).....	65
2.4 Algumas reflexões.....	72
2.5 Tempo e discurso .....	75
2.6 Tempo e modalização .....	78
2.7 Considerações gerais.....	84
<b>3 – A referência temporal</b> .....	85
3.1 Lingüísticas enunciativas.....	85
3.2 Dêiticos e referência.....	86
3.2.1 Um exemplo de referência – a temporalidade .....	87
3.3 A estrutura temporal do discurso (VENDLER e DOWTY) .....	88
3.4 A teoria da referência temporal .....	94
3.4.1 Usos da língua .....	96
3.4.2 Os tempos verbais.....	98
3.4.3 Uma teoria neoreichenbachiana.....	101
3.5 A proposta pragmática para a referência temporal .....	105
3.6 A abordagem semiolinguística da temporalidade.....	111
3.7. Considerações gerais.....	119
<b>4 – Metodologia</b> .....	120
4.1 O ambiente da pesquisa.....	120
4.2 Os informantes .....	123
4.3 O <i>corpus</i> de entrada.....	125
4.3.1 Dados situacionais.....	128
4.3.2 Regularidades discursivas.....	130

4.3.3 Regularidades lingüísticas.....	131
4.4 A constituição do <i>corpus</i> – interpretações dos informantes .....	133
4.4.1 A tarefa .....	134
4.4.2 A questão 1 de todos os textos – Compreensão geral .....	139
4.4.3 A questão 2 do texto 1 – <i>Time schemata</i> .....	143
4.4.4 A questão 2 do texto 2 – Tempo e aspecto.....	153
4.4.5 A questão 3 do texto 2 – Modalização .....	158
4.4.6 A questão 2 do texto 3 – Ordenamento cronológico de eventos .....	160
4.4.7 A questão 3 do texto 3 – Representação esquemática da estrutura temporal..	167
4.4.8 A questão 2 do texto 4 – Tempo e modalização .....	171
4.5 Considerações gerais.....	174
<b>5 – Reações de alunos de língua estrangeira (inglês) à temporalidade no discurso</b>	<b>176</b>
5.1 Análise das expectativas em relação a expressões temporais descontextualizadas .	176
5.1.1 Expressões no Present Perfect .....	182
5.1.2 Expressões no Simple Past.....	183
5.1.3 Expressões no Simple Present .....	186
5.1.4 Expressões no Future.....	187
5.2 Análise dos dados da 3ª fase da coleta .....	189
5.2.1 Compreensão geral dos textos.....	189
5.2.2 As expressões relacionadas ao Presente .....	194
5.2.3 As expressões relacionadas ao Passado .....	197
5.2.4 As expressões relacionadas ao Futuro .....	198
5.2.5 Expressões vazias de <i>time schema</i> (nenhum <i>tense</i> ) ou remetendo a mais de um tempo.....	199
5.3 Tempo e aspecto – <i>Present Perfect x Simple Past</i> .....	200
5.4 O ordenamento de eventos .....	208
5.5 A representação do esquema temporal do Texto 3.....	213
5.6 Tempo e modalização .....	215
5.7 Considerações gerais.....	219
<b>6 – Discussão dos resultados</b> .....	<b>220</b>
6.1 A compreensão do discurso .....	220
6.2 <i>Time schemata</i> – Expressões descontextualizadas .....	223
6.2.1 <i>Present Perfect</i> .....	226
6.2.2 <i>Simple Past</i> .....	227
6.2.3 <i>Simple Present</i> .....	230
6.2.4 <i>Future</i> .....	231
6.3 <i>Time schemata</i> de expressões contextualizadas .....	232
6.4 Tempo e aspecto (o caso do perfectivo) .....	234
6.5 Ordenamento de eventos .....	236
6.6 A representação de esquema temporal .....	239
6.7 Tempo e modalização .....	240
6.8 Considerações gerais .....	242
<b>Conclusão</b> .....	<b>243</b>
<b>Referências</b> .....	<b>245</b>



## Introdução

Os fenômenos da linguagem podem ser estudados do ponto de vista da língua, dos sentidos, do texto e também do discurso. Ao se admitir esses pontos de vista na forma de um *continuum*, não há que se considerar apenas uma dessas dimensões, sobretudo se tomarmos a língua como instrumento de comunicação. CHARAUDEAU (1992), na *Grammaire du sens et de l'expression*, procurou descrever as categorias lingüísticas através dos seus efeitos de sentido. WEINRICH (1973) interessou-se pela ocorrência dos tempos verbais em textos, com vistas a capturar o que chamou de eixos temporais sinalizadores de atitude de locução (graus de engajamento), perspectiva comunicativa (progressão informacional) e perspectiva do relevo (transições e ancoragens temporais). BENVENISTE (1966b), por sua vez, ao definir o discurso como o ato de colocar a língua em funcionamento, por meio da enunciação, ao mesmo tempo em que relevou a subjetividade, abriu espaço para vincular os sentidos à situação de comunicação. Os três autores evocados tomaram, respectivamente, as vias do sentido, do texto e do discurso como ponto de partida. Todos eles discutiram fenômenos constituintes do discurso que, por apresentarem sentidos que se constituem a cada enunciação, têm despertando o interesse de semanticistas, pragmáticos e analistas do discurso.

Inserido no processo de comunicação, o discurso é visto por BENVENISTE (1966b:241-242) como uma "... *énonciation suposant un locuteur et un auditeur, et chez le premier l'intention d'influencer l'autre en quelque manière.*"<sup>1</sup> A idéia de que a enunciação constitui a instrumentação do discurso perpassa dois artigos de

---

<sup>1</sup> "...enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte, bem como a intenção do primeiro em influenciar, de alguma maneira, o segundo." (tradução nossa)

Benveniste (1966b / 1970), "*De la subjectivité dans le langage*", e "*L'appareil formel de l'énonciation*", para quem a enunciação (e suas formas lingüísticas) permite, ao mesmo tempo, a transformação do indivíduo em sujeito e a conversão da língua em discurso, contendo a leitura de mundo do enunciador. O mundo significa aquilo que esse sujeito é capaz de perceber e manifestar em seu discurso. É a língua que permite o funcionamento subjetivo e referencial do discurso, disponibilizando as formas com as quais o sujeito se posiciona em relação ao mundo. Esse aspecto referencial da enunciação em Benveniste é parte fundamental de seu projeto de análise e compreensão do funcionamento do discurso. Como os discursos comportam marcas lingüísticas observáveis, seus enunciados indiciam a própria enunciação que é, ao mesmo tempo, *singular, individual e intencional*.

*Singular*, já que, toda vez que um sujeito se dirige ao outro, cria um evento novo. A cada situação de comunicação, uma nova enunciação se realiza. Se mantivermos os mesmos sujeitos interagindo em um mesmo lugar, para tratarmos de um mesmo assunto já discutido em um outro momento, teremos uma nova enunciação. Os sujeitos da linguagem não serão mais os mesmos, suas leituras sobre o mundo e suas interpretações não produzirão mais o mesmo discurso.

O ato de enunciação é *individual* na medida em que ocorre a apropriação da língua pelo indivíduo (sujeito empírico), por intermédio da utilização de índices específicos e de procedimentos acessórios. A enunciação promove uma clivagem no estatuto do sujeito.

O ato de enunciação é *intencional* na medida em que o locutor tem a intenção de influenciar seu interlocutor, isto é, o sujeito da enunciação procura fazer com que o

outro reconstrua o sentido desejado. Fora de uma situação de comunicação, as frases são portadoras de sentidos múltiplos. É por meio da enunciação que as frases, com sua significação, se transformam em enunciados, portadores de sentido. A transformação de frases em enunciados se dá pela filtragem das diversas possibilidades interpretativas. O sentido encontra-se inscrito na produção verbal associada com elementos da situação de enunciação. Diversas disciplinas têm se lançado na empreitada de desvendar como se dá essa combinação de elementos lingüísticos e situacionais que culminam com o sucesso da comunicação humana, a exemplo das lingüísticas enunciativas, da pragmática e das análises do discurso (CERVONI, 1987).

Os estudos nesse último domínio têm se concentrado, sobretudo, na produção dos discursos, enquanto que o mesmo não tem ocorrido com a problemática da interpretação – operação da instância de recepção. Os estudos sobre a recepção deparam-se com a dificuldade metodológica de constituição do *corpus*, já que são, prioritariamente buscados, dados produzidos naturalmente em situações reais de comunicação. Na comunicação face a face, o aparato utilizado no registro das interações pode, de alguma maneira, alterar as produções languageiras, chegando a interferir na espontaneidade da conversa. Na comunicação escrita, especialmente em estudos sobre a leitura, para se ter acesso às interpretações, torna-se necessária a utilização de procedimentos de coleta que, de certa forma, transformam a instância de recepção em produtora de discurso, caracterizando, com isso, uma outra enunciação, uma outra situação de comunicação. O informante produz discurso para o analista, na medida do estímulo do instrumento de coleta. É o que se faz, por exemplo, na psicologia social, ao se analisar a recepção do discurso publicitário através de manipulações textuais apresentadas aos informantes que são

solicitados a reagirem diante das formas textuais manipuladas. Trata-se de um processo de experimentação com objetivos claros – a busca da relação de causa e efeito – e com possibilidades interpretativas em forma de escalas. Os informantes, em questão de segundos, são convidados a reagirem imediatamente a determinadas produções linguageiras que apresentam pequenas diferenças nas formas. Essas diferenças são confrontadas às reações dos sujeitos, processo que culmina na identificação de interpretações precisas para determinar variações nas formas de expressão lingüística (CHABROL, 1988, 1989 e 1991).

Nesta pesquisa, não se optou pela experimentação da forma como propõe a psicologia social em estudos sobre a recepção, apesar da precisão com que ela permite captar as interpretações. No caso, por se tratar de um estudo exploratório, elegeu-se um mapeamento das interpretações dos sujeitos, de forma a permitir uma visão panorâmica da recepção das manifestações lingüísticas do tempo e de suas inter-relações com o aspecto e modalização verbais. Procurou-se, portanto, a manutenção do contrato situacional dos informantes no momento da coleta, de forma a se constituírem dados representativos de um momento da aprendizagem. O caráter descritivo da pesquisa justifica-se por propiciar um panorama geral das reações dos leitores de língua estrangeira (doravante, LE) em relação a uma categoria lingüística. A partir desse mapeamento, torna-se possível a investigação sobre dificuldades pontuais dos sujeitos, de forma a fornecer subsídios para a melhoria do ensino da leitura.

No momento da coleta, paralelamente ao cuidado com a manutenção do ambiente físico da situação de comunicação, os dados da pesquisa foram gerados a partir de enunciados e de expressões extraídos de quatro textos lidos previamente pelos

informantes, que foram convidados a reagir à materialidade lingüística que, uma vez extraída de textos conhecidos, é portadora de um sentido supostamente filtrado pela contextualização. Esta pesquisa busca, portanto, verificar a recepção da categoria *tempo*, a partir da leitura de textos em LE – no caso, a língua inglesa.

Nesta pesquisa, considerou-se uma visão do *tempo* a partir da análise do funcionamento da língua proposta por COLLINOT e MAZIÈRE (1999), baseada em alguns postulados:

- a língua é uma instância constitutiva da subjetividade: ela converte o indivíduo em sujeito da enunciação;
- o sujeito da enunciação constitui-se no processo de atualização da língua em discurso. Ele só existe circunscrito em um ato de enunciação;
- a língua dispõe de um sistema de signos, instâncias do discurso, que viabiliza o processo de atualização da língua em discurso;
- as instâncias do discurso são elementos operadores que constroem a referência em relação à situação de sua enunciação definida pela tríplice relação locutor/alocutário/mundo, ancorada em um espaço-tempo único, singular. As instâncias do discurso são:
  1. os dêiticos de pessoa, de espaço ou ostensão, de tempo;
  2. a categoria de tempo ancorada no presente da enunciação;
  3. as formas sintáticas de enunciação.

Os postulados de COLLINOT e MAZIÈRE (1999), baseados no artigo "*L'appareil formel de l'énonciation*", de BENVENISTE (1970), situam o tempo em duas instâncias

discursivas: uma dêitica, caracterizando a visada referencial baseada nas circunstâncias enunciativas, e outra que adota a noção de tempo lingüístico, na qual o tempo presente coincide com o tempo da enunciação. Essas duas instâncias que explicam, respectivamente, as expressões temporais e os tempos verbais são ancoradas em referências subjetivas, singulares, atualizáveis em cada ato de enunciação, ou seja, excluem a referência objetiva do tempo histórico.

Por outro lado, entendemos que, durante a leitura (em língua materna ou em LE), parece haver necessidade de se fazer com que o tempo seja uma categoria objetiva. Parece ser importante para a compreensão situar os acontecimentos na temporalidade subjetiva do texto, marcada pelas instâncias temporais do discurso e, ao mesmo tempo, não perder de vista a ancoragem objetiva do momento da leitura. Essa dupla ancoragem temporal pode ser elemento facilitador de inferências que possibilitam a convocação de conhecimento prévio, de relativização de verdades científicas.<sup>2</sup> Uma expressão temporal futura pode, objetivamente, referir-se ao passado, caso leve-se em conta o momento da leitura. Em se tratando de uma previsão que acaba por não se confirmar, cabe ao leitor, como parte da tarefa interpretativa, levantar hipóteses que justifiquem o fracasso de tal previsão.

O *tempo*, como qualquer outra categoria lingüística, pode ser focado sob diversos pontos de vista. A opção por sua dimensão discursiva justifica-se pela complexidade de suas manifestações e pela diversidade de interpretações em situações de comunicação. Embora existam descrições gramaticais estabilizadas para seus usos, observa-se que as teorias sobre o tempo limitam-se às produções languageiras, ficando pouco explorada a recepção da dimensão temporal dos discursos.

---

<sup>2</sup> Com o passar dos anos e com avanços em pesquisas, as verdades científicas podem se tornar válidas apenas quando relacionadas a um período específico da história.

Esta pesquisa exploratória pretende destacar a importância de estudos no âmbito da recepção, dando destaque para um fenômeno dificilmente capturável, sem se levar em consideração suas interfaces com fenômenos afins. O tempo será considerado em suas associações com o aspecto e a modalização verbais. Admitimos, portanto, a interdependência das categorias lingüísticas e a pluralidade de pontos de vista na explicação dos sentidos construídos em situação. Admite-se, ainda, com Benveniste, a subjetivação do tempo, na medida em que, em cada enunciação, o sujeito enunciador coloca-se no centro de referência, igualando o tempo verbal presente ao momento da enunciação. Assume-se, também, a importância da experiência objetiva do tempo que, no caso desta pesquisa, é promovida pela escolha do *corpus* de entrada, composto por quatro textos de divulgação científica, em inglês. Tais textos, como exemplares do discurso da informação, propõem enunciados reais que estabelecem uma relação de referenciação com o mundo. Os textos são considerados como produto de uma enunciação anterior à leitura, momento que constitui um recorte da realidade situada no tempo e no espaço. A compreensão dos textos fica, portanto, condicionada à percepção de sua estrutura temporal e à relação que seus conteúdos mantêm com a realidade objetiva do leitor.

Nesta pesquisa, a leitura dos textos é vista como uma enunciação temporalmente defasada da produção. Como a instância de produção não dispõe de outra opção de ancoragem temporal, além do presente da enunciação, cabe, portanto, à instância de recepção realizar as operações para perceber os possíveis efeitos de sentido da defasagem entre as duas enunciações e captar as seqüências dos eventos, suas durações e as posições nas quais o sujeito enunciador se coloca para descrever e/ou narrar os fatos.

As investigações sobre a instância de recepção ultrapassam aquelas do interesse da semântica, a qual não pretende explicar a totalidade do processo de comunicação. Os novos domínios surgidos na segunda metade do século XX – sociolinguística, linguísticas enunciativas, pragmáticas e as análises do discurso – mostram-se interessados por um novo ingrediente na composição dos sentidos: a dimensão extralingüística, sobretudo por levar em conta a situação de comunicação em que se encontram os sujeitos.

Esta pesquisa foi movida pela necessidade de se ampliar o entendimento sobre o processo de compreensão de textos autênticos em LE, por meio do mapeamento das interpretações dos leitores, em relação às manifestações linguísticas do *tempo*. Essa necessidade surgiu da atuação como professor de LE, durante muitos anos, em cursos de leitura, no âmbito do ensino e da extensão. Interessa-me verificar, via pesquisa exploratória, o comportamento interpretativo dos leitores frente à estrutura temporal do discurso configurada nas expressões temporais, no aspecto e na modalização verbais. Pretende-se, ainda, verificar a percepção dos leitores quanto à natureza dêitica, anafórica e absoluta das referências temporais, bem como suas percepções sobre os planos enunciativos da história e do discurso.

Considerando-se a compreensão como um fenômeno complexo de construção de sentido, inserida em um processo de comunicação, a pergunta norteadora dessa pesquisa é: como o leitor de língua estrangeira (inglês) constrói sentido a partir da dimensão temporal do discurso?

Esta pesquisa será estruturada em seis capítulos. No Capítulo 1, situa-se a compreensão no processo de comunicação, levando em conta um modelo ampliado



de instância de recepção. Entende-se que o leitor de textos em LE tem um estatuto não previsto no modelo de JAKOBSON (1963), o que torna sua tarefa interpretativa uma aventura complexa e o coloca em desvantagem em relação à instância de produção, que não dispõe de elementos para prever tal sujeito no seu projeto de fala. As teorias Semiolingüística e da Relevância são evocadas pelo fato de considerarem as *inferências* como elementos fundamentais na compreensão dos discursos, cada uma a sua maneira.

O capítulo 2 traz a identificação das teorias que se ocupam da categoria lingüística *tempo*. Especial atenção será dispensada à teoria da enunciação, de Émile Benveniste, e à teoria dos tempos verbais, de Harald Weinrich. A primeira, por sua importância nos estudos lingüísticos da segunda metade do século XX, motivados pela distinção entre instância do discurso e instância da história, traz a distinção surgida na descrição dos tempos verbais do francês; tal distinção formaliza as categorias enunciativas de pessoa, lugar e tempo. Nesta pesquisa, o interesse pela teoria da enunciação situa-se na questão temporal como elemento constituinte das produções languageiras. Quanto à teoria dos tempos verbais de Weinrich, de inspiração enunciativa, ela auxilia na compreensão das relações que a categoria tempo mantém com o aspecto e a modalização verbais, relações verificadas a partir de textos autênticos.

No Capítulo 3, apresenta-se a visão da lógica, da semântica e da pragmática sobre a referência temporal, como recurso utilizado pelos leitores para compreenderem o sentido dos discursos. O conceito de *tempo de referência* será visto como um ponto crucial para que as estruturas dos tempos verbais básicos das línguas sejam representadas. O caráter dêitico e/ou pragmático da referência temporal será

discutido de forma a dar subsídios às análises das interpretações efetivas dos leitores de inglês como LE.

O Capítulo 4 é dedicado à descrição da metodologia da pesquisa, em que o contexto de sala de aula foi priorizado como local privilegiado para a coleta de dados. A constituição do *corpus* de entrada, utilizado como *input* para a produção dos dados, é descrita e justificada em função não apenas do contexto de realização da pesquisa como também da orientação metodológica da semiolinguística. É, também, apresentada a tarefa realizada pelos informantes, bem como sua relação com os objetivos da pesquisa.

No Capítulo 5, são analisadas as interpretações dos informantes sobre as questões que, em última análise, buscam responder à pergunta desta tese.

O Capítulo 6 é dedicado às reflexões sobre as análises do capítulo precedente, no que se refere às compreensões majoritárias dos informantes. Para se analisarem as compreensões da estrutura temporal dos textos foram levados em conta as situações de comunicação tanto da instância de produção dos textos, quanto a da recepção – momento da coleta de dados em sala de aula.

Finalmente, a partir das análises dos resultados e de conceitos dos capítulos teóricos, apresentam-se os aspectos conclusivos sobre as relações entre o estágio de interlíngua em que se encontram os informantes e suas interpretações da estrutura temporal dos textos lidos. Relevar-se-á a importância da noção de ancoragem temporal do quadro enunciativo na diversidade interpretativa dos informantes.

## **1. Comunicação e compreensão**

O objetivo deste capítulo consiste em situar o fenômeno da compreensão no contexto mais amplo do processo de comunicação. O percurso teórico a ser trilhado inicia-se com uma revisão, proposta por KERBRAT-ORECCHIONI (1999), de alguns aspectos do modelo de comunicação de JAKOBSON (1963), em especial no que se refere à instância de recepção. Em seguida, alguns aspectos da compreensão serão analisados sob o olhar de duas teorias: a da Relevância, que busca explicar o processamento cognitivo da construção de sentidos; e a Semiologia, que relaciona a compreensão a operações cognitivo-linguísticas que vão da língua ao discurso, além de explicar o fenômeno das inferências a partir da situação de comunicação.

### **1.1 Compreensão e leitura**

Nas interações cotidianas, é comum finalizarmos nossas falas com perguntas simplificadas como “Entendeu?” ou pronunciarmos seqüências do tipo “Não era isso que eu tinha entendido.”, “Não foi isso que eu disse.”, etc. Mesmo que compreendamos cada palavra ou frase enunciada pela outra pessoa, não se tem nenhuma garantia de sucesso da comunicação. A compreensão é um processo complexo que exige das pessoas certas competências e envolve a habilidade para depreender o objetivo da comunicação. Para STRAWSON (1970:32),

Nous ne pouvons espérer comprendre le langage, comme le théoricien vise à le faire, si nous ne comprenons pas le discours. Nous ne pouvons espérer comprendre le discours si nous ne tenons pas compte du but de la communication.<sup>3</sup>

Se a compreensão, conforme STRAWSON (1970), envolve língua e discurso, bem como a totalidade do processo da comunicação, pelo menos dois tipos de competência encontram-se em jogo: uma lingüística e outra discursiva. O que significa possuir competências lingüística e discursiva? Se as pessoas normalmente se entendem em suas interações cotidianas, isto é, se comunicam, é porque, no mínimo, são competentes lingüística e discursivamente. Em se tratando de comunicação em língua materna (doravante, LM), torna-se relativamente fácil avaliar a eficácia da comunicação oral, a exemplo do que se faz em entrevista de emprego, durante a qual o entrevistador procura avaliar a competência comunicativa do candidato e sua relevância com o cargo almejado.

A habilidade oral em LM desenvolve-se naturalmente, antes da leitura e da escrita. Quando se trata da aprendizagem de uma LE em contexto escolar, torna-se mais difícil o desenvolvimento da fala antes da leitura.<sup>4</sup> A priorização da leitura tem conduzido à utilização freqüente de textos escritos no ensino de LE, até mesmo de textos produzidos para promover a habilidade oral.

Se a comunicação oral, na qual os participantes encontram-se normalmente em contato (próximo ou à distância), é susceptível de gerar mal-entendidos, a comunicação escrita (e a leitura, em particular) apresenta, por sua vez, ainda mais possibilidades de não chegar a bom termo. No caso da leitura em LE, o

---

<sup>3</sup> Não podemos esperar que compreendamos a linguagem da forma como o teórico o faz, se não compreendemos o discurso. Não podemos esperar compreender o discurso, se não levamos em conta o objetivo da comunicação. (tradução nossa)

<sup>4</sup> No Brasil, a habilidade da leitura tem sido priorizada no contexto escolar de ensino de línguas estrangeiras (Ensinos Fundamental e Médio).

desequilíbrio entre as competências dos sujeitos, isto é, entre a competência do produtor e a do leitor, pode impedir que a comunicação seja bem-sucedida. É por isso que, por muitos anos, os materiais didáticos para ensino de LE contiveram textos e/ou diálogos fabricados a fim de se evitarem fatos lingüísticos incompatíveis com o nível de conhecimento do aprendiz. A partir da abordagem comunicativa no ensino das LEs, textos e/ou diálogos autênticos passaram a ser utilizados para ensinar funções comunicativas específicas. Se, por um lado, a fabricação de textos supõe uma seqüência de aquisição de fatos lingüísticos e os apresenta ordenadamente para auxiliar a aprendizagem, os textos autênticos, sem nenhuma espécie de simplificação, ao mesmo tempo em que expõem o aprendiz à língua tal como é usada em contextos naturais, podem provocar dificuldades em função de sua complexidade lingüística.

As duas abordagens (texto fabricado x texto autêntico), embora organizem o *input* lingüístico diferentemente, procuram, cada uma à sua maneira, cooperar com o aprendiz em sua tarefa de compreender o *input* e, depois, torná-lo significativo e acessível para uso em outras situações. Ao selecionar textos para uso em sala de aula de LE, levando em conta fatores como: grau de complexidade lingüística do texto; presença de fatos lingüísticos instrutores de sentido diversos; assunto do texto, interesse do aluno, etc., o professor procura cooperar com o aprendiz, funcionando como um terceiro no processo de comunicação em que se engaja o leitor. A simples presença dessa instância parece ter conseqüências nas operações de produção e recepção das mensagens, independentemente do gênero discursivo produzido. A idéia de uma terceira instância no processo de comunicação tem sido

objeto de recente de investigação no CAD-Centre *d'Analyse du discours* da Universidade de Paris XIII.<sup>5</sup>

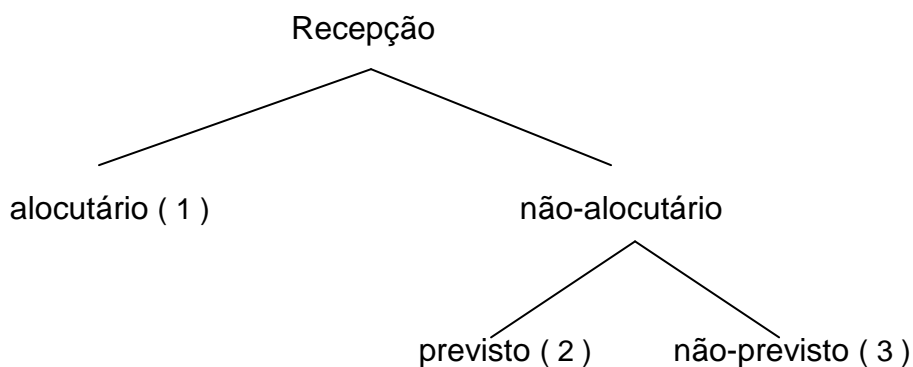
A seguir serão apresentadas algumas visões do processo de comunicação, com ênfase nas operações da instância de recepção

## **1.2 O processo de comunicação de JAKOBSON, revisto por KERBRAT-ORECCHIONI**

Por considerar que o funcionamento da comunicação, segundo o modelo de JAKOBSON (1963), só prevê o sucesso, a lingüista KERBRAT-ORECCHIONI (1999) propõe uma ampliação dos elementos constituintes desse modelo. Para ela, tanto emissor quanto receptor, além de possuidores de competências diferentes sofrem algumas limitações do universo discursivo, isto é, das condições concretas de comunicação e do gênero (caráter temático e retórico do discurso). Em sua reformulação do modelo de comunicação, KERBRAT-ORECCHIONI (1999) reconhece uma certa complexidade enunciativa das instâncias – de produção e de recepção, não previstas por JAKOBSON (1963). A estrutura da instância de recepção, no modelo de KERBRAT-ORECCHIONI (1999), encontra-se representada na Figura 1.

---

<sup>5</sup> CHARAUDEAU, Patrick. (2000) *Tiers, où es-tu? A propos du tiers du discours*. MIMÉO  
SOULAGES, Jean-Claude. (2001) *Les figures du tiers dans le discours publicitaire*. MIMÉO



**Figura 1 – Estrutura da instância de recepção**

Segundo o dispositivo de recepção ampliado proposto pela lingüista, o alocutário (1) propriamente dito é marcado lingüisticamente pelo pronome de segunda pessoa, ou, nos dizeres de MAINGUENEAU (2001), é *implicado* no discurso. Sua figura determina, de certa forma, o discurso da instância de produção. Além do alocutário, o emissor pode prever um destinatário indireto (2), testemunha da interação, que pode influenciá-la de forma definitiva. A terceira categoria da instância de recepção trata-se do alocutário não-previsto – representado por (3) na estrutura proposta por KERBRAT-ORECCHIONI (1999). O emissor, não tendo como fazer imagem dele, não sabe como a mensagem será por ele interpretada e desconhece o uso que dela fará.

Talvez o leitor de textos autênticos de LE se encontre na situação de não-alocutário, na medida em que o texto foi produzido em uma dada situação de comunicação que não previa a presença do leitor de LE, ou seja, no caso da leitura, a utilização de textos autênticos em LE pode, de certa forma, consistir em um dificultador da compreensão. Mesmo sem se levar em conta o *deficit* lingüístico do leitor, o estatuto desse leitor não é o mesmo do de outras categorias de recepção (alocutário e não-alocutário previsto). A fabricação de textos para fins didáticos consiste, pois, em um recurso para transformar um receptor adicional (não-previsto) em destinatário indireto (previsto), mudando seu estatuto e aumentando, assim, as possibilidades de

sucesso da comunicação. Não se trata aqui de se defender uma abordagem de produção de material didático para ensino de LE, mas de levantar hipóteses sobre mecanismos de promoção da compreensão em um processo comunicativo que é a leitura. Uma alternativa de alteração do estatuto do leitor de LE, em um quadro de recepção, talvez fosse a escolha de textos relacionados com sua área do saber, transformando-o, assim, em alocutário em potencial. Dessa forma, o conhecimento sobre o assunto (competência extralingüística) compensaria, em parte, o *deficit* lingüístico.

Um modelo de comunicação que apresenta a estrutura da instância de recepção como o proposto por KERBRAT-ORECCHIONI (1999) parece ser mais apropriado para explicar aspectos do processamento da leitura em LE, já que comporta a figura de um não-alocutário (previsto / não-previsto). Essa figura, principalmente em seu desdobramento não previsto, não se enquadra na imagem idealizada do receptor no modelo de comunicação de JAKOBSON (1963). Em situação de leitura em LE, a responsabilidade de sucesso na comunicação passa a ser também computada à instância de produção (ou de um terceiro – aquele que seleciona os textos), na medida em que tal instância vislumbra a existência de um alocutário do qual não se pode fazer nenhuma imagem.

### **1.3 O processo de comunicação no quadro da Teoria da Relevância**

Com origens na teoria de GRICE (1979), SPERBER e WILSON (1989) desenvolveram uma teoria para interpretação de enunciados, a Teoria da Relevância (doravante, TR), que considera que o processo de produção e interpretação de enunciados se dá dentro de uma situação de comunicação, e que essa situação envolve diversos



elementos, tais como: dispositivo de produção, dispositivo de recepção, código e mensagem. Esses elementos interagem segundo alguns princípios reguladores.

Do ponto de vista da pragmática inferencial, a relevância de uma informação reside no fato de ela modificar e melhorar a representação de mundo via confirmação de hipóteses por meio de inferências. As tarefas cognitivas colocam dois tipos de sistema de representação em funcionamento. Por um lado, há os sistemas de entrada que tratam as informações visuais, auditivas e lingüísticas; e, por outro, os sistemas centrais que combinam as informações produzidas pelos sistemas de entrada com outras já existentes na memória, que realizam as tarefas inferenciais.

O sistema central trabalha a partir da forma lógica dos enunciados e do contexto construído a cada momento pelo encadeamento dos próprios enunciados. O contexto é composto de três fontes:

- i) a interpretação dos enunciados anteriores, mantida temporariamente na memória de trabalho;
- ii) o ambiente físico em que se dá a comunicação, chamado de dimensão situacional por CHARADEAU (1996); e
- iii) memória de longo prazo, situada na memória do sistema central que contém informações acessíveis e que podem ser acrescentadas ao contexto.

As informações armazenadas na memória de longo prazo são acessíveis através das formas lógicas, formadas por conceitos que têm endereço (acessível) na memória de longo prazo. No quadro da TR, consideram-se três tipos de entrada para as informações estocadas na memória: *a entrada lógica*, que dá acesso às relações que um certo conceito mantém com outros conceitos; *a entrada enciclopédica*, que

acessa o conhecimento sobre os objetos, os eventos ou as propriedades dos conceitos; e a *entrada lexical*, que acessa o correspondente lingüístico do conceito. Essas três entradas correspondem ao que, na pragmática inferencial, denomina-se *ambiente cognitivo*.<sup>6</sup>

O processo de decodificação inicia-se por meio de um sinal para se chegar à reconstituição da mensagem, como que o processo inferencial parte de premissas para se chegar a conclusões. A decodificação funciona como índice de intenções do comunicador, como que, no processo inferencial, o destinatário procura inferir as intenções do comunicador.

Para SPERBER E WILSON (1989), comunicar é produzir um certo estímulo (um enunciado é um tipo de estímulo) com a finalidade de se alcançar uma intenção informativa. Tal intenção informativa vem acompanhada de uma intenção comunicativa de "*...rendre manifeste au destinataire et au communicateur que le communicateur a cette intention informative*"<sup>7</sup> (SPERBER e WILSON, 1989:97). A comunicação mutuamente manifesta é denominada *comunicação ostensiva*. Como a transmissão de informação (ou comunicação informativa) altera o ambiente cognitivo do destinatário, a comunicação ostensiva altera o ambiente cognitivo mútuo.

Por considerarem inadequadas as noções de conhecimento e informação partilhados, SPERBER e WILSON (1989) desenvolveram, além do conceito de ambiente cognitivo, o de construção de hipóteses. Seres humanos diferentes não

---

<sup>6</sup> O *ambiente cognitivo* compreende a totalidade dos fatos que o indivíduo percebeu ou inferiu durante toda sua vida e é função tanto do ambiente físico quanto de suas capacidades cognitivas. O *ambiente cognitivo mútuo* diz respeito ao conjunto de fatos manifestos aos dois sujeitos (comunicador e destinatário), o que significa dizer que é sempre parcial.

<sup>7</sup> "tornar mutuamente manifesta ao destinatário e ao comunicador, que o comunicador tem aquela intenção informativa." (tradução nossa)

constroem as mesmas representações mentais, já que eles não compartilham do mesmo ambiente físico nem dispõem das mesmas capacidades cognitivas. Isso quer dizer que a representação dos fatos manifestados aos indivíduos pode também variar. Da mesma forma que fatos são manifestos aos indivíduos, hipóteses também o são. As hipóteses podem ser verdadeiras ou falsas, ambas podendo ser manifestas em diferentes graus. Porém, apenas os conceitos de hipótese e ambiente cognitivo não são suficientes para explicar a totalidade dos processos mentais implicados na comunicação em geral nem na compreensão, em particular. O ambiente cognitivo nada mais é do que o conjunto de hipóteses representadas e tidas como verdadeiras pelo indivíduo.

Para explicar a formulação de hipóteses, que preside o processo de compreensão, SPERBER E WILSON (1989) defendem que a cognição humana é orientada pelo *princípio de relevância* o qual determina a informação precisa que reterá a atenção do indivíduo num dado momento do processo de comunicação.

O ser humano é visto, portanto, como um processador eficaz de informações. O conceito de eficácia (do ser humano) está relacionado com o de objetivo comunicativo. O objetivo pode ser *absoluto* ou *relativo*. *Absoluto*, quando consiste em se atingir um certo resultado, por exemplo: *fabricar "n" carros até o Natal*; *relativo*, quando se deseja aumentar o valor de uma certa variável, como por exemplo: *melhorar as condições físicas nadando* (ou praticando qualquer tipo de atividade física). Em se tratando do objetivo absoluto, a eficácia consiste em se atingir o objetivo com o menor custo. No caso do objetivo relativo, a eficácia é uma questão de equilíbrio entre o grau de realização e os custos. Na área da inteligência artificial, os dispositivos de tratamento de informações são preparados para a

resolução de problemas com objetivos absolutos. Porém, os seres humanos, como dispositivos complexos, ao operar em busca da eficácia, podem formular novas questões, gerando um custo complementar que pode gerar um benefício compensador.

A cognição humana busca constantemente melhorar o conhecimento que se tem do mundo. Tal melhoria quer dizer "*...acquérir d'avantages d'informations, des informations précises, plus faciles à retrouver et plus élaborées dans le domaines qui importent particulièrement à l'individu*"<sup>8</sup> (SPERBER e WILSON 1989:78).

A aquisição de informações (ou a melhoria do conhecimento de mundo) é alcançada por meio de um certo esforço cognitivo em se relacionar informações novas e antigas. As informações novas só são tratadas (processadas) caso entrem em relação com outras já existentes. Quando os dois tipos de informação entram em relação, como premissas de um processo inferencial, elas geram outras informações novas. Diz-se que determinadas informações são *relevantes* quando elas, ao entrarem em relação com as antigas, geram outras informações. Quanto maior o efeito de multiplicação, maior sua relevância.

### **1.3.1 O princípio da relevância**

O ser humano é um processador *eficaz* de informações na medida em que seu objetivo cognitivo específico, num dado momento, é um caso particular de um objetivo geral: maximizar a relevância da informação tratada (processada). Isso tem conseqüências consideráveis nas interações humanas. Quando, numa interação

---

<sup>8</sup> "...adquirir mais informações, informações precisas, fáceis de serem encontradas e mais elaboradas, no domínio de interesse do indivíduo." (tradução nossa)

cotidiana, uma pessoa manifesta sua intenção de levar seu interlocutor a construir determinadas hipóteses, diz-se que ela teve um *comportamento ostensivo*. Para SPERBER e WILSON (1989), a comunicação intencional é um caso de ostensão que comporta em si uma garantia tácita de relevância. Nesse caso, a inferência consiste em um esforço cognitivo de selecionar, entre as hipóteses geradas por um comportamento ostensivo, aquela mais relevante, ou seja, a que foi provocada intencionalmente. Isso quer dizer que todo ato de comunicação ostensiva comporta automaticamente, em si, a presunção de relevância.

A relevância de um enunciado depende de dois fatores: do *esforço de tratamento* – que, aliás, deve ser mínimo (de baixo custo cognitivo), e dos *efeitos* que podem ser obtidos com o tratamento – que devem ser máximos. Daí advém o conceito de *relevância ótima*.

O princípio de relevância consiste em que "*tout acte de communication ostensive communique la présomption de sa propre pertinence optimale*"<sup>9</sup> (SPERBER e WILSON 1989:237). A presunção consiste na idéia de que o comunicador usou a forma mais direta (de fácil processamento) para se dirigir ao destinatário. O princípio da relevância encontra-se, portanto, na base da comunicação ostensiva. A ostensão é aqui compreendida como "*...comportement qui rend manifeste une intention de rendre quelque chose manifeste*"<sup>10</sup> (SPERBER e WILSON 1989:80).

Como o princípio da relevância não é válido para todo tipo de comunicação, ou seja, como nem todo enunciado é necessariamente relevante, incluiu-se a idéia da

---

<sup>9</sup> "Todo ato de comunicação ostensiva veicula a presunção de sua própria relevância ótima." (tradução nossa)

<sup>10</sup> "...comportamento que manifesta uma intenção de tornar algo manifesto." (tradução nossa)

presunção, isto é, existe no processo comunicativo a intenção de ser relevante e não, necessariamente, a garantia disso.

Parece encontrar-se aí, a idéia já mencionada anteriormente, de que a comunicação escrita é fraca, isto é, fadada ao fracasso. Ter a intenção de ser relevante não significa sê-lo efetivamente. Além disso, não existe garantia de que o conjunto de hipóteses disponibilizadas ao destinatário contenha aquela que o comunicador quis veicular. Parece que a simples suspeita, por parte do destinatário, em relação à relevância do dito pelo comunicador pode provocar fracasso na compreensão.

No caso da leitura em LE, isso faz lembrar a importância da escolha de textos. Um texto mal selecionado pode provocar uma assimetria tal entre as instâncias (de produção e recepção) que o sucesso da comunicação fica inviabilizado. Nesse caso, pode-se até alcançar o sentido da língua, mas não o do discurso. É como se uma terceira instância (representada pelo responsável pela seleção do texto) alterasse o objetivo comunicativo que presidiu a produção do texto. Trata-se do *uso do texto* para fins outros que o previsto pela instância de produção. A fragilidade da comunicação reside, nesse caso, em suprimir do texto a presunção de sua própria relevância. Pode ser que, para um mesmo leitor, um mesmo texto em LE apresente-se como pouco relevante em um dado momento, porém totalmente relevante em outro. Isso quer dizer pelo menos duas coisas: existem graus de relevância; o texto, para ser compreendido, coloca em funcionamento um dispositivo complexo movido por inferências, ou seja, o grau suficiente de relevância depende, entre outros, do grau de receptividade intelectual do destinatário.

Para SPERBER e WILSON (1989), as situações de comunicação determinam o grau necessário de relevância para que a comunicação tenha sucesso. Eles lembram que, em conversas de bar, entre amigos, as pessoas não se dispõem a fazer grandes esforços cognitivos para tratar as informações, nem para provocar grandes efeitos de sentido, ao passo que, em um congresso, por exemplo, um elevado grau de relevância é necessário para que a informação atraia a atenção dos outros. No decorrer de uma interlocução pode haver um ajuste no grau de relevância, o que não é possível em situação monolocutiva que, pelas suas próprias características, não oferece mecanismos interacionais que permitam ajustes na intercompreensão.

#### **1.4 A visão semiolingüística do processo de comunicação**

Do ponto de vista semiolingüístico, definido por CHARAUDEAU (1983, 1989, 1996), o ato de comunicação (falado ou escrito) é o resultado de um processo de encenação (*mise en scène*) constituído por um dispositivo que comporta:

- 1 – a situação de comunicação (quadro físico e mental em que se encontram os parceiros determinados por sua identidade e regidos por um contrato de comunicação);
- 2 – os modos de organização do discurso (que reúnem os procedimentos da enunciação do ato comunicativo que correspondem a certas finalidades e que são feitos de categorias discursivas);
- 3 – a língua (com suas categorias), e
- 4 – o texto (com suas categorias lingüísticas e discursivas).

Este processo de encenação coloca em relação:

- dois espaços de significação: um espaço situacional ou circuito externo, e o espaço do dizer ou circuito interno;
- quatro sujeitos, sendo dois em cada circuito.

No circuito interno, encontram-se os *protagonistas* (sujeito enunciador – Se; e sujeito destinatário – Sd). No circuito externo encontram-se os *parceiros* (o sujeito comunicante – Sc; e o sujeito interpretante – Si).

A relação entre os sujeitos (parceiros e protagonistas) inclui:

- características físicas do canal de transmissão (oral ou escrito) e dos parceiros (se presentes fisicamente, próximos ou distantes uns dos outros);
- características identitárias (sociais, profissionais, psicológicas, relacionais) e
- características contratuais (situação monolocutiva ou interlocutiva).

Ao propor essa visão sobre a comunicação humana, a posição de CHARAUDEAU (1989) difere do modelo de JAKOBSON (1963) , uma vez que permite uma descrição da linguagem que inclui seus aspectos psicossociais. Esse modelo de funcionamento da comunicação permite descrever as trocas languageiras, levando-se em conta as inter-relações entre os dois circuitos, e não a sobredeterminação de um em relação ao outro. Como afirma CHARAUDEAU (1996:19), ” ... *reconhecer no sujeito falante uma identidade semiológica não quer dizer que esta deva ser considerada como absoluta nem mesmo como necessariamente predominante.*” Dito de outra forma, o modelo de comunicação em CHARAUDEAU (1996) considera que o espaço externo (lugar da legitimidade) penetra no espaço interno do dizer (lugar da credibilidade). A legitimidade predetermina, de certa forma, o sujeito em função de sua posição nas diferentes redes de práticas sociais, podendo apoiar-se sobre a autoridade em função do saber e do poder. Por outro lado, a credibilidade não é dada, mas construída, podendo ser totalmente rediscutida.

O ato de linguagem tem, pois, uma dupla dimensão: uma explícita e outra implícita, ambas associadas às circunstâncias do discurso. As circunstâncias do discurso



consistem em um conjunto de saberes sobre o mundo (práticas sociais partilhadas) e sobre os pontos de vista recíprocos dos sujeitos envolvidos no ato de linguagem.

CHARAUDEAU (1983) considera que, do ponto de vista da produção, o ato de linguagem pode ser considerado uma expedição e uma aventura. Expedição, na medida em que se pode atribuir uma relevância intencional ao projeto de fala do sujeito comunicante (Sc). O interesse do Sc é que o Sujeito interpretante (Si) se identifique completamente ao sujeito destinatário. Para que seu projeto de fala tenha sucesso, o Sc usará contratos e estratégias. O contrato determina algumas condições, entre as quais, que as representações languageiras das práticas sociais dos sujeitos sejam mutuamente reconhecidas. As estratégias consistem na encenação de sua intenção de forma a produzir certos efeitos de sentido. Portanto, há uma dupla aposta por parte do Sc: ele conta com a aprovação do contrato pelo Si e espera que as estratégias produzam os efeitos desejados.

A aventura do ato de linguagem diz respeito à imprevisibilidade dos sentidos construídos pelo Si, a partir do grau de reconhecimento do contrato e dos efeitos das estratégias do Sc. Por mais claro que seja o projeto de fala do Sc, por mais que ele compartilhe saberes sobre o mundo com seu parceiro, por mais eficazes que sejam as estratégias escolhidas, não há garantia de que o Si reaja segundo as expectativas do Sc. De uma maneira geral, um ato de linguagem é fundado em um postulado de intencionalidade que inclui o reconhecimento mútuo do direito à palavra e é, ao mesmo tempo, estruturado em três níveis: no situacional, no comunicacional e no discursivo.

A complexidade do funcionamento da comunicação exige um modelo descritivo que considere que as trocas languageiras ultrapassem a simples produção de enunciados. Para produzir sentido, há, nos enunciados, componentes extralingüísticos como, por exemplo, suas condições de produção, que devem também constituir o dispositivo sociocomunicativo. CHARAUDEAU (1989) considera que as condições de produção dos discursos são compostas pela *situação comunicativa*, pela *identidade psicossocial dos parceiros* e pelo *contrato comunicativo*.

#### **1.4.1 Os níveis do dispositivo comunicativo**

A estrutura do ato de linguagem em três níveis consiste numa formalização da estrutura de produção dos discursos. Falar em dispositivo consiste em descrever o ordenamento das peças que permitem o funcionamento da comunicação.

##### **a) O nível situacional do dispositivo**

O nível situacional consiste no espaço de interação dos fatores sociais que impõem algumas limitações ao ato de linguagem. Nesse espaço, há dois componentes que determinam as condições de produção e de recepção: o interacional e o psicossocial. O componente interacional compreende as formas de presença dos parceiros, as formas de transmissão (canal) e as formas intercomunicativas (dizem respeito ao funcionamento dos turnos de fala), o que permite distinguir contratos interlocutivos e monolucutivos. O componente psicossocial refere-se às identidades dos parceiros (quem fala para quem), o que permite determinar os estatutos e papéis dos sujeitos.

De uma maneira geral, os componentes do nível situacional contribuem para se encontrarem respostas às perguntas referentes 1) à *finalidade* do ato de linguagem: *para que dizer ou fazer ?* 2) às *identidades*: dizer isso para desempenhar qual *papel social*, em função de quais limitações?

#### **b) O nível comunicacional do dispositivo**

O nível comunicacional tem como finalidade estabelecer uma relação entre os dois espaços ou circuitos da situação de comunicação. É o lugar onde se constrói o contrato de fala que determina os lugares e os papéis dos protagonistas. Nesse nível, estão determinadas as maneiras de falar (ou escrever) e os papéis (de questionador, avaliador, provocador, etc.), que são atribuídos aos sujeitos, além de ser o ponto em que se buscam respostas para as perguntas: *como dizer ? desempenhar qual papel linguageiro?*

#### **c) O nível discursivo**

O nível discursivo trata do espaço da encenação do dizer, com seus componentes enunciativos, enuncivos e dos comportamentos identitários. É o lugar onde intervêm os sujeitos protagonistas. Sem correspondência com os papéis do nível comunicacional, os protagonistas têm à sua disposição as modalidades alocutiva, delocutiva e elocutiva de enunciação, ou ainda, organizam seu discurso narrando, argumentando ou descrevendo.

### 1.4.2 Os objetivos comunicativos

O projeto de fala dos parceiros é construído em torno de alguns objetivos, entre os quais CHARAUDEAU (1996) apresenta: o *objetivo factitivo*, o *informativo*, o *persuasivo* e o *sedutor*.

#### a) O objetivo factitivo

O projeto de fala com objetivo factitivo leva os parceiros, em especial o sujeito comunicante, a exercer o papel de incitador, ou seja, leva o outro a agir de maneira a contribuir para o seu projeto de fala. Dessa forma, o outro é levado a agir ou a dizer algo. O *eu* se encontra em uma posição de autoridade, ou de *FAIRE-FAIRE* (MANDAR-FAZER), enquanto o *tu* se encontra na posição de *DEVOIR-FAIRE* (TER-QUE-FAZER). CHARAUDEAU (1999) considera que toda análise de discursos deve metodologicamente começar por definir a finalidade (um dos componentes da situação de comunicação) que une os sujeitos em termos de objetivos comunicativos.

#### b) O objetivo informativo

O objetivo informativo corresponde à finalidade de transmitir o saber a alguém que não o detém, ou de informar sobre os fatos e sobre sua procedência. Nesse sentido, o *eu* se encontra em uma posição de autoridade em relação ao *tu*. Trata-se do objetivo de *FAIRE-SAVOIR* (FAZER-SABER) para o *eu*, e do objetivo de *DEVOIR-SAVOIR* (TER-QUE-SABER) para o *tu*.

### c) O objetivo persuasivo

Quanto ao objetivo persuasivo, ele corresponde à finalidade de um sujeito em *FAIRE-CROIRE* (FAZER-CRER) alguma coisa ao outro. Consiste na tentativa de uma instância fazer a outra aderir ao universo de discurso (verdades e crenças). Nesse sentido, os comportamentos discursivos do sujeito tendem a confirmar seu papel de sujeito verdadeiro, que obedece a algumas máximas conversacionais, tais como a máxima da qualidade, que consiste em não dizer o que é falso, e a máxima da maneira, que insiste em se exprimir com clareza, de forma ordenada e racional. O *eu* se encontra ora na posição de *FAIRE-FAIRE*, ora na posição de *FAIRE-CROIRE*, enquanto que o *tu* se encontra na posição de *DEVOIR-CROIRE* (TER-QUE-CRER).

### d) O objetivo sedutor

O objetivo sedutor reside na finalidade de agradar o outro, ou de *FAIRE-SENTIR* (PROMOVER o SENTIR) ao outro, provocando estados emocionais positivos, o que pode exigir comportamentos discursivos de não-racionalidade. O *eu* propõe um universo que comporta uma certa visão de mundo, e o *tu* encontra-se na posição de partilhar esse mundo com seu interlocutor. Trata-se de todo campo de criação artística e literária.

Para CHARAUDEAU (1999), os objetivos comunicativos são definidos por um duplo critério: um relacionado com a intenção pragmática do *eu* na posição de sujeito enunciador, levando-se em conta a relação de força que o une ao *tu*; outro relacionado com a posição que o *tu* deve ocupar em relação à intenção do *eu*. Nesse artigo, CHARAUDEAU (1999:10), descreve «seis das principais visées» e não apenas quatro objetivos como havia feito em 1996.

Os quatro objetivos comunicativos citados em 1996, confrontados com os seis citados posteriormente e acrescidos de mais um objetivo (relativo ao mundo ficcional) podem ser assim organizados:

**Quadro 1 – Comparação dos objetivos comunicativos em dois momentos da teoria Semiolingüística (1996 e 1999)**

Objetivos comunicativos CHARAUDEAU (1996)	Posição dos parceiros		Objetivos comunicativos CHARAUDEAU (1999)
	Eu	Tu	
Factitivo	FAZER-FAZER FAZER-SABER	TER-QUE-FAZER TER-QUE-RESPONDER	Prescrição Solicitação
Persuasivo	FAZER-CRER	TER-QUE-CRER	Incitação
Informativo	FAZER-SABER FAZER-SABER-FAZER	TER-QUE-SABER TER-QUE-SABER-FAZER	Informação Instrução
Sedutor	PROMOVER O SENTIR		
<sup>11</sup>	ESTABELECEER A VERDADE	TER-QUE-AVALIAR	Demonstração
	PROPOR UM UNIVERSO, UMA VISÃO DE MUNDO	COMPARTILHAR	Ficção

Se, por um lado, os quatro objetivos comunicativos em CHARAUDEAU (1996) não especificam com a precisão da proposta de CHARAUDEAU (1999) os papéis do *Tu*, esperados do ponto de vista do *Sc*, suas novas categorias não incluem o objetivo do PROMOVER-o-SENTIR (ou FAZER-PRAZER) que explicaria as finalidades comunicativas de uma série de atos de linguagem. Mais recentemente (durante os seminários 2001/2002 sob o título *Langue, discours et communication*), foi acrescido

<sup>11</sup> Em CHARAUDEAU (1996), não havia um objetivo comunicativo correspondente.

o objetivo «ficção». Por outro lado, CHARAUDEAU (1999) deixa claro que os objetivos comunicativos não correspondem a uma tipologia de textos, uma vez que reunir textos que correspondem a um objetivo comunicativo conduz a um conjunto heterogêneo do ponto de vista de sua situação de emprego ou situação de comunicação. Para a semiolinguística de Charaudeau, o conceito de situação de comunicação é central; é ela que convoca um ou mais objetivos comunicativos para delimitar sua finalidade. Portanto, não há correspondência biunívoca entre situação de comunicação e objetivo comunicativo, podendo haver predominância de um objetivo em determinadas situações.

### **1.5 A aventura da instância interpretativa – o caso da leitura**

MAINGUENEAU (2001) vê a leitura como um ato de enunciação no qual a figura do leitor é usada de maneira diversificada, oscilando entre sujeito histórico e sujeito cognitivo. Para o autor, a fragilidade da comunicação escrita reside no fato de o sujeito interpretante não compartilhar a situação de comunicação com o sujeito comunicante, impedindo o agenciamento de suas intenções recíprocas. Ao produzir um texto escrito, o Sc constrói uma imagem do leitor (ou do Si) que vai entrar em contato com o texto em um outro tempo e em um outro espaço, caso do público atestado de que fala MAINGUENEAU (2001).<sup>12</sup> Não é o caso da comunicação escrita síncrona, viabilizada pelo *chat*, por exemplo, mas da leitura defasada (em relação ao tempo de produção) de um certo texto. Se, por um lado, a instância de produção, movida pela intenção de se comunicar por intermédio do texto escrito embarca numa aventura imprevisível (CHARAUDEAU, 1983), por outro, a instância de recepção

---

<sup>12</sup> Na visão de MAINGUENEAU (2001), o leitor pode ser: *evocado* explicitamente através do uso de pronome de 2ª. pessoa; *instituído* em função das exigências interpretativas; *genérico*, em função do gênero textual e do conhecimento partilhado; *atestado*, quando o leitor se depara com o texto em outras épocas e locais diferentes daqueles previstos pela instância de produção.

entrega-se a uma outra aventura não menos perigosa. Ao leitor, representante da instância de recepção, é delegada a tarefa de interpretar um mundo já significado pelo Sc. Para realizar sua tarefa, o Si precisa dispor de certos conhecimentos e estratégias de diversas ordens, ou seja, deve ser detentor de uma *competência semiológica* definida como «*une aptitude à reconnaître/manipuler la matière langagière en circonstances de discours*»<sup>13</sup> (CHARAUDEAU, 1983:85). Essa competência é a resultante de três componentes que não se adicionam, mas que se combinam em uma mesma instância. Trata-se das competências *lingüística*, *situacional* e *discursiva*.

A *competência lingüística* é constituída pelo domínio da ordem de organização da matéria languageira, em seus aparelhos conceituais (modos de organização enunciativo, descritivo, argumentativo e narrativo), que fundam o estatuto semântico das marcas lingüísticas. A *competência situacional* é constituída pelas situações sociolinguageiras codificadas e, ao mesmo tempo, representantes de uma comunidade. As situações determinam os contratos de fala que levam a determinados gêneros discursivos. A *competência discursiva* diz respeito às estratégias de escolha dos aparelhos conceituais (modos de organização do discurso) compatíveis com o contrato de fala e que produzem certos efeitos de sentido.

Nos termos da semiolingüística desenvolvida por Charaudeau, o Si deve realizar diversas tarefas para analisar o ato de linguagem, as quais compreendem um percurso que vai da construção do *sentido da língua* ao *sentido do discurso*.

---

<sup>13</sup> “uma aptidão em reconhecer/manipular a matéria languageira em circunstâncias de discursos.” (tradução nossa)



A partir das marcas formais do texto, o Si empreende diversas operações de reconhecimento do sentido das palavras bem como de suas instruções de sentido; trata-se de uma operação semântico-lingüística em busca do sentido de língua. Outra operação, de natureza inferencial ou semântico-discursiva, consiste no reconhecimento do sentido indireto, implícito, que visa ao sentido do discurso.

As duas operações podem (ou não) ocorrer imediatamente. Além dessas operações, é preciso reconhecer o quadro contratual no qual se inscreve o contrato de comunicação que, em última instância, determina o objetivo comunicativo. Não há comunicação efetiva sem o reconhecimento, por parte do Si, do objetivo comunicativo relacionado à intencionalidade do Sc. A tarefa de interpretação consiste, pois em um «...*double processus discursif et situational, d'ordre inferenciel que aboutit à la reconnaissance-construction du sens du discours problematisé et finalisé*»<sup>14</sup> (CHARAUDEAU, 1994:67).

O termo compreensão pode ser considerado, em um sentido amplo, como a totalidade do processo cognitivo realizado pela instância de recepção ao se deparar com um texto. Em um sentido restrito, compreensão pode ser vista como a apreensão do sentido de língua, que constitui apenas uma parcela do sentido do texto. Se todo texto é repleto de potencialidades significativas, seu sentido discursivo se dá via realização de inferências motivadas ora pelo sentido de língua ora pela percepção das condições gerais do ato de linguagem. À totalidade desse processo, CHARAUDEAU (1994) dá o nome de interpretação.

---

<sup>14</sup> "... duplo processo (discursivo e situacional) de ordem inferencial que culmina com o reconhecimento-construção do sentido do discurso problematizado e finalizado." (tradução nossa)

Para o lingüista, o sentido de língua e o sentido de discurso são construídos através de operações cognitivo-linguísticas diferentes, porém complementares, sendo o primeiro o resultado de um cálculo de probabilidades sobre as interpretações possíveis. O sentido do discurso é construído por intermédio de um cálculo de plausibilidade sobre as inferências possíveis, através de uma rede de relações entre parâmetros do ato de comunicação.

O sentido de língua é, portanto, obtido num processo que exige operações de ordem categorial – a que se pode denominar decodificação; o sentido de discurso é obtido por meio de operações de natureza inferencial, o que se pode denominar interpretação. Enquanto o primeiro sentido é aberto, o segundo é filtrado em função de diversos fatores. Para CHARAUDEAU (1993), o processo de interpretação, que permite se chegar ao sentido de discurso, é motivado por elementos do dispositivo da situação de comunicação. Porém, não se pode ignorar que as operações de interpretação são feitas por indivíduos e, mesmo que indicadas, entre outros, via categorias lingüísticas, tais operações são de ordem cognitiva e são realizadas diferentemente por esses indivíduos. Tal diversidade de comportamentos ocorre em função não apenas das diferentes habilidades cognitivas, mas também de outros fatores, entre os quais, o ambiente cognitivo mútuo.

### **1.5.1 A visão semiolingüística sobre as inferências**

A Teoria Semiolingüística considera que o sentido é alcançado por meio de um duplo processo: o de semiotização das formas, através do qual chega-se ao sentido de língua e o de semiotização discursiva que leva ao sentido do discurso. Pode-se

dizer, também, que o primeiro processo envolve operações categoriais e o segundo, operações inferenciais (CHARAUDEAU, 1983).

O processo inferencial é motivado pelas instruções do dito (pela instância de produção), em relação com elementos da situação de comunicação, os quais não vêm acrescentar um algo mais ao sentido de língua, mas são constitutivos do ato de linguagem, e, portanto, do sentido de discurso. Às vezes podem-se encontrar marcas formais no texto, sinalizando as inferências necessárias à interpretação. A esse respeito, CHARAUDEAU (1993:320) afirma que «...*les inférences soient explicitées ou non, il y en a toujours à faire des lors que l'on veut interpréter un énoncé. Sans inférence, il n'est pas de sens de discours.* »<sup>15</sup>

Vista dessa forma, a construção de sentidos se dá segundo três eixos:

- 1) o *referencial*, que diz respeito aos saberes de natureza geral, construídos nas comunidades sociais;
- 2) o *acional*, que se refere ao jogo de influências, ou relação de forças que se estabelece entre os parceiros; e
- 3) o *veredictório*, que diz respeito às avaliações de natureza específica ou às posições tomadas pelos sujeitos em relação ao conjunto de crenças e valores que circulam no grupo social.

As inferências se fazem, pois, no quadro da situação de comunicação que é, ao mesmo tempo, particular (entre indivíduos) e global (social). Para CHARAUDEAU (1993), a percepção e o conhecimento de elementos da situação de comunicação propiciam a mobilização de saberes específicos, necessários para se inferir o sentido do discurso. Diferentemente, SPERBER e WILSON (1989) consideram que, em

---

<sup>15</sup> “...as inferências sejam explícitas ou não, elas sempre terão que ser feitas se se pretende interpretar um enunciado. Sem inferência, não se alcança sentido de discurso.” (tradução nossa)

um primeiro momento, a totalidade das informações contidas na memória conceitual é ativada; em um segundo momento, é feita uma seleção em função das limitações impostas pela situação de comunicação. Na visão da semiolinguística, a situação de comunicação já delimita, até certo ponto, a produção discursiva, não sendo necessária, portanto, a mobilização da totalidade dos saberes, o que constituiria uma tarefa de alto custo para os sujeitos.

### 1.5.2 Tipos de Inferência

A situação de comunicação é estruturada em dois tipos de contrato: o *contrato situacional*, que determina o domínio do saber, o estatuto dos parceiros, a finalidade comunicativa e o *contrato de fala*, que determina a identidade, os papéis e os saberes que os sujeitos atualizam durante a troca. Articulando os três eixos de construção de sentido (referencial, acional e veredictório) com os componentes dos contratos, identificam-se as *inferências referenciais*, as *interacionais* e as *veredictórias*.

As *inferências referenciais* colocam em relação o dito com os outros ditos. Diz respeito ao saber partilhado entre os indivíduos da troca e entre os grupos sociais a que se encontram vinculados. As *inferências interacionais* colocam em relação o dito com os índices que constituem os estatutos dos sujeitos e a intenção comunicativa (finalidade acional, identidades e papéis languageiros que são atribuídos aos sujeitos). As *inferências veredictórias* colocam em relação o dito com a atitude, o comportamento e a posição do sujeito, o que pode explicar, por exemplo, os mal-entendidos interculturais.

A realização de *inferências interpretativas* é, de certa forma, prevista pelas duas instâncias da comunicação por meio de um jogo de expectativas cruzadas. Os sentidos gerados por esse jogo são de naturezas diversas. Considera-se como sentido *consensual* aquele obtido via partilhamento de saberes e pela coincidência de inferências; como sentido *diferenciado* aquele resultado de saberes distintos e, conseqüentemente, de inferências diferenciadas; e como sentido *manipulado* aquele alcançado numa imposição da instância de produção, o que determina um tipo específico de inferência e bloqueia outras.

A leitura em LE, cujo contrato é estabelecido pela instância de produção, situa o leitor em posição de inferioridade, e pode conduzi-lo a realizar inferências que culminam em um sentido *diferenciado* (ou *manipulado*). A realização de inferências merece atenção especial no quadro teórico da semiolinguística, por serem fundamentais ao processo da interpretação. Diferentemente da psicologia cognitiva, que busca determinar categorias do pensamento ou do conhecimento que se encontram fora da linguagem, a metodologia da análise do discurso procura explicar a construção do sentido por meio de operações (inclusive inferenciais) motivadas pelas situações de comunicação.

### **1.5.3 A dimensão inferencial da compreensão na Semiollingüística e na Teoria da Relevância**

Como foi visto, SPERBER e WILSON (1989) consideram que, no processo inferencial da compreensão, *todas* as informações contidas na memória conceitual são utilizadas como premissas. Para os autores da TR, compreender é um processo global que pode utilizar livremente qualquer informação conceitual (e não local), independentemente do contexto. Na visão de CHARAUDEAU (1993), as inferências são motivadas inicialmente pela situação de comunicação que propiciou a geração do texto; posteriormente, são ativados outros conhecimentos específicos contidos na memória conceitual, filtrados pela situação de comunicação.

A construção do sentido de língua de que fala CHARAUDEAU (1993, 1994) corresponde ao processo de determinação da forma lógica dos enunciados, na visão de SPERBER e WILSON (1986). O sentido de discurso é alcançado com a realização de inferências que, para a pragmática inferencial, são produzidas pelo sistema cognitivo central, mobilizando todo o conteúdo conceitual da memória de longo prazo, enquanto que, para a semiollingüística, as inferências constituem o resultado da articulação da estrutura da situação de comunicação com os eixos de construção do sentido, envolvendo a percepção dos sujeitos. O que CHARAUDEAU (1994) chama de interpretação corresponde ao que SPERBER e WILSON (1989) chamam de processo de compreensão inferencial. As duas abordagens do fenômeno da compreensão, tomada em seu sentido amplo, reservam lugar privilegiado e fundamental às inferências, na construção do sentido discursivo. Assim sendo, enquanto a pragmática inferencial leva em conta a figura e as operações do sujeito cognitivo, a semiollingüística considera as operações do sujeito psicossocial, testemunha de práticas e representações da comunidade a qual pertence.

## 1.6 Considerações gerais

Este capítulo teve como objetivo discorrer sobre algumas visões do processo de comunicação e, em especial, sobre o fenômeno da compreensão. A partir de JAKOBSON (1963), KERBRAT-ORECCHIONI (1990) questiona e amplia o estatuto da recepção, incluindo a figura do alocutário não-previsto, figura que explica as dificuldades na compreensão por parte do leitor de língua estrangeira ao ficar exposto a textos autênticos.

As teorias da relevância (SPERBER E WILSON, 1989) e a teoria semiolingüística (CHARAUDEAU 1983, 1992, 1993, 1994, 2001a) foram evocadas por tratarem as inferências como processo fundamental para se chegar ao sentido discursivo: a pragmática inferencial, considerando o sujeito cognitivo, e a semiolingüística, considerando o sujeito psicossocial, apontam caminhos para o entendimento das operações realizadas pelos responsáveis pelos atos de linguagem. No próximo capítulo, a enunciação será evocada com o objetivo de situar os estudos discursivos dela decorrentes e, em especial, aqueles que se dedicaram às manifestações lingüísticas da categoria *tempo*, objeto dessa pesquisa.

## 2. Enunciação e discurso

Neste capítulo, foca-se a atenção em teorias que levaram em conta a influência do tempo, como categoria lingüística, no processo de comunicação, a exemplo das contribuições de Saussure, no início do século XX, com a 'divisão' da Lingüística em Sincronia / Diacronia. Em especial, dois teóricos serão evocados: Émile Benveniste, com a teoria da enunciação, e Harald Weinrich, com a teoria dos tempos verbais.

Qualquer reflexão sobre leitura em língua estrangeira conduz à reflexão sobre a leitura em LM. O motivo parece simples: a aprendizagem da leitura em LM, já que antecede a de qualquer outra, deve interagir, de alguma forma, com processos posteriores de aprendizagem de leitura em LE. Minha experiência como professor de LE tem mostrado que tal interação, embora aconteça prioritariamente no sentido LM => LE, verifica-se também no sentido LE => LM.

Entre as interferências que se processam na aprendizagem das duas línguas, encontra-se o estilo de leitura, isto é, um leitor lento em LM, provavelmente manterá essa característica em LE; se apresentar dificuldades (ou preferências) para compreender alguns gêneros de textos, essas se manterão nas duas línguas. A interferência no sentido LE => LM, ainda de acordo com a experiência, se dá no nível metacognitivo. Em LM, por ser um processo automático, não nos damos conta de quanto conhecimento – de língua e de mundo – entra em jogo quando lemos. A leitura em LE, sobretudo em seu estágio inicial, parece promover uma auto-reflexão sobre os hábitos de leitura em LM.<sup>16</sup> Isso pode representar um ganho suplementar

---

<sup>16</sup> Observa-se tal comportamento em alunos de cursos de leitura em LE, tanto no âmbito da extensão quanto no ensino (disciplinas eletivas e/ou optativas).



para o leitor, uma espécie de subproduto significativo do processo de aprendizagem da leitura LE – a reflexão sobre a leitura em LM.

Além dos conhecimentos de língua e de mundo, a situação de comunicação parece influenciar o processo de leitura, já que tal situação compreende as condições de produção e de recepção do texto. Se, por um lado, o texto é produto da intenção de uma instância situada historicamente no tempo e no espaço; por outro, a instância de recepção encontra-se situada em um outro tempo (a menos que se trate de comunicação síncrona) e em um outro espaço. Portanto, a leitura, diferentemente da interação face a face, é um processo que apresenta um deslocamento espacial e temporal entre produção e recepção. Este trabalho pretende verificar, no âmbito do processo de compreensão, os efeitos de sentido do deslocamento temporal. Nas seções, serão apresentadas teorias que comportam conceitos importantes para os objetivos desta pesquisa, bem como uma reflexão crítica sobre esses conceitos.

## 2.1 Linguagem e tempo nas perspectivas saussuriana e guillaumiana

A língua, mais que qualquer outra instituição social, é utilizada por todos, todo o tempo, fato que impede a possibilidade de uma revolução e garante sua conservação. Por outro lado, as forças sociais agem em função do tempo (SAUSSURE, 1972).<sup>17</sup> É como se o tempo tivesse sobre a língua dois efeitos contraditórios: um agindo no sentido de mantê-la fixa e outro, visando alterá-la, ao que SAUSSURE (1972) chama de *princípio de alteração* e *princípio de continuidade*. A arbitrariedade do signo, garantindo uma liberdade na relação entre som e sentido,

---

<sup>17</sup> O conteúdo da publicação de 1972 constitui uma reedição da primeira edição francesa do *Cours de linguistique générale* de 1916, obra póstuma de Ferdinand de Saussure, falecido em 1913. O *Cours*, como é chamada simplificada sua obra, diz respeito a três cursos de Linguística Geral ministrados entre 1907 e 1910, na Universidade de Genebra. A publicação da obra se deu com bases em anotações de aula de seus alunos.

permite a evolução; ao passo que, ao se encontrar no seio de uma sociedade inserida no tempo, a língua tende, paradoxalmente, a ser mantida. Ao admitir que o tempo permite a ação dos falantes sobre a língua, SAUSSURE (1972) propõe a divisão da lingüística em duas partes: uma que se ocupa em estudar as relações no tempo (DIACRONIA) e outra em estudar as reações do sistema (SINCRONIA). A primeira apóia-se no eixo vertical da sucessividade e a segunda, no eixo horizontal da simultaneidade. Para os falantes, há a primazia da sincronia sobre a diacronia, pelo simples fato de o aspecto sincrônico ser sua única realidade. A Gramática de Port-Royal<sup>18</sup>, por exemplo, descreve a língua francesa na época de Luís XIV e determina seus valores, embora o faça de forma normativa, ditando regras em vez de constatar fatos.

Ao propor a divisão dos estudos sobre a linguagem, por questões metodológicas, em Sincronia e Diacronia, a primeira se ocupando em estabelecer os princípios fundamentais e os fatores constitutivos da língua; e a segunda, das relações entre termos sucessivos que se substituem, Saussure leva em conta a ação do tempo sobre a língua, dividindo a Lingüística em histórica e estática. A lingüística estática não trata da língua em um estado pontual, mas em um espaço de tempo mais ou menos longo, podendo ir de anos a um século ou mais.

Na seqüência dos estudos de Saussure, na obra *Temps et Verbe*, editada em 1929, Gustave Guillaume apresenta a teoria dos modos, tempos e aspectos verbais, apoiando-se em três espécies de tempo: *tempo do universo*, definido como o maior espaço de tempo, possível de ser representado pelo pensamento, contendo todos

---

<sup>18</sup> A Gramática de Port-Royal (ou Gramática geral e razoada) foi reeditada no Brasil em 2001 pela Editora Martins Fontes, com base em publicações do século XVII, frutos de reflexões de educadores do mosteiro de Port-Royal, região próxima a Paris.

os acontecimentos que compõem a realidade; o *tempo do evento* (*événement*), duração interior a cada evento e *tempo operativo*, portador da cronogênese (*chronogénèse*)<sup>19</sup>, na qual se estabelece a relação necessária entre a representação do tempo universal e a do evento. Considerando a língua como uma representação do pensamento, a teoria de Guillaume tem como ponto de partida a afirmação de que todo pensamento se efetua no *tempo* (DUCROT e SCHAEFFER, 1995). É através da cronogênese que o fundador da psicomecânica lingüística dedica-se ao estudo «...de plus en plus profond de la réalité linguistique»<sup>20</sup> (VALIN, 1969:12). A complexidade na operacionalização dos conceitos da teoria de Gustave Guillaume tem despertado interesse crescente por sua obra que, a partir de 1971, foi enriquecida com a publicação de 10 volumes contendo manuscritos dos cursos dados na *École Pratique des Hautes Etudes* (DOUAY e ROULLAND, 1990).

A conceituação do tempo operativo é vista por VALIN (1993) como um questionamento não apenas da duração histórica, ou diacronia, mas também do conteúdo das instâncias que compõem a duração – a sincronia. O tempo operativo – eixo das simultaneidades, transforma-se em eixo das sucessividades que se constituem de momentos mentais cuja seqüência resulta na trama do pensamento. O conceito de tempo operativo parece estar relacionado com as possíveis relações entre a temporalidade textual e o tempo do universo.

---

<sup>19</sup> A cronogênese corresponde à operação inconsciente que realiza o sujeito em instância de discurso, antes do emprego de uma forma verbal. De acordo com a teoria da cronogênese, o falante percorre o repertório do sistema verbal até encontrar a forma de realização correspondente à sua intenção discursiva.

<sup>20</sup> "...cada vez mais profundo da realidade lingüística." (tradução nossa)

## 2.2 A teoria da enunciação

Outro lingüista a se dedicar aos estudos relacionados com o tempo, foi o francês Émile Benveniste. Para ele, as línguas possuem certas categorias elementares independentes de qualquer determinação cultural, nas quais se situa a experiência dos sujeitos (BENVENISTE, 1966a). Dentre tais categorias, encontram-se as de pessoa e tempo, cuja análise deve ser feita no exercício da linguagem e na produção do discurso. Assim, por meio da apropriação da forma *eu*, o sujeito que fala introduz-se no discurso. Ao aparecer a forma *eu* em um enunciado, são evocadas por oposição as formas *tu* e *ele*. Na comunicação, cada enunciador apropria-se da mesma forma *eu*, instaurando um sistema de referência, recebendo uma realidade através do discurso. Não apenas os pronomes pessoais, como também os dêiticos compartilham dessa propriedade, ou seja, o *Ego* é colocado como centro e ponto de referência para situar os objetos.

A idéia de se situar o sujeito produtor de discurso no encontro de três eixos representando a tríade *eu-aqui-agora* remonta ao mito da origem dêitica da linguagem, segundo o qual as primeiras palavras teriam sido os dêiticos, cada sujeito colocando-se em seu próprio sistema, assim se orientando na comunicação. A noção de dêixis foi (re)inaugurada por BÜHLER (1990), no seio de uma teoria da linguagem centrada na função mostrativa da língua.

Para BENVENISTE (1966a), as formas lingüísticas mais ricas e reveladoras da subjetividade são aquelas que exprimem o tempo. Por outro lado, são também de difícil exploração. Para ele, o termo *tempo* recobre representações muito diferentes, dentro e fora da língua, causando algumas confusões. Uma delas consiste em se

considerar que algumas línguas não exprimem a noção de tempo, simplesmente por não pertencerem à família das línguas que apresentam flexão. Daí, o fato de se pensar que apenas o verbo poder exprimir o tempo. Outra confusão consiste em se associar a idéia de tempo contida nas formas verbais com o tempo objetivo. Para dissipar tais confusões, BENVENISTE (1966a) distingue, inicialmente, duas noções de tempo. A primeira refere-se ao *tempo físico*, considerado como “...*un continu uniforme, infini, linéaire, segmentable à volonté.*”<sup>21</sup> (BENVENISTE, 1966a:5). É o tempo que cada indivíduo mede ao ritmo de sua vida interior. A segunda noção refere-se ao *tempo crônico* ou ao tempo dos acontecimentos que engloba tanto nossa vida quanto a seqüência dos acontecimentos. Trata-se de uma escala reconhecida por todos, na qual situamos nossa experiência humana. Os acontecimentos são blocos distintos em seqüência, e, portanto, situados no tempo.

A necessidade em tornar objetivo o tempo crônico levou o ser humano a basear-se nos fenômenos cósmicos para medi-lo. Surgiram, então, as noções de dia, mês e ano, a partir de um momento considerado como ponto de referência – nascimento de Cristo ou Buda, ou outro acontecimento importante para a sociedade em questão. É em relação a esse momento de referência que nos situamos na história; caso contrário, se cada pessoa medisse o tempo de uma forma, a comunicação seria problemática. O calendário é, pois, exterior ao tempo, servindo apenas para registrar as unidades constantes de medida do tempo.

BENVENISTE (1966a) define uma terceira noção de tempo: a do *tempo lingüístico*, que seria irreduzível tanto ao tempo físico, quanto ao tempo crônico. Esse tempo encontra-se “...*organiquement lié à l'exercice de la parole, qu'il se définit et*

---

<sup>21</sup> “...um continuum uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade.” (tradução nossa)

*s'ordonne comme fonction du discours.*"<sup>22</sup> (BENVENISTE, 1966a:8). O presente do tempo lingüístico é sempre o presente da instância da *parole*, ou seja, o locutor, ao usar o tempo presente, situa o acontecimento como contemporâneo ao discurso. Esse presente é reinventado cada vez que alguém se pronuncia. A língua ordena o tempo segundo um eixo que é sempre da instância do discurso; ou seja, o único tempo inerente à língua é o presente (implícito) do discurso. O passado e o futuro seriam, na verdade, duas referências que não se reportam ao tempo, mas a visadas retrospectivas e visadas prospectivas a partir do presente. São esses movimentos (temporalidades retrospectiva e prospectiva) que parecem estar nas bases dos sistemas verbais de diversas línguas.

Com a finalidade de explicar a organização dos tempos em francês, BENVENISTE (1966b) considera que eles se distribuem de maneira complementar, em dois sistemas: *história* e *discurso*, por ele denominados planos de enunciação. Assim, a enunciação histórica apresenta os fatos situados num dado momento, sem nenhuma intervenção do locutor, isto é, sem o emprego das formas *eu, tu, aqui e agora*. Trata-se, pois, das narrativas no passado, com emprego dos tempos aorista, imperfeito e mais-que-perfeito. Em princípio, o tempo presente é excluído desse plano de enunciação, exceto o presente usado nas definições. Na narrativa histórica, é como se não houvesse narrador; os acontecimentos se sucedem naturalmente, sendo descritos no tempo presente aorista, que é « *...le temps de l'événement hors de la personne d'un narrateur* »<sup>23</sup> (BENVENISTE, 1966b:242). O tempo aorista é reservado à língua escrita e é chamado gramaticalmente, em francês, de *Passé Simple* (doravante, PS), em oposição ao *Passé Composé* (doravante, PC).

---

<sup>22</sup> "...intimamente relacionado ao exercício da fala que se define e organiza-se em função do discurso." (tradução nossa)

<sup>23</sup> "...o tempo do acontecimento, independente da pessoa do narrador." (tradução nossa)

Se a enunciação histórica é reservada exclusivamente à língua escrita, o plano do discurso não se confunde com o uso oral da língua, isto é, as pessoas se inserem majoritariamente no discurso oral, o que não as impede de fazê-lo via textos escritos. O discurso é aqui tomado tanto na forma oral quanto na escrita, em seu sentido amplo, ou seja: “...*toute énonciation supposant un locuteur et un auditeur, et chez le premier l'intention d'influencer l'autre...*”<sup>24</sup> (BENVENISTE, 1966b:242). Tal concepção de dois planos enunciativos comporta a idéia de sua coexistência em um mesmo texto escrito: o sujeito enunciador pode se situar ou se excluir na medida em que utiliza, respectivamente, o plano enunciativo do discurso ou da história.

Os tempos verbais referentes ao discurso, de acordo com essa dicotomia, seriam: o presente, o futuro e o perfeito (que inclui o PC). Comum aos dois planos estaria o imperfeito.

A distinção entre dois planos de enunciação, que serviu para Benveniste explicar o uso do PS e do PC em francês, comporta uma concepção de discurso que evidencia a intencionalidade do locutor (projeto de fala, para Charaudeau) e a implicação do interlocutor (ou do leitor, no caso do texto escrito).

Os dois planos enunciativos, coexistindo em um mesmo texto, podem apresentar uma riqueza de sentidos, porém podem também tornar complexa a tarefa do leitor, em função de um deslocamento da referência temporal, como afirma BENVENISTE (1966b:244): «*Comme le présent, le parfait appartient au système linguistique du discours, car le repère temporel du parfait est le moment du discours, alors que le*

---

<sup>24</sup> "...toda enunciação que supõe um locutor e um ouvinte, e que comporta a intenção do primeiro em influenciar o segundo." (tradução nossa)

*repère de l'aoriste est le moment de l'événement.*»<sup>25</sup> Portanto, o aorista, ao se especificar como tempo do acontecimento histórico, distancia-se do passado subjetivo que, pelo contrário, é associado à marca da pessoa no discurso. Dito de outra forma, no discurso, o tempo tem o valor de situar o acontecimento passado em relação ao presente, ao passo que o aorista (da narrativa) objetiva o acontecimento, desligando-o do presente.

A manifestação da temporalidade não se dá apenas por meio da categoria dos verbos. Os dêiticos temporais fazem parte dos *shifters*, termo usado por Jakobson, cuja função consiste em articular o enunciado à situação de enunciação. Esses mesmos termos são chamados de *embrayeurs*, por MAINGUENEAU (1993, 1998), algo como 'termo embreado'. Os dois planos de enunciação de Benveniste podem ser denominados *plano embreado* (ou discurso) e *plano não-embreado* (narração). Os termos embreados servem, então, para vincular os acontecimentos a uma temporalidade subjetiva, vinculada à enunciação, ou à temporalidade objetiva, vinculada à história (FIORIN, 1996). Em sua maioria, os enunciados apresentam termos embreados. Nos planos não-embreados, verifica-se o apagamento da temporalidade subjetiva, fato que se manifesta em textos literários, já que constituem sua própria temporalidade. Os textos científicos, as definições e os provérbios fazem uso de um presente – sem a presença de *shifters*, que lhes conferem um valor de verdade, independentemente da enunciação.

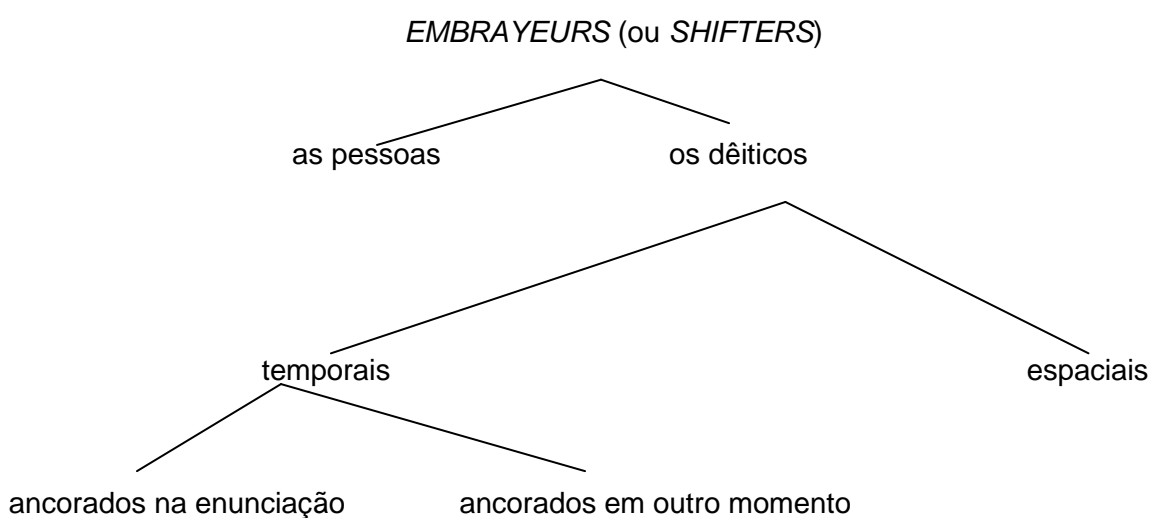
---

<sup>25</sup> "Da mesma forma que o presente, o perfeito pertence ao sistema lingüístico do discurso, pois enquanto a ancoragem temporal do perfeito é o momento do discurso, a do aorista é o momento do acontecimento." (tradução nossa)



### 2.2.1 Enunciação e leitura – os marcadores dêiticos.

A variedade de recursos para ancoragem do discurso no espaço e no tempo pode apresentar dificuldades para o aprendiz de uma LE em função da estabilização desses recursos em LM. Segundo MAINGUENEAU (1999), o sistema dos dêiticos temporais é mais complexo que o dos espaciais, por apresentar possibilidades de ancoragem diferenciadas, conforme Figura 2.



**Figura 2 – Tipos de dêiticos**

Fonte: MAINGUENEAU (1999)

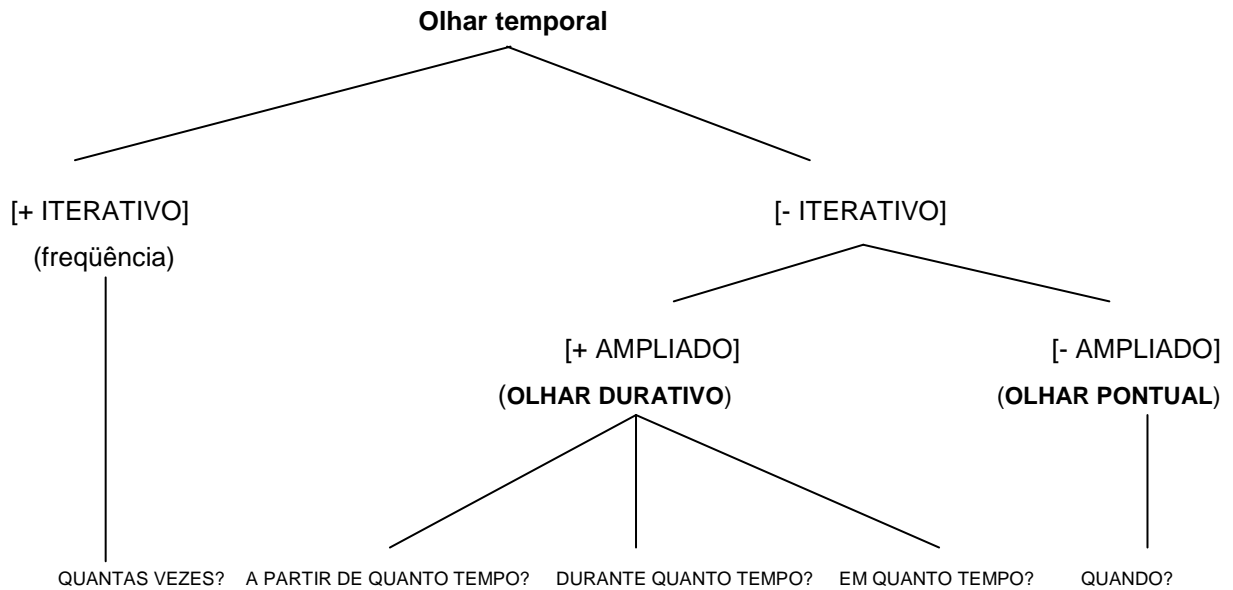
Em geral, a ancoragem temporal se dá em relação ao momento da enunciação: é o momento em que o enunciador se manifesta, instaurando o *tense* presente (ou o presente lingüístico). Dessa forma, ele impõe ao seu interlocutor a cronologia da seqüência dos enunciados. O uso de advérbios como *hoje* só pode ser compreendido em relação ao momento da enunciação do locutor. Por outro lado, expressões temporais como *na véspera do casamento* só podem ser compreendidas em relação ao *dia do casamento* cuja localização no tempo pode não estar ancorada no momento da enunciação. É, por isso, que Maingueneau faz alusão a marcadores temporais dêiticos e não-dêiticos. Os marcadores dêiticos são aqueles cuja referência temporal coincide com o ME (momento da enunciação); os não-dêiticos

apresentam como referência um momento distinto de ME, podendo ser anterior ou posterior a ele. Da mesma que os marcadores temporais materializados na forma de advérbio apresentam comportamento dêitico e não-dêitico, os tempos verbais também o fazem. Isto é, eles podem estar ancorados ora em relação ao ME, ora a um instante anterior, ou posterior ao ME.

A localização da referência temporal parece, pois, ser significativa para a compreensão de enunciados e, conseqüentemente, para a compreensão de textos. No caso da leitura de textos escritos, há que se levar em conta duas enunciações: uma relativa ao processo de produção do texto e outra, ao processo de recepção. Independentemente do gênero textual, o deslocamento temporal entre a produção do próprio texto e sua leitura constitui fator que entra na composição do complexo processo de produção de sentidos.

A temporalidade é manifestada na língua, basicamente, de duas formas: 1) através de advérbios (ou expressões adverbiais) e de sintagmas preposicionais; 2) através de verbos, ou de tempos verbais (*tenses*). Maingueneau interessa-se, sobretudo, pelo primeiro grupo de manifestações do tempo e propõe uma análise operatória desses marcadores, através da noção de *visée temporelle*, que chamaremos de *ponto de vista temporal*. Para o lingüista, pode-se estudar a temporalidade como *repetição* (ou *iteração*), *ponto* ou *duração*. Dito de outra forma, a temporalidade pode ser vista através de um olhar iterativo, durativo ou pontual, que permite situar os eventos respectivamente em relação à sua freqüência, à sua duração e à sua localização.

O olhar temporal de que trata Maingueneau apresenta-se da seguinte forma:



**Figura 3 – O olhar temporal segundo MAINGUENEAU (1999)**

MAINGUENEAU (1999) não se interessa pelas referências temporais estáveis, desvinculadas do momento da enunciação, tais como as datas e as expressões de freqüência (olhar iterativo), por se tratarem de referências extralingüísticas. Trata-se de uma opção pelo enunciado-ocorrência,<sup>26</sup> aquele cujo sentido varia a cada enunciação. O lingüista insiste que as categorias por meio das quais descreve o olhar temporal não são exaustivas e podem combinar entre si, como é o caso de se perguntar: *A partir de quando você chega?* Que combina o olhar durativo (*a partir de...*) com o olhar pontual (*quando*).

<sup>26</sup> MAINGUENEAU (1981) faz a distinção entre enunciado-tipo e enunciado-ocorrência. O primeiro refere-se a um enunciado cujo sentido é estável, independentemente, da situação de comunicação na qual ocorre. O segundo apresenta elementos dêiticos, fazendo com que seu sentido varie em cada enunciação.

### 2.3 A teoria dos tempos (WEINRICH)

Na linha dos estudos enunciativos, o lingüista alemão Harald Weinrich elaborou uma teoria dos tempos verbais no discurso, na qual denuncia a confusão entre *tempo* como instância extralingüística e o *tempo na língua*. Para WEINRICH (1973), as formas temporais devem ser analisadas por meio de uma perspectiva textual, única forma de compreender seu funcionamento. Para ele, uma forma temporal diz respeito a uma *estrutura paradigmática*, isto é, juntamente com outros tempos, ela compõe um subsistema, um paradigma. Simultaneamente, ela é um *signo lingüístico* que compõe uma *estruturação sintagmática*; ou seja, ela nunca se manifesta sozinha, mas associada a outros signos. Daí, a idéia de se vincular o tempo à categoria dos verbos. É essa dimensão sintagmática que considera as relações de um signo com aqueles que o antecedem ou o seguem, que falta nas gramáticas e nos dicionários, segundo o autor.

WEINRICH (1973) situa sua teoria no âmbito da lingüística textual e, apesar de considerar impossível definir um texto, lança uma primeira tentativa: "*...un texte est une succession signifiante de signes linguistiques entre deux ruptures manifestes de communication*"<sup>27</sup> (WEINRICH, 1973:13), fazendo com que as rupturas sejam manifestas deliberadamente. Assim, os textos podem apresentar tamanhos variados; em termos extremos, de uma palavra a um livro, ou mesmo à totalidade da obra de um dado autor.

---

<sup>27</sup> "texto é uma seqüência significativa de signos lingüísticos entre duas interrupções manifestas da comunicação." (tradução nossa)

Por intermédio da análise das ocorrências de tempos verbais em dois textos de Sartre,<sup>28</sup> WEINRICH (1973) levanta a hipótese de que as formas temporais, em francês, podem ser divididas em dois grupos: o primeiro, que reúne as ocorrências do Presente, do PC (*Passé Composé*) e do Futuro; o segundo, o PS (*Passé Simple*), o Imperfeito, o Mais-que-perfeito e o Futuro do Pretérito (condicional). O primeiro grupo comporta os *tempos comentativos* (ou do mundo comentado) e o segundo, os *narrativos* (ou do mundo narrado). As formas temporais expressas em narrativa ou em comentário indicam uma orientação do sujeito comunicante, cuja atitude é, para o sujeito destinatário, extremamente relevante. As escolhas do sujeito comunicante seriam intencionais e teriam por objetivos influenciar o interlocutor e modelar a recepção do texto. Assim, os tempos comentativos provocariam no leitor, por exemplo, uma atitude vigilante, enquanto que os tempos do mundo narrado (ou da narrativa), permitiram uma leitura mais distendida. A distinção entre grupos de tempo do mundo comentado e do mundo narrado seria, pois, uma questão de *atitude de locução* a ser percebida pelo sujeito destinatário/leitor. Enquanto a narrativa permite uma distensão, o mundo comentado exige uma vigilância, uma tensão.

WEINRICH (1973) vincula alguns gêneros textuais aos tempos do mundo comentado: diálogo dramático, editorial, testamento, relatório científico, ensaio filosófico, pareceres jurídicos e todas as formas ritualizadas de discurso, nos quais os locutores devem se engajar, já que todo comentário é um fragmento de ação que, de certa forma, «*modifie la situation de deux partenaires et les engage ainsi l'un et l'autre*»<sup>29</sup> (WEINRICH, 1973:33).

---

<sup>28</sup> Um dos textos é um excerto da *Critique de la raison dialectique* e o outro, extraído da autobiografia *Les Mots*.

<sup>29</sup> "modifica a situação de dois parceiros e engaja-os um ao outro." (tradução nossa)

Entre os textos do mundo narrado, encontram-se o conto, a lenda, a novela, a narrativa histórica ou o romance, ou ainda, a informação jornalística sobre uma conferência política. Nesses tipos de texto, o locutor se comporta como se, por meio do uso de tempos do mundo narrado, convidasse o leitor a participar da situação de comunicação de forma distendida, distanciada.

Os tempos verbais são altamente recorrentes em quaisquer tipos de textos, o que não acontece com outras manifestações da temporalidade, tais como as datas e os advérbios, as quais têm um grau de validade maior nos textos, isto é, uma vez situados no tempo, os acontecimentos não precisam ter sua ancoragem temporal repetida. Datas e advérbios representam, pois, uma categoria que se comporta diferentemente dos tempos verbais, na medida em que possibilitam uma economia de esforço para o ouvinte/leitor, como uma informação que não é freqüentemente alterada. É como se o texto instituisse sua própria temporalidade, dentro da qual coexistiriam as marcas temporais em conformidade com a atitude de locução, ou com um projeto de fala, procurando, assim, influenciar o ouvinte/leitor, fazendo-o participar ora de forma tensa, vigilante, ora de forma distendida. A *atitude de locução* é, pois, codificada na língua através, entre outros, das formas temporais.

Apesar de dividirem os tempos verbais em dois grupos, Benveniste e Weinrich partiram de motivações diferenciadas. Benveniste, a quem Weinrich se diz aproximar, fez a distinção entre dois sistemas de tempos – história e *récit*, a partir da impossibilidade de se explicar, por meio da gramática, a organização do sistema verbal francês que, para expressar o passado, dispõe do PC e do PS.

Uma das críticas que Weinrich faz aos sistemas descritos por Benveniste diz respeito ao seu caráter complementar; isto é, nas narrativas orais ou escritas, em primeira pessoa, o PS não é utilizado. Nesses casos, utiliza-se o PC que é um tempo reservado aos acontecimentos finalizados. Isso significa que, em tais narrativas, nas segunda e terceira pessoas, ocorre o PS e não o PC. Com isso, o *Parfait* (formas compostas com *avoir* e *être*) teria dois valores segundo seu uso nos dois planos enunciativos – história e *récit*. Outra crítica diz respeito à motivação de se criar uma teoria para explicar o desaparecimento do PS no francês falado por meio da ambivalência do PC e da inclusão da categoria de pessoa gramatical para explicar um fenômeno que não pode ser aplicado a outras línguas. Weinrich, por sua vez, para testar o alcance de sua teoria, usou exemplos não só do francês como do alemão e inglês.

Diferentemente da teoria de Benveniste, na teoria de Weinrich, a fronteira entre os dois sistemas de tempos passa tanto pela língua escrita quanto pela língua falada. Outra diferença entre as duas teorias reside no fato de as combinações de tempo com os morfemas de pessoa gramatical (em Weinrich) ser considerado como mais um elemento contextual, entre outros.

Até então, a teoria dos tempos de Weinrich foi apresentada apenas a partir do ponto de vista da *atitude de locução*. Sua teoria apresenta outras perspectivas através das quais os tempos podem ser analisados: a perspectiva da *locução* ou *comunicativa* – assim denominada por FÁVERO e KOCH (1998) e a do relevo (*mise en relief*). O segundo eixo consiste no fluxo informacional do texto que é submetido a uma cadeia de signos em torno do qual se encontram o *antes* e o *depois* textual, ou seja, há sempre uma informação anterior e outra posterior, o que nos conduziria ao *tempo do*

*texto* que pode tomar duas direções da comunicação: ora em direção à informação anterior, ora em direção à informação posterior (nova). Tais direções afetam, de alguma forma, o sistema temporal, em função da relação entre o *tempo do texto* e o *tempo da ação*. O tempo da ação refere-se ao segmento (ou ponto) correspondente ao conteúdo da comunicação. Esses dois pontos podem ou não coincidir. A defasagem entre os dois tempos consistiria em uma informação relevante sobre a relação da comunicação com o mundo<sup>30</sup>. Os tempos do comentário e da narração têm a função de exprimir a defasagem entre o tempo e o *tempo do texto*. O ponto zero seria o presente, no caso do comentário; e o *Imparfait* ou PC, no caso da narração. A retrospecção e a prospecção consistem no conceito de *perspectiva de locução* (ou 2º eixo de organização dos tempos).

Ainda segundo WEINRICH (1973), a língua inglesa apresenta uma bipartição entre os tempos do mundo comentado e os da narração. Entre os tempos do mundo comentado encontram-se os *Perfect Tenses* que, aliás, apresentam uma dificuldade particular para os falantes do português. Na verdade, ele é considerado como tempo da retrospecção (inclusive o *Present Perfect*), da mesma forma que o *Simple Past*. A diferença clássica entre os dois consiste no fato de o *Present Perfect* relacionar uma ocorrência passada ao presente, enquanto que o *Simple Past* refere-se a um momento do passado, sem conexão com o presente. Porém, segundo WEINRICH (1973), sempre que um lingüista procura delimitar uma função para o *Perfect*, outro encontra um contra-exemplo que invalida a tentativa do primeiro. É o caso do exemplo extraído de JESPERSEN (1963) e citado por WEINRICH (1973):

---

<sup>30</sup> Entendo que as operações de percepção dessa defasagem entre *tempo textual* e *tempo da ação* corresponderia a uma aplicação do conceito de *tempo operativo* delineado na teoria dos tempos verbais de GUILLAUME (1993).



- 1) *I **have lived** about ten years in Chelsea (and I still live there)*, e seu contra-exemplo extraído de DIVER (1963), citado por WEINRICH (1973):
- 2) *I **have lived** in Chelsea before, but since 2001 I **have lived** in London.*

No exemplo 1, *Moro há 10 anos em Chelsea*, o fato de morar em *Chelsea*, está situado num período de tempo que começa há dez anos atrás, inclui o presente da enunciação e tende a continuar no futuro, semantismo que coincide com a explicação clássica.

Através do contra-exemplo 2, *Morei em Chelsea antes, mas a partir de 2001 moro em Londres*, para expressar *morei*, foi usada a mesma construção verbal – *have lived*, usada para expressar *moro em Chelsea* no exemplo 1, e *moro em Londres* no contra-exemplo 2.

Para WEINRICH (1973), a explicação do uso dos *Perfect Tenses* em inglês, em particular do *Present Perfect*, diz respeito à atitude de locução, segundo a qual o sujeito enunciador procura engajar o sujeito destinatário em seu discurso. Caso contrário, ele usaria o *Simple Past* em 2 (*I lived in Chelsea*, em vez de *I have lived...*)

O terceiro eixo que compõe a teoria dos tempos de WEINRICH (1973) consiste no *relevo* (*mise en relief*) cuja função é a de destacar um texto (ou parte dele), por meio do uso dos tempos verbais, situando certos conteúdos em primeiro plano e mantendo outros num plano secundário. Essa mesma função tem sido atribuída à noção de aspecto por muitos gramáticos. O aspecto tem sido tomado ora como uma qualidade inerente aos processos, ora como resultado de uma maior percepção do locutor em relação a uma das fases do processo. Diversas distinções aspectuais têm

sido feitas, como as entre os perfectivos e imperfectivos; outras em iterativo, pontual, habitual, incoativo, etc.

WEINRICH (1973) procura escapar da discussão sobre a teoria do aspecto posicionando-o no nível da microssintaxe, no nível da frase. Para ele, uma tal teoria do aspecto não serve, portanto, à uma teoria lingüística textual, já que o desenrolar e as fases dos processos variam de um verbo para outro. Além disso, a teoria aspectual é orientada aos objetos extralingüísticos (concepção referencial), e, às vezes, a objetividade dos processos não é relevante. A tese de WEINRICH (1973) é que todas as funções temporais devem ser reportadas ao texto ou à situação de locução, e não aos conteúdos do discurso (aos objetos).

Para WEINRICH (1973) as temporalidades devem ser consideradas apenas no circuito interno da comunicação, espaço do dizer, como se existisse uma temporalidade codificada na língua, que marca o desenrolar dos acontecimentos e outra associada à enunciação, porém dissociada da situação de locução. Portanto, as funções temporais são produtoras de sentido que apontam para a dimensão discursiva. No caso da comunicação escrita, especificamente no momento da leitura, para apreender o sentido do discurso, o leitor precisa (re)construir todos os planos enunciativos, com suas respectivas ancoragens temporais.

WEINRICH (1973) considera que as transições de um tempo para outro, com o objetivo de destacar certas passagens do texto, não se dão anarquicamente, embora esse teórico admita o que ele denomina metáfora temporal – mudanças bruscas na correlação entre os tempos ou “o emprego de um tempo verbal fora do grupo a que pertence” (FÁVERO e KOCH,1998:43). As transições temporais obedecem a uma lei

que as submetem ao sistema temporal de cada língua. Caberia ao leitor a tarefa de apreendê-las no conjunto do texto e não no nível da frase. A teoria de WEINRICH (1973) não prevê atribuir-se a uma forma temporal funções e valores resultantes de sua combinação com outros signos sintáticos. Nesse ponto, sua teoria se afasta da visão da pragmática da referência temporal de SPERBER e WILSON (1989), na qual a frase enunciada serve de base para o cálculo da referência temporal através do princípio da relevância.

Partindo do princípio de que leitores de textos narrativos preferem histórias com relevos diferenciados, os escritores fazem uso de tempos verbais, ou entram no jogo dos tempos, segundo sua intenção de destacar um acontecimento em relação a outros. Assim, o jogo dos tempos impregna as formas verbais de instruções de sentido. Na língua inglesa, contrariamente às línguas românicas, o relevo se dá não apenas no domínio da narração, como também no domínio do mundo comentado, ou seja, em toda a língua.

Na teoria dos tempos de WEINRICH (1973), os planos de relevo correspondem, no mundo comentado, a graus diferentes de engajamento. Em inglês, os tempos em *-ing* provocam menos engajamento que os tempos simples, o que quer dizer que *todos* os tempos apresentam um *certo* grau de engajamento.

#### **2.4 Algumas reflexões**

As teorias de Benveniste e Weinrich receberam algumas críticas por parte de ADAM, LUGRIN e REVAZ (1998), em um artigo publicado na revista *Pratiques* 100, especialmente dedicada ao estudo dos tempos verbais. Os autores criticam, em especial, os divulgadores da teoria de Benveniste, ora por relacionarem a

“enunciação do discurso” e a “enunciação histórica” ao mundo comentado e ao mundo narrado, como fez Weinrich; ora por rebatizá-los como *récit/discours*, como o fez Genette, embora GENETTE (1983) tenha reconhecido sua infeliz atitude na escolha dos termos.

Para ADAM, LUGRIN e REVAZ (1998), como admitiu BENVENISTE (1966b), o Passado Composto do francês (PC) pode se manifestar de duas formas: uma indeterminada (PC1) e outra em um passado determinado (PC2), como nos exemplos citados por BENVENISTE (1966b:242):

*J'ai lu l'article de Benveniste de près*<sup>31</sup> (PC1)

*J'ai lu ce livre l'année dernière*<sup>32</sup> (PC2).

Essa dupla possibilidade de manifestação do passado (PC1 e PC2) parece ter sido esquecida ou ignorada por divulgadores da teoria da enunciação, porém, ADAM, LUGRIN e REVAZ (1998) consideram um duplo erro de Benveniste a referência que faz ao tempo presente usado nas definições. Em primeiro lugar, por tê-lo considerado como atemporal e, mesmo assim, tê-lo incluído no tempo da história. O segundo motivo consiste em Benveniste tê-lo considerado raro « *...et en ne lui accordant pas l'importance qu'il merite en le reprochant du présent gnômique des sentences, maximes, proverbes et autres dictons* »<sup>33</sup> (ADAM, LUGRIN e REVAZ 1998:84)

---

<sup>31</sup> Li cuidadosamente o artigo de Benveniste.

<sup>32</sup> Li este livro no ano passado.

<sup>33</sup> "...e não lhe acordando a importância merecida aproximando-o do presente *gnômico* das sentenças, máximas, provérbios e outros ditados." (tradução nossa, destaque nosso.) [O termo gnômico diz respeito aos tempos que não apresentam uma localização temporal precisa.]

A crítica de ADAM, LUGRIN e REVAZ (1998) à teoria dos tempos de Weinrich repousa no fato de o lingüista alemão não explicar os valores dos tempos nem sua relação com os modos da mesma forma que detalhou os dois modos de textualidade – o narrativo e o da interação direta (ou discurso).

De maneira simplificada, ADAM, LUGRIN e REVAZ (1998) sugerem acabar de vez com a dicotomia *récit/discours* (sugestão evidenciada no título do artigo «*Pour en finir avec le couple Récit/Discours*») e propõem quatro subsistemas de modos enunciativos, conforme quadro abaixo:

**Quadro 2 – Modos Enunciativos**

Representação Discursiva (RP)	Posição do Sujeito	
	Enunciação Implícada	Enunciação Distanciada
RP Conjunta aos Parâmetros da Situação de Enunciação – Mundo Atualizado	Presente Enunciativo Imperativo/Performativo PC1, Futuro	Presente de Definição
RP disjunta da Situação de Enunciação	PC2 Imperfeito	PS Imperfeito

Fonte: ADAM, LUGRIN e REVAZ (1998) – adaptado

ADAM, LUGRIN e REVAZ (1998) procuram corrigir algumas simplificações feitas pelos divulgadores da teoria de Benveniste e, ao mesmo tempo, fugir das dicotomias *récit/discours* e mundo comentado/mundo narrado de Weinrich para acrescentar os parâmetros *posição do sujeito da enunciação* e *representação discursiva*, fato que permitira explicar as alternâncias temporais freqüentes nos diversos tipos de texto.

## 2.5 Tempo e discurso

Apesar das críticas recebidas, as teorias de Benveniste e Weinrich foram amplamente difundidas, com repercussão no ensino de línguas (sobretudo materna), cujos métodos passaram a incorporar conceitos como textualidade, discurso e história, tanto na Europa quanto no Brasil.

Nos últimos 30 ou 40 anos, na Europa e nos Estados Unidos, diversos fenômenos lingüísticos passaram a ser analisados fora dos limites da frase. Isso se deu, principalmente, a partir da teoria dos atos de fala, que provocou o surgimento de diversas obras no domínio da Pragmática. Com isso, percebe-se uma expansão da abordagem cientificamente fechada da fonologia e da sintaxe, e a busca de explicação de certos fenômenos, a partir da relação que mantêm entre si.

Se as motivações iniciais de Benveniste e Weinrich foram locais, isto é, explicar os tempos verbais, elas tiveram como consequência uma ampla repercussão, não apenas nos estudos lingüísticos, como também nos estudos literários, pelo interesse na tipologia dos discursos.

Embora os estudos sobre os tempos verbais em Benveniste e Weinrich tenham alimentado a discussão sobre os planos enunciativos, é em um artigo publicado, em 1970, na Revista *Langages* nº 17, “ *L'appareil formel de l'énonciation* ”<sup>34</sup>, que o lingüista francês define as categorias da enunciação – conceito amplamente explorado no quadro da chamada lingüística enunciativa. BENVENISTE (1970:1) define a enunciação como a “*mise en fonctionnement de la langue par un acte*

---

<sup>34</sup> "O aparelho formal da enunciação."

*individuel d'utilisation.*"<sup>35</sup> Esse fato de colocar a língua em funcionamento consiste na produção do discurso.

Ao produzir discurso, o locutor se institui e ao mesmo tempo insere o outro nesse universo, através da enunciação, para referir-se ao mundo. Cada vez que o locutor se manifesta, ele institui um centro de referência marcado por formas lingüísticas tais como: índices de pessoa, índices de ostensão, e índices de tempo. Para BENVENISTE (1970), a temporalidade é produzida na e pela enunciação. Assim, é por meio do presente da enunciação que todas as referências temporais do discurso estarão ancoradas.

A partir do conceito de enunciação, deriva-se o conceito de enunciado, ou seja, a frase enunciada por um locutor numa dada situação. Assim, o sentido de um enunciado ficaria dependendo do contexto de sua enunciação. Da distinção entre frase e enunciado, derivam, respectivamente, os conceitos de significação e sentido, ou, ainda, sentido de língua e sentido do discurso.

Na última década do século XX, diversos artigos sobre a temporalidade no discurso foram publicados, muitos deles esparsos em revistas e livros. Entre eles, encontram-se um livro organizado por Herman PARRET, o número 112 da revista *Langages* (organizada por Jacques MOESCHLER) e o número 97 da revista *Langue Française* (organizada por Jean-Paul BRONCKART), todos publicados em 1993.

A obra de PARRET *et al.* (1993), de conteúdo filosófico, enfatiza a concepção paradigmática do tempo na tradição ocidental que, longe de ser universal, considera

---

<sup>35</sup> BENVENISTE (1970) define a enunciação como "o colocar a língua em funcionamento através de um ato individual de utilização." (tradução nossa)

o tempo como transitório, cindido entre temporalidade e eternidade. Da Física de Aristóteles, quando começa toda uma tradição filosófica, até as *Confissões* de Agostinho, o tempo é fundamentalmente um conceito físico. Embora AUGUSTIN (1964) tenha descrito pela primeira vez sobre a experiência do tempo, é como se o tempo humano fosse, na verdade, o tempo físico interiorizado.

Para PARRET (1993), tanto filósofos quanto lingüistas, em sua maioria, consideram o tempo físico como norma e todas as marcações temporais do discurso como desvios da norma. Ele considera que, por meio da hierarquização, em cujo topo encontra-se o tempo físico, o conceito de tempo passa a se dar pela sua espacialização. Noções como *antes*, *depois*, *até*, todas elas de origem espacial, passaram a exprimir relações temporais. É apenas com o conceito de enunciação em BENVENISTE (1970) que o conceito de temporalidade vai se reorganizar, apesar das preocupações de GUILLAUME (1993) em equilibrar língua e discurso.

O número 112 da *Langages* surge a partir de hipóteses novas advindas da semântica e da pragmática lingüística, mais especificamente sobre a anáfora e a dêixis, e da emergência de trabalhos da pragmática sobre a referência, em particular da referência temporal. Os trabalhos voltados para as questões do intervalo (de tempo) e da relação causal entre enunciados (e suas relações com o tempo) são analisadas do ponto de vista da TR (SPERBER e WILSON, 1989).

A revista organizada por BRONCKART *et al.* (1993) reúne estudos do domínio da psicologia da linguagem que têm como objeto central as ações humanas, com foco na estrutura temporal de alguns gêneros textuais já constituídos e de textos produzidos em situação experimental.



Ainda na mesma década, mais precisamente em 1998, outra publicação reúne 9 textos sob o título *Temps et Discours*, a partir do Segundo Colóquio Internacional *Chronos*,<sup>36</sup> ocorrido em 1997, em Bruxelas. De uma maneira geral, os artigos publicados têm em comum a análise da temporalidade numa perspectiva discursiva, na qual o discurso é tomado como toda produção lingüística coerente. Os três aspectos da relação entre tempo e discurso abordados são: a referência temporal, a relação entre tipo de discurso e tempos verbais, e as manifestações discursivas do desenvolvimento do sistema temporal no decorrer da aquisição de língua. Como afirmam os colaboradores dessa publicação, o debate sobre os diversos aspectos da relação entre temporalidade e discurso “...*n'est pas clos*”<sup>37</sup> (VOGELLER, BORILLO e VETTERS 1998:10).

## 2.6 Tempo e modalização

A complexidade da expressão do tempo não permite sua análise isolada de outras categorias como a pessoa, o aspecto e a modalização. Dá-se o nome de modalização a um processo por meio do qual o enunciador manifesta uma atitude em relação ao destinatário ou ao conteúdo de seu próprio enunciado. As modalidades constituem facetas desse processo maior – a modalização, e recobrem noções do interesse de lógicos, lingüistas e semióticos.

A lógica considera a modalidade, em seu sentido estrito, quando o conteúdo proposicional de um enunciado é, de alguma forma, modificado pela idéia de necessidade, impossibilidade, possibilidade ou contingência. Trata-se, pois, das

---

<sup>36</sup> O Colóquio Internacional *Chronos* encontra-se na sexta versão, prevista para Outubro/2004, em Genebra, onde se concentram diversos estudiosos sobre o *tempo*.

<sup>37</sup> "... não está encerrado." (tradução nossa)

modalidades aléticas (ou ônticas), ou do quadrado lógico, cujo estudo foi iniciado por Aristóteles.

Em um sentido amplo, toda asserção modificada por um advérbio qualquer passa a ser considerada modalizada. Em termos gerais, uma teoria da modalidade ampla considera que todo enunciado é modalizado.

CHARAUDEAU e MAINGUENEAU (2002) afirmam que só recentemente a modalidade foi problematizada e apontam que, inicialmente, BALLY (1965) distinguia duas dimensões em todo enunciado: o *modus* e o *dictum*. O *dictum* corresponde ao conteúdo proposicional e o *modus* à atitude do sujeito em relação a esse conteúdo; ambos nem sempre explícitos. Lembrem que, para CULIOLI (1968) a modalidade apresenta sentido multifacetado: 1) afirmativo ou negativo, injuntivo, etc., 2) certo, provável, necessário, etc., 3) apreciativo, feliz; e 4) pragmático, implicando uma relação entre os sujeitos. Outro lingüista que se debruçou sobre o assunto foi MEUNIER (1974) *apud* CHARAUDEAU e MAINGUENEAU (2002) que distingue modalidades de enunciação e modalidades de enunciado. Entre as primeiras, encontram-se as forma de comunicação da frase (interrogativa, assertiva ou declarativa e imperativa). As modalidades do enunciado correspondem às *modalidades lógicas* (possível, necessário, certo, inverossímil, obrigatório), *modalidades apreciativas* ou *avaliativas*.

A modalização foi estudada por Benveniste (1974) como parte de um fenômeno maior, a *auxiliaridade* (estudo dos verbos auxiliares) que, segundo ele, pode indicar

respectivamente *temporalidade*, *diátese*<sup>38</sup> e *modalização*. Benveniste se interessou, portanto, pela modalização *verbal* e não pelas modalizações através de advérbios (talvez, sem dúvida, felizmente,...), ou da escolha dos modos verbais e das orações subordinadas (condicionais, concessivas).

A partir de uma forma lógica, a Semiótica busca saber se é possível estabelecer uma lista de categorias, uma classificação delas e as regras de um possível ordenamento. GREIMAS e COURTÉS (1993) descrevem diferentes modalidades de *poder*, *saber*, *dever*, *querer* ou *aléticas* (necessidade / contingência / impossibilidade / possibilidade), *epistêmicas* (certeza/incerteza / permissão / improbabilidade / probabilidade), *deônticas* (prescrição / facultatividade / interdição / permissividade), *veredictórias* (ser / não-ser / parecer / não-parecer).

As teorias lingüísticas da modalidade propiciam uma gama de análises tão ampla que se torna difícil um mapeamento definitivo. Por isso, CAMPOS (1997) considera a modalidade uma das áreas mais misteriosas da lingüística e “... a despeito do muito que se tem escrito, surgem constantemente novos estudos procurando descrever o comportamento caprichoso dos marcadores modais”. (CAMPOS, 1997:173)

Nas últimas décadas, a descrição das modalidades lógicas tem aumentado consideravelmente. As descrições de LE QUERLER (1996) incluem, além das aristotélicas ou aléticas, as modalidades *deônticas*, que dizem respeito àquilo que recomenda a regra social moral, etc., a exemplo de *...adolescents should not bear children*<sup>39</sup> (Texto 4, ANEXO 4, linha 58); as modalidades *epistêmicas*, do domínio do

---

<sup>38</sup> Para Benveniste (1974), a diátese diz respeito às construções passivas, que são compostas de verbo auxiliar acompanhado de particípio passado.

<sup>39</sup> Adolescentes não devem ter crianças. (tradução nossa)

certo, do duvidoso, do saber, da crença, a exemplo de *American adolescents... may not use them (contraceptives) as effectively*<sup>40</sup> (Texto 4, ANEXO 4, linhas 59-61); as modalidades *temporais*, que relacionam a temporalidade com a modalidade, a exemplo de *Il s'est trouvé que Pierre est venu*<sup>41</sup> ou *Il se trouve toujours que Pierre vient*<sup>42</sup> (exemplos extraídos de LE QUERLER, 1996:42)<sup>43</sup>; as modalidades *axiológicas* (ou apreciativas), que marcam a avaliação do conteúdo proposicional, etc., a exemplo de *We wanted to share our findings to date*<sup>44</sup> (linhas 24/25, Texto 3, ANEXO 3).

Para LE QUERLER (1996) a modalização "... é a expressão da atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado". Assim, "Ele corre" seria uma asserção; "Ele pode correr", "Ele deve correr" e "Eu quero que ele corra" seriam enunciados modalizados, expressando dúvida, apreciação ou desejo, respectivamente. Ao situar sua proposta de classificação das modalidades entre uma concepção restrita e outra ampliada, LE QUERLER (1996) afirma serem as marcas formais da modalização os índices

- de entonação;
- morfológicos: modos e tempos verbais;
- lexicais: os verbos modais como saber, querer, dever, poder, etc. E os advérbios modais, tais como: talvez, sem dúvida, infelizmente, etc.;
- sintáticos: as orações subordinadas que marcam uma modalidade implicativa, de circunstâncias modais como, *na minha opinião*.

---

<sup>40</sup> Pode ser que adolescentes americanos não usem contraceptivos de forma eficaz. (tradução nossa)

<sup>41</sup> Aconteceu de Pedro ter vindo. (tradução nossa)

<sup>42</sup> Acontece que Pedro sempre vem. (tradução nossa)

<sup>43</sup> As modalidades temporais, na concepção de George Kleiber, dizem respeito ao uso esporádico de poder com o sentido de às vezes, como em *Les Alsaciens peuvent être obèses* (Os alsacianos podem ser (às vezes são) obesos). Exemplo citado por LE QUERLER (1966:55).

<sup>44</sup> Desejamos compartilhar nossas descobertas feitas até o momento.

A autora propõe a classificação das modalidades em torno do sujeito enunciador, conforme segue:

- 1) *modalidade subjetiva*, que expressa uma relação entre o sujeito enunciador e o conteúdo proposicional de seu enunciado. Ela pode se dividir em modalidade *epistêmica e apreciativa*.
- 2) *modalidade intersubjetiva*, que expressa uma relação entre o sujeito enunciador e outro sujeito, a propósito do conteúdo proposicional;
- 3) *modalidade objetiva*, que não depende do julgamento do sujeito enunciador, nem de sua apreciação ou de sua vontade.

Independentemente da orientação lógico-semântica, pragmática ou psicossocial, as diversas visões sobre a modalidade (ou modalização) merecem algumas ressalvas. A tentativa de relacionar categorias formais (estatuto da frase, os modos verbais e os advérbios) com a modalidade não é suficiente para captar a totalidade desse fenômeno, além do fato de não haver correspondência exclusiva entre uma categoria conceitual e uma forma. Para CHARAUDEAU (1992), a modalização é parte constitutiva da enunciação, na medida em que permite explicitar as posições do falante em relação ao seu interlocutor, em relação a si mesmo e a seu propósito comunicativo, podendo encontrar-se implícita no discurso (não materializada na forma de categorias lingüísticas) por intermédio de outros índices como entonação, gestos, olhares, pontuação, etc. Trata-se, pois, de uma categoria conceitual (e não formal) à qual correspondem alguns meios de expressão que permitem indiciar as posições do sujeito e suas intenções comunicativas.

CHARAUDEAU (1992) considera que, para se posicionar de uma forma particular, o locutor dispõe de três atos locutivos:

- 1) ato *alocutivo*, no qual o locutor implica o interlocutor em seu ato de enunciação e lhe impõe o conteúdo de seu propósito;
- 2) ato *elocutivo*, por meio do qual o locutor situa seu propósito em relação a si mesmo, em seu ato de enunciação. Ele revela sua própria posição em relação ao que diz;
- 3) ato *delocutivo*, em que o locutor deixa a tematização se impor, fazendo como se não fosse seu responsável. Tanto o locutor quanto o interlocutor encontram-se ausentes; é como se o ato de enunciação fosse desligado da locução.

Os atos locutivos podem ser especificados em subcategorias denominadas, por CHARAUDEAU (1992), de *modalidades enunciativas*. A *injunção* (forma particular de o locutor implicar o interlocutor de modo a não deixá-lo com alternativa em sua reação – caso da sugestão), a *interrogação* e a *interpelação* seriam maneiras diferentes de manifestação de ato alocutivo. *Opinião, apreciação, obrigação, promessa e acordo* são formas particulares de manifestação de atos elocutivos, por meio dos quais o locutor manifesta o seu ponto de vista sobre o que diz. As assertivas e o discurso relatado constituem manifestações de atos delocutivos, nos quais o propósito existe enquanto tal e se impõe aos interlocutores.

Por fim, CHARAUDEAU (1992) chama a atenção para o fato de uma mesma modalidade enunciativa poder ser configurada de diversas maneiras: 1) pelas marcas formais explícitas (verbos modais, advérbios, adjetivos, estatuto das frases, etc.) ou 2) pela própria situação de comunicação. Nesse caso, um enunciado em princípio não modalizado como *Ela foi embora* pode ser considerado uma confissão (algo como "Vou te confessar uma coisa: ela foi embora").

As diversas visões sobre a modalização revelam o caráter difuso da questão que, segundo SILVA (2002), deve-se ao caráter não-lógico das línguas naturais. No ensino de línguas estrangeiras, sobretudo no de inglês, o fenômeno é tratado principalmente em sua manifestação verbal, como faz Benveniste. Pelos efeitos de sentido que produz, ao transformar assertivas em enunciados modalizados, depara-se com um fenômeno lingüístico ainda pouco explorado. Se o fenômeno em si é difuso, sua relação com outros fenômenos como tempo e aspecto só faz aumentar o interesse de estudiosos em questões discursivas.

## **2.7 Considerações gerais**

No capítulo 2, foram apresentados, a partir da teoria da enunciação, outros olhares sobre a expressão do tempo como categoria que permite a transformação da língua em discurso. Foram evocadas as teorias da enunciação, de Émile Benveniste, cuja motivação primeira concentrou-se no estudo dos tempos verbais do francês, e a teoria dos tempos verbais de Harald Weinrich, a partir da lingüística textual. As críticas e as contribuições das duas teorias mostram que as manifestações do tempo, combinado a outras categorias como o aspecto e a modalização, estão longe de propiciarem análises consensuais. Perpassando as teorias evocadas, a referência temporal parece constituir mais um conceito importante a ser levado em conta na transformação da língua em discurso. O próximo capítulo é dedicado à estrutura temporal do discurso e à questão da referência temporal, do ponto de vista da lógica, da semântica e da pragmática, propiciando o entendimento das interpretações de leitores sobre a categoria do tempo e de suas inter-relações com categorias afins.

### 3. A referência temporal

Este capítulo apresenta um levantamento teórico de estudos sobre a temporalidade, que evocam o semantismo de algumas classes (em especial verbos e adjuntos), discutem o conceito de tempo de referência como forma de explicar as manifestações lingüísticas do tempo, e discorrem sobre os efeitos de sentido do tempo no discurso.

#### 3.1 Lingüísticas enunciativas

Partindo do princípio que compete à lingüística enunciativa identificar, descrever e estruturar o conjunto de fatos, KERBRAT-ORECCHIONI (1999) postula a existência de duas concepções dessa lingüística: uma restrita e outra ampliada.

Concebida de forma ampliada, a lingüística enunciativa procura se ocupar das relações entre o enunciado e os elementos constitutivos do quadro enunciativo (QE) que são:

- os protagonistas do discurso;
- a situação de comunicação, isto é: as circunstâncias espaço-temporais e as condições gerais da produção/recepção.

Ao rever o modelo de comunicação de JAKOBSON (1963), KERBRAT-ORECCHIONI (1999) elabora modelos de produção e de recepção que permitem dar conta da conversão da língua em discurso. Para tanto, ela se insere no domínio da lingüística enunciativa restrita. A lingüística enunciativa em sua concepção restrita só se interessa por um dos parâmetros constitutivos do QE: o locutor-escritor.



Segundo KERBRAT-ORECCHIONI (1999), numa perspectiva ampliada, os fatos enunciativos são unidades lingüísticas que indiciam a inscrição, num enunciado, de um dos parâmetros do QE, enquanto que, numa perspectiva restrita, os fatos enunciativos são traços lingüísticos da presença do locutor, em um enunciado.

Os dêiticos, como fatos enunciativos, permitem, ao mesmo tempo, a apropriação da língua por um locutor e sua organização em torno de coordenadas espaço-temporais. Assim, os dêiticos podem ser descritos do ponto de vista de uma concepção restrita da lingüística enunciativa.

### **3.2 Dêiticos e referência**

Grosso modo, os dêiticos correspondem a uma classe de palavras que funcionam como operadores de atualização. A tríade enunciativa *pessoa, espaço e tempo* consiste em uma ancoragem referencial (aparelho formal da enunciação, para BENVENISTE, 1970) de todo discurso. A referência é, pois, um termo que designa a relação entre uma expressão da língua em uso e um objeto no mundo, ou, nos termos de KERBRAT-ORECCHIONI (1999), referência é o estabelecimento de relação entre o enunciado e o referente, isto é, o conjunto de mecanismos responsáveis pela correspondência de certas unidades lingüísticas à realidade extralingüística. A referência pode ser representada da seguinte forma:

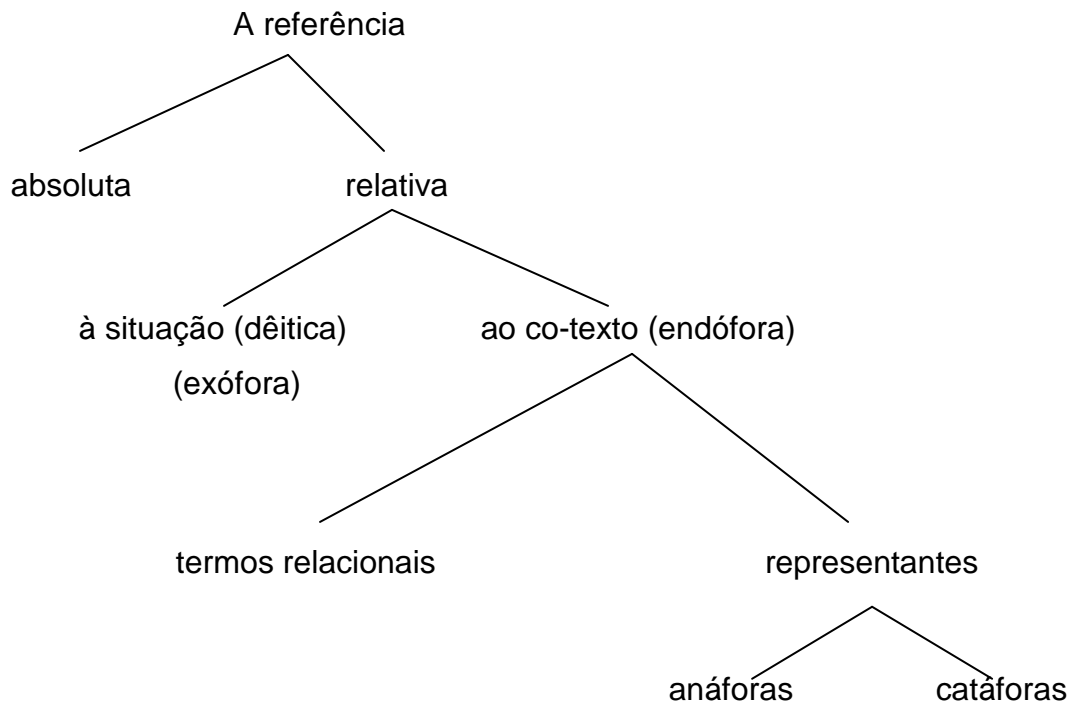


Figura 4 – A referência segundo KERBRAT-ORECCHIONI, 1999 (adaptado)

### 3.2.1 Um exemplo de referência – a temporalidade

Como exemplo de referência temporal absoluta, podem-se citar as datas. No esquema de KERBRAT-ORECCHIONI (1999), as referências relativas subdividem-se em dois grupos: as que dependem da situação de comunicação, como em

*Viajo amanhã para Londres,*<sup>45</sup>

e as que estão ancoradas no contexto, como em

*Estive no boulevard Champs Élisées na véspera do Natal.*<sup>46</sup>

As referências cotextuais apresentam, por sua vez, duas subclasses: os termos relacionais, como a expressão temporal *alguns dias depois*, e os termos representantes, que recebem sua significação via outros termos (ou expressões)

<sup>45</sup> Exemplo fabricado por nós.

<sup>46</sup> Idem.

contidas no próprio texto. Ocorre anáfora, se o termo representar o antecedente; ocorre catáfora se o termo antecipar seu referente. KERBRAT-ORECCHIONI (1999) considera que as manifestações da temporalidade se dão por meio de(a)

- conjugação verbal;
- advérbios e locuções adverbiais;
- algumas preposições e
- alguns adjetivos.

Para a lingüista, os tempos verbais exploram quase que exclusivamente o sistema de referência dêitica, sendo o discurso indireto o único caso de referência temporal cotextual. Os advérbios e as locuções adverbiais, que situam temporalmente os processos, apresentam um duplo jogo de formas dêiticas e relacionais.

### **3.3 A estrutura temporal do discurso (VENDLER e DOWTY)**

A relação entre tempo e discurso apóia-se em alguns conceitos e categorias nem sempre tomados no mesmo sentido. Para esclarecer alguns desses conceitos e categorias, VENDLER (1967) procurou desvendar, por meio da categoria dos verbos, uma maneira particular de expressão do tempo, diferentemente de sua divisão tradicional em presente, passado e futuro. A categoria dos verbos, segundo VENDLER (1967), pressupõe o que denomina *time schemata*, uma espécie de *esquemas temporais*. Para demonstrar a existência desses esquemas, ele analisa alguns verbos do inglês que expressam um processo ao longo do tempo, como em *I am running* (Estou correndo), como resposta para a pergunta 1: *What are you doing?* (O que você está fazendo?). A pergunta 1 não poderia ser respondida por *\*I am knowing* (Estou conhecendo), o que significa que, em inglês, há verbos que

admitem os tempos progressivos (expressos pela terminação *-ing*) como o verbo *to run* (correr) e verbos que não o admitem, como o verbo *to know* (conhecer). Tal distinção sugere a existência de verbos (como *to run*) que expressam processos que ocorrem ao longo do tempo, ou seja, consistem em uma seqüência de fases. VENDLER (1967) identifica dois tipos de verbos entre os que admitem os tempos progressivos, isto é, verbos que apresentam dois esquemas temporais: o primeiro consiste nos verbos que exprimem atividade e o segundo, verbos que exprimem *accomplishment* (atividade/tarefa finalizada). Exemplo clássico do primeiro tipo é o verbo correr. Se alguém que corre resolve, num dado momento, parar de correr, mesmo assim pode-se dizer que ele correu, ou que ele praticou *a atividade de correr*. Se alguém que pratica o *cooper* (corre 4 km em até 12 minutos) resolve parar definitivamente no meio da corrida, ele não praticou *cooper*. Assim, *praticar cooper* é uma tarefa finalizada. Atividades e tarefas finalizadas são esquemas temporais.

Outra característica dos verbos de atividade consiste no fato de o processo ser distribuído homogeneamente ao longo do tempo, como em *Corri durante 20 minutos*, ou seja, a ação de correr foi distribuída homogeneamente ao longo do tempo. Por outro lado, em *Corri 4 quilômetros em 20 minutos* não quer dizer, necessariamente, que o processo tenha ocorrido homogeneamente, sem interrupção, ao longo do tempo, da mesma forma que, em *Escrevi a tese em 4 meses*, não significa dizer que em todo e qualquer momento do período de 4 meses eu tenha ficado escrevendo, embora estivesse engajado no propósito de fazê-lo.

Os verbos que não apresentam o aspecto progressivo – ou não expressam processo ao longo de um período de tempo – também podem ser subdivididos em dois grupos. O primeiro, chamado de *achievement terms* (termos que expressam a

realização) é composto pelos verbos que se referem a momentos precisos, como em *chegar ao topo*, *vencer a corrida*, *ganhar na loteria*, *reconhecer alguém*, e o segundo grupo, que se refere a certos períodos de tempo, é chamado de *state terms* (termos estativos), tais como: *amar alguém*, *acreditar em algo*, que têm um valor de verdade relacionado a um período de tempo. VENDLER (1967) propõe, portanto, os seguintes esquemas temporais para os verbos (do inglês)<sup>47</sup>:

- 1) **atividade** => *A was running at time t* (A estava correndo no momento t), significa dizer que o instante t pertence a *um* intervalo em que A estava correndo;
- 2) **accomplishment** (tarefa finalizada) => *A was drawing a circle at t* (A estava traçando um círculo no momento t) significa que t está situado *no* intervalo de tempo em que A levou para concluir a atividade;
- 3) **achievement** (expressão de realização) => *A won a race between t1 and t2* (A venceu a corrida entre t1 e t2) significa que o momento em que A venceu a corrida se situa entre t1 e t2;
- 4) **states** (estativos) => *A loved somebody from t1 to t2* (A amou alguém de t1 a t2) significa que, em *qualquer* instante situado entre t1 e t2, A amou alguém.

Como os exemplos citados por VENDLER (1967) são, em sua maioria, acompanhados por expressões adverbiais temporais, DOWTY (1986) levanta a hipótese de que, em discursos que apresentam tarefas finalizadas ou expressões da realização sem a presença de expressões adverbiais, o processo descrito em um enunciado é interpretado como posterior ao processo expresso pelo enunciado antecedente. Isto é, o tempo, num discurso temporalmente marcado, flui naturalmente para frente, noção compatível com a representação do fluxo do tempo por meio de uma seta apontando para a direita. Além disso, no caso da ausência de

---

<sup>47</sup> Os exemplos são de VENDLER (1967).

outras formas temporais, como orações subordinadas ou concordância de tempos, a classe aspectual dos predicados parece determinar as relações temporais, ou seja, na ausência de outra marca mais explícita, os esquemas temporais indicariam a temporalidade discursiva.

A questão central da proposta de DOWTY (1986) não é situar os processos e estados no tempo, mas situá-los uns em relação aos outros, ou seja, ele se interessa pela ordem do discurso, um dos aspectos da temporalidade discursiva. As relações temporais no discurso para DOWTY (1986) são determinadas por meio de(da):

- 1) análise semântica das classes aspectuais (esquemas temporais);
- 2) um princípio de interpretação de frases sucessivas;
- 3) uma dose significativa de implicatura (nos termos de GRICE, 1979) e um raciocínio baseado em conhecimento de mundo.

As classes aspectuais do item 1 referem-se às atividades/tarefas finalizadas/expressões de realização/estativos de VENDLER (1967). A distinção entre tarefas finalizadas e expressões de realização nem sempre apresenta contornos bem definidos. É o caso do verbo *morrer*, que para VENDLER (1967), expressa uma realização e que pode ser também considerado um processo finalizado, já que, do ponto de vista médico, por exemplo, morrer não é um processo instantâneo, mas apresenta uma certa duração. Como o próprio VENDLER (1967) admite, sua classificação de esquemas temporais não pretende contemplar todos os verbos da língua. Admite, ainda, que um mesmo verbo pode expressar mais de um esquema. Sua intenção consiste em sugerir uma forma de descrição do uso de verbos que apresentam dois ou mais esquemas temporais.

O princípio citado no item 2 é denominado *princípio de interpretação do discurso temporal* (doravante, PIDT), no qual, a partir de uma seqüência de sentenças S1, S2, ... Sn a serem interpretadas como discurso temporal, o *tempo de referência* de cada sentença Si é:

- ( i ) o tempo expresso pela expressão adverbial, se houver uma;
- ( ii ) o tempo imediatamente posterior ao tempo de referência de Si – 1.

O tempo de referência corresponde ao tempo em que o evento ou estado efetivamente ocorreu, se se tratar de passado. DOWTY (1986) distingue o tempo do acontecimento de outro que ele chama de tempo da fala (*speech time*), no qual "*...the sentence is heard or read by the reader*"<sup>48</sup> (DOWTY 1986:45). Se o tempo de referência ( i ) for anterior ao momento da fala ( j ), tem-se a expressão do passado. Se ( i ) e ( j ) forem coincidentes, tem-se o presente, e se ( i ) for posterior a ( j ) faz-se alusão ao futuro. Assim, as relações entre tempo do acontecimento e tempo da fala definem semanticamente o passado, o presente e o futuro.

O PIDT prevê que as sentenças com aspectos perfectivos ou progressivos não mencionam o tempo da fala, mas o situa em um outro instante (i1), que mantém uma relação específica com ( i ). As expressões adverbiais definidas situam o tempo de referência em uma data ou momento preciso.

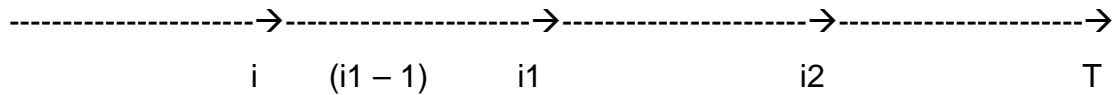
Um exemplo citado pelo próprio DOWTY (1986) parece contradizer a condição ( ii ) do PIDT:

*John hurried to Mary's house after work. But Mary had already left for dinner.* (John correu para a casa de Mary depois do trabalho. Porém, Mary saíra para jantar).

---

<sup>48</sup> "...a sentença é ouvida ou lida pelo leitor." (tradução nossa)

A primeira parte *John hurried to Mary's house after work* encontra-se no *Simple Past* (Pretérito Perfeito regular) e contém, além da desinência *-ed* do verbo *hurry* outra marca temporal *after work*, que poderia ser representada assim:



onde  $i$  = momento em que John terminou seu trabalho;

$i1$  = momento em que John chegou à casa de Mary;

$i1 - i$  = intervalo de tempo entre o término do trabalho e a chegada de John até a casa de Mary;

$i2$  = momento da enunciação (*speech time*);

$T$  = (linha do) tempo.

A segunda frase encontra-se no *Past Perfect* (pretérito-mais-que-perfeito) – *had left*, tempo passado que exprime uma anterioridade em relação a outro evento, também no passado. Quando John chegou à casa de Mary, ela não se encontrava lá. Ela pode ter saído em qualquer momento anterior à chegada de John, inclusive depois de John ter terminado seu trabalho, ou seja, entre  $i$  e  $i1$ . Isso indica que o momento exato da saída de Maria não é recuperável por essa seqüência de frases, podendo estar situado à esquerda ou à direita de  $i$ , mas nunca à direita de  $i1$ , como prevê o PIDT. DOWTY (1986) tenta salvar sua análise do *Present Perfect*, apoiando-se no conceito de implicaturas conversacionais (GRICE, 1979), sugerindo que há recursos na língua para se expressar a simultaneidade entre o tempo da segunda frase e o intervalo entre  $i$  e  $i1$ , e assim descarta a possibilidade de Mary ter saído entre os instantes  $i$  e  $i1$ .



Essa análise mostra que a semântica sozinha não explica a questão do intervalo entre os acontecimentos ou de sua sobreposição temporal, sendo necessário algo mais, como sugere o próprio DOWTY (1986:60): "...*pragmatics inference play a role in determining the ordering of events conveyed by a discourse.*"<sup>49</sup> Em outros termos, a ordem dos eventos depende da significação das frases isoladas, da sua ancoragem a um tempo de referência; da relação da temporalidade da frase com outras frases e da sua atualização (transformação em enunciado). Mesmo se se considerar que o locutor tenha escolhido recursos lingüísticos precisos para expressar seu pensamento, cabe ao ouvinte/leitor a tarefa de fazer o percurso inverso e reconstruir o pensamento daquele que produziu o discurso. É essa reconstrução que nos interessa neste trabalho. Se a língua oferece recursos diversos que indiciam o sentido desejado, não se tem nenhuma garantia de que o dito seja expressão exata da intenção do locutor. Daí, a tarefa complexa do leitor que, ao se deparar com expressão de uma provável idéia, procura sua reconstrução. Se acrescentarmos o fato de o texto ser em língua estrangeira, sua tarefa se torna ainda mais complexa. Não se trata aqui de justificar o possível fracasso do leitor ao interpretar, através do discurso escrito, as relações temporais nele presentes, mas de situar esta tarefa nas perspectivas semântica, pragmática e discursiva da linguagem.

### **3.4 A teoria da referência temporal**

Sob influência da gramática de Port-Royal, BEAUZÉE (1767,1974)<sup>50</sup> *apud* De SAUSSURE (1997) se interessa por uma abordagem referencial dos tempos verbais.

---

<sup>49</sup> "...a inferência pragmática desempenha um papel [significativo] na determinação da ordem dos acontecimentos transmitidos por um discurso." (tradução nossa)

<sup>50</sup> BEAUZÉE, N. *Grammaire générale ou expositions raisonnées des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues.*,. Stuttgart: Friedrich-Fromann Verlag, 1767 / 1974.

Sua obra, mais que uma gramática, consiste em um tratado lingüístico que propõe explicações fundadas na lógica que forma os princípios de elaboração das proposições. Para BEAUZÉE (1767), essa lógica – ou os mecanismos do pensamento, é comum a todos os sujeitos falantes de todas as línguas. A partir de representações derivadas de uma gramática geral (conjunto de princípios), a mente humana forma proposições lógicas e lhes dá forma através de um idioma preciso (de SAUSSURE, 1997).

Para BEAUZEE (1767, 1974) a referência temporal pode ser situada em relação a três pontos de observação chamados de: *existência*, *época/período de comparação* e *ponto fixo da duração*. Uma mesma tripartição da referência temporal é verificada em REICHENBACH (1947), no livro *Elements of Symbolic Logic*. O filósofo alemão tenta ampliar o domínio da lógica simbólica para além da matemática, assim contribuindo para uma teoria geral do conhecimento. A necessidade de ensinar em diversos idiomas levou Reichenbach a adaptar os métodos da lógica ao estudo da linguagem. Considerando que a lógica se ocupa das leis do pensamento, procurou captar processos de pensamento através da linguagem, enquanto possibilidade de comportamentos observáveis.

Em REICHENBACH (1947), a linguagem é vista como constituída de *signos* que ocupam uma posição intermediária entre o *objeto* (designado) e o usuário do signo – a *pessoa*. Nem todos os signos representam a linguagem. Assim, existiriam *signos indexicais*, que apresentam uma conexão causal entre o objeto e o signo (fumaça => fogo), os *signos icônicos*, que apresentam uma semelhança na aparência com o objeto (fotografias) e os *símbolos convencionais* que são tomados como um conjunto de regras da língua.

A mais importante unidade entre os signos é a proposição, tomada por REICHENBACH (1947) como unidade fundamental da comunicação. Ele afirma que "*If we want to communicate meanings to other persons we speak in sentences; a word does not communicate anything unless it stands for a sentence*"<sup>51</sup> (REICHENBACH, 1947:6). O que torna a proposição a unidade fundamental da comunicação é o fato de ela poder ser tomada por verdadeira ou falsa, isto é, seu valor de verdade, o que não acontece com uma palavra isolada. A proposição consiste, pois, em um conjunto significativo de signos convencionais ou símbolos.

### 3.4.1 Usos da língua

Para situar seus estudos sobre a linguagem, REICHENBACH (1947) identifica dois tipos de usos da língua: *uso cognitivo* e *uso instrumental*.

O uso cognitivo está relacionado aos três níveis de língua: o *nível zero*, correspondente aos objetos no sentido absoluto; o *nível 1*, ao objeto lingüístico; o último nível, considerado o nível mais alto da linguagem, consiste na *metalinguagem*, tida como signo do signo. A metalinguagem subdivide-se em três partes: a sintaxe, que trata da relação entre os signos e, portanto, das propriedades estruturais do objeto língua; a semântica, que se refere tanto aos signos quanto aos objetos, em particular ao valor de verdade das proposições; a pragmática, que associa coisas, signos e pessoas.

---

<sup>51</sup> "...se quisermos comunicar significados a outras pessoas, usamos sentenças; uma palavra não comunica nada, a menos que represente uma sentença." (tradução nossa)

**Quadro 3 – Os níveis da língua (uso cognitivo)**

Nível zero	Nível 1	Nível 2 – Metalinguagem		
		Sintaxe	Semântica	Pragmática
Objetos no mundo	Objeto lingüístico	Relação entre signos (propriedades estruturais do objeto língua)	Signos e objetos (valor de verdade das proposições)	Associação das coisas, signos e pessoas

Fonte: Reichenbach, 1947 (adaptado)

Para definir a língua, há regras que identificam o tipo de valor de verdade das proposições, objeto da semântica, e regras de derivação de novas proposições, a partir de proposições dadas. Tais regras de derivação são de dois tipos: as de natureza dedutiva – de proposições verdadeiras para proposições também verdadeiras, e as regras indutivas, que derivam proposições prováveis a partir de proposições verdadeiras.

Para REICHENBACH (1947), o outro tipo de uso da língua – o *uso instrumental*, consiste no objeto da Pragmática, qual seja, o de usá-la para se atingir certos objetivos. Nesse sentido, a língua pode ter um uso comunicativo, sugestivo e *promotive*.

O uso comunicativo consiste em levar o ouvinte/leitor a acreditar que o dito é verdadeiro; o uso sugestivo consiste em levar o ouvinte/leitor a experimentar atitudes volitivas; o uso *promotive* consiste em levar o ouvinte/leitor a agir.

O interesse de Reichenbach concentra-se no uso cognitivo da língua e, em particular, no estudo das regras derivacionais da lógica dedutiva, ou seja, na derivação de proposições verdadeiras a partir de proposições também verdadeiras, através de um tipo de inferência. É com essa visão de língua que REICHENBACH (1947) analisa os tempos verbais.

### 3.4.2 Os tempos verbais

Os tempos verbais (*tenses*) determinam o tempo (*time*) em relação à enunciação (*point of speech* – doravante, S). Uma sentença como

*Peter had gone*<sup>52</sup>,

diz respeito a dois acontecimentos, cujas localizações no tempo se situam em relação ao momento da enunciação S. Esses pontos no tempo seriam respectivamente: o ponto do evento (E) e o ponto de referência (R). Nesse exemplo, E corresponderia ao momento em que Peter saiu, R seria um ponto situado entre E e S.

Em inglês, o *Past Perfect* (expresso por *had gone*, no exemplo anterior) exprime uma ação situada num tempo anterior à outra ação, ambas no passado. A representação do *Past Perfect*, nos termos de Reichenbach é: E – R – S. O hífen entre as letras indica que não há simultaneidade entre os três momentos; sendo que, no caso de ocorrência da simultaneidade, ela é representada por vírgula. No *Simple Past*, por exemplo, dois dos três pontos coincidem, como em

*In 2001 the Twin Towers were destroyed*<sup>53</sup>,

cujas representação é R, E – S.

Assim, a língua inglesa apresenta as seguintes representações para os tempos verbais (*tenses*):

---

<sup>52</sup> Peter tinha ido. (tradução nossa; *apud* REICHENBACH, 1947)

<sup>53</sup> Em 2001, as Torres Gêmeas foram destruídas. (exemplo e tradução nossos)

**Quadro 4 – A estrutura dos tempos verbais básicos do inglês**

Tempos Verbais	Exemplos extraídos de REICHENBACH (1947)	Estrutura
<i>Past Perfect</i>	<i>I had seen John.</i>	----- ----- ----- -----→ E R S
<i>Simple Past</i>	<i>I saw John.</i>	----- ----- -----→ R,E S
<i>Present Perfect</i>	<i>I have seen John.</i>	----- ----- -----→ E S,R
<i>Present</i>	<i>I see John.</i>	----- -----→ S,R,E
<i>Simple Future</i>	<i>I shall see John.</i>	----- ----- -----→ S R,E
<i>Future Perfect</i>	<i>I shall have seen John.</i>	----- ----- ----- -----→ S E R

Fonte: REICHENBACH (1947:290).

REICHENBACH (1947) considera que a dificuldade dos gramáticos em explicar os diferentes sentidos dos *tenses* encontra-se no fato de ignorarem a estruturação da organização temporal segundo os três pontos S, E, R.

Quando um evento tem uma certa duração, expressa pelo particípio presente em inglês (*-ing*), como em

*I had been seeing John.*<sup>54</sup>

a estrutura (em três pontos) pode ser também aplicada na representação desses tempos "estendidos" (ou contínuos). Assim, teríamos as seguintes representações:

<sup>54</sup> ?Tinha estado vendo John.

**Quadro 5 – Estrutura dos tempos verbais estendidos (do inglês), segundo REICHENBACH (1947)**

Tempos Verbais	Exemplos extraídos de REICHENBACH (1947)	Estrutura
<i>Past Perfect</i>	<i>I had been seeing John.</i>	-----xxxx----- ----- -----→ E R S
<i>Simple Past</i>	<i>I was seeing John.</i>	-----xxxx----- -----→ R,E S
<i>Present Perfect</i>	<i>I have been seeing John.</i>	-----xxxx----- -----→ E R,S
<i>Present</i>	<i>I am seeing John.</i>	E -----xxlxx-----→ S,R
<i>Simple Future</i>	<i>I shall be seeing John.</i>	----- -----xxxx-----→ S,R E
<i>Future Perfect</i>	<i>I shall have been seeing John.</i>	----- -----xxxx----- -----→ S E R

Fonte: REICHENBACH (1947:290)

Outra análise feita por REICHENBACH (1947) trata da determinação do tempo por meio de expressões adverbiais. No enunciado *I met him yesterday, yesterday* indica necessariamente o ponto de referência R, que coincide com o tempo do evento, cuja estrutura é R,E – S (ver Quadro 4). Palavras como: *quando, antes e depois*, que são marcas temporais, também são analisadas, do ponto de vista da semântica temporal de REICHENBACH (1947), como indicadores do ponto de referência R e não necessariamente como a localização temporal do evento. Trata-se, pois, de mais uma ferramenta para análise da *enunciação embreada/debreada* assim denominada por MAINGUENEAU (1999). REICHENBACH (1947:295) considera esses usos como “*positional use of reference point*.”<sup>55</sup> Assim, ele sugere que o princípio de permanência do ponto de referência pode ser substituído pelo *princípio do uso posicional do ponto de referência*, como em

<sup>55</sup> "uso posicional do ponto de referência." (tradução nossa)

*He was healthier when I saw him than he is now*<sup>56</sup>,

que apresenta a seguinte estrutura:

1 – <i>He was healthier ... than</i>	R1, E1 – S
2 – <i>when I saw him</i>	R2, E2 – S
3 – <i>he is now</i>	S, R3, E3

A primeira e a segunda proposições apresentam o mesmo tempo de referência (R1 = R2), o que não acontece com a última proposição, na qual a presença do *now* identifica o ponto de referência R3, que coincide com a enunciação S e com o ponto do evento E3.

### 3.4.3 Uma teoria neoreichenbachiana

A partir da idéia de que um falante nativo pode produzir e compreender uma infinidade de sentenças marcadas temporalmente, com estruturas complexas, HORNSTEIN (1990) postula a existência de uma competência temporal parecida com a competência sintática; isto é, ele admite a existência de princípios que operam na gramática do tempo cujos traços são apre(e)ndidos naturalmente pelos falantes.

A teoria do tempo de HORNSTEIN (1990) é uma versão gerativista da teoria de REICHENBACH (1947), na qual procura explicar as propriedades das configurações complexas do tempo em inglês, além de examinar como os *tenses* integram os advérbios na estrutura temporal de enunciados. A seqüência temporal (encadeamento) é analisada a partir da dependência entre os *tenses* em orações subordinadas. HORNSTEIN (1990) conclui que *tenses* comportam-se mais como modificadores do que operadores, isto é,

---

<sup>56</sup> Ele estava mais saudável [antes] quando o encontrei do que está agora. (tradução nossa)



sua natureza é mais próxima dos adjetivos ou advérbios do que dos quantificadores ou *wh-elements* (palavras interrogativas, tais como *when, what, who, etc*).

O objetivo maior do autor é descrever o sistema temporal da língua inglesa, de modo a explicar os sistemas dos *tenses* nas línguas naturais, em geral. Para isso, por questões metodológicas, ele não trata da relação do tempo com o aspecto verbal, a exemplo de WEINRICH (1973). Assim, ele ignora a extensão temporal dos eventos (indicada pelo aspecto progressivo, em inglês, a forma *-ing*, ou tempos estendidos, em REICHENBACH, 1947), por se tratar de uma característica aspectual. Se, por um lado, houve uma atitude reducionista, por outro, a relação entre *tenses* e advérbios recebe atenção especial na teoria neoreichenbachiana de HORNSTEIN (1990), para quem as estruturas temporais complexas surgem por meio da presença de advérbios nas estruturas básicas (*basic temporal structure*, ou BTS). Certas características da estrutura básica devem ser mantidas após a presença dos advérbios, as quais podem alterar tanto a posição de tempo de referência (R) quanto a do tempo do evento (E), mas nunca a do momento da fala (S). A compreensão do discurso com estrutura temporal complexa implica a compreensão da estrutura básica subjacente. Assim, a presença de advérbios como *yesterday, now* e *tomorrow* deslocam os pontos de referência temporal: *now* move os pontos R e E para próximos de S; *tomorrow* movimentam R e E para a direita de S; *yesterday* move E e R para a esquerda de S.

**Quadro 6 – Estrutura de alguns marcadores temporais**

<b>Estrutura</b>	<b>Marcadores temporais</b>
E , R , S	<i>Now</i>
S – R , E	<i>Tomorrow</i>
E , R – S	<i>Yesterday</i>

Fonte: HORNSTEIN (1990)

A presença de diversos advérbios numa mesma sentença fornece evidências da existência de pontos de referência para todos os *tenses*, não apenas os *Perfect Tenses* como afirmam as gramáticas. Mesmo a posição dos advérbios de tempo, em inglês, pode provocar interpretações diferenciadas. É o que se observa nos exemplos citados por HORNSTEIN (1990):

a) *At 3 P.M. John had left the store.*<sup>57</sup>

b) *John had left the store at 3 P.M.*<sup>58</sup>

Em a) John saiu antes das 3 horas, e em b) John saiu exatamente às 3 horas ou seja, o marcador temporal colocado no início da sentença está mais associado com o ponto R do que com o ponto E, o que indica que a associação dos advérbios com os deslocamentos dos pontos E ou R vai depender de sua posição na frase.

O *Future Perfect Tense* apresenta uma estrutura complexa, o que não impede uma análise dos pontos de referência. A sentença citada e analisada por HORNSTEIN (1990):

*Tomorrow, John will have left for Paris a week ago.*<sup>59</sup>

apresenta a estrutura E – S – R, ou seja, o ponto de referência encontra-se após a enunciação, e o evento (a ida de John para Paris), 6 dias antes do ponto de referência. O marcador de tempo *tomorrow* é responsável pelo deslocamento do ponto de referência e a expressão *a week ago* é responsável pela localização do evento sete dias antes do ponto de referência, portanto, 6 dias antes da enunciação.

---

<sup>57</sup> Às 3 da tarde, John tinha deixado a loja. (tradução nossa)

<sup>58</sup> John havia deixado a loja às 3 da tarde. (tradução nossa)

<sup>59</sup> Amanhã completa uma semana que João foi para Paris. (tradução nossa)

A teoria dos tempos de HORNSTEIN (1990) considera que os *tenses*:

- funcionam como expressões adverbiais, diferentemente de outras teorias que os vêem como operadores ou da mesma natureza que os pronomes;
- são compostos de 3 pontos de referência (S, R, E), como em REINCHENBACH (1947), o que facilita o conceito de tempo possível como um conceito universal de *tense*;
- apresentam duas regras básicas: a regra para os conectivos temporais e a regra da seqüência dos tempos, o que quer dizer que apenas *tenses* adjacentes podem interagir entre si (*Simple Past* ↔ *Past Perfect*, por exemplo);
- podem ser relacionados com seus respectivos morfemas (pelo menos em inglês);
- apresentam uma relação entre sua organização sintática e sua interpretação.

Para HORNSTEIN (1990), os princípios do sistema temporal são inatos e conduzem o processo de aquisição, levando qualquer criança à realização de três tarefas:

- entender os *tenses* na língua a que está exposto;
- identificar os morfemas e suas respectivas estruturas temporais básicas (BTSs);
- identificar as regras a serem aplicadas nas combinações temporais.

De acordo com a teoria de HORNSTEIN (1990), o dispositivo (inato) de aquisição temporal é ativado pela exposição do falante às ocorrências de sentenças temporalmente marcadas. O que distingue a teoria neoreichenbachiana das outras é seu caráter universal, isto é, a tentativa de alcançar alguns princípios que ocorreriam em todas as línguas.

Fazendo uma analogia entre o processo de aquisição de LM e o de aprendizagem de LE, parece ser possível, através da leitura em LE, a interpretação temporal de sentenças a partir dos mesmos princípios. A fim de descobrir a estrutura dos *tenses* em uma LE, é provável que o leitor compare a ocorrência na LE com algumas das BTSs da LM. Como os *tenses* estruturam-se de maneira diferente de língua para língua, isso pode provocar um custo (cognitivo) adicional na interpretação de discurso temporalmente marcado.

### 3.5 A proposta pragmática para a referência temporal

Os fatos enunciativos podem também ser vistos a partir de uma teoria pragmática (pós Austin). É o que propõem MOESCHLER *et al.* (1994) e MOESCHLER (1998) para tratarem da referência temporal. Eles consideram que as categorias temporais não são dêiticas nem anafóricas, mas que apresentam *usos* dêiticos ou anafóricos, cuja referência deve ser calculada, tratando-se, portanto, de um problema pragmático ligado ao uso da língua. Tal abordagem procura explicar o problema do *intervalo* (entre eventos ou acontecimentos), da *ordem temporal* (encadeamento) e da *relação de causa*, bem como tratar das seguintes questões:

- a relação entre as categorias gramaticais dos tempos verbais (*tenses*) e as categorias conceituais (anterioridade, simultaneidade, posterioridade);
- o caráter anafórico e/ou dêitico dos tempos verbais;
- a relação entre a semântica do tempo e a semântica do espaço;
- as relações temporais nos textos;
- a co-ocorrência de tempos do passado e de expressões dêiticas no estilo indireto livre e na narração.

MOESCHLER *et al.* (1994) consideram que, em teorias sobre a temporalidade, se encontram teses como:

- os tempos verbais compõem um sistema que varia de língua para língua;
- os tempos verbais têm conteúdo representacional, cada tempo correspondendo a diferentes valores semânticos;
- o conteúdo representacional dos tempos verbais é ora temporal, ora aspectual e ora modal;
- há limitações de emprego de tempos verbais nos planos lingüístico e textual.

A crítica de MOESCHLER *et al.* (1994) a respeito de tais teses deve-se ao fato de elas apresentarem o problema da referência temporal independente de outros problemas semânticos e pragmáticos.

Com o objetivo de dar um novo tratamento à referência temporal, MOESCHLER *et al.* (1994) apóiam-se na distinção entre *referência virtual* e *referência atual* (MILNER, 1982). A referência atual de uma expressão é o segmento da realidade associado a uma seqüência lingüística, enquanto que a referência virtual é o conjunto das condições que caracterizam a expressão. Uma definição de dicionário representa, portanto, a referência virtual ou sentido lexical de uma unidade. Uma vez empregada (enunciada ou atualizada), a unidade lexical é portadora de uma referência atual.

Outro conceito importante na teoria pragmática da referência temporal é o da autonomia. MOESCHLER (1994) considera os advérbios como expressões temporais autônomas, por fixarem um ponto de referência em relação ao qual outras marcas temporais (principalmente os tempos verbais) fixam sua localização. Quando a

significação lexical de um termo referencial é suficiente para determiná-lo, diz-se que tal termo possui autonomia referencial. Por outro lado, os termos que são desprovidos de significação lexical são privados de autonomia referencial. Os pronomes pessoais, por exemplo, são expressões não-autônomas referencialmente.

Seguindo o raciocínio de MILNER (1982), MOESCHLER (1994) admite a existência de expressões temporais autônomas e não-autônomas. As expressões temporais autônomas têm a função de fixar uma localização temporal, a partir do qual outras marcas vão entrar em relação, sobretudo os tempos verbais. KERBRAT-ORECCHIONI (1999) chama essas mesmas expressões de referência absoluta. Para MOESCHLER (1994), tais expressões podem ser de referência *imprecisa*, tais como: *era uma vez, um dia, quando João chegou*; ou de referência *precisa*, tais como: *em 1956, no dia x, às tantas horas, quando o sol saiu, à noite, etc.*

As expressões temporais autônomas referencialmente permitem a anáfora temporal, na medida em que fornecem uma ancoragem às expressões referenciais não autônomas. Esse raciocínio remete a uma das condições do PIDT (Princípio de Interpretação do Discurso Temporal) de DOWTY (1986), segundo o qual o tempo de referência de uma dada sentença é fornecido pela expressão adverbial (quando e se ocorrer) ou pelo tempo que sucede imediatamente o da sentença anterior.

As expressões temporais não-autônomas constituem o conjunto das referências dêiticas e anafóricas. As expressões dêiticas contêm instruções que permitem uma interpretação atual variável, em função do momento de enunciação. Por exemplo, na ocorrência

*Depois de amanhã, Auchlin vai estar em uma banca em Paris,*<sup>60</sup>

a expressão *depois de amanhã* só vai se referir ao dia 10/02/2002, se enunciada no dia 08/02/2002 (como foi o caso). A referência temporal atual se altera, caso a enunciação ocorra em dias diferentes.

As expressões não-autônomas anafóricas entram em relação com uma expressão que fixa a referência temporal. É o que ocorre em

*Antes do derrame, ela comia com as próprias mãos,*<sup>61</sup>

em que o fato de *comer com as próprias mãos* se situa num tempo anterior ao fato de *ter sofrido um derrame*; diferentemente de

*Ela comia com as próprias mãos,*

cujas interpretações não têm ancoragem temporal.

MOESCHLER (1994) apresenta duas definições de referência temporal:

**Definição 1:** *"La référence temporelle actuelle d'une expression temporelle est un moment (point ou intervalle temporels) assigné dans lequel elle apparaît."*<sup>62</sup>  
(MOESCHLER, 1994:92)

**Definição 2:** *"La référence temporelle virtuelle d'une expression ou marque temporelle est l'ensemble des conditions permettant de définir sa référence temporelle actuelle."*<sup>63</sup>  
(MOESCHLER, 1994:92)

Outra definição importante no quadro geral da pragmática da referência temporal de MOESCHLER (1994) é a de evento/acontecimento, que consiste no que denota a

---

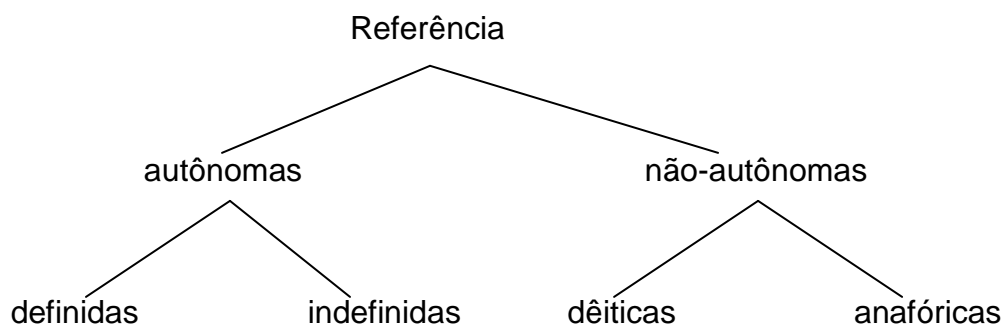
<sup>60</sup> Exemplo fabricado por nós.

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> "A referência temporal atual de uma expressão temporal é um dado momento (ponto ou intervalo) designado ao enunciado ao qual ela pertence." (tradução nossa)

<sup>63</sup> "Uma referência temporal virtual de uma marca temporal é o conjunto das condições que permitem definir sua referência atual." (tradução nossa)

construção verbal de uma frase, podendo ser indiciado temporalmente. De acordo com o seu grau de autonomia, MOESCHLER (1994) classifica as referências da seguinte forma:



**Figura 5 – Classificação das referências, segundo MOESCHLER (1994)**

Mesmo considerando que nem todas as frases contêm expressões temporais (autônomas ou não-autônomas) que permitam localizar a referência atual, há princípios pragmáticos que possibilitam a interpretação dessas expressões. Em relação aos tempos verbais, MOESCHLER (1994) considera-os dêiticos *par défaut*, isto é, eles não são de natureza dêitica, mas se comportam como tal. De acordo com essa tese, qualquer indicação temporal pode desempenhar a função de localização, ancoragem. Na ausência dessas, faz-se necessária uma interpretação relativa ao contexto de enunciação. Para REICHENBACH (1947), há sempre um ponto de referência, mesmo que coincida com o momento da fala (S).

São três os princípios pragmáticos da referência temporal, apontados por MOESCHLER (1994):

- princípio de atualização do AGORA, que fornece o procedimento de interpretação de um enunciado que não tem outra indicação temporal;
- princípio da localização do ponto de referência temporal, versão pragmática do princípio da ordem temporal de DOWTY (1986), segundo o



qual toda indicação temporal pode vir a ser o ponto de referência temporal do enunciado. Se, numa seqüência, um dado enunciado não apresenta marca temporal, a referência temporal anterior é mantida;

- princípio de localização temporal dos dêiticos, de acordo com o qual os dêiticos temporais designam um instante (ponto ou intervalo) em relação à enunciação e aos participantes da enunciação.

Os princípios apontados por MOESCHLER (1994), com o objetivo de explicar a referência temporal, não são *ad hoc*, mas decorrem do *princípio da relevância*. Trata-se de considerar a referência como *procedural*, qualificação associada à distinção feita por SPERBER & WILSON (1986, 2001) que distinguem dois tipos de informações codificadas lingüisticamente: a conceitual e a procedural. Enquanto a informação conceitual traz em si um conceito sob forma lingüística, a procedural oferece instruções sobre a maneira de a informação ser tratada.

Uma distinção entre a abordagem pragmática da referência temporal e a abordagem lógica ou semântica diz respeito aos aspectos verifuncionais dos enunciados.<sup>64</sup> MOESCHLER (1994) argumenta em favor de um tratamento não-verifuncional dos tempos verbais. Para ele, ao se considerarem os tempos verbais portadores de instruções procedurais não-verifuncionais, torna-se possível explicar questões como certos encadeamentos temporais, a ordem e o intervalo dos eventos. A idéia de se questionar o estatuto verifuncional dos enunciados tem bases no conceito de implicatura de GRICE (1979). A partir desse conceito, REBOUL e MOESCHLER (1998) e MOESCHLER (1999) identificam uma ruptura entre a lingüística e a pragmática, na medida em que a verifuncionalidade implica uma separação definitiva entre aspectos

---

<sup>64</sup> A abordagem verifuncional da semântica ancora-se na relação entre a linguagem e o mundo; ou seja, o significado é uma função das condições de verdade. Nessa perspectiva, ao usarmos a linguagem, falamos sobre o mundo, mesmo que seja do mundo ficcional, dos sonhos, etc. (PIRES de OLIVEIRA, 2001)

semânticos (portanto lingüísticos) e aspectos pragmáticos. Segundo os autores, tal ruptura justifica-se em função das seguintes idéias:

- enquanto os fatos semânticos são verifuncionais, os pragmáticos não determinam o valor de verdade dos enunciados;
- os aspectos pragmáticos do sentido (implicaturas) são conseqüência do princípio geral de cooperação, que governa a comunicação, e do respeito às máximas conversacionais (quantidade, qualidade, relação e maneira);
- o sucesso da comunicação depende do caráter intencional da mensagem e das inferências feitas pelo destinatário.

Ao admitir a produção de sentidos pelo ponto de vista da pragmática griceana, diversas questões problemáticas para a lingüística, tais como a pressuposição, os conectores lógicos, as anáforas e a referência temporal, puderam ser analisadas, por MOESCHLER *et al.* (1994).

Para os objetivos deste trabalho, será usada a visão pragmática de encadeamento ou seqüência dos eventos e da natureza das referências temporais, porque há interesse em verificar as interpretações do leitor de línguas estrangeiras diante das manifestações lingüísticas do tempo.

### **3.6 A abordagem semiolingüística da temporalidade**

Através da publicação da *Grammaire du sens et de l'expression* (1992), o lingüista francês Patrick CHARAUDEAU descreve os fatos da linguagem segundo uma abordagem na qual se consideram as intenções do sujeito falante, dos seus interesses comunicativos e dos efeitos de discurso que tais fatos podem produzir.

Nessa *Grammaire*, dentre as categorias da língua agrupadas em função das intenções do sujeitos, encontra-se a *situação no tempo* que abordaremos a seguir.

Diferentemente das gramáticas que abordam o tempo por meio de categorias morfológicas (advérbio, preposições e verbos), CHARAUDEAU (1992) considera o tempo como categoria conceitual na sua relação com as formas de expressão. Para ele, as gramáticas morfológicas não distinguem claramente os diferentes aspectos que compõem o fenômeno da situação no tempo, a saber:

- o grau de realização do acontecimento (se *efetivo* ou *virtual*);
- o grau de extensão temporal (se *pontual* ou *durativo*);
- os estados de existência do acontecimento (se *realizado* ou *não realizado*);
- a situação temporal (relação de *anterioridade*, *posterioridade* e *simultaneidade*).

Para a semiolinguística de CHARAUDEAU, a relação entre o tempo e suas marcas formais é pluriunívoca, isto é, uma mesma marca formal pode recobrir diversos aspectos nocionais; similarmente, um mesmo aspecto nocional pode ser expresso de diversas formas. CHARAUDEAU (1992) identifica algum consenso nas teorias lingüísticas sobre o tempo, a saber:

- o tempo não é apenas um dado da experiência; é o resultado de uma construção-representação do mundo através da linguagem;
- o tempo, como categoria conceitual, mantém relações pluriunívocas com suas diferentes categorias formais de expressão;
- o tempo é uma categoria complexa, cuja estrutura é composta de diversos aspectos e visões;

- o tempo se organiza em torno de uma referência única: a situação do sujeito falante, no momento em que ele fala.

Na *Grammaire*, não é desenvolvida uma visão filosófica do tempo; ele é visto na relação que mantém com a língua. Por estar vinculado ao aspecto dinâmico da realidade, o tempo tem parcialmente relação com os processos enquanto classe conceitual que descreve " ...*ce qui survient dans l'univers, ce qui se produit dans le temps et qui modifie un état des choses.*"<sup>65</sup> (CHARAUDEAU, 1992:29). Os processos<sup>66</sup> podem ser considerados segundo diversos pontos de vista, ou visões:

**a) visão de actancialização** – o processo é considerado a partir da distinção entre ação – de responsabilidade de um sujeito, e fato – alteração em um estado de coisas, sem intervenção do sujeito. As categorias formais dessa visão são: actantes e voz;

**b) visão de realização** – o processo é considerado de acordo com a percepção do sujeito falante, quanto ao grau de duração, podendo ser visto como *efetivo* (realizando-se ou sendo realizado) ou *virtual* (tendo sua realização apenas em estado potencial). Essa visão pode ser expressa pelas categorias formais de modo e tempos verbais. A realização efetiva pode ser expressa pelo modo indicativo, nos tempos presente e pretérito perfeito. A realização virtual pode ser expressa pelo modo subjuntivo (presente e passado), pelo condicional (no caso do francês) ou futuro do pretérito e pelo modo indicativo no tempo presente.

---

<sup>65</sup> "...o que acontece no universo, o que se produz no decorrer do tempo e que modifica um estado de coisas." (tradução nossa)

<sup>66</sup> CHARAUDEAU (1992) distingue dois tipos de processo: as *ações* e os *fatos*. Tanto ações quanto fatos representam *atividades*. Enquanto as ações encontram-se sob a responsabilidade do ser – de seu projeto, de sua intenção, os fatos modificam um estado de coisas e se reproduzem sem a intervenção de um agente.

**c) visão de *accomplissement*** – o processo é considerado em relação a sua realização objetiva e se estrutura em três categorias conceituais:<sup>67</sup>

1a.) o processo é percebido em seu início e corresponde a uma visão prospectiva que descreve a eminência da ação expressa pelo infinitivo, como em

*She is going to travel to Rio* (Ela vai viajar para o Rio);

2a.) O processo é percebido ao final de sua realização, ou mesmo já realizado, e corresponde a uma visão retrospectiva observada em

*She has just arrived* (Ela acabou de chegar), ou em

*Depois de ter visitado sua filha em Stokolmo, ela se acalmou.*

3a.) O processo é percebido em seu desenvolvimento, como em

*She is studying Portuguese* (Ela está estudando Português),

tratando-se pois, nesse caso, de uma visão progressiva.

**d) visão da extensão temporal** – o processo é considerado de um ponto de vista interno e percebido pelo tempo necessário à sua realização. A extensão temporal se estrutura em duas categorias conceituais: percepção do processo de maneira pontual ou de maneira durativa. Os dois tipos de processo se exprimem por meio de:

- tempos verbais: Quando ela *chegou*, eu *estava assistindo* à TV.
- preposições: Escreveu um artigo *em* 15 dias.
- advérbios: Liguei para Gabi *ontem*.
- sufixos: Parece que sua *noitada* foi das boas, hein!<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> Os exemplos da visão de *accomplissement* foram construídos por nós.

<sup>68</sup> Os exemplos da visão da extensão temporal foram construídos por nós.

**e) visão da localização temporal** – o processo é considerado em relação a sua enunciação pelo sujeito. Tal visão se estrutura em três categorias conceituais:

- *coincidência* entre o momento de realização do processo e sua enunciação. É o caso do presente (conceitual);
- *anterioridade* entre o processo e sua enunciação: trata-se do passado (conceitual);
- *posterioridade* do processo em relação à sua enunciação. Caso do futuro (conceitual).

As três visões podem se superpor em um mesmo ato de enunciação, o que, de certa forma, justifica a flutuação das gramáticas morfológicas no tratamento do tempo. As formas temporais para exprimir a coincidência, por exemplo, não se dão da mesma forma em línguas diferentes:

**Quadro 7 – Comparação do presente, em três línguas**

Língua	Presente genérico	Presente atual
Francês	<i>Il boit</i>	<i>Il boit</i>
Inglês	<i>He drinks</i>	<i>He is drinking</i>
Português	Ele bebe	Ele está bebendo

Tanto em português quanto em inglês, para se exprimir o presente atual, utiliza-se uma forma composta (está bebendo = *is drinking*), enquanto que, em francês, utiliza-se a forma simples (*bois*) que é a mesma usada para exprimir o presente genérico. Nesse sentido, o português aproxima-se mais do inglês do que do francês.

Às cinco visões (actancialização, realização, *accomplissement*, extensão e situação temporal), CHARAUDEAU (1992) acrescenta duas operações que se referem ao tempo lingüístico: a identificação temporal e a correlação temporal.

A **visão de identificação temporal** exprime-se por meio de dois indicadores:

- a) identificação de um momento tomado em relação a um tempo de referência (*ontem/amanha, em relação a hoje*)
- b) especificação de um certo grau no interior do sistema de medida do tempo (*dois dias, três meses, um ano, etc.*)

A **visão de correlação** consiste em descrever o encadeamento dos processos, ou seja, sua cronologia, segundo um princípio de coerência, podendo ser expressa por meio de advérbios, conjunções ou preposições de tempo.

As *visões do processo*, segundo CHARAUDEAU (1992) podem ser agrupadas conforme o Quadro 8.

Quadro 8 – As visões sobre os processos, segundo CHARAUDEAU (1992)

Visões	Definições	Categorias conceituais	Categorias formas
<b>Actancialização</b>	relação com os actantes	- ação - fato	os actantes e a voz
<b>Realização</b>	- grau de realização - possibilidade de realização	- efetividade - virtualidade	- modos: indicativo e subjuntivo - tempos: presente, imperfeito, passado e futuro
<b>Accomplissement</b>	- pressupõe a realização - percepção do estado de <i>accomplissement</i>	- começo - fim - desenvolvimento do <i>accomplissement</i>	- perífrases verbais - tempos compostos, particípio - perífrases + tempos genéricos
<b>Extensão</b>	- Ponto de vista interno à natureza semântica - tempo de realização	- pontual - durativa	- sufixo - tempo: passado/imperfeito - preposições - advérbios
<b>Situação</b>	- posição em relação a referência do ato de enunciação	- coincidência (presente) - anterioridade (passado) - posterioridade (futuro)	os tempos verbais: - presente - passado - futuro
<b>Identificação</b>	especificação do momento de realização	- indicadores de medida - indicadores de momentos	- advérbios - quantificadores - léxico
<b>Correlação</b>	- descrição da cronologia dos processos segundo princípio de coerência	- antes - depois - ao mesmo tempo	- advérbios - preposições - conjunção das proposições circunstanciais

Fonte: CHARAUDEAU, 1992:451 (adaptado)

Os tempos verbais, enquanto categorias formais, são portadores de valores produtores de efeitos de sentido. Assim, ao se fazer uso do presente, produz-se no discurso o efeito de atualização. Cada tempo verbal pode apresentar diferentes efeitos no discurso, conforme o Quadro 9.



**Quadro 9 – Os tempos verbais (do francês), segundo CHARAUDEAU (1992)**

TEMPOS	SITUAÇÃO	FATOS DO DISCURSO
<b>Presente</b>	Coincidência (presente atual presente genérico)	- atualização - comentário - imobilidade
<b>Passado Simples (PS)</b>	Anterioridade	- distância histórica - pontualidade
<b>Passado Composto (PC)</b>	Anterioridade	- hierarquia dos fatos - comentário - pontualidade - insulamento (desvinculamento) - gênero conversacional
<b>Imperfeito</b>	Transposição	- Permanência no passado - Distanciamento
<b>Futuro</b>	Posterioridade	- Atenuação - Antecipação
<b>Futuro (anterior)</b>	( <i>accompli</i> )	- (exclamação de indignação)
<b>Condicional</b>	transposição	- Eventualidade
<b>Condicional (anterior)</b>	( <i>accompli</i> )	- Imaginário

Fonte: CHARAUDEAU, 1992:475 (adaptado)

O que acabamos de descrever – *a situação no tempo* se insere na concepção ampla de construção de uma gramática semântica (e não morfológica) voltada para o ensino de línguas. Para CHARAUDEAU (2001a), a descrição das categorias conceituais<sup>69</sup> correspondem às intenções de comunicação e aos efeitos de sentido que produzem no discurso.

<sup>69</sup> Na *Grammaire*, as operações que dão origem às categorias conceituais encontram-se relacionadas com os fatos: nomear os seres, determiná-los, quantificá-los, situá-los no tempo e no espaço e indicar as relações de causalidade da situação em que se encontram os seres. Em última análise: descrever, relatar, argumentar e modalisar.

### **3.7. Considerações gerais**

Neste capítulo, apresentamos algumas visões sobre as manifestações do tempo nas línguas, com ênfase na questão da referência temporal. Foram evocados estudos desenvolvidos a partir da lógica, da semântica e da pragmática como forma de captar, mesmo que parcialmente, a estrutura temporal dos discursos. Envolvidos na composição da temporalidade discursiva encontram-se: os esquemas temporais (ou semantismo) dos verbos e adjuntos, as diferentes visões dos processos, a flutuação da ancoragem temporal na estrutura dos tempos verbais e a natureza das referências.

O capítulo seguinte é dedicado à metodologia da pesquisa. Procuramos nele destacar a importância do contexto de sala de aula como local privilegiado para se coletarem dados confiáveis para a pesquisa no âmbito da recepção.

## 4. Metodologia

### 4.1 O ambiente da pesquisa

Considerando que a motivação para se realizar esta pesquisa se deu a partir de situações vivenciadas em sala de aula, no decorrer de aulas de leitura em língua estrangeira, é neste contexto que se realizou a coleta de dados.

Embora os estudos lingüísticos que envolvem a categoria *tempo* dediquem-se às descrições das suas mais variadas manifestações, em diversas línguas, sob diversas perspectivas, estes estudos utilizam-se, muitas vezes, de exemplos produzidos especificamente para esse fim, o que faz com que sejam adaptados para dar suporte às hipóteses do analista. Outros estudos se valem de textos já existentes, em sua maioria literários, em busca de regularidades nas estruturas enunciativas produtoras do sentido intencionado pela instância de produção. Nesta pesquisa, optou-se por adotar na coleta o que se denomina textos autênticos, resultados de situações reais de comunicação, sem que lhes fossem feitas alterações para que se adequassem aos objetivos da pesquisa.

Nesta pesquisa, foram verificadas as interpretações de leitores de língua estrangeira – inglês para algumas manifestações do *tempo*, após leitura de quatro textos autênticos, pertencentes ao gênero divulgação científica. Levando em conta as teorias evocadas na primeira parte deste trabalho (capítulos 1, 2 e 3), uma tarefa foi especialmente elaborada para ser realizada em sala de aula, com o objetivo de captar as interpretações dos alunos sobre a recepção da estrutura temporal manifesta nos textos.

Considerando que, em geral, a pesquisa em sala de aula procura avaliar os processos de ensino e de aprendizagem da mesma forma como ocorrem (ALLWRIGHT e BAILEY, 1994), os dados foram coletados em um momento de avaliação de aprendizagem, sem alterações no contexto de sua realização. Somente após autorização dos alunos, as avaliações foram utilizadas como dados de pesquisa. O fato de as manifestações lingüísticas do *tempo* fazerem parte do conteúdo da disciplina na qual encontravam-se matriculados os alunos favoreceu o procedimento metodológico. Além disso, no momento de realização da tarefa, foi mantido o contrato que rege a situação de sala de aula, alunos e professor encontravam-se em seus respectivos papéis dentro do quadro situacional, isto é, aos primeiros cabia demonstrar a aprendizagem dos conteúdos da disciplina cursada no semestre; ao segundo, garantir as condições de realização da tarefa (CHARAUDEAU, 1993).

Em termos metodológicos, a autorização dos alunos transformou a tarefa em dados de pesquisa e, conseqüentemente, os alunos, em informantes; o professor em pesquisador. Embora, em sala de aula seja também possível a utilização de procedimentos de coleta que exijam maior controle (COURA-SOBRINHO, 1998), os defensores da pesquisa em sala de aula consideram o caráter etnográfico como um importante diferencial metodológico em pesquisas na área de ensino e aprendizagem de LEs.

A base etnográfica para uma pesquisa pressupõe diversos momentos de coleta de dados. Apesar disso, para esta pesquisa, os dados foram coletados em duas aulas geminadas, com duração máxima de 1 h e 40 min., em cada uma das quatro turmas, ao final de um curso semestral de leitura em inglês. O ambiente naturalístico da

investigação foi garantido ao aproveitar-se de um momento de avaliação semestral previsto no programa, independentemente da pesquisa. Como o objetivo foi verificar as interpretações dos alunos para alguns fatos lingüísticos, *em um momento específico da aprendizagem*, procurou-se o maior número possível de sujeitos, o que culminou com a realização da coleta em quatro turmas já constituídas, totalizando 80 informantes. As características metodológicas desta investigação não permitem a generalização dos resultados, mas propiciaram um mapeamento da interpretação dos informantes frente a um fenômeno enunciativo relacionado à temporalidade discursiva.

Se considerarmos as metodologias de pesquisa como situadas em um contínuo que vai dos estudos de natureza essencialmente qualitativa, de um lado, e os de natureza quantitativa, de outro, pode-se dizer que esta pesquisa situa-se em um ponto equidistante dos dois extremos, já que apresenta características dos dois paradigmas (LARSEN-FREEMAN e LONG, 1991). A coleta de dados em um momento específico da aprendizagem, sem intervenção direta do pesquisador, sinaliza a natureza qualitativa. Já o instrumento de coleta e o foco em um aspecto da linguagem – a compreensão da dimensão temporal do discurso, ao mesmo tempo em que permite a quantificação das respostas dos informantes, possibilita análises da inter-relação entre as categorias que compõem a dimensão temporal dos textos. Essas características situam a pesquisa como uma descrição focada, isto é, aquela pesquisa em que se procura descrever o comportamento interpretativo dos sujeitos em relação a uma determinada dimensão do discurso. A pesquisa em sala de aula tem se caracterizado pela metodologia híbrida, sem perder o caráter científico (COURA-SOBRINHO e SILVA, 1998).

## 4.2 Os informantes

Os dados desta pesquisa foram coletados em uma instituição federal de ensino superior, em Belo Horizonte, nos dois semestres letivos de 2002, (de maio a setembro e de outubro a fevereiro/2003), em quatro turmas de graduação. As turmas do 1º semestre eram compostas, respectivamente, por 25 alunos do curso superior noturno de Tecnologia em Radiologia, e 12 alunos de cursos superiores diurnos de Engenharia Industrial (modalidades Elétrica e Mecânica). As do 2º semestre tinham 28 alunos do curso superior noturno de Tecnologia em Radiologia e 15 de cursos superiores diurnos de Engenharia Industrial. Contou-se, portanto, com 80 informantes. Nesta tese, os alunos de Radiologia são identificados pela letra R e os de Engenharia, pela letra E.

Os alunos dos cursos de engenharia encontravam-se matriculados na disciplina eletiva LÍNGUA ESTRANGEIRA INSTRUMENTAL II – INGLÊS, com carga horária semestral de 30 aulas, distribuída em 15 semanas (dois tempos semanais) e os de Tecnologia em Radiologia, na disciplina obrigatória INGLÊS TÉCNICO II, com a mesma carga horária, conteúdo e distribuição de aulas. Todos os alunos haviam cursado a disciplina LÍNGUA ESTRANGEIRA INSTRUMENTAL I – INGLÊS e INGLÊS TÉCNICO I, na mesma instituição, ministrada pela mesma professora, com carga horária de 30 e 45 horas, respectivamente, com mínimas alterações no conteúdo. Nos semestres da coletas de dados, fui o professor das turmas. Procurou-se, ao longo das 15 semanas, promover a realização de tarefas que fossem significativas para o andamento do curso e, ao mesmo tempo, que pudessem contribuir para a composição do *corpus* da pesquisa.

A idade média dos informantes, no momento da coleta dos dados era: 21,3 anos para os alunos dos cursos diurnos e de 29,4 anos para os alunos do noturno. A maioria dos informantes era composta por homens (ver Quadro 10). Os informantes já haviam estudado inglês, principalmente em contexto escolar, por períodos que variavam de 1 a 5 anos. Além do inglês, 18 dos 80 informantes estudaram francês, espanhol ou alemão, com a finalidade de se prepararem para os processos seletivos de entrada para a universidade e, em alguns casos, como preparação para estágio no exterior. Sua experiência no estudo das línguas estrangeiras, concentrou-se sobretudo na habilidade da leitura. O Quadro 10 contém informações gerais sobre os 80 participantes da pesquisa.

**Quadro 10 – Dados sobre os informantes da pesquisa**

Sexo	1ª coleta		2ª coleta		Total
	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno	
Masculino	10	10	12	14	46
Feminino	2	15	3	14	34
soma	12	25	15	28	80

Embora o instrumento de coleta permita o cruzamento de dados, através de tratamento estatístico, em função de variáveis como: época de realização das coletas (1º / 2º Semestres), natureza do curso (engenharia / tecnologia), sexo e idade dos informantes, esse não é o objetivo desta pesquisa. As quantificações das tabelas buscam verificar alguma tendência na reação dos informantes considerados em sua totalidade, em relação às manifestações do *tempo* nos textos lidos. Os dados apresentam potencial para verificação da inter-relação entre variáveis, a partir de inferência estatística, já que, da forma como foram coletadas, as respostas dos

alunos (para cada um dos questionamentos feitos) podem ser comparadas entre si. Estudos complementares, que extrapolam os interesses desta pesquisa, podem ser conduzidos, a partir desses mesmos dados.

### 4.3 O *corpus* de entrada

Foram utilizados, como *input* para a coleta dos dados, quatro textos de temas variados, cujas características são apresentadas no Quadro 11.

**Quadro 11 – Textos utilizados na realização da tarefa**

Texto	Título	No. de palavras	ANEXO
1	<i>Sun power: the global solution for the coming energy crisis</i>	289	01
2	<i>Why do prisons grow?</i>	519	02
3	<i>A brief history of the CompassionLab</i>	235	03
4	<i>Going solo</i>	501	04

O texto 1, extraído da *internet*, trata do uso da energia solar como solução para uma crise energética mundial iminente; os textos 2 e 4, extraídos da revista *Scientific American* de Dezembro/2001 e de Janeiro/2002, tratam, respectivamente, do crescimento da população carcerária e das prisões americanas nos últimos 30 anos e do crescimento do número de mães solteiras em países industrializados; o texto 3, extraído da revista *Harvard Business Review* de Janeiro/2002, relata uma pesquisa feita nos Estados Unidos sobre a compaixão em ambiente empresarial.

Da forma como se apresentava na *internet*, o texto 1 era bastante extenso. Na parte do texto em que o autor apresentava aplicações sobre o aproveitamento da energia solar em diversos estabelecimentos americanos, optou-se por fazer um corte.



Portanto, o que está sendo nomeado de texto 1 consiste em um excerto de um texto maior sobre a questão. O texto 2 foi retirado da edição eletrônica da revista *Scientific American* e reformatado para que coubesse em uma página. Os textos 3 e 4, em função de sua formatação, foram copiados exatamente da forma como se encontravam nas edições das revistas.

Embora tratando de assuntos diferenciados, os textos apresentam similaridades que justificam constituírem o *corpus* de entrada para a coleta dos dados desta pesquisa. Além, naturalmente, de publicados em língua inglesa, são textos não-literários pertencentes a um mesmo gênero – a divulgação científica, gênero de alta frequência e utilidade no contexto acadêmico dos informantes.

Uma das formas de se caracterizar um gênero textual tem sido, para alguns, privilegiar os aspectos formais estabilizados nas produções languageiras. Por outro lado, como não há relação direta entre estruturas lingüísticas e gêneros, esse critério não é produtivo, embora algumas estruturas lingüísticas possam ser sinalizadoras de determinados gêneros. Outras formas de se caracterizarem os gêneros têm sido levar-se em conta noções como: a ancoragem social do discurso; a natureza da comunicação; as atividades languageiras envolvidas; além, é claro, de suas características formais.

Na visão semiolingüística de Charaudeau, todas as tentativas de se classificarem as produções languageiras significam admitir uma certa coerção sobre os sujeitos. Essa coerção ora se dá à montante da produção languageira, isto é, o sujeito é levado a produzir determinado discurso em função das práticas sociais instauradas na sua comunidade, ora se dá à jusante, no nível das formas lingüísticas, que também

levam o sujeito a se exprimir em função de fórmulas préestabelecidas. CHARAUDEAU (1999) propõe que, para comunicar, o sujeito dispõe do registro de três tipos de memória: *uma memória dos discursos* que circulam numa dada sociedade em forma de representações; *uma memória das situações de comunicação* enquanto dispositivos que normatizam as trocas linguageiras e uma *memória das formas dos signos* enquanto atitudes enunciativas básicas, denotando os objetivos comunicativos.

Associado às memórias de que dispõem os sujeitos, um certo número de condições que regem o processo comunicativo ou *contrato* garantiria a intercompreensão dos discursos. Naturalmente, a produção dos discursos manifesta-se a partir de coerções de ordem contratual, em função da *situação de comunicação*, dos *objetivos comunicativos* (que definem a identidade dos sujeitos e seus propósitos), e, finalmente, nos diferentes *aspectos da organização formal*, mais ou menos estabilizada. Portanto, para CHARAUDEAU (1999:16), o texto visto como o “*resultado de um ato produzido por um sujeito em uma dada situação social*” poderia ser classificado em função dos dados situacionais que induzem regularidades discursivas que, por sua vez, conduzem às escolhas de formas textuais.

A partir dessa visão semiolingüística, os quatro textos utilizados para a coleta dos dados apresentam algumas regularidades: foram escritos com base em dados reais de uma sociedade desenvolvida industrialmente, para serem divulgados junto a leitores com conhecimento da língua inglesa, com o duplo objetivo de informar e de criar a consciência sobre alguns problemas sociais. CHARAUDEAU (1997) considera que o ato de informar inscreve-se no processo de transformação do *mundo a ser significado* em *mundo significado*, já que deve descrever (identificar-qualificar os

fatos), relatar (descrever os acontecimentos) e explicar (justificar os fatos e acontecimentos).

Apesar de os dados se referirem majoritariamente aos Estados Unidos (Textos 1, 2 e 3), os problemas tratados refletem, de certa forma, preocupações mundiais, quais sejam: a crise energética (Texto 1), a situação das prisões (Texto 2), o envolvimento das empresas em questões pessoais dos empregados, como forma de melhorar a produtividade e a retenção dos mesmos (Texto 3). O texto 4 aborda a questão da mãe solteira em países de 1º mundo, problema verificado, também, em diversos outros países.<sup>70</sup>

#### **4.3.1 Dados situacionais**

Os quatro textos dirigem-se a um público vasto, já que foram publicados em língua inglesa, em todo o mundo. A revista *Scientific American* publica pequenos artigos sobre curiosidades científicas ou relatos de pesquisa em diversas áreas, como biologia, filosofia, física, antropologia, etc. Seu público inclui pesquisadores, estudantes e curiosos em geral. A revista *Harvard Business Review* é dirigida a um destinatário mais específico, qual seja, aquele que, além de ter um certo grau de proficiência em leitura em inglês, deve se interessar por artigos de divulgação científica na área de *business*. O texto sobre a energia solar – Texto1, divulgado na *internet*, tem, como alvo, sujeitos destinatários preocupados com o aproveitamento energético de fontes diversas, assunto de interesse de diversos domínios, amplamente divulgado na grande imprensa. Os quatro textos, embora com ampla divulgação no mundo, não foram escritos para fins didáticos. Nesse sentido,

---

<sup>70</sup> No Brasil, estima-se que 30 milhões de pessoas não conhecem seus pais biológicos. Normalmente, essas pessoas são mantidas por mães solteiras.

conforme KERBRAT-ORECCHIONI (1999), a instância de produção de todos os textos não previu, em sua elaboração, a competência lingüística do leitor aprendiz de língua estrangeira, não havendo, portanto, limitação no uso de estruturas lingüísticas mais complexas, ficando as escolhas da instância de produção vinculadas à limitação do próprio meio de divulgação.

A situação de comunicação na qual se deu a produção dos quatro textos é monolocutiva: apresenta apenas a visão da instância de produção, cuja finalidade é informar a instância de recepção (público interessado em textos de divulgação científica), sobre fatos da realidade, tratando-os cientificamente.

As instâncias envolvidas, a finalidade e o propósito compõem o dispositivo conceitual da situação de comunicação, enquanto que a imprensa escrita (para o texto 3) e a divulgação eletrônica (para os outros textos) representam o dispositivo material do processo de comunicação. Os textos foram utilizados para fins didáticos, a fim de viabilizarem a avaliação da compreensão em leitura e de conhecimentos lingüísticos específicos e, ao mesmo tempo, como insumos para a coleta de dados da presente pesquisa.

Em resumo, os quatro textos selecionados foram produzidos em situação de comunicação pertencente ao domínio da comunicação midiática (imprensa escrita e o meio eletrônico), mais especificamente do domínio das ciências, o que implica a existência de um contrato específico, cujas regras definem o objetivo comunicativo, a identidade dos participantes e a finalidade do ato de comunicação.

### 4.3.2 Regularidades discursivas

Enquanto as coerções situacionais podem ser consideradas como dados externos que têm por finalidade a construção de discursos, elas determinam o tratamento que a linguagem vai receber para atingir o objetivo comunicativo específico. A finalidade do ato comunicativo determina a escolha de um modo de organização do discurso, quer seja, o descritivo, o narrativo ou o argumentativo. O objetivo comunicativo de *informar* pode selecionar, por exemplo, o modo descritivo, a fim de identificar um problema real, qualificando-o, quantificando-o e localizando-o no tempo e no espaço, de forma (mais ou menos) objetiva. O mesmo objetivo pode utilizar-se do modo argumentativo, através de uma visão racionalista, com vistas a influenciar o interlocutor, explicando a verdade a partir de dados coletados por um especialista, por exemplo.

As regularidades discursivas podem também ser observadas por meio da organização dos modos enunciativos – *alocutivo*, que implica o interlocutor em seu ato de enunciação, impondo o conteúdo do propósito do locutor; *elocutivo*, no qual o locutor revela sua própria posição sobre o que diz; *delocutivo*, em que o locutor ausenta-se deixando o propósito se impor. A preferência por um modo de organização não exclui, em um mesmo texto, a possibilidade de uso de outro modo.

Os quatro textos utilizados para se coletarem os dados desta pesquisa empregam, de uma maneira geral, o modo delocutivo de enunciação, usando assertivas. A asserção e o discurso relatado constituem as formas dominantes desse modo de enunciar. Vejamos alguns exemplos:

*In Phoenix, several motels used solar systems to provide hot water for rooms, laundry and for swimming pools. (Texto 1 – Anexo 1, p.252)*

*Throughout history, these sources have been successfully harnessed and used to provide energy. (Texto 1 – Anexo 1, p.252)*

*The U.S. has gone through a historically unparalleled expansion in its prison population... (Texto 2 – Anexo 2, p.253)*

*The expansion continued vigorously even as crime rates fell sharply in recent years. (Texto 2 – Anexo 2, p.253);*

*This article is based on three years of research conducted at the CompassionLab, ... (Texto 3 – Anexo 3, p.254);*

*This capacity turned out to have a direct impact on how quickly and effectively people in those organizations were able to... (Texto 3 – Anexo 3, p.254);*

*Forty years ago unmarried mothers accounted for only 5 percent of births in Western Europe and English-speaking countries; ... (Texto 4 – Anexo 4, p.255)*

*Some unmarried women who became mothers did not use contraceptives... (Texto 4 – Anexo 4, p.255)*

No texto 3 (p.254), observa-se a ocorrência do pronome de primeira pessoa *We* para se referir aos pesquisadores que relatam um projeto de duas universidades americanas. Em princípio, a utilização de pronomes de primeira pessoa denota um ato elocutivo. Porém, no texto 3, introdução de um relato de pesquisa, o conteúdo das assertivas não se dá em função da opinião dos enunciadores, mas como resultado da análise científica de dados. Da mesma forma, a utilização de *We* no texto 1 – p.252, (*We are reaching the bottom of the well*) não significa que o enunciador esteja emitindo sua opinião, mas implicando o *outro* no problema da crise energética iminente, de forma a valorizar o seu discurso.

### **4.3.3 Regularidades lingüísticas**

Na construção de textos, as circunstâncias materiais constituem a maior fonte de coerção sobre as formas lingüísticas. A situação monolocutiva de comunicação, sem

a co-presença física dos participantes, provoca a utilização de recursos lingüísticos típicos da língua escrita (CHARAUDEAU, 1999).

Os quatro textos selecionados apresentam, em sua estrutura, algumas configurações lingüísticas recorrentes em textos descritivos: a identificação, a qualificação e a localização espacial e temporal (Quadro 12).

**Quadro 12 – Configurações lingüísticas dos quatro textos**

CATEGORIAS	TEXTOS			
	1	2	3	4
Identificação genérica	Crise energética	Crescimento do número de prisões	A compaixão em ambiente empresarial	Mães solteiras
Qualificação	Objetivas e subjetivas	Objetivas	Objetivas e subjetivas	Objetivas
Localização espacial	Estados Unidos / mundo	Estados Unidos	Estados Unidos	Países industrializados
Localização temporal	Através da história / dados específicos da atualidade	Nos últimos 30 anos	De 1998 a 2001	Nos últimos 30 anos

As configurações lingüísticas do texto 3, por exemplo, apresentam características explícitas do modo organização narrativa do discurso, cuja função básica é construir a sucessão das ações de um acontecimento maior, localizá-las no tempo,<sup>71</sup> identificando os sujeitos implicados no processo. Com o objetivo de fornecer ao leitor uma visão geral do texto e de imputar-lhe um valor científico, o texto 3 é configurado de modo a identificar os sujeitos enunciadores, responsáveis pela pesquisa a ser relatada. A marca enunciativa de pessoa ocorre em 8 dos 10 períodos que compõem o texto 3, conforme Quadro 13.

<sup>71</sup> As configurações lingüísticas do texto 3 propiciaram sua utilização para se averiguar a percepção dos informantes quanto à sucessão temporal dos eventos, bem como à visão do esquema temporal do texto.

Quadro 13 – Marcas enunciativas de pessoa, no Texto 3

Linha(s)	Índices de pessoa
04	<b>We</b> began...
05-06 / 08	<b>We</b> began...we found
12	<b>We</b> conducted...
15	<b>We</b> interviewed...
18	<b>We've</b> been looking at...
19-20	<b>We're</b> also conducting... <b>we</b> observe...
23	<b>Our</b> research...
24-25	<b>We</b> wanted...

#### 4.4 A constituição do *corpus* – interpretações dos informantes

Quatro textos em inglês foram distribuídos para leitura extraclasse, como condição para realização da tarefa (Quadro 11). Os textos foram disponibilizados com uma semana de antecedência, de modo a respeitar o ritmo e a disponibilidade de tempo de cada aluno. Dessa forma, a leitura pôde ser coletiva ou individual, acompanhada ou não de consulta a dicionários, isto é, seguindo os mesmos moldes das leituras em sala de aula. Diferentemente da sala de aula, não houve limitação de tempo de leitura. Os alunos foram informados das condições de realização da tarefa: as partes a serem realizadas em sala de aula seriam individuais (no mesmo formato e condições das avaliações anteriores), representando 30% do total de pontos do semestre; não haveria disponibilidade de tempo para a leitura dos 4 textos em sala. As condições de realização da tarefa, principalmente no que se refere à atribuição de notas, garantiram a participação dos alunos de todas as turmas, já que, dificilmente seriam aprovados apenas com a realização das tarefas anteriores, que representaram 70% do total de pontos no semestre. Esse critério de avaliação encontra-se de acordo com as normas da instituição, que limita a 40% (do total) o valor atribuído ao exame final de cada disciplina.



#### 4.4.1 A tarefa

A tarefa foi realizada em 3 fases, conforme Quadro 14.

**Quadro 14 – Tarefa realizada pelos informantes**

Conteúdos das tarefas		Natureza das tarefa / Condições de realização
1ª parte	Leitura de 4 textos em inglês, fora de sala de aula.	Atividade extraclasse, nenhuma restrição.
2ª parte	Expectativa em relação a expressões temporais descontextualizadas.	Individual, sem consulta.
3ª parte	Exercícios de compreensão geral.	Individual, com consulta aos textos lidos e ao dicionário.
	Exercícios de compreensão específica sobre: expectativa em relação expressões temporais e manifestações do presente, passado e futuro; relação entre tempo e aspecto; apreensão de seqüências temporais e da estrutura temporal de textos; relação entre tempo e modalização.	

A tarefa que gerou os dados dessa pesquisa foi realizada na penúltima semana do curso (semana 14), durante duas aulas geminadas. Aos alunos foi solicitada permissão para utilização da tarefa para fins de pesquisa. A aprovação foi unânime em todas as turmas. Com isso, solicitou-se o preenchimento de uma ficha contendo dados pessoais (ANEXO 05).

A partir da idéia de que compreender um enunciado pressupõe a identificação dos elementos principais da situação de enunciação, entre os quais a situação dos eventos no tempo, procurou-se verificar a existência de esquemas temporais (*time schemata*) em expressões descontextualizadas, retiradas dos quatro textos lidos. Para isso, distribuiu-se uma lista de expressões (ANEXO 06) para que os informantes as relacionassem a um tempo verbal (*tense*), revelando, dessa forma, sua expectativa de *time schema*. Os tempos verbais estudados previamente no semestre foram o *Simple Present*, o *Simple Past*, o *Present Perfect* e o *Future*, dando-se

ênfase tanto às suas manifestações lingüísticas quanto aos seus efeitos de sentido. Na lista de expressões, cada *tense* foi indicado por um número de 1 a 4. O número 1 representou o *Simple Present*; o 2, o *Simple Past*; o 3, o *Present Perfect*; e o 4, o *Future*. Cabia a cada informante escrever, entre os parênteses à esquerda de cada expressão, o número correspondente ao *tense* que representasse sua expectativa de ocorrência para cada uma das expressões, com liberdade de associar mais de um tempo verbal a uma mesma expressão. Exemplificando: caso o informante considerasse que a expressão *throughout history* fosse mais provável de ocorrer em enunciados no *Simple Past*, bastava escrever o número 2, entre os parênteses [( 2 ) *Throughout history*...].

A lista continha 22 expressões, sendo que 7 constavam do Texto 1; 7, do Texto 2; 4, do Texto 3; e 4, do Texto 4. Durante a execução dessa parte da tarefa, a consulta ao dicionário e aos 4 textos distribuídos na semana anterior não foi permitida. O objetivo era verificar se as expressões mesmas suscitavam alguma expectativa temporal, isto é, se já representavam um *time schemata*, independentemente do contexto de ocorrência, o que justificara a apresentação das expressões fora do contexto discursivo.

As respostas dos 79 informantes<sup>72</sup> (36 na 1<sup>a</sup> coleta e 43 na 2<sup>a</sup>) encontram-se na Tabela 1:

---

<sup>72</sup> Na primeira coleta, um , dentre os 37 alunos, não realizou esta atividade.

Tabela 1 – Expectativas dos alunos quanto às expressões temporais – 1ª e 2ª coletas

Linhas dos textos	EXPRESSÕES <i>TEXT 1: SUN POWER...</i>	EXPECTATIVAS TEMPORAIS				
		Simple Present %	Simple Past %	Present Perfect %	Future %	nenhum tense %
04	<i>Throughout history...</i>	33	35	28	4	
05	<i>Almost 2,500 years ago...</i>	4	84	6	6	
08	<i>The oil shortage of the 1970s...</i>	20	71	8	1	
09/10	<i>The world is fast approaching a crisis... when...</i>	44	8	29	19	
14	<i>...Within the next ten years.</i>	5	6	10	79	
15	<i>During the 1980s...</i>	15	70	13	1	1
Título	<i>The coming energy crisis...</i>	46	11	25	15	3
<b>TEXT 2: Why do prisons grow?</b>		Simple Present %	Simple Past %	Present Perfect %	Future %	Nenhum tense %
24/25	<i>Based on... he estimates that...</i>	44	29	14	9	4
03	<i>... in recent years.</i>	29	22	47	2	
17	<i>... in his eight years in office (1987-1995).</i>	14	72	14		
18/19	<i>During his administration (1985-1993),...</i>	10	66	20	3	1
23	<i>... since 1970.</i>	13	57	19	11	
28	<i>...over the past three decades...</i>	11	57	22	9	1
24/25	<i>Based on current incarceration rates...</i>	44	27	16	13	
<b>TEXT 3 – A Brief History of the CompassionLab</b>		Simple Present %	Simple Past %	Present Perfect %	Future %	Nenhum tense %
Título	<i>A brief history...</i>	59	24	11	3	3
06	<i>Over the next couple of years,...</i>	10	18	10	58	4
17/18	<i>Recently...</i>	41	14	45		
23	<i>...after September 11, 2001 ...</i>	8	58	21	10	3
<b>TEXT 4 – Going Solo</b>		Simple Present %	Simple Past %	Present Perfect %	Future %	Nenhum tense %
01	<i>Forty years ago...</i>	5	77	9	9	
04	<i>; today...</i>	81		18	1	
14/15	<i>... after World War II ...</i>	7	63	19	10	1
47	<i>... in a 1944 U.S. survey,...</i>	11	79	9	1	

Número de informantes: 79 = 36 (1ª coleta) + 43 (2ª coleta)

Por meio da tabela 1, observa-se que 33% dos informantes consideram que a expressão *throughout history* ocorre em enunciados no *Simple Present*, enquanto que 35% consideram que a mesma expressão ocorre em enunciados no *Simple*

*Past*; 28% do total esperam que a mesma expressão refira-se ao *Present Perfect* e 4% dos informantes consideram que a expressão refere-se ao *Future*. A expressão *throughout history* ocorre no texto 1 em *Throughout history, these sources have been successfully harnessed and used to provide energy*,<sup>73</sup> enunciado que contém sintagma verbal no *Present Perfect* (*have been harnessed...*).

Quando a expectativa dos informantes coincidiu com a ocorrência no texto, procurou-se destacar os números por meio de bordas ( □ ). Assim, no que diz respeito à expressão *throughout history*, do total de 79 informantes, 22 (28%) tiveram suas expectativas coincidentes com a ocorrência no texto. Quanto à expressão *Almost 2,500 years ago...*, que ocorre no *Simple Past*, 66 dos 79 informantes (84%) tiveram sua expectativa coincidente com a ocorrência no texto 1.

Os informantes tinham a opção de não marcar nenhum dos *tenses*, o que significaria que a expressão não gera expectativa temporal. Foi o caso de *During the 1980s* (texto 1) e *A brief history* (texto 3) e de todas as expressões que, na Tabela 1, apresentam algum percentual na última coluna. Havia, também, a possibilidade de se marcar mais de um *tense* para uma mesma expressão, recurso não utilizado pelos informantes.

Se compararmos as expectativas dos informantes em relação às duas primeiras expressões retiradas do texto 1 (*throughout history* e *almost 2,500 years ago*), nota-se que a segunda expressão apresenta mais claramente um *time schema* que a primeira, isto é, enunciados com *years ago* são mais facilmente relacionadas a um

---

<sup>73</sup> Ao longo da história, estas fontes têm sido aproveitadas com sucesso e usadas para fornecer energia...

*tense* específico (*Simple Past*, no caso), do que outros com a expressão *throughout history*, que apresenta maior dispersão de expectativas.

Na Tabela 1, observa-se, ainda, que as Expressões *The coming energy crisis...* e *A brief history...*, mesmo não ocorrendo associadas a verbos, já que constituem sintagmas nominais dos títulos dos textos 1 e 2, geraram expectativa temporal.<sup>74</sup> As expectativas dos informantes em relação à expressão *The coming energy crisis...* ficaram diluídas nos quatro *tenses*, sendo que apenas 3% dos informantes consideraram que ela não apresenta noção temporal.

Embora a palavra *coming* possa apresentar um *time schema* relativo ao futuro, apenas 15% dos informantes revelou tal expectativa. Na verdade, a maioria dos informantes achou que tal expressão é mais provável de ocorrer em enunciados com verbos no *Simple Present* (46% dos informantes).

Quanto à outra expressão que não estava contida em enunciado, *A brief history...* (Texto 3), a expectativa dos informantes ficou centrada no *Simple Present* (59% dos informantes). Apesar de a maioria dos informantes ter optado por esse tempo verbal, os outros *tenses* também foram relacionados com a expressão *A brief history*, o que indica uma expectativa difusa e, portanto, dependente de contexto discursivo.

À medida que cada aluno terminava a 2ª. parte da tarefa – exercício sobre expectativas em relação a algumas expressões temporais (ANEXO 06), iniciava-se a terceira (e última) parte – exercícios de compreensão geral e específica. Primeiramente, os alunos realizaram os exercícios correspondentes aos textos 1 e 2

---

<sup>74</sup> Os sintagmas nominais *The coming energy crisis* e *A brief history* que, nos respectivos textos não ocorrem acompanhadas de verbos, foram incluídas no ANEXO 1 com o objetivo de se verificar a existência de expectativa temporal em relação a outras categorias deferentes do verbo.

(ANEXO 07), sendo que, somente após o término dos mesmos, foram distribuídos os exercícios correspondentes aos textos 3 e 4 (ANEXO 08). De uma maneira geral, a tarefa buscou:

- 1) por meio da questão 1, verificar a compreensão geral de cada texto;
- 2) através das outras questões, verificar a aprendizagem de conteúdos específicos da disciplina e da pesquisa, relativos à temporalidade discursiva – localização e seqüências dos eventos, percepção dos efeitos de sentido dos tempos verbais; associação do tempo com as modalizações verbais, enquanto manifestação das intenções do locutor.

#### **4.4.2 A questão 1 de todos os textos – Compreensão geral**

Pesquisas feitas na própria instituição em que se coletaram os dados mostraram que, nas aulas de leitura em língua estrangeira, antes da realização de exercícios que exploram um determinado item do programa, era necessária a inclusão de exercícios de compreensão geral de cada texto, de forma a evitar uma leitura dirigida à realização de tarefas específicas com foco apenas na dimensão lingüística. Naquela ocasião, foram incluídas, no material instrucional, diversas atividades que promovem compreensão geral dos textos, antes da compreensão de dados específicos.

No caso das tarefas que deram origem aos dados de pesquisa, a questão 1 dos 4 textos procurou avaliar a compreensão geral de maneira similar àquela já feita habitualmente pelos alunos no contexto de sala de aula. A questão 1 de cada texto, composta por 4 afirmativas em português a serem classificadas como falsas ou verdadeiras, procurava abranger a totalidade de cada texto.

Exemplificando, a questão 1 do texto 1 apresentava-se assim:

**Questão 1:** Marque ( V ) para a sentença verdadeira e ( F ) para a falsa, de acordo com o texto:

( ) ...

( ) ...

( ) ...

( ) ...

As afirmativas da Questão 1, bem como o mapeamento das respostas dos alunos, podem ser vistas a Tabela 2.

Tabela 2 – Percentuais de acerto das questões de compreensão geral – 1ª coleta

AFIRMATIVAS		PERCENTUAIS				
		1ª coleta		2ª coleta		Média acertos
		erros	acertos	erros	acertos	
TEXT 1 SUN POWER...	A geotermia é uma das fontes renováveis de energia.	11	89	2	98	94
	Os gregos faziam uso da energia eólica para aquecer suas residências.	19	81	14	86	84
	Em termos de independência energética, os próximos 10 anos apresentam-se de forma pessimista.	27	73	28	72	72
	O aproveitamento da energia solar foi adotado com sucesso em alguns estados americanos.	0	100	2	98	99
TEXT 2 Why do the prisons grow?	O número de prisões americanas tem diminuído nos últimos anos.	4	96	7	93	94
	Nos Estados Unidos, há três tipos de prisões: federais, estaduais e municipais.	17	83	2	98	92
	Grosso modo, o número de prisioneiros por habitante é distribuído uniformemente pelos estados americanos.	25	75	16	84	81
	Um estudo feito em universidade mostrou que a política adotada pelos governadores dos estados pode explicar a relação entre quantidade de prisioneiros/habitantes.	21	79	2	98	91
TEXT 3 A brief history of the CompassionLab	A pesquisa sobre a compaixão revelou comportamentos semelhantes em empresas diferentes.	30	70	21	79	75
	A compaixão por parte das empresas tem efeito positivo sobre os funcionários que passaram por experiências trágicas.	11	89	2	98	94
	A pesquisa apontou caminhos para as organizações ajudarem os funcionários nos respectivos processos de recuperação.	30	70	44	56	62
	A pesquisa tomou novas dimensões a partir de 11 de Setembro de 2001.	19	81	7	93	87
TEXT 4 Going solo	A coabitação não tem nenhuma relação com o aumento do número de mães solteiras.	8	92	12	88	90
	A liberdade sexual e a independência financeira das mulheres são fatores que contribuíram para o aumento do número de mães solteiras nos Estados Unidos.	5	95	2	98	97
	Na França, a pílula do dia seguinte é distribuída em escolas públicas.	8	92	23	77	84
	Na França, como no Japão, as mães solteiras não sofrem nenhum tipo de discriminação.	5	95	7	93	94

Na 1ª coleta, a primeira afirmativa do texto 1 teve acerto de 89%; a 2ª, 81%; a 3ª, 73%; e a 4ª afirmativa teve 100% de acerto, conforme Tabela 2. A média de acerto foi, portanto, de 86%. A Tabela 3 representa a média de acerto para cada texto, por coleta.



**Tabela 3 – Percentuais de acerto por texto**

TEXTOS	Percentuais de acerto		
	1ª coleta	2ª coleta	Média ponderada
1 – <i>SUN POWER...</i>	86%	88%	87%
2 – <i>Why do the prisons grow?</i>	83%	93%	89%
3 – <i>A brief history of the CompassionLab</i>	78%	81%	80%
4- <i>Going solo</i>	93%	89%	91%
<b>MÉDIA DE ACERTO PARA OS 4 TEXTOS</b>	<b>85%</b>	<b>88%</b>	<b>87%</b>

No. De informantes: Textos 1, 3 e 4 => 80; Texto 2 => 68

Como a média de acerto variou de 78 a 93%, o nível de compreensão foi considerado satisfatório para a validação das outras partes da tarefa e de sua transformação em dados desta pesquisa. O texto 3, que trata da compaixão empresarial, demonstrou ser o mais difícil para todas as turmas, se considerarmos a média de aproveitamento em cada coleta, que foi de 78 e 81%, respectivamente, na 1ª e 2ª coletas, sete pontos percentuais abaixo da média de acerto dos quatro textos.

De uma maneira geral, a questão 1 foi discriminatória à exceção da sua última afirmativa: "O aproveitamento da energia solar foi adotado com sucesso em alguns estados americanos", que teve 100% de acerto na 1ª coleta e 98%, na segunda. Como mostra a Tabela 2 (p.141), o menor índice de acerto, por afirmativa, ocorreu no texto 3, 3ª afirmativa: 70% na 1ª coleta; 56% na 2ª coleta.

#### 4.4.3 A questão 2 do texto 1 – *Time schemata*

O objetivo desta questão foi verificar, a partir de um excerto de texto lido previamente, quais palavras (ou expressões) comportam em si noção de tempo (*time schema*). Para a 1ª coleta, o enunciado da questão foi assim apresentado:

**Questão 2:** Retire do trecho abaixo palavras ou expressões que sugerem uma idéia de TEMPO (PRESENTE, PASSADO OU FUTURO):

*"Sun power offers a vision of hope and a plan to begin the long journey to energy independence and global healing within the next ten years."* (linhas13/14)

PRESENTE: \_\_\_\_\_

PASSADO: \_\_\_\_\_

FUTURO: \_\_\_\_\_

As respostas dos alunos variaram consideravelmente, conforme se pode observar no Quadro 15.

**Quadro 15 – Expressões marcadas temporalmente – 1ª coleta**

Informantes	TEXTO 1 – Questão 2		
	Presente	Passado	Futuro
R1			<i>next ten years</i>
R2	<i>Sun power offers a vision of hope and a plan</i>	<i>the long journey</i>	<i>within the next ten years</i>
R3	<i>offers</i>	<i>the long journey</i>	<i>within the next ten years</i>
R4	<i>*renewable energy is the term used to describe</i>	<i>almost 2,500 years ago</i>	<i>We are reaching the bottom of the well</i>
R5	<i>Sun power offers a vision of hope</i>	<i>a plan to begin the long journey to energy independence</i>	<i>Global healing within the next ten years</i>
R6	<i>offers; global healing</i>		<i>a vision of hope; a plan to begin; next ten years</i>
R7	<i>offers a vision</i>	<i>long journey to energy</i>	<i>next ten years</i>
R8	<i>sun powers offers</i>	<i>the long journey</i>	<i>next ten years</i>
R9	<i>sun power offers a vision</i>	<i>plan to begin</i>	<i>next ten years</i>
R10	<i>a plan to begin</i>	<i>Healing</i>	<i>within the next ten years</i>
R11	<i>sun power offers</i>	<i>long journey to energy</i>	<i>the next ten years</i>
R12	<i>sun power offers</i>	<i>a plan to begin the long journey</i>	<i>next ten years</i>
R13	<i>sun power offers a vision</i>	<i>long journey</i>	<i>healing within the next ten years</i>
R14	<i>begin</i>		<i>next ten years</i>
R15	<i>offers</i>		
R16	<i>Offers a vision of hope and a plan to begin</i>	<i>the long journey to energy independence</i>	<i>the next ten years</i>
R17	<i>offers</i>	<i>long journey</i>	<i>Hope; Begin; next ten years</i>
R18	<i>begin the long journey</i>	<i>sun power offers a vision of hope</i>	<i>within the next ten years</i>
R19	<i>Sun power offers a vision of hope</i>		<i>next ten years</i>
R20	<i>sun power</i>	<i>the long journey to energy</i>	<i>next ten years</i>
R21	<i>*the world is fast</i>	<i>during the 1980 it was</i>	<i>throughout history</i>
R22	<i>offers, begin</i>		<i>next ten years; long journey</i>
R23	<i>sun powers offers</i>	<i>to begin the long journey to energy</i>	<i>the next ten years</i>
R24	<i>Sun power offers a vision of hope</i>	<i>the long journey to energy</i>	<i>within the next ten years</i>
R25	<i>offers a vision of hope</i>		<i>a plan to begin; next ten years</i>
E1	<i>offers a vision</i>	<i>within</i>	<i>next ten years</i>
E2	<i>power offers a vision</i>	<i>of hope and plan</i>	<i>within the next ten years</i>
E3	<i>offers a vision of hope</i>	<i>sun power offers a vision of hope</i>	<i>the next ten years</i>
E4			<i>the next ten years</i>
E5	<i>offers</i>		<i>the next ten years</i>
E6	<i>offers; to begin</i>	<i>of hope</i>	<i>within the next ten years</i>
E7	<i>offers; to begin</i>		<i>next ten years</i>
E8	<i>offers</i>	<i>independence</i>	<i>hope; plan; long journey</i>
E9	<i>offers</i>	<i>hope</i>	<i>the next ten years</i>
E10	<i>offers</i>	<i>hope</i>	<i>next ten years</i>
E11	<i>offers a vision</i>	<i>a plan to begin</i>	<i>within the next ten years</i>
E12	<i>sun power offers</i>	<i>a plan to begin</i>	<i>the next ten years</i>
<b>* Expressões que não constam do excerto apresentado</b>			

Na identificação dos informantes, as letras R e E referem-se, respectivamente, aos cursos de Radiologia e Engenharia, nos quais encontravam-se matriculados. O

informante R1 considerou que, no excerto do texto 1, não havia expressões que, em si, davam idéia de tempo Presente ou Passado, mas considerou que a expressão *next ten years* sugere idéia de Futuro. Já o informante E1 considerou que, no excerto, havia expressões que sugerem os três tempos, sendo que *sun power offers a vision of hope and a plan* estaria relacionado com o tempo presente, *the long journey* estaria relacionado ao passado, e a expressão *within the next ten years* referir-se-ia ao futuro. A segmentação das expressões foi feita pelos próprios informantes e foram computadas no Quadro 15 tal qual se apresentaram.

De acordo com os 37 informantes, as expressões que se referem ao presente, em ordem decrescente de ocorrência, são apresentadas na Tabela 4.

**Tabela 4 – Expressões que dão idéia de tempo presente – 1ª coleta**

Expressões	Número de ocorrências	%
<i>offers</i>	11	29
<i>sun power offers</i>	5	13
<i>sun power offers a vision of hope</i>	4	11
<i>(to) begin</i>	3	8
<i>offers a vision</i>	3	8
<i>offers a vision of hope</i>	2	6
<i>sun power offers a vision</i>	2	6
<i>begin the long journey</i>	1	2
<i>Global healing</i>	1	2
<i>offers a vision of hope and a plan to begin</i>	1	2
<i>plan to begin</i>	1	2
<i>power offers a vision</i>	1	2
<i>*renewable energy is the term used to describe</i>	1	2
<i>sun power</i>	1	2
<i>sun power offers a vision of hope and a plan</i>	1	2
<i>*the world is fast</i>	1	2
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS:</b>	<b>39</b>	
<b>*Expressão que não consta do excerto apresentado</b>		

O maior número de ocorrências aconteceu em *offers* (11 das 39). Em quase todas as expressões que apresentaram mais de uma ocorrência (à exceção de *(to) begin*),

a palavra *offers* está presente, conforme Tabela 5, o que sugere que este *tense*, na visão dos informantes, encontra-se prioritariamente relacionado à categoria verbo.

**Tabela 5 – Expressões no presente, contendo a palavra *offers* – 1ª coleta**

Expressões	Número de ocorrências
<b><i>offers</i></b>	11
<i>sun power offers</i>	5
<i>sun power offers a vision of hope</i>	4
<b><i>offers a vision</i></b>	3
<b><i>offers a vision of hope</i></b>	2
<i>sun power offers a vision</i>	2
<b><i>offers a vision of hope and a plan to begin</i></b>	1
<i>power offers a vision</i>	1
<i>sun power offers a vision of hope and a plan</i>	1
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	30
% das ocorrências	77%

As expressões que não apresentam a palavra *offers* são as seguintes:

**Tabela 6 – Expressões no presente, que não contêm a palavra *offers* – 1ª coleta**

Expressões	Número de ocorrências
<i>(to) begin</i>	3
<i>begin the long journey</i>	1
<i>global healing</i>	1
<i>plan to begin</i>	1
<i>renewable energy is the term used to describe</i>	1
<i>sun power</i>	1
<i>The world is fast</i>	1
Total de ocorrências sem a palavra <b><i>offers</i></b>	9
% das ocorrências	23%

De acordo com os 37 informantes, as expressões que se referem ao passado são:

Tabela 7 – Expressões que dão idéia de tempo passado – 1ª coleta

Expressões	Número de ocorrências
<i>The long journey</i>	3
<i>A plan to begin</i>	2
<i>hope</i>	2
<i>long journey</i>	2
<i>Long journey to energy</i>	2
<i>the long journey to energy</i>	2
<i>a plan to begin the long journey</i>	1
<i>a plan to begin the long journey to energy independence</i>	1
<i>*Almost 2,500 years ago</i>	1
<i>*during the 1980 it was</i>	1
<i>healing</i>	1
<i>Independence</i>	1
<i>of hope</i>	1
<i>of hope and plan</i>	1
<i>plan to begin</i>	1
<i>sun power offers a vision of hope</i>	1
<i>the long journey to energy independence</i>	1
<i>to begin the long journey to energy</i>	1
<i>within</i>	1
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	26
<b>*Expressões que não consta do excerto analisado</b>	

Diferentemente das expressões que, segundo os informantes, dão idéia de tempo presente, observa-se que suas expectativas sobre expressões no passado variaram consideravelmente. No presente, foram detectadas 39 ocorrências de expressões, enquanto que, no passado, 26.

A Tabela 8 mostra que o sintagma *long journey* aparece em 13 das 26 ocorrências. Isso sugere que, na ausência de verbo, o sintagma nominal tem maior probabilidade de trazer consigo um *time schema*.

Tabela 8 – Expressões no passado, contendo *long journey* – 1ª coleta

Expressões	Número de ocorrências
<i>the long journey</i>	3
<i>long journey</i>	2
<i>long journey to energy</i>	2
<i>the long journey to energy</i>	2
<i>a plan to begin the long journey</i>	1
<i>a plan to begin the long journey to energy independence</i>	1
<i>the long journey to energy independence</i>	1
<i>to begin the long journey to energy</i>	1
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	13

De acordo com os 37 informantes, as expressões que se referem ao futuro são:

Tabela 9 – Expressões que dão idéia de tempo futuro – 1ª coleta

Expressões	Número de ocorrências	%
<i>next ten years</i>	15	34
<i>the next ten years</i>	9	21
<i>within the next ten years</i>	8	18
<i>a plan to begin</i>	2	5
<i>hope</i>	2	5
<i>long journey</i>	2	5
<i>a vision of hope</i>	1	2
<i>begin</i>	1	2
<i>Global healing within the next ten years</i>	1	2
<i>healing within the next ten years</i>	1	2
<i>plan</i>	1	2
<i>*we are reaching the bottom of the well</i>	1	2
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	44	

Das 44 ocorrências de expressões com idéia de futuro, 34 contêm a expressão *next ten years*, o que pode representar novas evidências de que, na ausência de verbo em um dado segmento textual, o *time schema* recai sobre outra categoria.

Tabela 10 – Expressões no futuro, contendo a expressão *next ten years* – 1ª coleta

Expressões	Número de ocorrências	%
<i>next ten years</i>	15	
<i>the next ten years</i>	9	
<i>within the next ten years</i>	8	
<i>Global healing within the next ten years</i>	1	
<i>healing within the next ten years</i>	1	
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	34	77%

Após a tabulação dos dados da 1ª coleta, observou-se que o enunciado da questão 2 do texto 2 permitiu o agrupamento aleatório de palavras (ver Quadro 15), o que foi evitado na 2ª coleta. O enunciado da questão, que na 1ª coleta foi:

**Questão 2:** Retire do trecho abaixo palavras ou expressões que sugerem uma idéia de TEMPO (PRESENTE, PASSADO OU FUTURO):

*"Sun power offers a vision of hope and a plan to begin the long journey to energy independence and global healing within the next ten years."* (linhas13/14)

PRESENTE: \_\_\_\_\_

PASSADO: \_\_\_\_\_

FUTURO: \_\_\_\_\_

passou a ser:



**Questão 2:** Indique com um 'x', na tabela, as palavras ou expressões do trecho abaixo que sugerem idéia de TEMPO (PRESENTE, PASSADO OU FUTURO):

*"Sun power offers a vision of hope and a plan to begin the long journey to energy independence and global healing within the next ten years."* (linhas13/14)

Palavras (ou expressões)	PRESENTE	PASSADO	FUTURO
<i>sun power offers</i>			
<i>offers</i>			
<i>sun power offers a vision of hope</i>			
<i>offers a vision (of hope)</i>			
<i>(to) begin</i>			
<i>a plan to begin</i>			
<i>a vision of hope</i>			
<i>hope</i>			
<i>(the) long journey (to energy independence)</i>			
<i>global healing</i>			
<i>within the next ten years</i>			
<i>within</i>			
<i>(the) next ten years</i>			

As visões dos informantes da 2ª coleta, em relação às expressões temporais, são apresentadas em visão panorâmica na Tabela 11.

Tabela 11 – Visão sobre as expressões temporais – 2ª coleta

Expressões	Total de ocorrências	Presente		Passado		Futuro		Não há idéia de tempo	
		ocorrências	%(em relação ao total de ocorrências)	ocorrências	%(em relação ao total de ocorrências)	ocorrências	%(em relação ao total de ocorrências)	ocorrências	%(em relação ao total de ocorrências)
<i>sun power offers</i>	44	41	<b>93</b>			1	2	2	5
<i>offers</i>	44	31	<b>70</b>			2	5	11	25
<i>(to) begin</i>	44	27	<b>61</b>	2	5	6	14	9	20
<i>offers a vision (of hope)</i>	44	17	39			19	<b>43</b>	8	18
<i>sun power offers a vision of hope</i>	43	15	35			28	<b>65</b>		
<i>global healing</i>	43	14	32	2	5	9	21	18	<b>42</b>
<i>a plan to begin</i>	44	12	27	5	12	19	<b>43</b>	8	18
<i>(the) long journey (to energy independence)</i>	47	9	20	4	9	25	<b>52</b>	9	19
<i>a vision of hope</i>	43	7	16	2	5	23	<b>53</b>	11	16
<i>within</i>	43	6	14	1	2	4	9	32	<b>75</b>
<i>hope</i>	44	4	9			25	<b>57</b>	15	34
<i>within the next ten years</i>	43	2	5	1	2	40	<b>93</b>		
<i>(the) next ten years</i>	43	1	2	2	5	39	<b>91</b>	1	2

As Tabelas 12 e 13 apresentam as opiniões dos informantes em relação às marcas temporais das expressões apresentadas, em ordem decrescente de ocorrências.

Tabela 12 – Expressões que dão idéia de tempo passado – 2ª coleta

Expressões	Ocorrências	% em relação ao total de ocorrências
<i>a plan to begin</i>	5	12
<i>(the) long journey (to energy independence)</i>	4	9
<i>(to) begin</i>	2	5
<i>A vision of hope</i>	2	5
<i>global healing</i>	2	5
<i>(the) next ten years</i>	2	5
<i>Within the next ten years</i>	1	2
<i>within</i>	1	2

No. de informantes: 43

**Tabela 13 – Expressões que dão idéia de tempo futuro – 2ª coleta**

Expressões	Ocorrências	% em relação ao total de ocorrências
<i>within the next ten years</i>	40	93
<i>(the) next ten years</i>	39	91
<i>sun power offers a vision of hope</i>	28	65
<i>hope</i>	25	57
<i>a vision of hope</i>	23	53
<i>(the) long journey (to energy independence)</i>	25	52
<i>offers a vision (of hope)</i>	19	43
<i>a plan to begin</i>	19	43
<i>global healing</i>	9	21
<i>(to) begin</i>	6	14
<i>within</i>	4	9
<i>offers</i>	2	5
<i>sun power offers</i>	1	2
No. de informantes: 43		

Algumas das expressões apresentadas no enunciado da questão não suscitaram, junto aos informantes, a noção de tempo. Tais expressões encontram-se na Tabela 14.

**Tabela 14 – Expressões que não dão idéia de tempo – 2ª coleta**

Expressões	Ocorrências	% em relação ao total de ocorrências
<i>within</i>	32	75
<i>global healing</i>	18	42
<i>hope</i>	15	34
<i>a vision of hope</i>	11	26
<i>offers</i>	11	25
<i>(to) begin</i>	9	20
<i>(the) long journey (to energy independence)</i>	9	19
<i>offers a vision (of hope)</i>	8	18
<i>a plan to begin</i>	8	18
<i>sun power offers</i>	2	5
<i>(the) next ten years</i>	1	2
No. de informantes: 43		

O conteúdo da Tabela 14 só foi possível ser detectado na 2<sup>a</sup> coleta, já que, a partir de uma lista prévia de expressões, os informantes tinham a liberdade de assinalar mais de uma noção de tempo para uma mesma expressão ou, ainda, não assinalar nenhum tempo para alguma expressão. Foi o caso da palavra *within* que, segundo 75% dos informantes, não lhes remetem a nenhuma noção de tempo. Houve expressões que, fora de contexto, foram consideradas como sinalizadoras de dois tempos. Tais expressões encontram-se na Tabela 15, a seguir.

**Tabela 15 – Expressões que remetem a mais de um tempo – 2<sup>a</sup> coleta**

Expressões	Ocorrências
<i>(the) long journey (to energy independence)</i>	4
<i>sun power offers</i>	1
<i>offers</i>	1
<i>offers a vision (of hope)</i>	1
<i>(to) begin</i>	1
<i>a plan to begin</i>	1
<i>hope</i>	1

#### 4.4.4 A questão 2 do texto 2 – Tempo e aspecto

Esta questão teve o objetivo de avaliar a percepção do leitor no que se refere ao uso do *Simple Past* e do *Present Perfect*, e aos efeitos de sentido que provocam no discurso. A questão 2 foi apresentada aos informantes da seguinte forma:

**Questão 2:** Considere o emprego dos tempos verbais (*Tenses*) no início do texto:

"The U.S. (a) **has gone** through a historically unparalleled expansion in its prison - from fewer than 400,000 in 1970 to almost 2.1 million in 2000. The expansion (b) **continued** vigorously even as crime rates fell sharply in recent years. And it (c) **has happened** at all levels - federal, state and local..." (linhas 1-3)

- (a) **has gone**           => *Present Perfect Tense*  
 (b) **continued**       => *Simple Past Tense*  
 (c) **has happened**   => *Present Perfect Tense*

Escolha uma explicação para o uso dos *Tenses* em (a) (b) (c), marcando com um 'x'

EXPLICAÇÕES	(a) <b>has gone</b>	(b) <b>continued</b>	(c) <b>has happened</b>
Descreve ação ocorrida em um passado indeterminado			
Descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro			
Relata fato historicamente delimitado			
Descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido			

As justificativas de uso dos *tenses* foram identificadas por números de 1 a 4, de acordo com o seguinte:

- 1 Descreve ação ocorrida em um passado indeterminado
- 2 Descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro
- 3 Relata fato historicamente delimitado
- 4 Descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido

A Tabela 16 contém as respostas dos informantes.

Tabela 16 – Ocorrências do *Simple Past* e do *Present Perfect* – 1ª coleta

Informantes	<i>has gone</i>	<i>continued</i>	<i>has happened</i>
R2	1	2	2
R5	3	4	2
R7	2	4	3
R11	3	2	1 4
R12	3 4	2	1
R14	3	2	4
R15	4	2	1
R16	3	2	2
R17	2	4	2
R18	2	3 4	1
R21	4	2	1 3
R23	3	2	1
R25	2	4	2
E1	3 4	1	2
E2	2	3	4
E3	1	2	2
E4	2	4	2
E5	3 4	1	2
E6	1	3	2
E7	3	4	2
E8	2	4	3
E9	1	3	2
E10	2	1	2
E11	2	4	3
E12	4	1	2

Para essa tarefa, contou-se com 25 informantes entre os quais R11, R12, R18, R21, E1 e E5 marcaram mais de uma opção para um mesmo sintagma verbal. A opção de marcar mais de uma resposta não foi impedida nem estimulada, em nenhum momento. Como se observa na Tabela 16, o informante R11, por exemplo, considera que a expressão *has happened* (que se encontra no *Present Perfect*) pode tanto *descrever uma ação ocorrida em um passado indeterminado* quanto *relatar fato historicamente delimitado*.

Para a 2ª coleta, contou-se com a participação de 43 informantes, cujas respostas encontram-se na Tabela 17.

Tabela 17 – Ocorrências do *Simple Past* e do *Present Perfect* – 2ª coleta

Informantes	<i>has gone</i>	<i>continued</i>	<i>has happened</i>
R1	3	4	2
R2	2	4	2
R3	2 3	1	4
R4	2	4	1
R5	4	2	1 3
R6	2	4	3
R7	4	2	1
R8	1 4	2	3
R9	3	4	2
R10	3 4	2	1
R11	1 3	4	2
R12	2	3	4
R13	2	3 4	1
R14	1	2	4
R15	4	2	4
R16	1	4	2
R17	4	1	3
R18	4	2	1 4
R19	2	3 4	1
R20	4	2	4
R21	2	3	2
R22	1 3	2	4
R22	3 4	1	2
R24	1 3	2	1
R25	2	1	2
R26	2	1	2
R27	1	2	3 4
R28	1	2 3	4
E1	4	2	3
E2	3	4	2
E3	3	4	2
E4	3 4	2	1
E5	1 4	2	3
E6	3	2	4
E7	1	2	3 4
E8	1 3	4	2
E9	2	1 3	4
E10	3	4	2
E11	3	2 4	1
E12	3 4	1	2
E13	1	4	2
E14	3	1	4
E15	2	1	2

As respostas para a questão 2 do texto 2 foram reagrupadas conforme Tabela 18.

**Tabela 18 – Explicações sobre usos do *Simple Past* e do *Present Perfect* – 1ª e 2ª coletas**

EXPLICAÇÕES	(a) <i>has gone</i> (ocorrências %)		(b) <i>continued</i> (ocorrências %)		(c) <i>has happened</i> (ocorrências %)	
	Descreve ação ocorrida em um passado indeterminado	16	19	13	18	16
Descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro	21	26	27	36	30	40
Relata fato historicamente delimitado	26	32	10	14	12	16
Descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido	19	23	24	32	16	22
soma	82	100	74	100	74	100

Na 1ª coleta, o informante R12, considerou que a expressão *has gone* pode ter duas justificativas de uso (ver Tabela 16, p.155); o informante R18 que o uso de *continued* tem duas e os informantes R11 e R21 que o uso de *has happened* poderia apresentar duas justificativas de uso. Outros informantes, na 2ª coletas, tiveram a mesma atitude. Se cada informante tivesse marcado uma só justificativa para o uso de cada sintagma verbal modal, teríamos o total de 68 ocorrências em cada coluna (a) (b) e (c) da Tabela 18. No entanto, já que alguns marcaram mais de uma explicação de uso para um mesmo *tense*, as somas das ocorrências, por coluna, foram 82 (= 68 + 14) e 74 (= 68 + 6).



#### 4.4.5 A questão 3 do texto 2 – Modalização

Essa questão teve um duplo objetivo. Por um lado, verificar a capacidade dos informantes identificarem modalizações verbais; por outro, prepará-los para a questão 2 do texto 4 que vincula as modalizações à noção de tempo. A questão 3 do texto 2 foi apresentada aos informantes da seguinte forma:

**Questão 3:** Leia as duas sentenças abaixo e marque (com um 'x') a melhor alternativa para indicar a intenção do autor ao utilizar os sintagmas verbais em destaque:

Sentenças retiradas do Texto 2 - <i>Why do prisons grow?</i>	Possibili- dade (P)	Aconse- lhamento (A)	Certeza (C)	Ênfase (E)
<i>"And <b>could</b> the expansion <b>have been avoided</b> without harm to the public?" (linha 33)</i>				
<i>"Because Davey's study covers a limited period (the 1980s and the early 1990s) and a limited number of states, it <b>cannot be taken</b> as the last word on the subject". (linhas 21/22)</i>				

As respostas dos informantes para a questão 3 do texto 2 foram:

**Tabela 19 – Ocorrências das modalizações  
– 1ª coleta**

Informantes	<i>could have been avoided</i>	<i>cannot be taken</i>
R2	P	C
R5	P	C
R7	P	P
R11	P	E
R12	P	C
R14	E	P
R15	P	E
R16	P	C
R17	P	C
R18	A	P
R21	E	C
R23	P	E
R25	P	A
E1	P	E
E2	P	C
E3	P E	A E
E4	A	C
E5	P	C
E6	P	C
E7	P	C
E8	P	C
E9	P	A
E10	C	E
E11	P	C
E12	P	C
<b>RESPOSTA ESPERADA</b>	<b>P</b>	<b>C</b>

P = Possibilidade  
A = Aconselhamento  
C = Certeza  
E = Ênfase

**Tabela 20 – Ocorrências das modalizações  
– 2ª coleta**

Informantes	<i>could have been avoided</i>	<i>cannot be taken</i>
R1	P	C
R2	P	C
R3	P	E
R4	P	C
R5	P	C
R6	P	C
R7	P	C
R8	P	A
R9	P	C
R10	P	A
R11	P	E
R12	E	C
R13	P	C
R14	P	A
R15	P	C
R16	E	A
R17	P	C
R18	P	C
R19	P	C
R20	A	C
R21	P	C
R22	P	P
R22	P	C
R24	P	C
R25	P	C
R26	P	C
R27	P A	E
R28	P	C
E1	P	E
E2	P	C
E3	A	C
E4	P	A
E5	E	P
E6	A	C
E7	A	C
E8	P	C
E9	P	C
E10	P	E
E11	E	P
E12	P	A
E13	A	P
E14	P E	A
E15	P	C
<b>RESPOSTA ESPERADA</b>	<b>P</b>	<b>C</b>

P = Possibilidade  
A = Aconselhamento  
C = Certeza  
E = Ênfase

De acordo com o quadro das respostas à questão 3 do texto 2, pode-se observar que, na 1ª coleta, o informante E3 considerou que o mesmo sintagma verbal *could have been avoided* comporta duas idéias de modalização: possibilidade e ênfase. O mesmo informante considera que o sintagma *cannot be taken* pode indicar tanto aconselhamento quanto ênfase. Esperava-se que os informantes percebessem que *could have been avoided* indica possibilidade e que *cannot be taken*, ênfase. O número de informantes para essa questão foi de 68, sendo 25 na 1ª coleta e 43 na 2ª. Em função de alguns informantes marcarem mais de uma resposta, obteve-se ao final, 71 ocorrências para o sintagma *could have been avoided* e 69 ocorrências para *cannot be taken*. As percepções dos informantes sobre as duas manifestações de modalização são apresentadas na Tabela 21.

**Tabela 21 – Explicação sobre as modalizações – 1ª e 2ª coletas**

Sintagmas verbais	Efeitos de sentido das modalizações								
	Possibilidade		Aconselhamento		Certeza		Ênfase		Total de ocorrências
<i>Could have been avoided</i>	54	76%	8	11%	1	2%	8	11%	71
<i>Cannot be taken</i>	7	10%	10	15%	41	59%	11	16%	69

Por meio da tabela 21, observa-se que ao sintagma *could have been avoided* 76% dos informantes atribuem noção de possibilidade (54 das 71 ocorrências), o que coincide com a resposta esperada. O sintagma *cannot be taken* apresentou índice de acerto igual a 59% (41 das 69 ocorrências).

#### 4.4.6 A questão 2 do texto 3 – Ordenamento cronológico de eventos

O objetivo dessa questão foi verificar se os informantes eram capazes de ordenar cronologicamente 6 eventos que representam as etapas de um estudo científico

sobre a compaixão em ambiente empresarial. Considerou-se que a ordenação correta pressupõe, além da compreensão de enunciados isolados, uma percepção da totalidade do texto. A questão 2 foi enunciada da seguinte forma:

**Questão 2:** Ordene cronologicamente os fatos, numerando de 1 a 6, conforme o texto:

- ( ) Elaboração de estudo sobre a retenção de funcionários em empresas que colaboraram com o processo de cura de seus empregados;
- ( ) Verificação do impacto da compaixão sobre a recuperação de traumas originários de experiências trágicas;
- ( ) O despertar do interesse pelo estudo das formas de expressão da compaixão;
- ( ) Elaboração de estudos sobre as ações que inibem ou aceleram o processo de cura de traumas;
- ( ) Elaboração, por dois anos, de estudos sobre como as empresas tratam a questão da compaixão;
- ( ) Elaboração de estudos complementares sobre a duração dos eventos causadores de traumas e do comportamento das empresas.

Os números indicados entre os parênteses indicam a resposta esperada:

- ( 5 ) Elaboração de estudo sobre a retenção de funcionários em empresas que colaboraram com o processo de cura de seus empregados;
- ( 3 ) Verificação do impacto da compaixão sobre a recuperação de traumas originários de experiências trágicas;
- ( 1 ) O despertar do interesse pelo estudo das formas de expressão da compaixão;
- ( 6 ) Elaboração de estudos sobre as ações que inibem ou aceleram o processo de cura de traumas;
- ( 2 ) Elaboração, por dois anos, de estudos sobre como as empresas tratam a questão da compaixão;
- ( 4 ) Elaboração de estudos complementares sobre a duração dos eventos causadores de traumas e do comportamento das empresas.

O evento ( 1 ), representado pelo enunciado "O despertar do interesse pelo estudo das formas de expressão da compaixão", é anterior ao evento (2), "Elaboração, por dois anos, de estudos sobre como as empresas tratam a questão da compaixão", conforme o texto. A numeração de 1 a 6 indica a seqüência cronológica dos eventos, conforme o texto 3.

Dos 80 informantes, 20 em cada coleta foram capazes de recuperar, na íntegra, a seqüência dos 6 eventos, como se pode observar nos Quadros 16 e 17, segundo os números em destaque.

Quadro 16- Respostas à questão 2 – Texto 3 – 1ª coleta

SEQÜÊNCIA ASSINALADA PELOS INFORMANTES																																					
Seqüência esperada	INFORMANTES																																				
	R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	R15	R16	R17	R18	R19	R20	R21	R22	R23	R24	R25	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12
5	5	5	5	<u>3</u>	<u>5</u>	5	<u>4</u>	5	5	<u>5</u>	6	5	<u>5</u>	5	5	5	<u>4</u>	5	<u>4</u>	<u>4</u>	5	<u>3</u>	4	5	5	<u>3</u>	5	<u>6</u>	6	<u>4</u>	5	<u>4</u>	<u>4</u>	5	<u>4</u>	5	<u>4</u>
3	4	3	<u>2</u>	6	<u>3</u>	3	3	3	3	6	5	3	<u>4</u>	4	3	3	3	<u>2</u>	3	<u>2</u>	3	6	<u>5</u>	3	3	<u>6</u>	3	3	3	3	3	3	6	3	3	3	2
1	1	1	6	1	2	1	1	1	1	3	1	1	1	1	1	1	1	4	1	5	1	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	6	1	1
6	3	4	4	<u>4</u>	<u>6</u>	6	<u>5</u>	6	6	2	2	6	<u>6</u>	3	4	6	<u>5</u>	3	<u>5</u>	6	6	<u>4</u>	2	6	6	<u>4</u>	4	4	5	<u>5</u>	6	<u>5</u>	<u>5</u>	6	<u>5</u>	4	<u>5</u>
2	2	2	<u>1</u>	2	1	2	2	2	2	1	3	2	<u>3</u>	2	2	2	2	<u>1</u>	2	<u>1</u>	2	2	3	2	2	<u>5</u>	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	3
4	6	6	<u>3</u>	5	<u>4</u>	4	6	4	4	<u>4</u>	4	4	2	6	6	4	6	6	6	<u>3</u>	4	1	<u>6</u>	4	4	<u>2</u>	6	<u>5</u>	4	6	4	6	<u>3</u>	4	2	6	6

Obs.: – os números em destaque referem-se aos eventos corretamente ordenados, na totalidade da seqüência;  
 – os números sublinhados referem-se a eventos corretamente ordenados em relação a pelo menos um outro evento;  
 – 10 informantes que recuperaram a seqüência completa: R6, R8, R9, R12, R16, R21, R24, R25, E6 e E9.

Quadro 17 – Respostas à questão 2 – Texto 3 – 2ª coleta

SEQÜÊNCIA ASSINALADA PELOS INFORMANTES																																														
Seqüência esperada	INFORMANTES																																													
	R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	R15	R16	R17	R18	R19	R20	R21	R22	R23	R24	R25	R26	R27	R28	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15			
5	6	5	5	<u>3</u>	5	5	5	5	5	6	5	5	5	5	5	5	5	5	5	6	5	6	5	5	5	5	6	<u>4</u>	4	4	5	5	6	<u>4</u>	5	2	5	<u>5</u>	<u>5</u>	<u>3</u>	6	5	6	5		
3	3	3	3	6	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	3	3	4	<u>2</u>	3	3	3	3	3	3	3	<u>3</u>	<u>3</u>	4	3	3	7	3	6	6	6	<u>5</u>	3	6	3	3	3		
1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	<u>2</u>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	3	1	1	1	1	1	1	6	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
6	5	6	4	<u>4</u>	6	6	4	4	4	5	6	4	6	4	4	4	4	4	6	5	3	5	4	6	6	6	5	<u>5</u>	1	4	3	5	<u>5</u>	4	4	4	3	3	<u>4</u>	5	4	5	6	6		
2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	<u>3</u>	2	2	2	2	2	2	2	2	2	<u>1</u>	2	2	2	2	2	2	<u>2</u>	6	1	2	2	2	2	5	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
4	4	4	6	5	4	4	6	6	6	4	4	6	4	6	6	6	6	6	4	4	6	4	6	4	4	4	4	6	5	<u>3</u>	6	4	6	6	6	3	<u>4</u>	<u>4</u>	<u>6</u>	4	3	4	4	4		

Obs.: – os números em destaque referem-se aos eventos corretamente ordenados, na totalidade da seqüência;  
 – os números sublinhados referem-se a eventos corretamente ordenados em relação a pelo menos um outro evento;  
 – 10 informantes que recuperaram a seqüência completa: R3, R5, R6, R11, R13, R19, R24, R25, R26 e E1.

Nos Quadros 16 e 17, os números sublinhados correspondem a fatos em seqüência cronológica correta em relação aquele imediatamente anterior ou posterior, independentemente dos outros fatos da seqüência. Os números sem qualquer destaque (sublinhado ou negrito) indicam eventos fora de ordem cronológica em relação ao texto 3. Tomemos como exemplos alguns informantes da 1ª coleta (ver Quadro 16). O informante R1 acertou apenas a seqüência 1-2; portanto, os números correspondentes encontram-se em negrito e os outros (3 a 6), sem qualquer destaque. O informante R2 acertou a seqüência 1-2-3; logo, os números 1, 2 e 3 estão em negrito e os outros, não. O informante R3 percebeu que os eventos 2, 3 e 4 encontram-se em seqüência, embora não tenha situado corretamente o primeiro evento na seqüência geral; por isso os eventos 2, 3 e 4 (representados pelo informante através dos números 1, 2 e 3) estão sublinhados; os outros, sem nenhuma marcação. O informante R4 percebeu a seqüência entre os eventos 1 e 2, cujos números estão em negrito. A seqüência dos eventos 5 e 6, representada pelo informante por meio dos números 3 e 4, foi corretamente percebida, o que justifica estarem sublinhados. A seqüência 3 – 4, representada pelos números 6 e 5, não foi devidamente detectada.

Com base nos Quadros 16 e 17, a Tabela 22 mostra a percepção da seqüência cronológica dos eventos. Dos 80 informantes, 20 (25%) foram capazes de perceber a seqüência cronológica dos 6 eventos do texto.



**Tabela 22 – Percepção da seqüência cronológica do texto 3 – 1ª e 2ª coletas**

EVENTOS	PERCEPCÕES EM CONFORMIDADE COM O TEXTO	%
1-2-3-4-5-6	20	25
1-2-3-4-5	20	25
1-2-3-4	28	35
1-2-3	50	63
1-2	62	78
1	70	88
No. de informantes = 80		

Como desdobramento dos Quadros 16 e 17, a Tabela 23 apresenta a percepção dos informantes em relação à localização temporal de cada fato:

**Tabela 23 – Localização seqüencial de cada fato do texto 3 – 1ª e 2ª coletas**

FATOS	Ocorrências corretas	Ocorrências incorretas
	%	%
1	88	12
2	88	12
3	76	24
4	50	50
5	53	42
6	46	54
No. de informantes: 80		

Na tabela 23, considerou-se como ocorrência correta a percepção de um fato em relação a pelo menos um outro fato, imediatamente anterior ou posterior na cadeia cronológica. Por exemplo: o informante R4 da 2ª coleta (ver Quadro 17, p.164) percebeu corretamente a localização temporal dos eventos 1 e 2, cujos números

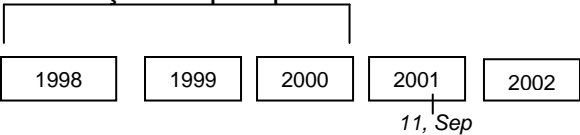
encontram-se em negrito, diferentemente dos eventos 3 e 4 (identificados pelo informante pelos os números 6 e 5, respectivamente), que foram identificados como seqüência incorreta. Os eventos 5 e 6 (identificados, respectivamente, por 3 e 4 – números sublinhados no Quadro 17, p.164) foram considerados ocorrências corretas, já que o informante percebeu a seqüência cronológica entre os dois eventos, mesmo não tendo recuperado a seqüência de todos os eventos.

#### 4.4.7 A questão 3 do texto 3 – Representação esquemática da estrutura temporal

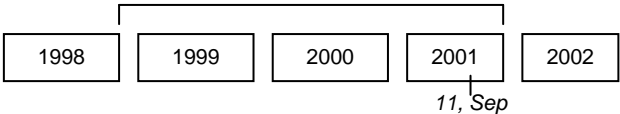
A partir da leitura de um texto em língua inglesa, a questão 3 procurou captar a percepção da duração total de uma seqüência de eventos associada à vinculação temporal da realidade textual à realidade objetiva. A questão foi apresentada aos informantes conforme segue.

**Questão 3:** Marque com um 'x' o melhor esquema representativo do Texto 3:

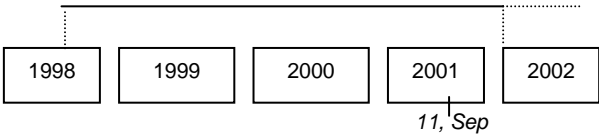
**duração da pesquisa**

Esquema 1 — 

**duração da pesquisa**

Esquema 2 — 

**duração da pesquisa**

Esquema 3 — 

Nas alternativas apresentadas, além das referências ao período de 1998 a 2002, a indicação **11, Sep.** possibilitou uma vinculação precisa à realidade externa. As alternativas têm em comum a representação da duração total da série de eventos – 3 anos. A diferença entre os esquemas 1 e 2 encontra-se na vinculação do início da série de eventos à realidade externa. Enquanto o esquema 1 sugere que a pesquisa tenha começado no princípio de 1998, o esquema 2 sugere seu início ao final do mesmo ano. O esquema 3 mostra a pesquisa iniciando-se em algum momento do ano de 1998 (representado pela linha tracejada vertical) e terminando no início de 2002. No esquema 3, que representa com mais precisão o texto 3, a linha horizontal tracejada indica a continuidade da pesquisa, por um período não definido. O Quadro 18 mostra a resposta dos informantes para essa questão.

**Quadro 18 – A representação do esquema temporal do texto 3**

Informantes 1ª coleta	Esquema temporal		
R1			3
R2			3
R3		2	
R4			3
R5			3
R6	1		
R7			3
R8		2	
R9			3
R10			3
R11			3
R12			3
R13			3
R14			3
R15			3
R16	1		
R17	1		
R18			3
R19			3
R20		2	
R21			3
R22	1		
R23			3
R24		2	
R25			3
E1		2	
E2			3
E3			3
E4		2	
E5			3
E6			3
E7			3
E8			3
E9			3
E10	1		
E11			3
E12			3
Informantes 2ª coleta	Esquema temporal		
R1		2	
R2			3
R3			3
R4			3
R5	1		

R6		2	
R7		2	
R8		2	
R9			3
R10		2	
R11		2	
R12			3
R13			3
R14		2	
R15			3
R16			3
R17		2	
R18		2	
R19			3
R20		2	
R21			3
R22	1		
R23			3
R24			3
R25		2	
R26		2	
R27			3
R28		2	
E1			3
E2			3
E3			3
E4			3
E5			3
E6			3
E7			3
E8			3
E9			3
E10	1		
E11	1		
E12			3
E13			3
E14			3
E15			3
<b>Ocorrências</b>	<b>9</b>	<b>19</b>	<b>52</b>
<b>%</b>	<b>11%</b>	<b>24%</b>	<b>65%</b>
Total de informantes: 80			
Resposta esperada: <b>Esquema temporal 3</b>			

Na totalidade das respostas à questão 3 do texto 3, observa-se que as três alternativas foram contempladas: o esquema 1, com 11%; o esquema 2, com 24%; e o esquema 3, com 65% das respostas.

Os 20 informantes que conseguiram recuperar a seqüência correta de 6 eventos (questão 2 do texto 3) não foram unânimes na escolha do esquema 3 como representação esquemática temporal do texto 3, conforme Quadro 19, ou seja, na opinião de 9 dos 20 informantes que acertaram a seqüência dos 6 eventos, os esquemas 1 e 2, também podem representar temporalmente o texto 3, o que sugere que não há relação entre percepção de seqüência de eventos e sua vinculação à realidade objetiva.

**Quadro 19 – Respostas à questão 3 – Texto 2 (informantes que acertaram a questão 2)**

Informantes 1ª coleta	Esquema temporal		
R6	1		
R8		2	
R9			3
R12			3
R16	1		
R21			3
R24		2	
R25			3
E6			3
E9			3
Informantes 2ª coleta	Esquema temporal		
R2			3
R5	1		
R6		2	
R11		2	
R13			3
R19			3
R24			3
R25		2	
R26		2	
E15			3

#### 4.4.8 A questão 2 do texto 4 – Tempo e modalização

Essa questão procurou avaliar a habilidade dos informantes em relacionarem a categoria tempo com algumas modalizações – possibilidade, aconselhamento, certeza e possibilidade. A questão foi apresentada da forma seguinte.

<b>Questão 2:</b> Leia as sentenças abaixo e marque (com um 'x') a melhor alternativa para indicar a intenção do autor ao utilizar os sintagmas verbais em destaque:				
Sentenças retiradas do Texto 4 - <b>Going Solo</b>	Possibilidade (no presente)	Aconselhamento (no presente ou futuro)	Certeza (no presente)	Possibilidade (no passado)
"...among the developments that <b>may have contributed</b> to the rise in unwed motherhood..." (linhas 15/16)				
"...the lack of decent jobs <b>cannot explain</b> more than..." (linhas 26/27)				
"... there is a strong consensus that adolescents <b>should not bear</b> children."(linhas 57/58)				
"American adolescents are less apt than those in other countries to use contraceptives and <b>may not use</b> them as effectively." (linhas 59-61)				

As respostas dos informantes para a questão 2 do texto 4 podem ser vistas no Quadro 20.

**Quadro 20 – Visão sobre modalizações e tempo**

Informantes 1 <sup>ª</sup> coleta	<i>may have contributed</i>	<i>cannot explain</i>	<i>should not bear</i>	<i>may not use</i>
R1	PPA	PPR	C	C
R2	PPA	PPA	PPR	C
R3	PPA	A	C	PPR
R4	PPA	C	C	PPR
R5	PPA	C	PPR	A
R6	PPA	C	A	PPR
R7	PPR	C	A	C
R8	PPA	C	A	PPR
R9	PPA	PPR	C	A
R10	PPA	A	C	PPR
R11	PPR	C	PPA	A
R12	C	PPA	A	PPR
R13	A	C	C	C
R14	PPA	C	A	PPR
R15	PPA	PPA	C	C
R16	PPR	C	A	A
R17	PPA	C	A	PPR
R18	PPR	A	A	C
R19	PPA	PPR	PPA	PPA
R20	C	A	PPR	C
R21	PPA	PPR	C	A
R22	PPR	C	A	PPR
R23	PPA	C	A	PPR
R24	A	PPR	C	PPA
R25	PPA	C	A	PPR
E1	PPR	C	A	PPA
E2	PPA	C	A	PPR
E3	C	PPR	A	PPR
E4	PPA	C	C	PPR
E5	PPA	PPR	PPR	C
E6	PPA	C	A	PPR
E7	PPA	C	A	PPR
E8	PPA	PPR	C	C
E9	PPA	C	A	PPR
E10	PPR	C	A	C
E11	PPA	C	PPR	A
E12	PPA	C	A	C
Informantes 2 <sup>ª</sup> coleta	<i>may have contributed</i>	<i>cannot explain</i>	<i>should not bear</i>	<i>may not use</i>
R1	PPA	C	A	PPR
R2	PPA	C	A	C
R3	PPA	PPR	A	C
R4	PPA	C	A	PPR
R5	PPA	C	A	C

R6	PPA	C	A	PPR
R7	PPA	C	A	PPR
R8	PPA	PPR	C	A
R9	PPA	C	A	PPR
R10	PPA	C	A	PPR
R11	PPA	C	A	C
R12	PPA	PPR	C	PPR
R13	PPA	C	A	PPR
R14	PPA	C	A	A
R15	PPA	C	A	C
R16	PPA	PPR	A	A
R17	PPA	C	A	C
R18	PPA	C	A	PPR
R19	PPA	C	A	C
R20	PPA	C	C	C
R21	PPA	PPR	A	C
R22	PPA	PPR	C	C
R23	PPR	C	C	PPR
R24	PPA	C	A	C
R25	PPA	PPR	A	C
R26	PPR	C	A	C
R27	PPA	C	PPR	C
R28	PPA	C	A	C
E1	PPA	C	PPR	A
E2	PPA	PPR	A	C
E3	PPR	C	A	A
E4	PPA	C	A	PPR
E5	C	A	PPA	PPR
E6	PPA	PPR	A	C
E7	PPA	A	C	PPR
E8	PPA	C	A	PPR
E9	PPA	PPR	A	PPR
E10	PPA	C	A	PPR
E11	PPA	C	PPR	C
E12	PPA	A	C	PPR
E13	PPA	C	PPA	A
E14	PPA	PPR	A	C
E15	PPA	C	A	A
<b>RESPOSTA ESPERADA</b>	<b>PPA</b>	<b>C</b>	<b>A</b>	<b>PPR</b>
<b>PPR = Possibilidade (no presente)</b> <b>A = Aconselhamento (no presente ou no futuro)</b> <b>C = Certeza (no presente)</b> <b>PPA = Possibilidade (no passado)</b>				

Organizadas de outra forma, as respostas dos informantes à questão 2 (texto 4) encontram-se na tabela 24.

**Tabela 24 – Modalizações marcadas temporalmente – 1ª e 2ª coletas**

Sentenças retiradas do Texto 4 – <b>Going Solo</b>	Possibilidade (no presente)	Aconselhamento (no presente ou futuro)	Certeza (no presente)	Possibilidade (no passado)
"...among the developments that <b>may have contributed</b> to the rise in unwed motherhood..." (linhas 15/16)	10 12%	2 3%	4 5%	<b>64</b> <b>80%</b>
"...the lack of decent jobs <b>cannot explain</b> more than..." (linhas 26/27)	19 24%	7 9%	<b>51</b> <b>63%</b>	3 4%
"... there is a strong consensus that adolescents <b>should not bear</b> children." (linhas 57/58)	8 10%	<b>50</b> <b>62%</b>	18 23%	4 5%
"American adolescents are less apt than those in other countries to use contraceptives and <b>may not use</b> them as effectively." (linhas 59-61)	<b>34</b> <b>43%</b>	13 16%	30 37%	3 4%

Número de informantes = 80

Os números em destaque correspondem às respostas esperadas

Como se pode ver na Tabela 24, as expressões de modalização receberam interpretações variadas. A interpretação que mais coincidiu com a descrição formal foi a do sintagma *may have contributed* que, para 80% dos informantes, diz respeito a uma possibilidade no passado. As interpretações dos outros sintagmas *cannot explain*, *should not bear* e *may not use* foram ainda mais diluídas nas demais alternativas, coincidindo com a descrição formal em, respectivamente, 63%, 50% e 43%.



#### 4.5 Considerações gerais

Neste capítulo, descreveu-se a metodologia de coleta e apresentação dos dados da pesquisa, em dois momentos cruciais: o da constituição do *corpus* de entrada ou da escolha dos quatro textos autênticos redigidos em inglês, e o da realização da tarefa em sala de aula, para captar as interpretações dos alunos, a partir da leitura dos quatro textos.

A escolha dos textos de entrada obedeceu à orientação metodológica da análise do discurso, em especial da semiolinguística, praticada por Charaudeau. Nessa orientação, considerada do ponto de vista das ciências da linguagem, a AD não é experimental, mas empírico-dedutiva, já que se vale de material já configurado, cujas regularidades e diferenças em relação a outros materiais constituem o fazer do analista (CHARAUDEAU, 1995). O critério adotado para a constituição do *corpus* de entrada, nessa perspectiva, foi o contrato de comunicação que presidiu a produção dos textos, todos eles de divulgação científica, escritos em língua inglesa.

O instrumento de coleta de dados, com base na leitura dos quatro textos selecionados, teve o formato de avaliação da compreensão geral e específica. Como a coleta foi realizada em contexto de sala de aula, em um momento de avaliação semestral, o instrumento sofreu as limitações próprias do contexto, além de procurar captar as interpretações dos alunos de forma a atender os objetivos da pesquisa. Pode-se dizer que o contrato situacional foi mantido, na medida em que os alunos e o professor, no momento da realização da tarefa, mantiveram seus papéis respectivos dentro da situação escolar em que se encontravam. Com a autorização

dos alunos, as avaliações foram consideradas dados de pesquisa, e o professor, analista.

Assim, a metodologia adotada apresenta uma dimensão híbrida já que, por um lado, utilizou um conjunto de textos de interesse do público-alvo, com características próprias do gênero situacional a que pertencem e, por outro, procurou captar a recepção desses textos por meio de exercícios de compreensão geral e de compreensão específica (através de categoria *tempo*). Conscientes das dificuldades de captação de fenômenos da recepção, sobretudo da leitura que, segundo MENDES (2003:244) tem sido “...de certa forma pouco tratada, ou maltratada, pelas teorias do discurso”, acreditamos ser o caráter híbrido da metodologia desta pesquisa uma forma de compatibilizar o rigor científico da AD (na constituição do *corpus* de entrada) com as limitações impostas pela pesquisa em sala de aula, no âmbito da recepção.

O próximo capítulo é dedicado às análises dos dados configurados a partir das interpretações dos informantes, descritas neste capítulo.

## **5. Reações de alunos de língua estrangeira (inglês) à temporalidade no discurso**

No capítulo 5, apresenta-se a análise das interpretações dos informantes sobre a estrutura temporal de 4 textos em inglês, a partir de uma tarefa realizada em 3 fases: leitura extraclasse dos textos; exercício individual, sem consulta, sobre as expectativas em relação a expressões temporais extraídas dos mesmos textos; exercício individual, com consulta,<sup>75</sup> para avaliação da compreensão geral e da interpretação de fenômenos relacionados com a categoria lingüística *tempo*.

### **5.1 Análise das expectativas em relação a expressões temporais descontextualizadas**

A seguir, analisam-se as reações dos informantes quanto às 22 expressões apresentadas em forma de lista para serem relacionadas aos quatro *tenses* estudados no semestre: *Simple Present*, *Simple Past*, *Present Perfect* e *Future*. Dentre as expressões retiradas dos textos lidos previamente, 12 acompanhavam enunciados no *Simple Past*, 4 no *Simple Present*, 2 no *Present Perfect*, 2 no *Future* e 2 constavam em expressões nominalizadas dos títulos de 2 dos textos (conforme Tabela 25).

---

<sup>75</sup> Era permitida a consulta aos 4 textos em inglês, ao dicionário e ao material impresso de que dispunham os informantes sobre os conteúdos estudados no semestre.

Tabela 25 – Tenses que acompanham as 22 expressões (ANEXO 06)

Expressões	<i>Simple Past</i>	<i>Simple Present</i>	<i>Present Perfect</i>	<i>Future</i>	nenhum <i>tense</i>
<i>Almost 2,500 years ago...</i>	1				
<i>The oil shortage of the 1970s...</i>	1				
<i>During the 1980s...</i>	1				
<i>... in recent years.</i>	1				
<i>... in his eight years in office (1987-1995).</i>	1				
<i>During his administration (1985-1993),</i>	1				
<i>... since 1970.</i>	1				
<i>...over the past three decades...</i>	1				
<i>Over the next couple of years...</i>	1				
<i>...after September 11, 2001 ...</i>	1				
<i>Forty years ago...</i>	1				
<i>... in a 1944 U.S. survey,...</i>	1				
<i>Within the next ten years...</i>		1			
<i>Based on current incarceration rates...</i>		1			
<i>; today...</i>		1			
<i>... after World War II ...</i>		1			
<i>Throughout history...</i>			1		
<i>Recently...</i>			1		
<i>The world is fast approaching a crisis... when...</i>				1	
<i>Based on... he estimates that...</i>				1	
<i>The coming energy crisis...</i>					1
<i>A brief history</i>					1
<b>Número de ocorrências de cada <i>tense</i></b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
<b>Proporção das ocorrências dos <i>tenses</i></b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Conforme se observa na última linha da Tabela 25, no conjunto das expressões apresentadas aos informantes, para cada seis ocorrências no *Simple Past*, havia duas no *Simple Present* e uma nas outras possibilidades – *Present Perfect*, *Future* e nenhum *tense*. A percepção dos informantes quanto ao aspecto temporal das expressões ocorreu na seguinte proporção:

<i>Simple Past</i>	<i>Simple Present</i>	<i>Present Perfect</i>	<i>Future</i>	nenhum <i>tense</i>
47	27	20	13	1

**Figura 6 – Proporção entre as expectativas temporais dos informantes**

A diferença entre as proporções das ocorrências efetivas de tempos verbais e as das expectativas dos mesmos *tenses* possibilita algumas análises comparativas. De uma maneira geral, todas as expressões suscitaram uma noção temporal. Para nenhuma delas, houve unanimidade dos informantes. Embora as expressões *The coming energy crisis* e *A brief history*, retiradas, respectivamente, dos textos 1 (ANEXO 1) e 3 (ANEXO 3), não se encontravam acompanhadas de nenhum *tense*, uma vez que compunham sintagmas nominais em títulos, elas foram associadas majoritariamente ao *Simple Present*: a primeira expressão, por 56% dos informantes e a segunda, por 61%, o que indicia a existência de uma certa competência temporal. Essa competência funcionaria como uma habilidade inata de se ancorar os eventos no tempo, mesmo que de forma antecipada como no caso da leitura. Isto é, o usuário da língua, a partir do semantismo lexical e fazendo uso de sua competência temporal, situa os eventos (ou estado de coisas) em um momento de referência e, a partir de informações mais precisas, verifica se a escolha da ancoragem é pertinente.

A Tabela 26 contém as 13 expressões cujas expectativas temporais da maioria dos informantes<sup>76</sup> coincidem com as ocorrências nos textos.

<sup>76</sup> Por *maioria* entende-se o maior percentual de informantes, por expressão. Por exemplo, a maioria dos informantes (i.e., 35%) considera que a expressão *throughout history* ocorre acompanhada do *Simple Past* (Ver Tabela 1, página 136), já que os outros 33%, 28% e 4% consideram que a mesma expressão ocorre com o *Simple Present*, *Present Perfect* e *Future*, respectivamente.

Tabela 26 – Expressões com ocorrência e expectativa temporal coincidentes

Expressões	<i>Simple Past</i> %	<i>Simple Present</i> %	<i>Present Perfetc</i> %	<i>Future</i> %	nenhum tense %
<i>Almost 2,500 years ago...</i>	<b>84</b>	4	6	6	
<i>... in a 1944 U.S. survey,...</i>	<b>79</b>	11	9	1	
<i>Forty years ago...</i>	<b>77</b>	5	9	9	
<i>... in his eight years in office (1987-1995).</i>	<b>72</b>	14	14		
<i>The oil shortage of the 1970s...</i>	<b>71</b>	20	8	1	
<i>During the 1980s...</i>	<b>70</b>	15	13	1	1
<i>During his administration (1985-1993),...</i>	<b>66</b>	10	20	3	1
<i>...after September 11, 2001 ...</i>	<b>58</b>	8	21	10	3
<i>... since 1970.</i>	<b>57</b>	13	19	11	
<i>...over the past three decades...</i>	<b>57</b>	11	22	9	1
<i>; today...</i>		<b>81</b>	18	1	
<i>Based on current incarceration rates...</i>	27	<b>44</b>	16	13	
<i>Recently...</i>	41	14	<b>45</b>		

Os números em negrito na Tabela 26, além de representarem o mais alto índice de expectativa para uma mesma expressão, representam a coincidência entre as expectativas e as ocorrências nos textos. Assim, a expressão *almost 2,500 years ago* foi considerada por 84% dos informantes como portadora de *time schema* no *Simple Past*, fato comprovado pelo texto. As expressões que não constam da Tabela 26 são aquelas cujas expectativas da *maioria* dos informantes não coincidiram com a ocorrência nos textos ou que geraram expectativas diversas, a exemplo de *throughout history*.

Apresentadas aos informantes de forma descontextualizada, as expressões que não provocaram o mesmo esquema temporal do texto são apresentadas na Tabela 27.

**Tabela 27 – Expressões com ocorrência e expectativa temporais não coincidentes**

Expressões	<i>Simple Past</i> %	<i>Simple Present</i> %	<i>Present Perfect</i> %	<i>Future</i> %	nenhum tense %
<i>Throughout history...</i>	<b>35</b>	33	<span style="border: 1px solid black;">28</span>	4	
<i>The world is fast approaching a crisis... when...</i>	8	<b>44</b>	29	<span style="border: 1px solid black;">19</span>	
<i>... Within the next ten years.</i>	6	<span style="border: 1px solid black;">5</span>	10	<b>79</b>	
<i>The coming energy crisis...</i>	11	<b>46</b>	25	15	3
<i>Based on... he estimates that...</i>	29	<b>44</b>	14	<span style="border: 1px solid black;">9</span>	4
<i>A brief history...</i>	24	<b>59</b>	11	3	3
<i>... after World War II ...</i>	<b>63</b>	<span style="border: 1px solid black;">7</span>	19	10	1
<i>... in recent years.</i>	<span style="border: 1px solid black;">22</span>	29	<b>47</b>	2	
<i>Over the next couple of years...</i>	<span style="border: 1px solid black;">18</span>	10	10	<b>58</b>	4

Os números em negrito na Tabela 27 representam o maior índice de expectativas para uma mesma expressão. Os números com bordas indicam a ocorrência no texto. Tomemos a expressão *in recent years*, acompanhada de *Simple Past*, no enunciado: *The expansion continued vigorously even as crime rates fell sharply in recent years*<sup>77</sup>. (linhas 02-03, Texto 2, ANEXO 2, p.253). Como 22% dos informantes tinham a expectativa que ela viesse a ocorrer nesse mesmo tempo verbal, as bordas indicam essa coincidência. O negrito no número 47 indica que a maioria dos informantes considerou que a expressão viesse a ocorrer acompanhada de *Present Perfect*, expectativa que, embora plausível, não tenha coincidido com a ocorrência textual. Vale lembrar que as expressões *The coming crisis* e *A brief history* não se encontravam acompanhadas de nenhum tense.

No que diz respeito às expressões *recently* e *in recent years*, a maioria dos informantes considerou que as duas expressões apresentam potencialmente o

<sup>77</sup> A expansão (da população carcerária) continuou aumentando, mesmo com a diminuição das taxas de criminalidade observadas nos últimos anos.

esquema temporal compatível com o *Present Perfect* (Tabela 1, p.136). Embora essa idéia corresponda à explicação canônica para o uso desse tempo verbal, a expressão *in recent years*, ao ocorrer acompanhada de *Simple Past*, frustrou a expectativa dos informantes. Observa-se que *recent* provocou esquemas temporais relacionados tanto ao presente quanto ao passado. Somadas as expectativas de presente e de passado, *recently* totalizou 55% das expectativas dos informantes; *in recent years* totalizou 51%. Essa intuição dos informantes evidencia a complexidade entre a interpretação das expressões descontextualizadas e os efeitos de sentido relacionados ao aspecto perfectivo, ao mesmo tempo em que indica a ausência de correspondência biunívoca entre categorias formais (adjuntos, verbos) e categorias lingüísticas conceituais.

COMRIE (1985), ao discutir a combinação dos *tenses* com os adjuntos adverbiais, afirma não ser possível estabelecer uma correspondência automática entre eles, admitindo que, no nível discursivo, outros fatores entram em jogo. Como exemplo, ele cita o adjunto *recently* que, em princípio, se refere a um momento indeterminado no passado, mas pode ser utilizado para se referir a um período de tempo específico. Os informantes desta pesquisa parecem ter interpretado os adjuntos *recently* e *in recent years* como ancoragem temporal em um passado indeterminado, compatível com o *Present Perfect*.

No ensino de línguas estrangeiras, as simplificações sobre as categorias tempo, aspecto e modalização tendem a priorizar seus usos mais freqüentes, ficando por conta do aprendiz a percepção dos efeitos de sentido dos usos menos freqüentes. Os usos estabilizados dessas categorias, cujo papel na aprendizagem de uma LE é inegável, precisam ser problematizados quando de suas ocorrências em contextos



especiais que demandam interpretações mais elaboradas. O fenômeno da interlíngua pode sofrer alterações significativas se os aprendizes ficarem atentos às diversas formas de manifestação das categorias lingüísticas e às conseqüências dessa diversidade sobre os sentidos discursivos. O efeito dessas reflexões para o aprendiz pode ser observado de maneira mais imediata no processo de recepção (compreensão do *input* oral ou escrito), podendo, posteriormente, ter reflexos positivos na produção tanto oral quanto escrita.

### 5.1.1 Expressões no *Present Perfect*

Para os aprendizes brasileiros de língua inglesa, o aspecto perfectivo representa uma dificuldade especial, exatamente por apresentar características diferenciadas nas duas línguas. Em português, o aspecto perfectivo diz respeito a ações (ou estado de coisas) já finalizados em um domínio temporal, enquanto que, em inglês

não indica necessariamente um processo concluso em seu domínio mais amplo, mas simplesmente a conclusão de um processo enfocado (foreground), o qual pode ser parte de um processo de domínio mais abrangente, o qual permanece não-concluído (background). (MELLO e DUTRA, 2001:176)

Em um mesmo enunciado, a noção temporal pode se manifestar de diferentes formas, entre as quais tempo verbal e adjunto. No texto 1, a expressão *throughout history* ocorre vinculada ao *Present Perfect*, por dizer respeito a algo (uso de mananciais inesgotáveis de energia) que aconteceu (e continua acontecendo) até o ME. Na visão de 35% dos informantes, a expressão remete ao *Simple Past*. Para 33% deles, a expressão estaria vinculada ao *Simple Present*. Embora se distanciem do efeito de sentido preciso, os dois grupos de informantes construíram uma interpretação plausível para o uso da expressão, na medida em que o *Present*

*Perfect* diz respeito a uma ação passada com relevância para o presente, ou a uma ação passada, do ponto de vista do presente. Quase um terço dos participantes da pesquisa (28%) foram capazes de relacionar a expressão com o tempo verbal correspondente à ocorrência no texto.

Outra palavra que ocorre acompanhada de *Present Perfect* é *Recently* que, para a maioria dos informantes (45%) estaria relacionada a esse mesmo tempo verbal. Curiosamente, uma quantidade significativa (41%) considerou que esse adjunto ocorre no *Simple Present*, interpretação que pode ter sido baseada no caráter difuso da localização temporal (por falta de informações mais precisas) e na sua proximidade com o presente.

### 5.1.2 Expressões no *Simple Past*

Das 13 expressões da Tabela 26 (p.179), 10 referem-se ao *Simple Past*, duas ao *Simple Present* e apenas uma ao *Present Perfect*. A única expressão que, nos textos lidos, ocorria acompanhada do *Simple Past* e que não foi relacionada a esse tempo é *Over the next couple of years...* cujas expectativas temporais foram as seguintes:

<i>Simple Past</i>	<i>Simple Present</i>	<i>Present Perfect</i>	<i>Future</i>	nenhum tense
%	%	%	%	%
10	18	10	58	4

Figura 7 – Expectativas temporais em relação à expressão *Over the next couple of years...*

A maioria dos informantes – 58% – considerou que a expressão *Over the next couple of years* remete ao *Future*, intuição condicionada pela presença de *next* cujo semantismo aponta para algo a acontecer. Nesse caso, o adjetivo *next* é o responsável pela expressão da temporalidade (KERBRAT-ORECCHIONI, 1999). A

expressão ocorre no texto 3 (ANEXO 3) em *Over the next couple of years, we began to explore how different organizations deal with pain and compassion.*<sup>78</sup> O tempo de referência havia sido explicitado no enunciado anterior, *We began our work in 1998.* A falta de coincidência entre ocorrência no texto e a intuição dos informantes, nesse caso, não representa interpretação inadequada, pelo contrário, reflete certo grau de compreensão de alguns possíveis efeitos de sentido delineados pela expressão adverbial *over the next couple of years*. Em outros termos, situa os aprendizes em um determinado lugar em seu processo de interlíngua. O que lhes faltou foi a vinculação da noção temporal interna ao texto com os momentos da enunciação tanto da produção como da recepção. Daí, a importância da referência temporal na interpretação de enunciados, fato tomado por REICHENBACH (1947) como elemento fundamental na construção de sentidos. Uma referência temporal interpretada diferentemente daquela sinalizada pela instância de produção gera sentido discursivo conflitante com a intenção da comunicação.

Na Tabela 26 (p.179), das 10 expressões que ocorrem no *Simple Past*, 7 contêm uma referência temporal expressa por data civil:

- *in a 1944 U.S. survey,*
- *in his eight years in office (1976-1995),*
- *the oil shortage of the 1970s,*
- *during the 1980s,*
- *during his administration (1985-1993),*
- *after September 11,2001,*
- *since 1970.*

---

<sup>78</sup> Nos dois anos seguintes, começamos a explorar a diferença de tratamento das organizações em relação à dor e à compaixão.

Duas expressões contêm a palavra *ago*: *almost 2,500 years ago* e *forty years ago*, termo recorrente em adjuntos relacionados ao tempo passado. A outra expressão, *over the past three decades* deve ter sido relacionada ao passado, por conter a palavra *past*. A intuição baseada no semantismo do termo *past* contribuiu para essa interpretação. Observa-se que, no caso de *Over the next couple of years*, expressão considerada majoritariamente como do futuro (a ocorrência textual não confirma isso), a interpretação baseada no vocábulo *next* não contribuiu para o sentido discursivo da expressão. O semantismo das palavras constitui, portanto, recurso adotado freqüentemente pelos aprendizes. Por outro lado, há que se levar em conta que palavras (e expressões) são sinalizadoras de sentido lingüístico e que, para se alcançar o sentido discursivo, outras operações são necessárias.

As 7 expressões que contêm datas civis não constituem referências dêiticas, uma vez que ancoram os fatos em um momento desvinculado da enunciação (tanto da produção quanto da leitura). Trata-se, pois, de uma referência temporal objetiva, ou de um plano enunciativo não-embreado, nos dizeres de MAINGUENEAU (1993). As referências temporais absolutas e as referências dêiticas *almost 2,500 years ago*, *forty years ago* e *over the past three decades*, ancoradas no ME, foram facilmente relacionadas a um tempo verbal, o que mostra que a natureza da referência temporal tem implicações na interpretação, causando custos cognitivos diferenciados, ou seja, parece haver uma relação entre natureza das ancoragens temporais e economia cognitiva, relação que demandaria pesquisas de natureza experimental para ser verificada.

### 5.1.3 Expressões no *Simple Present*

Na lista apresentada na Tabela 1 (página 136), quatro expressões ocorrem em enunciados no *Simple Present*, sendo que duas delas suscitaram expectativas temporais nesse mesmo tempo: *based on current incarceration rates...* (Texto 2, ANEXO 2) e *today* (Texto 4, ANEXO 4). A relação entre as expectativas de cada expressão pode ser visualizada na Figura 8.

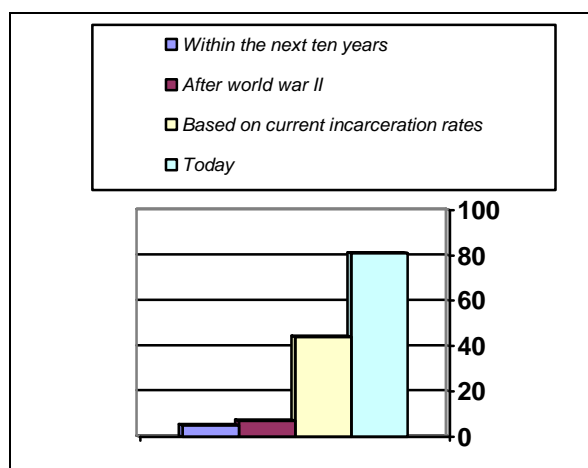


Figura 8 – Expectativas das expressões com ocorrência no *Simple Present*

A intuição temporal de 44% dos informantes quanto à expressão *based on current incarceration rates* (44% deles consideram-na do *Simple Present*) deve-se, provavelmente, ao adjetivo *current* (atual). A terminação *-ed* em *based*, indiciadora de processos concluídos ou de tempo passado, pode ter conduzido 27% dos informantes a considerar a expressão compatível com o *Simple Past*. Quanto ao adjunto *today*, relacionado ao *Simple Present* por 81% dos informantes, trata-se de um termo altamente recorrente em textos de diversos gêneros e, portanto, conhecido. Por outro lado, a expressão *...within the next ten years* (texto 1, ANEXO 1), e que ocorre acompanhada do *Simple Present*, foi relacionada por 77% dos informantes ao *Future*, intuição plausível já que o *Simple Present*, na ocorrência, foi

utilizado com sentido de futuro, fato recorrente em língua portuguesa como em *Viajo daqui a um mês*,<sup>79</sup> em que o verbo encontra-se no presente e o adjunto *daqui a um mês* situa a ação de viajar no futuro. Nesse caso, parece haver interferência da estrutura da LM na interpretação da marcação temporal em língua estrangeira.

#### 5.1.4 Expressões no *Future*

No conjunto das expressões apresentadas aos informantes (Tabela 1, p.136), apenas duas encontravam-se acompanhadas de *Simple Future: The world is fast approaching a crisis...when...* e *Based on...he estimates that...* Ambas foram consideradas por 44% dos informantes como plausíveis de acompanharem o *Simple Present*. 19% dos informantes consideraram que a primeira expressão poderia se referir ao *Future* e apenas 9% consideraram que a segunda expressão poderia ser relacionada ao mesmo tempo. Essa expectativa dos informantes pode ter se baseado na ocorrência do tempo presente nas próprias expressões (*is approaching* e *estimates*). Nesse caso, o semantismo das expressões parece não ter influído na expectativa temporal dos informantes. O fato de a crise (*crisis*) estar se aproximando (*is approaching*) poderia ter servido de apoio para relacionar o conteúdo informacional da expressão a uma ação futura, já que ela ainda não é uma realidade. A mesma palavra *crisis* aparece em *The coming energy crisis...*(Texto 1 – ANEXO 1), expressão que foi associada ao *Simple Present* por 46% dos informantes,<sup>80</sup> contra 15% que a considerou compatível com o *Future*, percentuais muito próximos dos relativos à expressão *The world is fast approaching a crisis...when...* (44 e 19%, respectivamente), reafirmando o fato de que as

<sup>79</sup> Exemplo citado por ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica*. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>80</sup> Parece haver, por parte dos informantes, a idéia de que *crise* remete a uma dimensão atemporal, a algo permanente no tempo. Isso pode ser fruto da representação que têm desse fenômeno.

informações contidas em *coming* e *approaching*, que apontam para algo ainda não acontecido, não foram captadas pelos informantes como sinalizadoras de algo a se realizar. Da mesma forma, a segunda expressão, *estimates that...* aponta para uma possibilidade, para algo que efetivamente pode não ter acontecido, idéia que só foi percebida por 9% dos informantes.

A expressão *Over the next couple of years...*(Texto 3 – ANEXO 3) foi percebida pela maioria dos informantes como relativa ao *Future*, embora a ocorrência no texto tenha sido o *Simple Past*. Mais uma vez as expectativas dos informantes em relação à temporalidade apontam para uma interpretação aceitável, se considerarmos que as expressões foram apresentadas isoladas de seus respectivos enunciados.

De uma maneira geral, pode-se dizer que as expressões apresentadas aos informantes sinalizaram uma relação com um tempo verbal, mesmo aquelas que geraram expectativas temporais diferenciadas das ocorrências nos textos, como foi o caso de *in recent years* que, no texto 2 (ANEXO 2) ocorre acompanhada de *Simple Past* e cuja expectativa dos informantes ficou majoritariamente relacionada ao *Present Perfect*. Os mais altos percentuais de coincidência entre as expectativas e as ocorrências de tempo verbal encontram-se relacionados com o *Simple Past*, conforme a primeira coluna da Tabela 26 (p.179). Os dados sinalizam que expressões que indicam tempo (os adjuntos) criam de imediato uma expectativa de localização temporal dos eventos, independentemente de conterem um tempo verbal, tratando-se, portanto, de um fenômeno de importância considerável para a interpretação de enunciados e, conseqüentemente, para a compreensão.

Os dados sugerem que, na percepção do leitor, a expressão do tempo passado encontra-se mais estabilizada do que as expressões do tempo no presente e no futuro. Isso revela a necessidade de a dimensão temporal do discurso, manifesta na forma de adjunto, ser tratada maneira diferenciada, no âmbito da leitura em LE.

## **5.2 Análise dos dados da 3ª fase da coleta**

Como dito anteriormente, os dados da 3ª fase foram coletados em sala de aula, por meio de exercícios individuais, sem restrição quanto a consulta ao dicionário e aos 4 textos em inglês (ANEXOS 1 a 4), com o objetivo de se verificar a compreensão geral dos textos e a compreensão de fatos lingüísticos relacionados à temporalidade discursiva.

### **5.2.1 Compreensão geral dos textos**

Neste trabalho, o fenômeno da compreensão constitui uma das operações a serem realizadas pelos sujeitos, no processo de construção do discurso. CHARAUDEAU (1997) considera que:

- o sentido do discurso não se constrói antecipadamente, mas em situação de comunicação;
- este sentido só pode ser apreendido por meio de formas lingüísticas estabilizadas (semiotização do mundo);
- o processo de semiotização constrói-se seja através da *transformação* do mundo a significar em mundo significado, seja através da *transação* que, para o sujeito produtor do discurso, consiste na construção de uma significação psicossocial para seu ato.

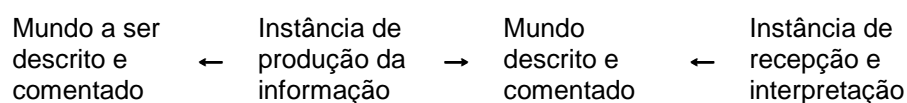
O ato de informar inscreve-se no processo de *transação* na medida em que descreve fatos, relata acontecimentos e explica seus motivos. A transação se dá em



função do saber que circula entre os parceiros, partindo de um sujeito que o possui em direção a outro que deve compreendê-lo e interpretá-lo de forma a alterar seu conhecimento.

Neste trabalho, não se tem a pretensão de medir o quanto os informantes aprenderam na leitura de 4 textos, que se inscrevem no âmbito do discurso da informação, mas verificar aspectos intervenientes na compreensão que, em última análise, podem ter relação com a aprendizagem. No caso da tarefa de compreensão geral, procurou-se, também, verificar os motivos da diferença entre o grau de compreensão dos textos, a partir de uma posição teórica sobre a comunicação e sobre o discurso da informação em particular, que leva em conta diversos princípios como os de *alteridade, influência, regulação e pertinência*, além do conceito básico de contrato de comunicação que rege outros níveis de composição como a identidade dos parceiros, a finalidade do ato, o propósito (ou tematização) e o dispositivo. Nesse contexto teórico, o discurso da informação pode ser representado pelo seguinte esquema, conforme CHARAUDEAU (1997:42):

**Figura 9 – Representação do discurso da informação**



Fonte: CHARAUDEAU (1997:42)

O esquema da transação se dá a partir de três condições básicas: i) suposição de que o outro tem um *deficit* informacional, ii) transmissão de um saber, iii) suposição de que o outro vá utilizar o saber ou de que a informação tem alguma utilidade para o outro.

No caso do contexto escolar, em especial em se tratando do ensino de língua estrangeira, os textos escritos são tomados como objetos produzidos em uma determinada situação de comunicação e utilizados em uma outra situação de comunicação (não prevista pela instância de produção), para fins pedagógicos, como veículo da língua a ser ensinada. A compreensão do conteúdo informacional do texto consiste em uma forma de se avaliar o grau de conhecimento da língua, ou de categorias da língua, consideradas fundamentais para a interpretação de discursos de interesse dos leitores. A escolha de textos pertencente a um determinado domínio das práticas sociais consiste em estratégia para compatibilizar os interesses dos parceiros do ato comunicativo. Na confluência desses interesses se dá a aprendizagem significativa para o leitor.

Os exercícios de compreensão geral (Questão 1 de todos os textos), compostos de afirmativas a serem classificadas como falsas ou verdadeiras, demonstraram que a compreensão foi satisfatória, embora apresente graus diferenciados para cada texto. Caso contrário, as análises das interpretações dos fenômenos relacionados à temporalidade ficariam comprometidas, se um nível mínimo de compreensão não fosse atingido. Os percentuais de acerto, por texto, foram:

**Tabela 28 – Classificação decrescente dos graus de compreensão dos textos**

<b>TEXTO</b>	<b>Acertos Média ponderada</b>
4	91%
2	89%
1	87%
3	80%

O texto 4, que versa sobre o crescimento do número de mães solteiras, representou menor dificuldade de compreensão (91% de acerto), ao contrário do texto 3, sobre a compaixão empresarial, cuja média de acertos ficou em 80%. É possível que isso se deva ao fato de o texto 4 tratar de um problema relativamente comum no Brasil, fazendo, portanto, parte da memória dos discursos circulantes, enquanto que o texto 3 trata de um assunto que o brasileiro não relaciona espontaneamente com o mundo do trabalho, mas que envolve uma política de recursos humanos relativa à retenção/rotatividade de funcionários, fato que se verifica apenas nas grandes empresas.

Consideramos, com CHARAUDEAU (1997, 1999), que a compreensão do sentido dos discursos está diretamente relacionada ao registro das memórias (dos próprios discursos, das situações de comunicação e das formas lingüísticas) e que os discursos constroem saberes sobre o mundo (na forma de conhecimento ou de crença<sup>81</sup>) que circulam na sociedade em forma de representações. O sujeito interpretante precisa recuperar informações contidas nessas memórias para se comunicar.

A articulação entre o discurso da informação e os saberes e crenças relacionados à informação específica veiculada pelo texto 3 se deu em grau menor do que as respectivas articulações referentes aos outros textos. O desempenho menor dos informantes na tarefa de compreensão do texto 3 parece estar relacionado com o conhecimento (prévio) deficitário sobre o tema tratado no conjunto do texto.

---

<sup>81</sup> O saber na forma de conhecimento consiste em representações racionalizadas sobre os seres e os fenômenos do mundo, conhecimento adquirido seja segundo a aprendizagem das práticas sociais seja por meio de dados científicos e técnicos divulgados nos discursos circulantes. Trata-se, pois de uma visão objetiva de mundo. O saber de crença é o resultado do comentário sobre as atividades do mundo, obtido via um olhar subjetivo, contendo julgamentos que contribuem para uma relação de cumplicidade entre os sujeitos.

A constituição das formas lingüísticas também pode ter influenciado a diferença entre os graus de compreensão entre os textos. A densidade verbal (relação entre número de verbos por texto e o número total de palavras do texto) dos textos foi a seguinte:

**Tabela 29 – Densidade verbal dos Textos 1 a 4**

<b>Texto</b>	<b>Densidade verbal</b>
1	11,1%
2	8,7%
3	12,3%
4	9,6%

O texto que apresentou a mais alta densidade verbal teve o menor nível de compreensão (texto 3). O segundo texto em densidade verbal foi também o segundo menos compreendido (texto 1). A mesma relação não se observa em relação aos textos 2 e 4, embora o nível de compreensão dos dois tenha sido bastante próximo (89 e 91%, respectivamente).

A compreensão parcial da informação pode acontecer por diversos motivos: deficiência no conhecimento de algumas categorias lingüísticas por parte da instância de recepção; diferença profunda entre o universo de conhecimento das instâncias engajadas na comunicação; falta de interesse da instância de recepção na problematização do tema da troca.<sup>82</sup> O risco da instância de produção na divulgação ampla de um trabalho é deformar a informação através de mecanismos simplificadores de raciocínio, em vez de manter a explicação no mesmo nível daquela que ocorre no discurso técnico-científico, dirigido para um público mais especializado. Isso pode ter ocorrido com o texto 3, que trata da compaixão e não

<sup>82</sup> O recorte da realidade, objeto da pesquisa relatada no texto 3, encontra-se mais distante da realidade dos leitores que os recortes dos outros textos.

apresenta quantificações como os outros; apenas narra a seqüência de fatos e acontecimentos que se produziram, motivados pelo interesse de duas universidades americanas. O baixo nível de compreensão desse texto, em comparação com os outros, pode também ter relação com a sua organização interna, na qual não se apresentam com clareza os resultados da pesquisa, mas seu processo e suas motivações. Há, ainda, indicações de que o conhecimento de vocabulário (verbos, no caso) teve relação com a compreensão dos textos. DELL'ISOLA (1999:259) defende a idéia de que "...a compreensão de determinados itens lexicais é imprescindível para a construção de um sentido global para o texto". Nesse sentido, em nossos dados, há indícios de uma relação entre densidade verbal e grau de compreensão geral, fenômeno que demandaria estudos mais específicos que contribuiriam para o mapeamento do complexo fenômeno da leitura.

### **5.2.2 As expressões relacionadas ao Presente**

Como dito anteriormente, a coleta de dados para esta pesquisa foi realizada em dois semestres, junto a grupos de informantes diferentes. Os dados coletados nesses dois momentos, para verificação da noção de *time schemata* não foram reunidos, uma vez que houve alteração no instrumento para a 2ª coleta, com vistas a captar com mais fidedignidade o fenômeno. Assim, a análise dos dados reflete os procedimentos da coleta.

O que estamos chamando de *time schemata* diz respeito ao horizonte de sentidos que se apresenta ao usuário da língua a partir do semantismo de manifestações da categoria tempo. Sabe-se que essa categoria pode se manifestar em diversas formas, através de adjuntos, de adjetivos, de preposições e, sobretudo, de verbos.

Na primeira coleta, e a partir de um pequeno excerto em inglês, os informantes apontaram uma diversidade de expressões potencialmente temporais, muitas delas segmentadas de forma aleatória, o que motivou um refinamento do instrumento para a segunda coleta. A seguir, serão analisadas as reações desses sujeitos, por coleta, segundo as expectativas em relação aos tempos *presente*, *passado* e *futuro*.

As Tabelas 4 (p.145), 5 e 6 (p.146) apresentam as expressões consideradas pelos informantes da primeira coleta como representantes do tempo *presente*. 77% das ocorrências de tempo *presente* (30 ocorrências em um total de 39, ver Tabela 6, p.146) contêm a palavra *offers*, verbo *oferecer*, flexionado na 3<sup>a</sup>. pessoa do singular, do presente do indicativo. Do restante das expressões (24%, ou 9 ocorrências em 39), a maioria contém um verbo, seja na forma de infinitivo, seja flexionado no presente, como é o caso do verbo *to begin* (começar), que ocorre em 5 das 9 ocorrências, ou da forma flexionada do verbo *to be, is*, que ocorre em 2 expressões. As únicas expressões que não contêm verbos, e que foram consideradas como sinalizadoras de tempo *presente* foram: *global healing* (cura global) e *sun power* (energia solar), sendo que, para cada uma delas, houve somente uma ocorrência, i.e., apenas um informante (dentre os 39) considerou que cada uma dessas expressões fosse portadora de uma expectativa temporal.

Essas reações dos informantes permitem afirmar que a expressão do tempo *presente* no excerto ocorreu na seguinte ordem (da maior para a menor frequência):

- 1 – a desinência verbal indicando uma correspondência direta com um tempo;
- 2 – verbo no infinitivo como índice temporal;
- 3 – outras categorias que não o verbo como indicadoras de tempo (no caso, sintagmas nominais).

Para os informantes da 2ª coleta, as expressões que dão idéia de *tempo presente* também ficaram concentradas majoritariamente naquelas que contêm verbo, conforme se verifica na Tabela 11 (p.151), a exemplo da expressão *sun power offers* que foi considerada indicadora do *tempo presente* por 93% dos informantes. Expressões com a palavra *offers* e que contêm verbos (mesmo que não flexionados) encontram-se entre as que os informantes indicaram como portadoras de noção desse tempo. Substantivos e sintagmas nominais como *global healing*, *(the) long journey (to energy independence)*, *a vision of hope* e *hope* aparecem como manifestações não-preferenciais do mesmo tempo.

As reações dos informantes (da 1ª e da 2ª coletas) permitem-nos afirmar que os verbos foram os responsáveis majoritários pela expectativa de manifestação lingüística da temporalidade. Percebe-se, também, uma interface, mesmo que pouco delineada, entre a noção de tempo e a forma de infinitivo dos verbos que, na verdade, indicam uma referência temporal virtual, como se pode observar nas Tabelas 6 e 11 onde se encontram expressões como: *(to) begin*, *begin the long journey*, *(a) plan to begin*.

Quando comparadas, as expectativas dos informantes da 1ª e 2ª coletas coincidem no que se refere às manifestações do *tempo presente* já que, em primeiro lugar, percebem as desinências verbais próprias desse tempo; em segundo lugar, percebem expressões que contêm verbos na forma infinitiva e, por último, levam em conta o semantismo de alguns sintagmas nominais. Esta tendência foi verificada nas duas coletas, embora o instrumento tenha sofrido alterações para a 2ª coleta. Na primeira coleta, os informantes selecionaram as expressões livremente. Na segunda,

as expressões foram apresentadas aos informantes, cabendo-lhes apenas a tarefa de indicar seu provável *time schema*.

Cabe aqui uma consideração de ordem metodológica: a 1ª coleta deu margens para o agrupamento aleatório das expressões e apresentou uma distribuição percentual das ocorrências de forma diluída. A maior incidência de expectativa de *tempo presente* recaiu sobre a palavra *offers*, com 28% dos participantes (11 dentre os 39), enquanto que, na 2ª coleta, a mesma palavra foi considerada como relativa ao mesmo tempo verbal, por 70% dos informantes (31 dentre os 43). Por outro lado, o instrumento utilizado na 2ª coleta, além de apresentar melhores condições de tabulação, demonstrou com mais clareza a intuição dos participantes. O refinamento do instrumento só foi possível a partir da 1ª coleta. Trata-se, pois, de uma característica da pesquisa em sala de aula que, se realizada reiteradas vezes, ajuda a captar com mais precisão as reações dos alunos informantes.

### **5.2.3 As expressões relacionadas ao Passado**

As Tabelas 7, 8 (1ª coleta) e 11 (2ª coleta) referem-se às expressões retiradas de um pequeno excerto consideradas no *passado*, pelos informantes. Elas mostram que suas opiniões não apontaram para a unanimidade. A maior incidência de ocorrências foi da ordem de 12%, isto é, na 1ª coleta, 12% dos informantes consideraram a expressão *the long journey* como sinalizadora de tempo *passado*; e 12% dos informantes da 2ª coleta consideraram a expressão *a plan to begin* sinalizadora desse mesmo tempo. Para as outras expressões, a ocorrência foi menor que 12%. Na verdade, considerando que o excerto continha, em sua configuração, o *Simple Present*, a intuição dos informantes em não encontrarem



expressões sinalizadoras do tempo *passado* é coerente com o texto. Mesmo assim, a Tabela 8 (p.148) revela a tendência dos informantes em considerarem expressões contendo *long journey* como sinalizadoras do *Simple Past*. Mais precisamente, em 50% dessas ocorrências (13 dentre as 26), encontra-se tal sintagma.

Nas duas coletas, não houve diferença significativa no que se refere às expressões potencialmente sinalizadoras de tempo *passado*. Mesmo assim, enquanto as manifestações do tempo presente ficaram majoritariamente relacionadas com a categoria *verbo*, pela reação dos informantes pode-se vislumbrar que, para a noção de tempo *passado*, a expectativa recai sobre uma outra classe de palavras, nesse caso, no substantivo (ou no sintagma nominal).

#### **5.2.4 As expressões relacionadas ao Futuro**

Os informantes da 1ª coleta tiveram um comportamento diferenciado em suas expectativas de tempo *futuro*, se compararmos com as expectativas do *passado*. Eles elegeram expressões contendo *next ten years* como mais prováveis de ocorrerem acompanhadas do tempo *futuro* (77% dos informantes, cf Tabelas 9 e 10). A motivação para tal escolha parece ter recaído sobre o adjetivo *next*, cujo horizonte de sentido aponta para algo a acontecer.

Na 2ª coleta, as expressões preferidas como portadoras de idéia de futuro ficaram mais concentradas em sintagmas que têm como núcleo: *next ten years*, *a vision of hope*, *hope*, *plan*, como se pode ver na Tabela 13 (p.152).

Com base nos dados relativos às expectativas de *time schemata*, coletados a partir da Questão 2 do Texto 1, pode-se dizer que, majoritariamente, as expectativas de

tempo *presente* foram baseadas na categoria *verbo*; as de tempo *passado*, na categoria substantivo e as de tempo *futuro*, nas categorias adjetivo e substantivo.

### 5.2.5 Expressões vazias de *time schema* (nenhum *tense*) ou remetendo a mais de um tempo

A Tabela 14 (p.152) apresenta as palavras e expressões que foram consideradas vazias de idéia de tempo, sendo que *within* aparece no topo da lista. Para 75% dos informantes da 2ª coleta, ela não contém, em si, noção temporal. A visão dos informantes pode ser analisada sob dois aspectos. O primeiro diz respeito à intuição do falante nativo sobre a existência de palavras e expressões referenciais (aquelas que podem ter um referente no mundo, quer seja um ser ou uma ação ou estado desse ser) e de expressões não-referenciais (aquelas que entram na configuração das frases e enunciados para contribuir para a sua boa formação – as preposições, por exemplo) que, de certa forma, são governadas pelas expressões referenciais. *Within*, como palavra não-referencial, não carregaria consigo nenhuma noção. Outro ponto de vista é que, como *within* ocorre em um sintagma no qual também ocorre o adjetivo *next*, a expectativa temporal recai sobre esse, ficando *within* desprovido de um *time schema* relativo. Pode ser que o segundo ponto de vista justifique a interpretação dos informantes, se considerarmos que a mesma palavra *within* foi considerada por outros informantes da 2ª coleta como portadora de *time schema* ora de *presente* (ver Tabela 11), ora de *futuro* (ver Tabela 13, p.152).

No grupo das expressões que não dão idéia de tempo, aparecem também *global healing*, expressão citada por 42% dos informantes da 2ª coleta e *hope / a vision of hope*, citadas, respectivamente por 34 e 26% dos informantes. Essas expressões

têm como núcleo um substantivo, classe de palavras não citada na literatura específica como veiculadoras de *time schemata*. *Hope* e *vision of hope* haviam sido consideradas como preferencialmente relacionadas com o futuro, enquanto que *healing* parece ser dependente da categoria verbo para veicular idéia de algum tempo específico, ou seja, o substantivo *hope* (esperança) remete mais imediatamente a um tempo (futuro, segundo os informantes) que a palavra *healing* (cura). Assim, se consideramos a reação dos informantes no tocante à classe de substantivos, observa-se que o *time schema* vai depender do semantismo da palavra e da representação que se tem de seus sentidos.

Quando da 2ª coleta, alguns informantes consideraram que algumas expressões podem remeter a mais de um *time schema*, a exemplo de *(the) long journey (to energy independence)*, conforme Tabela 15 (p.153).

### **5.3 Tempo e aspecto – *Present Perfect* x *Simple Past***

As categorias tempo e aspecto têm despertado o interesse de diversos teóricos, a exemplo de Bernard COMRIE que, em 1976, publicou *Aspect* e, em 1985, *Tense*. Os dois livros não propõem uma teoria para cada uma das categorias, mas contribuem enormemente para explicar seu funcionamento, em diversas línguas modernas. Para COMRIE (1985), os estudiosos da categoria tempo tendem a encobrir, de alguma maneira, o aspecto verbal. O tempo verbal serviria, em princípio, para ancorar a situação (indicada pelo verbo) em uma linha representativa do fluxo do tempo, ora em relação ao ME, ora a outro momento selecionado pelo locutor. O aspecto, por sua vez, diria respeito à duração da ação, processo ou estado indicados pelo verbo. A noção de esquemas temporais (*time schemata*) de VENDLER (1967) parece

compatível com a de aspecto já que diz respeito às noções semânticas inseridas no verbo, independentemente do tempo em que ele se encontra.

Embora admitindo que se estuda mais a categoria tempo em detrimento da categoria aspecto, CAMPOS (1997:10) considera “que é na interpenetração das duas categorias – aspecto e tempo – que se constrói a significação.” Sua constatação baseia-se na convivência com estrangeiros que, mesmo tendo alto nível de proficiência em português, apresentam, “com notável regularidade, falhas na realização lingüística de oposições aspectuais”. A intuição da autora aponta para a necessidade de se dar mais relevo à categoria aspecto ao se tratar da categoria tempo.

Sabe-se que a diferenciação existente no inglês entre o *Present Perfect* e o *Simple Past* não é facilmente assimilada pelos falantes do português, fato que se verifica na utilização (por parte de aprendizes de inglês) de formas simples em detrimento das formas compostas (*I did* em vez de *I have done*), nos estágios iniciais da aprendizagem. Falantes nativos de língua inglesa, ao se expressarem em português tendem a apresentar a mesma dificuldade, usando as formas compostas (*Tenho feito* em vez de *fiz*). A dificuldade em se distinguir *Simple Past* de *Present Perfect* pode encontrar uma primeira causa na própria denominação dos *tenses*. Embora ambos refiram-se ao passado, a palavra *Present* (em *Present Perfect*) pode remeter o aprendiz ao *tempo* presente como o *tempo da ação*, em vez de remetê-lo a um *aspecto da ação* passada, à relevância do fato para o ME. COMRIE (1985:32) considera que, em inglês, a diferença entre o *Perfect* e outros tempos passados reside no fato de o primeiro comportar um componente semântico de relevância para o presente, por isso, “...não deve ser analisado simplesmente como tempo, mas associado com outros elementos constituintes do discurso.”

De uma maneira geral, o *Present Perfect* diz respeito a acontecimentos passados que têm algum tipo de relação com o presente, enquanto que o *Simple Past* indica fatos ou estados finalizados em um momento passado, recuperável pelo interlocutor. Ou seja, a ancoragem temporal dos dois *tenses* não é coincidente: o *Simple Past* é ancorado no passado, enquanto que o *Present Perfect* ancora-se no ME. Seguindo REICHENBAH (1947), a estrutura do *Simple Past* é  $\boxed{E, R - S}$ <sup>83</sup> e a estrutura temporal básica do *Present Perfect* é  $\boxed{E - R, S}$ . Em comum, os dois *tenses* indicam uma ação (ou estado de coisas) passada. É por isso que suas estruturas apresentam a letra E (ponto ou momento do evento) à esquerda de S (ponto ou momento da enunciação). As descrições de uso dos dois *tenses*, por mais refinadas que sejam, podem ser analisadas com base na teoria dos tempos verbais de REICHENBACH (1947).

A questão 2 do texto 2 procurou avaliar a percepção do leitor de inglês como língua estrangeira em relação a ações concluídas, finalizadas (*Simple Past*) no passado (definido) e ações *passadas*, mas com um potencial de continuidade ou com alguma relevância para o presente (*Present Perfect*). Nas gramáticas produzidas para falantes nativos de inglês, o uso desses dois tempos verbais não tem sido descrito de forma a auxiliar o aprendiz de inglês como língua estrangeira. Elas contam com a intuição do falante nativo para descrever os fenômenos, entre os quais o *Simple Past* e o *Present Perfect*, intuição que não ocorre da mesma forma para os não-nativos (FEIGENBAUM, 1985).

Nesta pesquisa, as alternativas que os informantes dispunham para justificar a utilização de *has gone*, *continued* e *has happened* eram:

---

<sup>83</sup> Vale lembrar que a vírgula indica simultaneidade e o hífen, a ausência de simultaneidade. De acordo com esse critério, tanto faz dizer que a estrutura do *Simple Past* é  $\boxed{E, R - S}$  quanto  $\boxed{R, E - S}$ . Da mesma forma que o *Present Perfect* pode ter sua estrutura representada por  $\boxed{E - S, R}$  ou  $\boxed{E - R, S}$ .

- 1 Descreve ação ocorrida em um passado indeterminado.
- 2 Descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro.
- 3 Relata fato historicamente delimitado.
- 4 Descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido.

Essas mesmas explicações / justificativas (de 1 a 4) haviam sido utilizadas durante as aulas para se diferenciar os usos dos dois tempos verbais e constavam não apenas do exercício utilizado como instrumento de coleta de dados, como também do material impresso disponibilizado aos alunos no decorrer do semestre letivo em que ocorreu a coleta.

As Tabelas 16 (p.155) e 17 (p.156), que apresentam respectivamente as visões dos informantes da 1ª e da 2ª coletas sobre a diferenciação entre o uso dos dois *tenses*, mostram que a maioria dos informantes indicou apenas uma possibilidade de explicação do uso de cada sintagma (*has gone*, *continued*, e *has happened*). As Tabelas mostram, ainda, que informantes que consideraram uma das ocorrências verbais como passível de receber duas explicações para o *tense*, não indicaram para outra ocorrência verbal no mesmo *tense* mais de uma possibilidade de explicação. Exemplificando: o informante R12 da 1ª coleta (ver Tabela 16, p.155) apresentou duas possibilidades de explicação para *has gone* (indicadas pelos números 3 e 4) e apenas uma explicação (indicada pelo número 1) para *has happened*, embora se encontrem no mesmo tempo verbal. Portanto, aparentemente, os informantes não se basearam apenas na forma (composta como em *has gone* ou simples como em *continued*) para explicar o uso dos *tenses*. Era de se esperar que as construções verbais compostas *has gone* e *has happened* recebessem a mesma justificativa (expressa pelos números 1 e 2), e que *continued* recebesse como

explicação de *tense* os números 3 e 4, conforme o material instrucional distribuído e discutido com os alunos durante o semestre.

A Tabela 18 (p.157) mostra que as explicações preferidas dos informantes sobre o uso do *Present Perfect* e do *Simple Past* foram:

<i>Has gone</i>	Relata fato historicamente delimitado.
<i>Continued</i>	Descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro.
<i>Has happened</i>	Descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro.

No texto 2, as expressões verbais ocorrem no seguinte excerto:

The U.S. **has gone** through a historically unparalleled expansion in its prison – from fewer than 400,000 in 1970 to almost 2.1 million in 2000. The expansion **continued** vigorously even as crime rates fell sharply in recent years. And it **has happened** at all levels – federal, state and local...<sup>84</sup>

A interpretação de 32% dos informantes (conforme Tabela 18, p.157) para *has gone*, enquanto *tense* que “*relata fato historicamente delimitado*” em vez de *tense* que “*escreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro*” parece estar relacionada à explicitação, no excerto, do período de tempo – de 1970 a 2000 em que a expansão das prisões americanas aconteceu. Isso mostra que, para os informantes, o tempo verbal em si não é definidor do *time schema*. Diferentemente, as datas delimitam um período de tempo, assim servindo como ancoragem temporal para definir uma ação finalizada no passado. A questão da

---

<sup>84</sup> E.U.A. **têm passado** por um aumento sem igual em suas prisões – de menos de 400.000 casos no ano de 1970 a quase 2,1 milhões em 2000 . A expansão **continuou** mesmo com a queda nas taxas de criminalidade verificada recentemente. Este fato se **verificou** em todos os níveis – federal, estadual e municipal. (tradução nossa)

relevância da ação (expressa pelo verbo) para o momento presente não interferiu tanto na interpretação de 32% dos informantes.

O mesmo sintagma verbal *has gone* foi considerado por 23% (conforme Tabela 18, p.157) dos informantes como sinalizador de *tense* que *descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido*, idéia compatível com a dos 32% dos informantes, comentada no parágrafo anterior. Isso significa que, para 55% (23 + 32%) dos informantes, a noção temporal em *has gone* aproxima-se da noção de pretérito perfeito do português e não do *present perfect*. A natureza dêitica do tempo verbal (sua ancoragem ao momento da enunciação) não foi contemplada na interpretação. A natureza dêitica dos tempos verbais tem sido defendida por diversas teorias lingüísticas, sobretudo as enunciativas (teoria dos atos de fala, teoria semiolingüística e outras teorias de origem etnometodológicas), fato que não se confirmou na interpretação da maioria (55%) dos informantes.

A interpretação do *time schema* de *continued* por 36% (conforme Tabela 18, p.157) foi que *descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro*. Gramaticalmente, *continued* encontra-se no *Simple Past Tense*, tempo verbal reservado às ações concluídas/finalizadas em um passado conhecido pelos interlocutores. Portanto, a explicação canônica de uso do *Simple Past* deveria ter conduzido às respostas: *relata fato historicamente delimitado* ou *descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido*. O que parece ter levado a outra interpretação é o semantismo do verbo continuar, isto é, seu esquema temporal subjacente (ILARI, 2001), que contém em si o aspecto inacabado, durativo, expressão de uma temporalidade interna ao fenômeno *expansão das prisões americanas* de que trata o excerto.



Diferentemente desse grupo de informantes, um número significativo (32%, conforme Tabela 18) considerou que *continued* descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido e outros 14% consideraram que *relata fato historicamente delimitado*. Considerando que, em “*The U.S. **has gone** through a historically unparalleled expansion in its prison – from fewer than 400,000 in 1970 to almost 2.1 million in 2000*” é abordado o crescimento das prisões de 1970 a 2000, e que, em “*The expansion **continued** vigorously even as crime rates fell sharply in recent years*”, a expressão *recent years* refere-se ao período de tempo compreendido entre 2001 até a atualidade (Dezembro de 2001 – data da publicação do artigo), período de tempo conhecido, delimitado (à direita e à esquerda) e finalizado, a interpretação desse grupo de informantes (46%), pautada no co-texto, embora não coincidente com a explicação gramatical para o uso do *Simple Past*, tem apoio nas informações textuais. Nesse caso, a interpretação dêitica do *Simple Past* fica ancorada na expressão *recent years*, o qual vincula o fato a um passado recente, portanto à esquerda (na flecha do tempo) do momento da enunciação (ou da leitura, no caso). Mais uma vez, observa-se a interferência de diversas variáveis na composição e na interpretação do discurso temporal (tempo verbal, adjuntos, *time schemata* dos verbos – ou as visões sobre os processos internos às ações verbais).

O sintagma ***has happened*** foi considerado por 40% dos informantes como aquele que *descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro*. Nesse caso, a escolha dos informantes coincide com a explicação canônica para o emprego do *Present Perfect* e coincide, também, com a explicação preferida por 36% dos informantes para *continue*. Apesar da coincidência de explicação para os *time schemata* dos dois sintagmas (*has happened* e *continued*), na Tabela 16 (p.155), observa-se que apenas os informantes R2, R16, E3, da

primeira coleta, fazem parte do grupo que escolheu a mesma explicação temporal para os dois sintagmas, ou seja, os motivos que levaram os informantes a considerarem a mesma justificativa para os dois sintagmas partiram de motivações diferenciadas: o semantismo do verbo *continue* e seu aspecto inacabado, por um lado, e a ausência de referência temporal, na sentença em que ocorre *has happened*, por outro. Se considerarmos os 22% dos informantes que consideraram que *has happened* descreve ação ocorrida em um passado indeterminado como uma das explicações canônicas do *Present Perfect*, pode-se dizer que esse foi o sintagma cuja interpretação temporal mais coincidiu com a explicação gramatical. Mesmo assim houve aqueles informantes que consideraram *has happened* como reportando a fatos finalizados em um passado conhecido pelos interlocutores. Nesse caso, essa interpretação confunde-se com a daqueles que consideraram *recent years* como uma delimitação do tempo – a partir do ano de 2000 até a divulgação do texto. Em outras palavras, a expressão *recent years* pode ser interpretada ora com uma referência temporal virtual, significando um período de tempo qualquer que antecede ao momento da enunciação, ora com uma referência temporal atual (ou atualizada), significando um período de tempo delimitado à esquerda (anterior) do momento da enunciação. A primeira interpretação foi feita por 54% dos informantes e a segunda, por 46%. Isso mostra que as expressões temporais por si só não definem a interpretação temporal dos enunciados.

As diferentes interpretações dos sintagmas verbais *has gone*, *continued* e *has happened* podem, portanto, ser agrupadas em interpretações que levam em conta referências temporais virtuais ou referências temporais atuais. Nesse sentido, o tempo verbal parece contribuir para se captar a referência virtual, e as expressões temporais contribuem para se delimitar a referência atual, ficando o sujeito

interpretante responsável pelo cálculo de um ou outro tipo de referência (MOESCHLER, 1993).

As interpretações dos informantes sobre a distinção entre o *Present Perfect* e o *Simple Past* mostram que as explicações gramaticais por si só não são suficientes para direcionar a compreensão do componente temporal de enunciados. Fatores como a natureza das referências temporais, quer sejam sinalizada por adjuntos, pelos tempos verbais ou pelo aspecto verbal consistem em elementos nos quais os sujeitos interpretantes se apóiam para chegarem a uma interpretação relevante.

#### **5.4 O ordenamento de eventos**

Independentemente do gênero ou do tipo de texto, os fatos e os estados de coisas que o configuram organizam-se dentro de uma certa lógica temporal. A percepção dessa organização parece contribuir para a compreensão global do texto.

A leitura do texto 3 (ANEXO 3) procurou avaliar a percepção dos sujeitos em relação ao encadeamento temporal de eventos. Utilizou-se um texto que trata de uma pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre a compaixão em ambiente empresarial, que, iniciada em (algum momento de) 1998, durou três anos e passou por diversas fases, dentre as quais 6 foram apresentadas aos informantes para serem ordenadas seqüencialmente. Apesar da simplicidade aparente da tarefa, sua execução foi a que mais exigiu consulta ao texto.

A organização temporal do texto 3 apresenta-se em seu ordenamento natural, isto é, as fases são apresentadas na ordem de ocorrência, o que para DOWTY (1986) constitui uma característica do discurso temporalmente marcado, cuja ancoragem deve ser interpretada com o auxílio das expressões adverbiais e dos tempos verbais

(ver o *princípio de interpretação do discurso temporal* – PIDT, página 46). O PIDT prevê em sua constituição os casos de superposição parcial ou total de processos.

Os seis fatos (ou fases) apresentados aos informantes encontram-se no Quadro 21.

**Quadro 21 – Fatos do Texto 3**

Seqüência	Fatos apresentados aos informantes	Trechos do texto 3 que contêm informações necessárias à realização da tarefa
1	O despertar do interesse pelo estudo das formas de expressão da compaixão.	<i>We <b>began</b> our work in 1998, based on a common interest in the way that stories of compassionate acts <b>could inspire</b> further acts of compassion.</i>
2	Elaboração, por dois anos, de estudos sobre como as empresas tratam a questão da compaixão.	<i>Over the next couple of years, we <b>began to explore</b> how different organizations <b>deal</b> with pain and compassion, and we <b>found</b> stunning differences in their capacity for compassion.</i>
3	Verificação do impacto da compaixão sobre a recuperação de traumas originários de experiências trágicas.	<i>This capacity <b>turned out to have</b> a direct impact on how quickly and effectively people in those organizations <b>were able to recover</b> from tragic events.</i>
4	Elaboração de estudos complementares sobre a duração dos eventos causadores de traumas e do comportamento das empresas.	<i>To <b>learn</b> more, we <b>conducted</b> extended studies on the life spans of painful events – for instance, serious illness, death, and violent acts – <b>tracing</b> the organizational response from the onset of the events.</i>
5	Elaboração de estudo sobre a retenção de funcionários em empresas que colaboraram com o processo de cura de seus empregados.	<i>Recently, we've <b>been looking at</b> how the degree of organizational compassion in a company <b>affects</b> employee retention.</i>
6	Elaboração de estudos sobre as ações que inibem ou aceleram o processo de cura de traumas.	<i>We're <b>also conducting</b> in-depth studies in which we <b>observe</b> everyday acts of compassion in an effort to <b>understand</b> which actions <b>enable</b> and which <b>hinder</b> healing.</i>

Do total de 80 informantes, 20 foram capazes de perceber a seqüência completa dos processos (ver Quadros 16 e 17, e Tabela 22, p.166). O fato que esteve mais envolvido em seqüências percebidas corretamente foi o primeiro (70 entre os 80 informantes). As escolhas dos informantes ficaram distribuídas conforme Tabela 30.

**Tabela 30 – Fatos do Texto 3 considerados como primeiro de uma série de seis**

Fato considerado como o 1º da série	Qtde. de informantes
1	70
2	2
3	2
4	1
5	2
6	3

Os informantes que escolherem outro evento (que não o de número 1), como o primeiro da série de 6, não perceberam a perspectiva de locução voltada para a retrospecção (marcada pelo *Simple Past* e pela referência temporal autônoma – o ano de 1998). Essa perspectiva manifesta-se na superficialidade textual através do emprego de *began* (linhas 4 e 7), *found* (linha 8), *conducted* (linha 11), *interviewed* (linha 15), todos verbos no *Simple Past*. Isso quer dizer que o locutor posiciona-se no presente (como tempo de referência) e se volta para o passado, enumerando os acontecimentos em ordem cronológica, até chegar novamente ao presente, manifestado através dos sintagmas *we've been looking...* (linha 18) e *we're also conducting...* (linhas 19/20). Esse movimento temporal não foi percebido na íntegra pelos informantes.

Nos termos de WEINRICH (1973), o sujeito enunciador do texto 3 busca, através do emprego dos tempos verbais, engajar o leitor em sua perspectiva locutiva, iniciando o texto com o uso do tempo presente (*is based* – linha 01), fazendo uma retrospectiva do percurso trilhado a partir de 1998 (vinculação dos acontecimentos em uma referência temporal autônoma, objetiva), utilizando para isso o *Simple Past*, descrevendo os acontecimentos em ordem cronológica (princípio de colaboração e de pertinência) e vinculando os fatos ao presente da enunciação (*we've been*

*looking...* – linha 18; *we're also conducting...* – linhas 19/20). Ao final do texto, há outra vinculação dos fatos à realidade objetiva, extratextual, qual seja, os acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001, acidente envolvendo terroristas e as Torres Gêmeas, em Nova York.

Em suma, as formas e os tempos verbais empregados no Texto 3 são um convite ao engajamento do leitor. Ao mesmo tempo, o texto apresenta uma coerência temporal interna (a cronologia) e uma ancoragem à realidade (anos de 1998 e 2001), fazendo aumentar a interação entre o produtor e o receptor do texto.

É importante salientar que, mesmo tendo iniciado a seqüência com outro evento (que não o de número 1), há informantes que recuperaram adequadamente algum par de seqüências entre os fatos 2 a 6. É o caso do informante R5, da 1ª coleta (ver Quadro 16, p.163), que fez uma inversão entre o primeiro e o segundo evento da série, e recuperou acertadamente as outras seqüências. A Tabela 31 permite a visualização do quanto cada par de seqüências foi recuperado corretamente pelos informantes.

**Tabela 31 – Percepção das seqüências dos eventos – Texto 3**

Seqüência	Percentual de percepção
1-2	81 %
2-3	74 %
3-4	45 %
4-5	40 %
5-6	46 %

A Tabela 31 permite observar uma descontinuidade no percentual de percepção de seqüências, isto é, o grau de acerto foi decrescente até a seqüência 4-5 e, para a última seqüência, essa tendência se inverteu. Este comportamento permite-nos levantar a possibilidade de haver eventos com maior grau de dificuldade em sua localização temporal do que todos os outros. A partir dos Quadros 16 e 17, a Tabela 32 permite a avaliação desse fenômeno.

**Tabela 32 – Graus de dificuldade de localização temporal dos eventos do Texto 3**

Fatos	Percentual de percepção correta
6	46%
4	50%
5	53%
3	76%
2	88%
1	88%

Os eventos 4, 5 e 6 demonstraram um grau aproximado de dificuldade de localização temporal, cujas taxas de percepção ficaram, respectivamente, em 50, 53 e 46%. O evento 6 foi o que apresentou o mais alto grau de dificuldade de localização temporal, sendo que apenas 46% dos informantes foram capazes de situá-lo como posterior ao evento 5. O evento 4, que, apesar de poder ser relacionado a outros dois (o 3 e o 5), só foi ancorado corretamente por metade dos informantes, marcando uma tendência que acabou influenciando a localização dos eventos seguintes.

A alta densidade de verbos, nos trechos do Texto 3, nos quais se encontram os eventos 4 e 6, pode ter contribuído para dificultar a percepção da cronologia dos eventos, fato também observado nos exercícios de compreensão geral (ver Tabela

23-p.166 e Quadro 21-p.209). O evento 6 encontra-se no trecho “*We’re also conducting in-depth studies in which we observe everyday acts of compassion in an effort to understand which actions enable and which hinder healing*”<sup>85</sup>, com 4 formas verbais no presente. Essa mudança na ancoragem temporal do texto, que passou de uma referência autônoma (o ano de 1998) para uma referência dêitica – vinculada ao momento da enunciação (*‘re also conducting*) do locutor, também pode ter dificultado a compreensão da organização temporal interna do texto. Portanto, compreender um texto inclui captar os movimentos e valores da categoria tempo, manifestadas por meio de suas categorias específicas. Embora as teorias não sejam consensuais sobre a natureza dêitica ou anafórica dos tempos verbais, esses conceitos parecem ser úteis para explicar a dificuldade dos leitores em suas interpretações, sobretudo no que diz respeito à ancoragem temporal. Para KLEIBER (1993), a natureza dêitica e/ou anafórica dos tempos verbais está longe de se estabilizar, diferentemente da dêixis/anáfora nominal, já que nem todos os tempos verbais são relacionais e, portanto, não são da mesma natureza dos pronomes que apresentam antecedentes.

Diversos outros fatores podem interferir na tarefa de localizar temporalmente os eventos de um texto. Nessas análises, não estamos levando em conta o conhecimento de vocabulário ou o *deficit* lingüístico dos informantes que também pode ter interferido nas interpretações necessárias para a realização da tarefa.

### 5.5 A representação do esquema temporal do Texto 3

---

<sup>85</sup> Estamos também realizando estudos aprofundados nos quais observamos atos de compaixão como esforço para se entender ações que facilitam ou inibem a cura. (tradução nossa)



Conforme o Quadro 16 (p.163), os informantes não foram unânimes na escolha do esquema temporal do Texto 3. Na verdade, os três esquemas indicam duração de 3 anos para a pesquisa iniciada em algum momento do ano de 1998. A referência ao dia 11 de Setembro de 2001 serve para indicar que a pesquisa foi posterior a esta data e anterior ao mês de Janeiro de 2002, data da publicação do Texto 3. No esquema 3 (Anexo 8a, p.260), que representa melhor o Texto 3, as linhas tracejadas na vertical indicam a impossibilidade de se situar com precisão os meses de início e término da pesquisa; a linha tracejada horizontalmente indica uma possível continuidade da pesquisa, fato sinalizado ao final do texto em “Como os efeitos deste trauma e dessa dor ainda continuam, gostaríamos de compartilhar as descobertas feitas até o momento.”<sup>86</sup> Assim, o efeito de atualidade da teoria abordada no texto é explicitado.

Embora a continuidade da pesquisa esteja sugerida ao se relatar as descobertas “até o momento”, houve informantes que optaram pelos esquemas 1 e 2 (35%), considerando a pesquisa concluída respectivamente em 2000 e 2001. Os outros 65% optaram pelo esquema 3. É importante observar que nem todos os 20 informantes que foram capazes de captar a seqüência dos 6 eventos da Questão 2 escolheram o esquema 3 como representativo do esquema temporal do Texto 3. Isso significa que, mesmo situando eventos uns em relação aos outros, os informantes não estabelecem necessariamente uma vinculação desses mesmos eventos com a realidade. Dito de outra forma, a percepção da temporalidade interna ao texto não implica ancoragem objetiva dessa mesma temporalidade. O Quadro 17 (p.164) mostra que 9 dentre os 20 informantes não situaram adequadamente a

---

<sup>86</sup> “As the effects of this trauma and pain continue to unfold, we wanted to share our findings to date.” (Texto 3 – ANEXO 3, linhas 24 e 25)

seqüência dos 6 eventos em relação à realidade objetiva. Esses informantes podem não ter levado em conta a defasagem entre o momento da enunciação da instância de produção e aquele da instância de recepção.

## 5.6 Tempo e modalização

Nesta pesquisa, a modalização foi considerada em seu sentido estrito, mais especificamente por meio de sua manifestação verbal. No ensino de línguas estrangeiras, em função de suas características peculiares, os verbos modais são ensinados como formas de expressão da permissão, certeza, possibilidade, probabilidade, conselho, necessidade, etc. No âmbito do curso de leitura no qual encontravam-se matriculados os informantes dessa pesquisa, os possíveis sentidos dos modais tinham sido apresentados da seguinte forma<sup>87</sup>:

**Quadro 22 – Meaning of Modals**

<b>Speaker's attitude or evaluation</b>	<b>Present or future verb forms</b>	<b>Past verb forms</b>
<i>Permission and Ability Permission (requests, statements)</i>	<i>may, can, might, could</i>	
<i>Ability (physical, mental, general)</i>	<i>can, be able to</i>	<i>could</i>
<i>Definiteness (degree of sureness) Possibility</i>	<i>can, may, could, might</i>	<i>may have, could have, might have</i>
<i>Probability (a conclusion, a deduction)</i>	<i>must, should</i>	<i>must have, should have</i>
<i>Certainty (a prediction, agreement, promise)</i>	<i>will (shall), will (shall) have (usual present tense forms)</i>	<i>(usual past tense)</i>
<i>Emphasized certainty</i>	<i>do (does), shall (will)</i>	<i>did</i>
<i>Advisability and Necessity Advisability (choice)</i>	<i>should, ought to, had better, had best</i>	<i>did</i>
<i>Necessity (an obligation, no choice)</i>	<i>be supposed to, must, have to (have got to), need to</i>	<i>had to</i>

Fonte: FEIGENBAUM, 1985: 119.

<sup>87</sup> A consulta às anotações, dicionários e a qualquer material individual foi facultativa no momento da coleta dos dados, à maneira das outras avaliações feitas no decorrer do semestre.

Através da questão 3 do Texto 2 e da questão 2 do Texto 4, procurou-se observar o comportamento interpretativo dos informantes frente às modalidades verbais e à sua relação com a categoria tempo.

A questão 3 do Texto 2 procurou avaliar a interpretação dos sintagmas *could have been avoided* (poderia ter sido evitada) e *cannot be taken* (não pode ser considerada) que, no texto, dizem respeito, respectivamente, à expansão do número de presos nos Estados Unidos e a um estudo sobre a política do governo americano sobre a população carcerária.

Com base no Quadro 22 (p.215), apresentado aos alunos durante o semestre, a expressão *could have been avoided* apresenta duas possibilidades de sentido: grau de certeza (*definiteness*) ou possibilidade. A maioria dos informantes (76%) considerou *have been avoided* como expressão de possibilidade e, apenas 2% dos informantes consideraram a expressão como indicadora de grau de certeza, conforme Tabela 21 (p.160). Dos 22% restantes, metade dos informantes interpretou a mesma expressão como aconselhamento e a outra metade, como ênfase.

Conforme o quadro de significados dos verbos modais (Quadro 22), o sintagma *cannot be taken* pode expressar permissão, habilidade ou grau de certeza. O sintagma foi considerado expressão da certeza por 59% dos informantes, sendo que as outras interpretações ficaram distribuídas entre possibilidade (10%), aconselhamento (15%) e ênfase (16%). As interpretações desse sintagma ficaram mais diluídas que as do sintagma comentado no parágrafo anterior. A forma negativa *cannot* pode ter influenciado os 41% dos informantes que optaram por possibilidades interpretativas diferentes da esperada (expressão da certeza), ou seja, a não-

certeza, na visão desses informantes parece dizer respeito a um outro tipo de modalização que a certeza. Seria como se o ato assertivo da negação tivesse uma natureza modalizante diferente de uma assertiva afirmativa. Na visão de alguns informantes, em vez de negar o conteúdo proposicional, a negação parece enfraquecer o efeito de sentido da modalização verbal.

A questão 2 do Texto 4 procurou avaliar a interpretação para os sintagmas: *may have contributed*, *cannot explain*, *should not bear*, *may not use*. De acordo com a descrição gramatical,<sup>88</sup> as possibilidades de sentido para cada um deles se encontram no Quadro 23.

**Quadro 23 – Possibilidades de sentido dos sintagmas modais**

Sintagma modal	Possibilidades de sentido	Tempo
<i>May have contributed</i>	Grau de certeza Possibilidade	Passado
<i>Cannot explain</i>	Grau de certeza Possibilidade	Presente ou futuro
<i>Should not bear</i>	Probabilidade (conclusão, dedução) Aconselhamento	Presente ou futuro
<i>May not use</i>	Grau de certeza Possibilidade	Presente ou futuro

Dentre os quatro sintagmas apresentados, *may have contributed* foi o que apresentou maior percentual de concordância entre os informantes, conforme Tabela 24 (p.173): 80% deles consideram o sintagma como expressão da possibilidade no passado. Os outros sintagmas (*cannot explain*, *should not bear*, *may not use*), todos na forma negativa, tiveram menor índice de concordância em suas interpretações (63%, 62% e 43%, respectivamente). Uma vez mais há evidências de que a forma negativa dos sintagmas modais interfere em sua interpretação.

<sup>88</sup> Descrição retirada de FEIGENBAUM (1985); ver Quadro 22.

Por outro lado, no caso dos sintagmas *cannot explain* e *may not use* que, de acordo com as possibilidades de sentido, poderiam ser interpretados como grau de certeza / possibilidade, se somarmos as respostas dos informantes, *cannot explain* alcançaria 87% (24 + 63) e *may not use* 80% (43 + 37). Nesse caso, o nível de concordância entre as interpretações de *may have contributed*, *cannot explain* e *may not use* estaria na casa dos 80%.

De qualquer maneira que se analisem esses dados, observa-se uma instabilidade na interpretação das modalizações, principalmente naquelas relacionadas com o tempo presente. Merecem destaque as modalizações epistêmicas (no presente) que envolvem grau de certeza. Quanto menor o grau de certeza, mais interpretações diferenciadas recebem as modalizações. É o caso de *may*, em *may not use*, cuja interpretação ficou diluída entre as quatro alternativas: possibilidade no presente (43%); aconselhamento (16%), certeza (37%) e possibilidade no passado (4%). A interpretação da modalização envolvendo *cannot*, em *cannot explain* recebeu interpretações concentradas em algumas alternativas: possibilidade no presente (24%), aconselhamento (9%), certeza (63%) e possibilidade no passado (4%).

## 5.7 Considerações gerais

Neste capítulo, analisou-se a compreensão geral dos quatro textos utilizados como *corpus* de entrada, verificou-se a interpretação dos informantes em relação às diversas manifestações da categoria *tempo*, em quatro textos. O nível de compreensão dos textos foi considerado satisfatório para se garantir a credibilidade das interpretações das questões específicas. Com bases em conceitos fundadores de teorias evocadas nos Capítulos 1, 2 e 3, tais como referência, esquema temporal (*time schema*), ancoragem e ordenamento temporal, aspecto verbal e modalização, analisou-se a recepção da estrutura temporal dos quatro textos.

De uma maneira geral, os dados mostraram que os informantes localizam, nos enunciados, uma expressão ou vocábulo que sinalizam idéia de tempo, ou seja, há sempre um esquema temporal codificado em alguma categoria, quer seja um adjunto, um adjetivo, um verbo ou um sintagma nominal. As ancoragens temporais apresentaram oscilações, indicando que o engajamento do leitor, ora à enunciação do produtor do texto, ora ao momento da leitura, provoca interpretações diferenciadas consistindo, portanto, em importante questão a ser observada em cursos de leitura em língua estrangeira.

O próximo capítulo é dedicado às discussões e aos aspectos conclusivos dessas análises.

## 6. Discussão dos resultados

### 6.1 A compreensão do discurso

Embora a avaliação da compreensão dos 4 textos tenha sido estratégica, visando garantir a leitura antes da realização das tarefas específicas, algumas observações podem ser feitas com base no desempenho dos informantes.

A coleta de dados ocorreu em sala de aula, quando da avaliação final das disciplinas LÍNGUA ESTRANGEIRA INSTRUMENTAL – INGLÊS II e INGLÊS TÉCNICO II o que define o papel dos sujeitos no momento da realização da tarefa. Cobia-lhes demonstrar conhecimento do conteúdo ministrado no semestre que se centrava na compreensão dos componentes temporais do discurso.<sup>89</sup> Como essas circunstâncias impunham limite de tempo para a realização da tarefa – uma hora e meia, foi necessária a leitura antecipada dos textos e a organização do instrumento de avaliação de modo a servir como fonte de dados de pesquisa.

Pode-se dizer que, ao produzirem os dados dessa pesquisa, os informantes participaram de diversas situações de comunicação, cada uma determinando os papéis dos sujeitos envolvidos. A primeira situação de comunicação teve como representante da instância de produção o autor de cada texto, e como representantes da instância de recepção, os alunos com a função de ler e compreender o texto. Outra situação de comunicação consistiu na realização dos exercícios, em sala de aula, com base nos textos lidos. Nesse caso, a instância de produção é composta pelos alunos que, através das tarefas, se dirigiram à instância

---

<sup>89</sup> Faz parte do conteúdo do semestre o estudo da referência, dos marcadores discursivos e dos tempos verbais em língua inglesa.

de recepção representada pelo professor. O papel dos alunos, nesse caso, foi provar que compreenderam os textos e que reconheceram neles as categorias lingüísticas relacionadas às manifestações do *tempo* na língua inglesa. O do professor foi avaliar a compreensão textual e o conhecimento das categorias lingüísticas estudadas no semestre. Esses papéis foram regidos pelo contrato de sala de aula, que prevê uma série de regras institucionalizadas.

Dois problemas colocam-se nesse duplo processo enunciativo no qual se encontraram engajados os alunos. O primeiro diz respeito à inserção do aluno como alocutário não previsto pela instância de produção dos textos. Os textos não foram produzidos para fins didáticos, uma vez que, são, na verdade, documentos autênticos, produzidos em língua inglesa para leitores proficientes nesse idioma. Isso quer dizer que não houve simplificação lexical nem adaptação das categorias lingüísticas ao estágio de interlíngua em que os alunos se encontram. Isso tem como consequência uma certa dificuldade na realização da tarefa, em função não apenas da condição de *estranho* no quadro enunciativo (QE) como também no *deficit* de conhecimento na língua estrangeira. Daí a necessidade de se simplificar a forma de avaliar da leitura<sup>90</sup>, de forma a não provocar dificuldade adicional na interpretação. O grau de compreensão de cada texto fica, por um lado, por conta da forma como a instância de produção descreve e comenta a realidade; por outro, condicionado ao estágio de desenvolvimento na habilidade da leitura (interlíngua) de cada leitor.

O segundo problema, decorrente do primeiro, diz respeito à adequação do instrumento de avaliação às limitações impostas pelo contexto de sala de aula. Acrescenta-se a essas limitações, outra de ordem metodológica, a necessidade de

---

<sup>90</sup> Apresentação de assertivas para serem classificadas como Falsas ou Verdadeiras, de acordo com os textos lidos.



se captarem os fenômenos de maneira a não alterar o contrato de sala de aula, isto é, os alunos não foram informados, antecipadamente, da intenção de se utilizar a avaliação como dados de pesquisa. A autorização só foi solicitada depois da tarefa já finalizada, no momento em que os alunos faziam comentários escritos sobre a disciplina cursada no semestre (ANEXO 5).

Da mesma forma que os quatro textos foram utilizados em contexto de sala de aula, colocando os leitores na condição de alocutários não previstos, ao terem seus exercícios transformados em dados de pesquisa, os alunos foram transformados em informantes. A instância de produção foi transformada de alunos a informantes; a instância de recepção, de professor a pesquisador. Paradoxalmente, tudo isso com o objetivo de não se alterar o contrato de sala de aula. Durante todo o semestre, os alunos leram textos autênticos e fizeram exercícios de compreensão geral e específica, à maneira do que fizeram como avaliação final.

Uma vez respeitado o contrato de sala de aula, evitando-se sua transformação em laboratório, o que exigiria novos papéis dos alunos, acredita-se que os dados gerados representam de fato a interpretação individual dos alunos e que os excertos e enunciados referenciados na avaliação foram interpretados, levando-se em conta a leitura dos respectivos textos de onde foram extraídos. A análise dessas interpretações fica, portanto, condicionada às características dos quadros teórico e metodológico escolhidos. Nesse sentido, as quantificações foram feitas com a intenção de se analisar as interpretações preferidas dos informantes.

## 6.2 *Time schemata* – Expressões descontextualizadas

Nesse momento da pesquisa, priorizou-se a possível relação entre expressões descontextualizadas (adjunto, sintagmas) e os tempos verbais (*Simple Present*, *Simple Past*, *Present Perfect* e *Future*) estudados pelos alunos informantes no semestre em que se deu a coleta dos dados. Como as expressões apresentadas de forma descontextualizada suscitaram um *time schema*, vislumbra-se, com base nos dados (Tabela 1, p.136), a existência de uma competência temporal. Essa competência seria algo como uma capacidade natural de se relacionarem fatos com o momento de sua realização ou com um momento de referência. Isso quer dizer que, no processo de comunicação, a partir de algumas informações codificadas, o sujeito representante da instância de recepção é levado a relacionar eventos com seu momento de ocorrência, mesmo que se antecipe, isto é, antes de o seu interlocutor explicitar essa informação. A antecipação dessa ancoragem temporal dá sustentação para o horizonte de sentidos sinalizado pela expressão em si, contribuindo para a construção de sentido no domínio lingüístico. Essa seria apenas uma etapa do processo de operacionalização dessa competência que, a partir de outros dados codificados, reformularia essa ancoragem temporal para construir um sentido discursivo coerente com outras informações do enunciado. O movimento de construção de sentido partiria, então, de uma possibilidade de sentido geral matizado por elementos enunciativos, dentre os quais a localização temporal, e selecionaria informações mais precisas para se chegar a um sentido situacional.

A noção de competência temporal como componente da competência lingüística encontra apoio na teoria semântica dos tempos de REICHENBACH (1947), para quem os adjuntos adverbiais de tempo constituem marcadores de referência. A

Tabela 26 (p.179) mostra que essa referência temporal pode ser tomada, ora em relação ao momento da enunciação, como em *almost 2,500 years ago; forty years ago; over the past three decades; today; recently*; ora em relação a uma data, como em *in a 1944 U.S. survey; after September 11, 2001; during the 1980s*, embora, na teoria proposta pelo filósofo alemão, a referência temporal sinalizada por um adjunto estaria apenas vinculada a um ponto de referência, e não ao momento da enunciação. Vale lembrar que a teoria da enunciação é posterior aos estudos de Reichenbach e que o fato de os adjuntos de natureza dêitica também servirem de ancoragem temporal não constar de sua teoria não tira seu mérito. ILARI (2001:22) observou que “uma parte dos adjuntos de tempo podem ser empregados indiferentemente como anafóricos ou dêíticos, ao passo que outros são apenas dêíticos, e outros ainda apenas anafóricos”. Enquanto que, na pesquisa de ILARI (2001) a intenção foi descrever as características dos adjuntos em língua portuguesa, nesta pesquisa, procurou-se verificar a expectativa temporal dos informantes diante de algumas expressões e observou-se que a expectativa ocorre tanto em expressões (ou adjuntos) dêíticos quanto anafóricos.

As expectativas temporais dos informantes mostraram-se mais uniformes quando a ancoragem se dá no passado (Tabela 26, p.179), ao passo em que suas expectativas se diluem na medida em que as ocorrências textuais se dão em outros tempos (Tabela 21, p.160). São exemplos dessas duas tendências as expressões *almost 2,500 years ago* e *Throughout history*. A primeira ocorre acompanhada de *Simple Past* e foi associada a esse mesmo tempo por 84% dos informantes. A segunda ocorre acompanhada de *Present Perfect* e foi considerada por 28% dos informantes como vinculada a esse tempo verbal.

O fato de os informantes apresentarem opiniões mais uniformes quanto às ancoragens temporais no passado talvez possa ser visto do ponto de vista do esforço cognitivo realizado na interpretação. Os fatos do passado, sendo já realizados e situados, demandariam pouco esforço cognitivo para serem ancorados. É como se o leitor não precisasse fazer nenhum cálculo interpretativo, já que a localização temporal é explícita. O problema dessa interpretação encontra-se na natureza dessa referência temporal que, caso seja dêitica, demanda um outro custo interpretativo, na medida em que o leitor precisa, também, calcular a defasagem entre a enunciação da instância de produção do texto e a enunciação como leitura e, portanto, da instância de recepção. No caso da localização temporal dêitica *forty years ago*, para uma interpretação atualizada, há que se levar em conta que, aos quarenta anos passados entre a ocorrência do fato e a publicação do texto, devem-se somar os anos decorrentes entre a publicação e o momento da leitura. As datas e fatos historicamente situados, como referências autônomas, consistem em ancoragens temporais explícitas que demandam menor esforço que as referências dêiticas.

As referências anafóricas como em *over the next couple of years* que ocorre acompanhada de *Simple Past* exigem um esforço interpretativo maior que as referências absolutas (as datas) ou as dêiticas. O cálculo interpretativo de expressões temporais apresentadas isoladamente dificilmente coincide com a ocorrência textual. Isso mostra que, na ausência de ancoragem mais precisa, o sujeito interpretante opta por se colocar no centro de referências, tendência já observada por BÜHLER (1990). Embora desemboque em um sentido lingüístico plausível, o deslocamento da referência tem conseqüências interpretativas sujeitas a refinamento para se alcançar o sentido discursivo. Isso quer dizer que o sentido

discursivo só é alcançado quando as instâncias de produção e de recepção ancoram os acontecimentos em um mesmo ponto de referência. Sabe-se, porém, que, ao longo de um mesmo texto, as referências temporais não se mantêm as mesmas. Cabe ao sujeito interpretante, portanto, a árdua tarefa interpretativa de seguir os caminhos da instância de produção, ficando o sentido discursivo à mercê da recuperação dos meandros percorridos pelo sujeito comunicante. São essas mudanças de referência, sinalizadas pelos *shifters*, nos dizeres de JAKOBSON (posteriormente traduzidas por *embrayeurs*, por Nicolas RUWET<sup>91</sup>) que possibilitam ao sujeito interpretante alcançar o sentido do discurso.

A associação feita pelos informantes entre as expressões descontextualizadas e os tempos verbais mostrou, portanto, que, na ausência de ancoragem temporal precisa, o leitor de língua estrangeira coloca-se no centro de referências, deslocando aquele instituído no texto por outro ancorado no momento da leitura. Trata-se, portanto, de uma estratégia interpretativa deflagrada a partir da competência temporal e da antecipação de informações a serem confirmadas ou infirmadas na seqüência da leitura.

### **6.2.1 Present Perfect**

A interpretação para as expressões *in recent years* e *recently*, como indiciadoras preferenciais de *time schema* de *Present Perfect* (com segunda opção para o *Simple Present* – ver Tabela 1, p.136), revelou uma certa posição dos informantes em seu processo de interlíngua. Isto é, para eles, as expressões indicaram um período de tempo iniciado em algum momento do passado, com alguma relevância (ou

---

<sup>91</sup> Cf Artigo intitulado **Nicolas Ruwet** *Spectateur et acteur des sciences du langage*, de Michel ARRIVÉ, publicado em 27/11/2001, no Jornal *Le Monde*.

validade) para a atualidade. O fato de apenas uma das expressões vir acompanhada de *Present Perfect* (*recently*, no texto 3) e a outra vir acompanhada de *Simple Past* (*in recent years*) apontou para a necessidade de se reforçar, no processo de ensino de LE, a não equivalência entre categorias lingüísticas e efeitos de sentido. Uma contribuição importante da semiolingüística para o ensino de idiomas encontra-se no fato de considerar que as categorias conceituais, a exemplo do *tempo*, apresentam marcas formais diversas, não havendo, portanto, correspondência direta entre uma marca e uma noção (CHARAUDEAU, 1992). A escolha do autor do texto em optar por utilizar o *Simple Past* acompanhando *in recent years* (ver ANEXO 2, linha 02) justifica-se não apenas pelo semantismo do verbo *continue* que, na ocorrência, já apresenta o aspecto da continuidade (da expansão da população carcerária nos Estados Unidos), como também pelo fluxo informacional do texto que, em sua primeira sentença (ANEXO 2, linhas 1 e 2), já aponta para o aspecto perfectivo do fato. Considerando-se que as expressões foram apresentadas isoladas aos sujeitos, os dados apresentaram uma certa consistência interpretativa, ao mesmo tempo em que revelaram a necessidade de uma maior aprofundamento da questão.

### **6.2.2 Simple Past**

As interpretações preferidas pelos informantes para as expressões no passado podem ser analisadas em termos de esforço cognitivo ou de custo interpretativo. Os dados da Tabela 26 (página 179) mostram que, dentre as expressões com expectativas no passado, encontram-se, sobretudo, as que comportam referência absoluta, ancoradas no tempo objetivo, como: *in a 1944 U.S. survey* ou *in his eight years in office (1987-1995)*. Nesses casos, o tempo de referência já é explicitado, não exigindo do leitor nenhum esforço adicional para calcular a diferença de tempo

entre o fato e o momento da leitura. A interpretação não dependeu, portanto, do momento da enunciação da instância de produção. Dentre as 10 primeiras expressões da Tabela 26, apenas 3 *não* apresentam referência absoluta: *forty years ago*, *almost 2,500 years ago* e *over the past three decades*. Nessas três expressões há uma quantificação precisa (expressa por *years* e *decades*) que, embora esteja ancorada no momento da enunciação da instância de produção, também contribui para a pertinência do componente temporal na interpretação do enunciado. Pode-se dizer que o leitor de língua estrangeira processa a quantificação de tempo passado de forma similar ao processamento das referências absolutas. Isso pode representar uma armadilha interpretativa, quando a defasagem entre a enunciação da instância de produção e a de sua recepção tiver efeito significativo para o tema do texto, fato comum na área tecnológica, em constante desenvolvimento. Como os textos apresentados aos informantes eram recentes, o fato de interpretarem as referências temporais absolutas e as relativas da mesma forma não teve relevância para a interpretação dos enunciados.

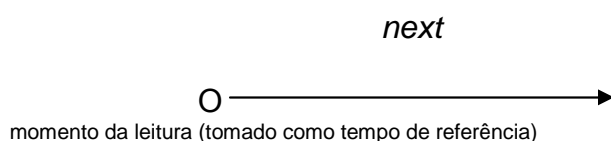
Vale ressaltar que as expressões temporais com referência aberta,<sup>92</sup> como *after September 11, 2001*; *since 1970* e *over the past three decades* apresentaram os menores percentuais de preferência interpretativa (respectivamente 58, 57 e 57%) dentre as que tiveram as expectativas e as ocorrências coincidentes.

Quando apresentadas de forma descontextualizada, portanto, as expressões temporais com referência absoluta e as com referência dêitica acompanhada de quantificação foram mais facilmente interpretadas. Daí, a coincidência entre as

---

<sup>92</sup> Referência aberta, em oposição à referência delimitada, diz respeito à duração do fato. A expressão *in a 1944 U.S. survey* indica um evento acontecido em um ano definido; a expressão *since 1970* comporta uma duração variável que vai de um ano definido até o momento da enunciação.

expectativas dos informantes e as ocorrências textuais. Nos termos da TR, a partir de uma informação – no caso dessa pesquisa, as expressões temporais apresentadas aos informantes, o cálculo interpretativo cessa, ao se deparar com um sentido pertinente alcançado com o menor esforço cognitivo. É essa economia cognitiva que presidiu o processo de associação das expressões temporais descontextualizadas com os tempos verbais. Pode-se dizer, portanto, que, expressões temporais descontextualizadas que disseram respeito ao plano enunciativo da *história*, juntamente com aquelas que, embora dêiticas (e portanto pertencentes ao plano do *discurso*) apresentaram quantificações precisas proporcionaram interpretações mais pertinentes que expressões que envolveram outros tempos de referência. As expressões *in recent years* e *over the next couple of years*, que apresentam ocorrências no *Simple Past* e que provocaram expectativas outras, apresentam aspectos semânticos cujas interpretações são dependentes de um tempo de referência sinalizado pelo co-texto. No momento em que os informantes apresentaram suas expectativas, esse co-texto não estava disponível. *In recent years* depende do momento da enunciação (da instância de produção) e *over the next couple of years* depende de informações textuais que, nesse caso, se referiam ao ano de 1998. A interpretação dos informantes, ao relacionarem *over the next couple of years* com o tempo futuro, baseou-se no fato de se colocarem no centro de referências, adotando o momento da leitura como ponto de partida para a interpretação de *next*.



**Figura 10 – Interpretação da expressão *over the next couple of years***



### 6.2.3 *Simple Present*

Dentre as quatro expressões que se encontram em enunciados no *Simple Present*, o advérbio *today* apresentou o mais alto percentual de coincidência entre expectativa e ocorrência (81%). O menor índice (5%) ficou por conta da expressão *within the next ten years*.

Segundo WEINRICH (1973), os advérbios de tempo constituem uma referência temporal dotada de uma validade maior que aquela sinalizada pelos tempos verbais, isto é, advérbios garantem uma ancoragem mais estável que aquelas instauradas pelos tempos verbais, susceptíveis de mudanças de planos enunciativos para melhor se adaptarem às intenções do sujeito comunicante. Se, por um lado, os tempos verbais desestabilizam as ancoragens temporais, por outro, eles provocam efeitos de sentido mais amplos, o que acaba exigindo maior esforço interpretativo.

O alto percentual de coincidência entre a interpretação e a ocorrência do *time schema* para *today* encontra apoio no princípio de interpretação do discurso temporal (PIDT) de DOWTY (1986) segundo o qual o tempo de referência de cada sentença é preferencialmente aquele expresso por uma expressão adverbial.

As expectativas geradas por *within the next ten years* e *based on current incarceration rates* apoiaram-se no conhecimento lexical, que provocou a associação majoritária de *next* com o futuro (79%) e de *current* com o presente (44%).

Pode-se concluir que, de acordo com as interpretações das quatro expressões no *Simple Present*, o tempo de referência é identificado prioritariamente por meio de advérbio de tempo. Na ausência de advérbio, a interpretação temporal apóia-se no

semantismo de outra classe de palavras, a exemplo dos adjetivos *next* e *current*. As teorias que tratam do assunto reservam lugar especial para o tempo verbal e os advérbios, como sinalizadores de tempo de referência, deixando para segundo plano outras classes, como substantivos, adjetivos e preposições. Os dados dessa pesquisa mostram que os sintagmas nominais também provocam expectativas temporais podendo contribuir para a interpretação subsequente do enunciado que os comportam.

#### **6.2.4 Future**

As duas expressões com ocorrência no futuro (*The world is fast approaching a crisis... when; based on... he estimates that...*) não foram consideradas como tais pelos informantes. Como nenhuma delas contém advérbios para servir de ancoragem temporal, a expectativa dos informantes baseou-se nos verbos flexionados no presente (*is approaching; estimates*), o que é mais uma evidência do princípio de interpretação baseado no custo-benefício do esforço cognitivo. Os dados têm revelado que as referências absolutas exigem custo interpretativo mais baixo que as referências dêiticas, as anafóricas, e, por último, as sinalizadas pelo semantismo de outros constituintes (verbo, substantivo, adjetivo e preposição).

Merece destaque o papel do adjetivo *next* nas expectativas dos informantes em relação às expressões *within the next ten years* e *over the next couple of years*. Essas expressões foram consideradas portadoras de *time schemata* futuro, embora as ocorrências nos textos tenham sido outras.

Os dados sobre a interpretação de expressões isoladas mostraram que a competência temporal, essa habilidade que se tem para situar eventos no tempo, foi

ativada por estímulos diversos, a partir de categorias lingüísticas. A mudança de ancoragem temporal em uma seqüência de enunciados exigiu esforço interpretativo do leitor que, pela lei do menor esforço, baseou-se, prioritariamente, em referências absolutas. Os dados sugerem a existência de uma escala de preferência para ancoragem temporal com as referências relativas em um extremo, e as absolutas em outro.

### 6.3 *Time schemata* de expressões contextualizadas

Na seção anterior, foram discutidas as reações dos informantes diante uma lista de 22 expressões potencialmente temporais. A seguir, serão analisadas as escolhas de expressões com potencial temporal, a partir do seguinte excerto:

Sun power offers a vision of hope and a plan to begin the long journey to energy independence and global healing within the next ten years.

(Texto 1 – ANEXO 1, p. 252, linhas 13/14)

A decisão dos informantes em optarem por um *time schema* foi motivada por fatores diversos. Quando uma expressão suscita a expectativa de *Simple Present*, essa intuição foi motivada prioritariamente pelo verbo (quando existente) contido na mesma expressão, como acontece em *offers* (verbo oferecer, no tempo presente) cujo *s* final é índice de 3ª. pessoa do singular e *tempo* presente. Para os informantes da 1ª coleta, a maior parte das expectativas de *Simple Present* foram compostas por expressões que continham o verbo *offer* (Tabela 5, p.146). Essa tendência também se verificou na 2ª coleta (Tabela 11, p.151) que mostra *sun power offers*, considerada, por 93% dos informantes, como portadora de *time schema* de *Simple Present*. O verbo *begin* (iniciar) que, na verdade, compôs um sintagma nominal do excerto (*a plan to begin* = um plano a iniciar-se) foi considerado por 61% dos informantes como

portador de *time schema* no futuro (conforme Tabela 11), interpretação baseada no semantismo de *iniciar* que, no infinitivo, aponta para frente, indiciando ação futuro.

Como manifestações secundárias de *time schema* compatíveis com o *Simple Present* encontram-se sintagmas nominais, a exemplo de *global healing* (cura global), *a plan do begin* (um plano a iniciar-se), *long journey* (longa jornada) e *a vision of hope* (uma visão de esperança).

Como o excerto não continha expressões adverbiais, nem verbos no passado ou futuro, as expectativas dos informantes para esses tempos apoiaram-se em sintagmas nominais, em função do seu semantismo. Uma maior unanimidade pôde ser observada em expressões relacionadas ao futuro em relação às do passado, como no caso de expressões com o adjetivo *next* que, na 1ª coleta, foram responsáveis por 77% das expectativas (cf. Tabela 10, p.149). As expressões *within the next ten years*; *(the) next ten years* foram responsáveis, respectivamente, por 93% e 91% das expectativas dos informantes da 2ª coleta (cf. Tabela 11, p.151).

Outra palavra que suscitou a expectativa temporal futura foi *hope* (esperança) que, depois do adjetivo *next* (seguinte) (cf. Tabelas 11 e 13) teve alto percentual de concordância nas interpretações. Mais uma evidência de que, na ausência de advérbios ou verbos flexionados, outras categorias contribuem para a determinação da referência temporal.

A preposição *within* foi considerada por 75% dos informantes como não portadora de *time schema*, fato coerente com a proximidade entre os percentuais de expectativa futura para as expressões *whithin the next ten years* e *(the) next ten years* (93 e 91%, respectivamente, cf. Tabela 13, p.152) mostram que a preposição não

interferiu em sua decisão. Isso mostra que, embora as preposições temporais contribuíssem para a interpretação, não desempenharam o mesmo papel dos advérbios, verbos, substantivos e adjetivos. As teorias sobre a categoria tempo realmente não têm reservado papel relevante para os estudos das preposições. Os dados revelam que elas não participam efetivamente na interpretação da dimensão temporal no discurso.

#### **6.4 Tempo e aspecto (o caso do perfectivo)**

Da mesma forma que não existe relação biunívoca entre categorias lingüísticas e efeitos de sentido (CHARAUDEAU, 1992), uma mesma categoria lingüística é dificilmente analisável ignorando-se as interfaces que apresenta com outras. Tempo, modo e aspecto são, freqüentemente, utilizados em um mesmo enunciado (ILARI, 2001a, 2001b), contribuindo para delinear, com mais precisão, o projeto de fala dos sujeitos envolvidos no ato de comunicação. Esse projeto de fala (da instância de produção do discurso) só se realiza com o processo interpretativo da instância de recepção, na medida em que ela capta o sentido projetado, sentido composto por instruções na forma de categorias lingüísticas, entre as quais as que exprimem temporalidade em seu sentido amplo.

Nos estudos lingüísticos, há uma predominância de trabalhos sobre a categoria *tempo* em detrimento das outras duas. Em se tratando de trabalhos sobre a leitura, sobretudo em língua estrangeira, a escassez é ainda maior. As dificuldades apresentadas por aprendizes de língua inglesa em relação aos usos dos *Perfect Tenses*, bem como a dos falantes nativos dessa língua em aprender o Pretérito Perfeito em Português, parecem dizer respeito às noções vinculadas ao aspecto

verbal, essa noção que, segundo SAPIR (1921), veio emprestada do eslavo e indica o lapso da ação e da sua natureza em termos de continuidade. A dificuldade dos aprendizes de uma LE não se encontra necessariamente na localização do fato ou estado de coisas – seja no presente ou no passado, mas na forma como as línguas desenvolveram os *aspectos* verbais.

A complexidade da inter-relação entre essas categorias nem sempre é tratada em estudos publicados ou, às vezes, é abandonada por questões teóricas e/ou metodológicas, a exemplo de WEINRICH (1973) e HORNSTEIN (1990). Com CAMPOS (1997), consideramos que, em se tratando do processo de compreensão, essa inter-relação entre categorias desempenha papel importante para o leitor. Em função do *deficit* lingüístico, o leitor de línguas estrangeiras apóia-se em toda e qualquer informação percebida, de forma a construir um sentido pertinente. Nessa pesquisa, os informantes demonstraram que nem sempre se baseiam nas descrições canônicas dos tempos verbais para interpretar os usos do *Simple Past* e do *Present Perfect*. Em Português, diferentemente do Inglês, a relevância da ação verbal para o momento da enunciação não é levada em conta, ao se utilizar o Pretérito Perfeito Simples ou o Pretérito Perfeito Composto, tempos aproximados, respectivamente, do *Simple Past* e do *Present Perfect*. Portanto, seja, para o leitor de língua estrangeira, a diferença entre oposição aspectual e temporal interfere diretamente na compreensão, havendo uma tendência de, nos estágios iniciais do processo de interlíngua, o aprendiz apoiar-se nos esquemas da LM para construir sentido.

Os dados dessa pesquisa mostraram que os informantes não se mostraram sensíveis às diferenças aspectuais entre o *Simple Past* e o *Present Perfect* da forma como fazem os falantes nativos de língua inglesa, mas relacionaram a ancoragem

temporal (ou o tempo de referência) e o semantismo dos verbos à descrição metalingüística desses tempos verbais que, em princípio, passa pela diferença aspectual. Isso indica que uma comparação entre as formas de organização do aspecto na LM e na língua estrangeira se faz necessária em cursos de leitura em LE, sob pena de os leitores não perceberem aspectos significativos dos sentidos dos enunciados. Isso não quer dizer que todas as nuances aspectuais da língua estrangeira devam ser exploradas, mas que, a partir da apresentação das manifestações estabilizadas da aspectualidade, se explorem, em contextos outros, diversas manifestações significativas para se chegar ao sentido discursivo. De uma maneira geral, as teorias que se ocupam do aspecto verbal ora o definem como uma qualidade inerente aos processos, ora como uma visão do locutor ao perceber o desenrolar dos processos ou de uma de suas fases. A interpretação dos informantes dessa pesquisa melhor se encaixa na segunda alternativa apontada pelas teorias, uma vez que se basearam em outras informações – expressões adverbiais, datas, semantismo dos verbos – para explicarem a questão aspectual que envolve a distinção entre *Simple Past* e *Present Perfect*. Isso vai ao encontro da opção metodológica de WEINRICH (1973) em analisar o tempo, sobretudo na relação com outras categorias entre as quais se encontra o aspecto, e o aspecto como um olhar sobre os fatos.

### **6.5 Ordenamento de eventos**

O ordenamento de fatos parece estar associado a dois conceitos: metáfora temporal e deslocamento da ancoragem temporal. Para WEINRICH (1973), metáfora temporal é fenômeno que ocorre em todas as línguas – em suas modalidades escrita e oral – e implica a utilização de um tempo verbal com sentido diferente daquele estabilizado

nos diversos gêneros de textos. No texto 3 (ANEXO 3), que foi utilizado para se verificar a interpretação do ordenamento dos eventos, o recurso dessa metáfora não se apresenta. A ancoragem temporal diz respeito à existência no discurso de um momento em relação ao qual os eventos se reportam, orientando a interpretação das seqüências, a superposição temporal dos fatos, as relações causais. No discurso, pode ocorrer deslocamento da ancoragem temporal, o que provoca efeitos que entram em jogo na composição do sentido.

Através do texto 3 (ANEXO 3), procurou-se verificar as interpretações dos informantes em relação às seqüências de eventos e observou-se que a visão retrospectiva da instância de produção, composta por fluxos de informações ancoradas alternativamente em referências absolutas e relativas (dêíticas e anafóricas), não contribuiu para a recuperação do ordenamento dos fatos. Os dados indicaram, também, que a dificuldade dos informantes pode se encontrar na alternância da natureza das referências temporais que ora são tomadas em relação ao momento da enunciação da instância de produção, ora em relação a um outro momento apontado pelo co-texto. A seqüência de eventos que apresentou maior dificuldade interpretativa foi a seqüência 4-5 (ver Tabela 23, p.166) que, do *Simple Past (conducted)* ancorado em uma referência absoluta (o ano de 1998), passou para o *Perfect (´ve been looking)* e o *Simple Present (affects)*, ancorados no momento da enunciação da instância de produção. A flutuação dos tempos verbais leva o sujeito interpretante a empreender uma luta para capturar as relações temporais no discurso. O conhecimento sobre as categorias lingüísticas relacionadas à temporalidade parece instrumentalizar os leitores de língua estrangeira nesse sentido.



O estudo dos tempos verbais por si só não garante essa instrumentalização, sendo necessário um estudo conjunto sobre as manifestações lingüísticas da referência, de seus efeitos de sentido no discurso e a reflexão sobre o desdobramento da função referencial da linguagem, a partir da percepção do aparato enunciativo das situações de comunicação.

Se a dificuldade apresentada pelos informantes em recuperarem as seqüências dos eventos tem relação com o tempo de referência, encontram-se aí evidências da importância da noção de instância do discurso e instância histórica para o processo de leitura. Quando as relações temporais encontram-se ancoradas em referências autônomas como as datas, tem-se a manifestação, na superfície do texto, de uma instância discursiva facilmente interpretada pelo leitor. Quando há alternância da ancoragem, em um mesmo texto, passando para um tempo de referência baseado na enunciação, essa alternância demanda do leitor um grau de esforço maior para interpretar as relações temporais entre os eventos. Essas alternâncias da ancoragem enunciativa podem ser sinalizadas pelos usos dos tempos verbais, associados com as expressões adverbiais, adjetivos e preposições temporais.

A essa dificuldade de apreensão dos movimentos de ancoragem enunciativa soma-se a defasagem temporal entre a enunciação da instância de produção do discurso e a leitura. Na comunicação escrita, a ancoragem temporal, como elo entre os fatos do co-texto e a realidade extralingüística, constitui, portanto, um componente importante no processo de compreensão. Levar essas questões em conta na produção do sentido discursivo é dar relevo à dimensão referencial da linguagem, por meio de suas manifestações no aparelho enunciativo, em especial em sua dimensão temporal.

## 6.6 A representação de esquema temporal

O fenômeno da ancoragem temporal, normalmente sinalizado em enunciados iniciais dos textos DE DARDEL ET DE BOTH-DIEZ (1985), pode se apresentar em diversos graus de precisão, podendo situar os fatos em uma era, um milênio, século, década, etc. Ao longo do texto, essas ancoragens podem ser completadas com maior precisão ou até mesmo substituídas. Podem também se apresentar de forma periférica, como nos jornais, livros e revistas através das datas de publicação. Na ausência de ancoragens absolutas, as datas de publicação contribuem para a definição, mesmo que aproximada,<sup>93</sup> do momento da enunciação da instância de produção.

A visão panorâmica do esquema temporal dos textos parece estar vinculada às ancoragens interna e externa das expressões do tempo nos textos. Os dados dessa pesquisa mostram que a maioria dos informantes pôde perceber que o texto 3 (ANEXO 3) refere-se a uma pesquisa iniciada em 1998 (ancoragem absoluta) e *ainda em andamento*. Os outros informantes (35%) não perceberam a continuidade da pesquisa, ou seja, sua implicação com a atualidade do leitor, sinalizada ao final no texto através da expressão *to date*<sup>94</sup> (= até o momento). Tal fato evidencia que as informações relativas ao componente temporal contribuem para a percepção da relação entre conteúdos lingüísticos e extralingüísticos que, em última instância, sinalizam o sentido discursivo.

---

<sup>93</sup> Há que se considerar a defasagem entre o momento da enunciação da instância de produção e a data da publicação do texto que, para efeito de simplificação, é, às vezes, tomado pelo leitor como o mesmo.

<sup>94</sup> ...we wanted to share our findings **to date**. (...desejamos compartilhar nossas descobertas feitas **até o momento**.) [tradução nossa]

Como os sujeitos que perceberam as seqüências dos eventos não foram os mesmos que perceberam a representação atualizada do esquema temporal do texto, os dados sugerem que: 1) houve mais dificuldade em se captar a seqüência dos eventos do que em se perceber a localização temporal da totalidade dos eventos; 2) não há relação imediata entre percepção da cronologia dos eventos e sua ancoragem na realidade. Isto é, mesmo que se situem os eventos uns em relação aos outros, definindo inclusive relações causais, a ancoragem absoluta não fica garantida. Parece, portanto, que as habilidades de leitura envolvidas nos processos de seqüenciação de eventos e de ancoragem temporal devam ser trabalhados separadamente, em estágios iniciais de aprendizagem da leitura em LE, para que, a partir daí, os leitores sejam capazes de atribuir sentidos que englobem as duas noções.

### **6.7 Tempo e modalização**

Nos dados dessa pesquisa, chama a atenção o tratamento dado pelos informantes às modalizações na forma negativa, a exemplo de *cannot be taken* (Texto 2, ANEXO 2), *cannot explain*, *shoud not bear*, *may not use* (Texto 4, ANEXO 4), que tiveram interpretações mais diversificadas do que as expressões das modalizações na forma afirmativa. Isso indica que a negação representa uma força interpretativa a qual altera a visão dos leitores sobre o conteúdo proposicional dos enunciados, ocasionando maior insegurança interpretativa e diversidade de visões sobre um mesmo enunciado. Essa dispersão interpretativa também foi verificada nas modalizações associadas à categoria tempo.

Embora as interpretações das combinações de modalização e tempo tenham sido dispersas, os informantes tenderam a se apoiar nas descrições gramaticais para justificar suas escolhas. Essa atitude pode estar associada ao grau de exposição às modalizações em língua inglesa, causando instabilidade interpretativa. A dispersão das interpretações pode também estar relacionada à ausência de correspondência biunívoca entre modalizações e efeitos de sentido. Tanto a deficiência de conhecimento quanto a crença na estabilidade significativa de categorias lingüísticas impede o alcance do sentido discursivo.

Da mesma forma que os falantes são dotados de uma certa competência em situar eventos no tempo, parece haver essa característica relacionada às modalizações. Como elas se organizam diferentemente nas línguas, os efeitos que produzem são percebidos diferentemente pelos usuários. DUTRA (2001), em um estudo sobre o uso de modais, conclui que falantes nativos e não-nativos de língua inglesa fazem uso diferenciado das várias formas lingüísticas modais. Embora tenha detectado que mesmo os informantes de nível avançado não apresentem controle de algumas regras pragmáticas, a pesquisadora verificou uma melhoria considerável na competência dos falantes não-nativos do nível iniciante até o intermediário. Assim sendo, as modalizações representam uma categoria lingüística cujas manifestações merecem atenção especial no processo de ensino e de aprendizagem das línguas.

Os dados dessa pesquisa mostram que, no nível de interlíngua em que se encontram os informantes, a compreensão das modalizações verbais apresenta instabilidade. Diversos fatores podem estar contribuindo para esse comportamento interpretativo, entre os quais a crença, por parte dos sujeitos, nas descrições descontextualizadas das manifestações das modalizações verbais e de seus efeitos

de sentido, não se levando em conta outras informações do co-texto para a interpretação da modalização. Esse mesmo comportamento não foi observado na tarefa sobre os usos dos *Simple Present* e do *Present Perfect*, indicando, portanto, que os mesmos informantes reagiram diferentemente frente às manifestações do tempo baseadas no aspecto e do tempo com as modalizações, ora se apoiando em outras categorias (para o aspecto), ora se apoiando em descrições canônicas (para as modalizações).

### **6.8 Considerações gerais**

Neste capítulo, dedicado à análise e à discussão dos resultados, pode-se dizer que o comportamento interpretativo dos informantes apresentou nuances diferenciadas para cada questão avaliada. O grau de compreensão dos textos parece estar condicionado à densidade verbal (quanto maior a densidade, menor o grau de compreensão). Por sua vez, a ancoragem temporal manifesta de natureza diversa (absoluta, dêitica, anafórica) provoca maior ou menor engajamento do leitor que, ora se desloca para o momento da enunciação da instância de produção do texto lido, ora se reconhece em um momento enunciativo único, representado pelo momento da leitura (ou de realização da tarefa). Essa atitude do leitor provoca uma instabilidade interpretativa que parece ter relação com o nível de interlíngua no qual se encontra.

A seguir, apresentamos alguns aspectos conclusivos da pesquisa a fim de delinear possíveis contribuições tanto para o ensino da leitura em língua estrangeira, quanto para outros refinamentos na investigação sobre a recepção da dimensão temporal dos discursos.

## Conclusão

Nesta tese, destacou-se a recepção da dimensão temporal do discurso, por meio das interpretações de leitores de língua estrangeira (inglês), com vistas a se ampliar a visão sobre o processo de compreensão. A categoria lingüística *tempo*, em suas diversas formas de manifestação, demonstrou constituir um fenômeno complexo do ponto de vista de suas interpretações em situação de leitura.

O caráter exploratório da pesquisa pode ser justificado em função da carência de estudos enunciativos no âmbito da recepção, os quais têm muito a contribuir para o ensino da leitura em LM e em língua estrangeira. Assim, embora o nosso interesse tenha se restringido às manifestações do *tempo* em inglês, supomos que a flutuação interpretativa dos informantes também possa ocorrer na leitura em LM, questão não averiguada nesta pesquisa. Isso nos leva a concluir que a estrutura temporal do discurso constitui uma possibilidade de entrada a ser explorada em cursos de leitura. Fenômenos como flutuação da ancoragem temporal (referências absolutas, dêiticas ou anafóricas), natureza, seqüência, duração e superposição de eventos, mudanças nos planos enunciativos da história e do discurso, bem como as questões aspectuais e de modalização dos tempos verbais constituem índices sinalizadores de sentido que, em última análise, contribuem para se captar o projeto de fala do sujeito enunciador. Esses elementos do quadro enunciativo (QE) gerador dos textos precisam ser compreendidos para serem associados ao momento histórico da leitura, contribuindo, dessa forma, para a completude do processo interpretativo. Logo, compete ao leitor a tarefa de situar os conteúdos discursivos em duas enunciações: a que gerou o texto e a que se constitui no momento da leitura, levando em conta a situação histórica das duas enunciações, bem como a defasagem temporal entre uma e outra. Compete ao professor explorar essas questões em suas aulas, criando, assim, condições para a compreensão dos textos.

Como perspectivas de continuidade dessa pesquisa, algumas possibilidades se apresentam. As práticas diárias em sala de aula, em cursos de leitura, associadas à observação sistemática dos comportamentos interpretativos dos alunos, constituem fonte privilegiada de dados para o aprofundamento nas questões levantadas nessa pesquisa. As relações de causa e efeito, que não fizeram parte dos objetivos desta pesquisa exploratória, podem ser perseguidas utilizando-se de instrumentos (de coleta) específicos que prevêm manipulações textuais nos enunciados dos textos lidos, com vistas a se identificarem alterações nas interpretações dos sujeitos. Assim, as dificuldades para se atingirem níveis de compreensão mais aprofundados podem ser associadas às categorias lingüísticas. Uma vez identificadas essas categorias, poderá ser obtida uma retroalimentação das práticas de ensino de fenômenos ricos em significações que, por isso mesmo, acabam interferindo na compreensão em função do nível de interlíngua dos aprendizes.

A abordagem metodológica desta pesquisa sugere que, para cada fenômeno lingüístico de estrutura complexa, uma pesquisa exploratória se faz necessária. Uma vez mapeadas as interpretações dos sujeitos, outros refinamentos nos instrumentos de coleta são desejáveis para identificação das causas das interpretações problemáticas. É o que se pretende realizar a partir da experiência nesta pesquisa, lembrando sempre que, mesmo apresentando algum tipo de controle na realização de tarefas geradoras de dados, o contrato situacional de sala de aula deve ser respeitado.

Espera-se, assim, que essa pesquisa represente uma contribuição metodológica para os estudos em recepção, questão crucial para a constituição de dados em situação real de comunicação.

## Referências

ADAM, J. M.; LUGRIN, Gilles; REVAZ, F. Pour en finir avec le couple Récit/Discours. **Pratiques**, Metz, n. 100, p. 81-98, déc. 1998.

ALONSO, C.; OLMOS, A. S. **Langage, Theories et Applications en F.L.E. Texte et Comprehension. Revue Ici et là**, Madrid, p. 61-70, 1994.

ALLWRIGHT, Dick; BAILEY, Kathleen M. **Focus on the language classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 250 p.

AUGUSTIN, Saint. **Les confessions**. Paris: GF Flammarion, 1964. 380 p.

BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. Berne : Ernest Leroux, 1965, apud CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dictionnaire d'Analyse du Discours**. Paris: Seuil, 2002. 662 p.

BEAUZÉE, N. **Grammaire générale** ou expositions raisonnées des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues. Stuttgart: Friedrich-Fromann Verlag, 1767 / 1974.

BENVENISTE, Émile. L'appareil formel de l'énonciation. **Langages**, Paris, n. 17, p. 12-18, mars 1970.

BENVENISTE, Émile. Le langage et l'expérience humaine. In: BENVENISTE, Émile *et al.* **Problèmes du langage**. Paris: Gallimard, 1966a. p. 3-13. (Collection Diogène).

BENVENISTE, Émile. Les relations de temps dans le verbe français. In: BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale 1**. Paris: Gallimard, 1966b. p. 237-250.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale 1**. Paris: Gallimard, 1966b. 356 p.

BENVENISTE, Émile *et al.* **Problèmes du langage**. Paris: Gallimard, 1966a. (Collection Diogène).

BRONCKART, Jean-Paul *et al.* **Langue Française**, Paris : Larousse, n. 97, 1993. 128 p.

BÜLHER, Karl. **Theory of language**. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. **Tempo, aspecto e modalidade: estudos de lingüística portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1997. 207 p.

CARNEIRO, Agostinho Dias. **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

CERVONI, Jean. **L'énonciation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987. 128 p.

CHABROL, Claude. Le lecteur: fantôme ou réalité ? Étude des processus de réception. In: CHARAUDEAU, P. (Ed.). **Presse: produit, production, réception**. Paris: Didier-Erudition, 1988. p.161-184.



CHABROL, Claude. Réception et interlocutions médiatiques: L'apport du point de vue de l'observateur. **Verbum**, tome XII, Fascicule 1, p.43-71, 1989.

CHABROL, Claude. La réception – Étude des processus d'évaluation des débats médiatiques. In: CHARAUDEAU, P. (Ed.). **La Télévision – Les débats culturels «Apostrophes»**. Paris: Didier Érudition, 1991, Chapitre 5, p.189-382.

CHARAUDEAU, Patrick. Catégorie de langue, catégories de discours et contrat de communication. In: \_\_\_\_\_. **Parcours linguistiques de discours spécialisés**. Berne: Peter Lang, 1993. p. 315-366.

CHARAUDEAU, Patrick. De l'enseignement d'une grammaire du sens . **Le français aujourd'hui**, Paris, n.135, p. 20-30, octobre 2001b.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992. 927 p.

CHARAUDEAU, Patrick. **La Télévision – Les débats culturels « Apostrophes »**. Paris : Didier-Érudition, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours**. Paris: Hachette, 1983. 176 p.

CHARAUDEAU, Patrick. Le contrat de communication dans la situation classe. **Pratiques – Inter-actions**, [S.l.], p. 121-135 1993. N° Spécial.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique**. Paris: Nathan, 1997. 286 p.

CHARAUDEAU, Patrick. Le dispositif socio-communicatif des échanges langagiers. **Verbum**, Nancy, v. 12, n. 1, p. 13-25, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. Les conditions de compréhension du sens de discours. In ALONSO, C.; OLMOS, A. S. **Langage, Theories et Applications en F.L.E. Texte et Comprehension. Revue Ici et là**, Madrid, p. 61-70, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, A. D. **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-43.

CHARAUDEAU, Patrick. **Presse: produit, production, réception**. Paris: Didier-Erudition, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001a. p. 23-38.

CHARAUDEAU, Patrick. Une analyse sémiolinguistique du discours. **Langages**, Paris, v. 117, p. 96-111, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick. **Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle**. Paris: [s.n.], 1999. Sous presse.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dictionnaire d'Analyse du Discours**. Paris: Seuil, 2002. 662 p.

COLLINOT, André, MAZIÈRE, Francine. **Le français à l'école**: un enjeu historique et politique. Paris: Hatier, 1999. 335 p.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. 142 p.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 139 p.

COURA-SOBRINHO, Jerônimo. **O dicionário como instrumento auxiliar na leitura em língua estrangeira**. 1998. 129 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)- Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

COURA-SOBRINHO, Jerônimo; SILVA, Sérgio Raimundo da. Considerações básicas sobre pesquisa em sala de aula. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 51-58, jan./jun. 1998.

CULIOLI, A. La formalisation en linguistique. **Cahiers pour l'analyse**, [S.l.], v. 9, p. 106-117, 1968.

DE DARDEL, Robert, DE BOTH-DIEZ, Anne-Marie. L'ancrage du texte dans le temps absolu. **Langue Française**, Paris, v. 67, p. 114-228, 1985.

DELL'ISOLA, Regina L. Peret. **O contexto e a compreensão lexical na leitura em Português - Língua Estrangeira**. 1999. 370 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada)- Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

DE SAUSSURE, Louis. Le temps chez Beauzée: algorithmes de repérage, comparaison avec Reichenbach et problèmes théoriques. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, v. 49, p. 171-195, 1997.

DIVER, William. The chronological system of the English verb. **Word**, [S.l.], v. 19, p. 141-181, 1963.

DOUAY, Catherine; ROULLAND, Daniel. **Ces mots de Gustave Guillaume**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes 2 et Laboratoire du CERLICO, 1990. 217 p.

DOWTY, David R. The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics?. **Linguistic and Philosophy**, Dordrecht, v. 9, n. 1, p. 37-61, 1986.

DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris: Seuil, 1995. p. 68-76.

DUTRA, Deise Prina. A aquisição e a pragmática das construções com sentido deôntico em inglês. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 37-66, 2001.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Lingüística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1998. 105 p.

- FEIGENBAUM, Irwin. **The grammar handbook**. New York: Oxford University Press, 1985. 358 p.
- FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 1996. 318 p.
- GENETTE, Gérard. **Nouveaux discours du récit**. Paris: Deuil, 1983.
- GREIMAS, Algirdas-Julien; COURTÉS, Joséph. **Sémiotique dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris: Hachette, 1993. 454 p.
- GRICE, H. Paul. Logique et conversation. **Communications**, Paris, v. 30, p. 57-72, 1979.
- GUILLAUME, Gustave. **Langage et science du langage**. Paris: Librairie A.G. Nizet, 1969.
- GUILLAUME, Gustave. **Temps et verbes. L'architecture du temps dans les langues classiques**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1993. Paginação irregular.
- HORNSTEIN, Norbert. **As time goes by: tense and universal grammar and universal grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1990.
- ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em Português**. São Paulo: Contexto, 2001a. 85 p.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**. São Paulo: Contexto, 2001b. 206 p.
- JAKOBSON, Roman. **Essais de linguistique générale**. Paris: Minuit, 1963.
- JESPERSEN, Otto. **Essentials of English grammar**. New York: [s.n.], 1933. 363 p.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **L'énonciation**. Paris: Armand Colin, 1999. 267 p.
- KLEIBER, Georges. Lorsque l'anaphore se lie aux temps grammaticaux. In: VETTERS, Carl. **Le temps, de la phrase au texte**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1993. p. 117-166.
- LANGUE FRANÇAISE. Paris: Larousse, v. 97, févr. 1993. 128 p.
- LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael H. **An introduction to second language acquisition research**. New York: Longman, 1991. 398 p.
- LE QUERLER, Nicole. **Typologie des modalités**. Caen: Presses Universitaires de Caen, 1996. 159 p.
- LYONS, J. **Linguistic semantics: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. 376 p.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Analyser les textes de communication**. Dunod: Paris, 1998. 211 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Eléments de linguistique pour le texte littéraire**. Dunod: Paris, 1993. 203 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **L'énonciation en linguistique française**. Paris: Hachette, 1999. 156 p.

MAINGUENEAU, Dominique. Lecture, incorporation et monde éthique. **Éla Revue de Didactologie des langues-cultures**, Paris, v. 119, p. 265-275, juil./sept. 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmatique pour le discours littéraire**. Paris: Seuil/HER, 2001. 186 p.

MAINGUENEAU, Dominique. Embrayeurs et repérages spatio-temporels. **Française Dans Lemond**, Paris, v. 160, 1981.

MARI, Hugo. **Análise do discurso: Fundamentos e Práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001. 359 p.

MARI, Hugo *et al.* **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. 400 p.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. Leitura e análise do discurso. In: MARI, Hugo *et al.* **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. cap. 14, p. 241-266.

MEUNIER, A. Modalités et communications. **Langue Française**, Paris, v. 21, p. 8-25, 1974 *apud* CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dictionnaire d'Analyse du Discours**. Paris: Seuil, 2002. 662 p.

MILNER, Jean-Claude. **Ordres et raisons de langue**. Paris: Seuil, 1982.

MOESCHLER, Jacques. Aspects pragmatiques de la référence temporelle: indétermination, ordre temporel et inférence. **Langages**, Paris, v. 112, p. 39-54, déc. 1993.

MOESCHLER, Jacques *et al.* **Langage et pertinence**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994.

MOESCHLER, Jacques, REBOUL, Anne. **Dictionnaire encyclopédique de pragmatique**. Paris: Seuil, 1994. 562 p.

MOESCHLER, Jacques. Anaphore et déixis temporelles: sémantique et pragmatique de la référence temporelle. In: MOESCHLER, Jacques *et al.* **Langage et pertinence**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994. cap. 1, p. 39-104.

MOESCHLER, Jacques. **Le temps des événements**. Paris: Kimé, 1998. 348 p.

MOESCHLER, Jacques. Linguistique et pragmatique cognitive. L'exemple de la référence temporelle. **Le gré des langues**, Le Raincy, v. 15, p. 10-33, 1999.

MOIRAND, Sophie *et al.* **Parcours linguistiques de discours spécialisés**. Berne: Peter Lang, 1993.

PARRET, Herman. Introduction – les temps du temporalisateur. In: PARRET Herman *et al.* **Temps et discours**. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 1993. p. 1-12.

PARRET Herman *et al.* **Temps et discours**. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 1993.

PIRES de OLIVEIRA, Roberta. **Semântica formal**. Campinas: Mercado das Letras, 2001. 264 p.

REBOUL, Anne; MOESCHLER, Jacques. **La pragmatique aujourd'hui**. Paris: Seuil, 1998. 209p.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The Macmillan Company, 1947.

SAPIR, Edward. **Language**: an introduction to the study of speech. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1921. 242 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique général**. Paris: Éditions Payot, 1972.

SILVA, Ademar da. **A expressão da futuridade no português falado**. Araraquara: Cultura Acadêmica. 168 p.

SPERBER, Dan; WILSON, Deidre. **La pertinence**: communication et cognition. Paris: Les Éditions Minuit, 1989. 397 p.

SPERBER, Dan, WILSON, Deidre. **Relevance**: communication & cognition. Oxford: Blackwell, 2001. 326 p.

STRAWSON, P.F. Phrase at acte de parole. **Langages**, Paris, v. 17, p. 19-33, mars 1970.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in phylosophy**. New York: Cornell University Press, 1967.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. In: VENDLER, Zeno. **Linguistics in phylosophy**. New York: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

VALIN, Roch. Introduction. In: GUILLAUME, Gustave. **Langage et science du langage**. Paris: Librairie A.G. Nizet, 1969. p. 11-24.

VALIN, Roch. Avant-propos. In: GUILLAUME, Gustave. **Temps et verbes**. Paris: Librairie e Honoré Champion, 1993. p. 11-21.

VETTERS, Carl. **Le temps, de la phrase au texte**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1993.

VOGELLER, Svetlana; BORILLO, Andrée; VETTERS, Carl. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Temps et discours**. Louvain-la-Neuve: Peeters, 1998. p. 5-10.

VOGELLER, Svetlana; BORILLO, Andrée; VETTERS, Carl. **Temps et discours**. Louvain-la-Neuve: Peeters, 1998. 282 p.

WEINRICH, Harald. **Le temps**: le récit et le commentaire. Paris: Seuil, 1973. 330 p.

## ANEXO 1 – Texto 1

### SUN POWER: THE GLOBAL SOLUTION FOR THE COMING ENERGY CRISIS

1 Renewable energy is the term used to describe energy that comes from sources whose supplies are regenerative and virtually inexhaustible. Among these sources are sunshine, wind, water, vegetation, and the heat of the earth.

Throughout history, these sources have been successfully harnessed and used to  
5 provide energy. Almost 2,500 years ago, the Greeks designed their homes to use winter sunlight for heating. Large, south-facing windows were used to collect solar heat, which was stored in massive walls and floors for gradual release throughout the night.

We are reaching the bottom of the well. The oil shortage of the 1970s were our wake-up call, but we've fallen back into apathetic slumber. The world is fast approaching a crisis of  
10 global proportions when our comfortable lives will be plunged into darkness as the last drop of oil is sucked from the ground. Our planet is choking on the deadly by-products of our energy hunger foul-air, radiation poisoning, oil-slicked waters, and acid rain.

Sun power offers a vision of hope and a plan to begin the long journey to energy independence and global healing within the next ten years.

15 During the 1980s it was estimated that more than 120,000 solar water heating systems were developed on rooftops in Arizona. Although many of these installations have been removed or replaced, solar systems were common sites throughout Arizona. In the 1980s solar water heating systems flourished under the Arizona sun. Car washes, government buildings, and even savings and loan institutions used solar heated water.

20 In Phoenix, several motels used solar systems to provide hot water for rooms, laundry and for swimming pools. In Tucson, restaurants used solar heated water for dishwashing  
22 and other restaurant needs. Even an athletic club installed a solar heated pool...

## ANEXO 2 – Texto 2

### Why do prisons grow?

December 2001 issue

For The Answers, Ask The Governors

By Rodger Doyle

- 1** The U.S. has gone through a historically unparalleled expansion in its prison population--from fewer than 400,000 in 1970 to almost 2.1 million in 2000. The expansion continued vigorously even as crime rates fell sharply in recent years. And it has happened at all levels--federal, state and local. For explanations of the causes of the increase, it is helpful to examine the state prisons, which account for 63 percent of all adult prisoners, and the local jails, which account for another 32 percent. (The remainders are held mostly in federal prisons.) Because state laws and policies affect the number of prisoners in local jails, it is proper to consider the two types of institutions together.



BUREAU OF JUSTICE STATISTICS  
STATE AND LOCAL PRISONERS PER 100,000 POPULATION, 1999

- The map, which shows prisoners per 100,000 population, points up the uneven distribution of prison populations, such as the fivefold disparity between Texas and Vermont. You would expect that states with high prison populations would have high crime rates, and indeed there is some correlation between the two. But crime rates alone do not explain all the differences among states. Louisiana, for instance, had an incarceration rate 54 percent greater than Mississippi's in 1999, yet Mississippi's crime rate was about the same as or only moderately lower than Louisiana's.

- Joseph Dillon Davey of Rowan University has attempted to explain such differences in terms of gubernatorial policy. In an analysis of 14 states, he finds that those in which governors pursue "law and order" policies have higher incarceration rates. An example is South Carolina, where Governor Carroll Campbell, a Republican, presided over a 63 percent expansion of the state prison population in his eight years in office (1987- 1995). Governor James G. Martin of North Carolina, also a Republican, did not pursue a tough-on-crime policy. During his administration (1985-1993), there was an increase in the state prison population of only 25 percent, although North Carolina's crime rate was much the same as South Carolina's.

- Because Davey's study covers a limited period (the 1980s and early 1990s) and a limited number of states, it cannot be taken as the last word on the subject. Nevertheless, it adds weight to the notion that tough-on-crime policies were the most important factor behind the big increase in prison population since 1970. This increase, which some say did little to deter crime, profoundly disrupted minority communities. Based on current incarceration rates, the Bureau of Justice Statistics estimates that 28 percent of black and 16 percent of Hispanic men will enter a state or federal prison during their lifetime. (The comparable figure for whites is 4 percent.)

- Any effort to understand what happened over the past three decades would benefit from an analysis of state policies and prison trends, the role of local media and other factors that could influence imprisonment rates. This type of study is needed if we are to find answers to such questions as: How significant were tough-on-crime policies in causing the increase in the prison population? To what extent were such policies promoted by those states with a record of racial discrimination? And could the expansion have been avoided without harm to the public?



## ANEXO 3 – Texto 3

Anexo 3

Leading in Times of Trauma

## A Brief History of the CompassionLab

01 THIS ARTICLE IS BASED ON THREE YEARS OF RESEARCH  
conducted at the CompassionLab, a joint project of the Univer-  
sity of Michigan Business School and the University of British  
Columbia. We began our work in 1998, based on a common in-  
05 terest in the way that stories of compassionate acts could inspire  
further acts of compassion. Over the next couple of years, we  
began to explore how different organizations deal with pain and  
compassion, and we found stunning differences in their capacity  
for compassion. This capacity turned out to have a direct impact  
10 on how quickly and effectively people in those organizations  
were able to recover from tragic events.

To learn more, we conducted extended studies on the life  
spans of painful events—for instance, serious illness, death, and  
violent acts—tracing the organizational response from the onset  
15 of the events. We interviewed the people directly affected, as  
well as those who witnessed others' suffering, to learn how orga-  
nizations can encourage or suppress the healing process. Re-  
cently, we've been looking at how the degree of organizational  
compassion in a company affects employee retention. We're  
20 also conducting in-depth studies in which we observe everyday  
acts of compassion in an effort to understand which actions  
enable and which hinder healing.

Our research took on added urgency after September 11, 2001.  
As the effects of this trauma and pain continue to unfold, we  
25 wanted to share our findings to date.

ANEXO 4 – Texto 4

news  
SCAN

BY THE NUMBERS

Going Solo

UNWED MOTHERHOOD IN INDUSTRIAL NATIONS RISES BY RODGER DOYLE

NEED TO KNOW:  
OUT OF WEDLOCK

Percent of all nonmarital births accounted for by women ages 15 to 19:

U.S.	29
Canada	15
Great Britain	15
Italy	10
Germany	9
France	4
Sweden	2

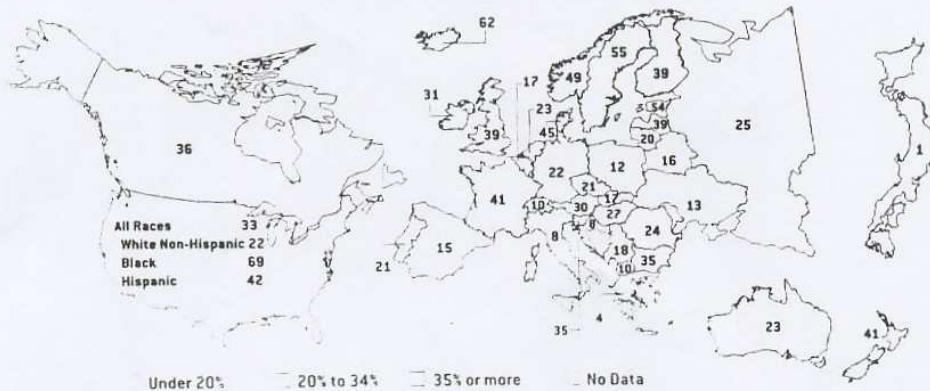
Data are for 1999, except for Canada and France, which are for 1998, and Italy, which are for 1996.

ON THE WEB:  
SINGLE MOTHERHOOD

Links to sites on unwed motherhood and a chart showing the nonmarital trends in the U.S. since 1940 can be seen at [www.sciam.com/2002/0102issue/0102numbersbox1.html](http://www.sciam.com/2002/0102issue/0102numbersbox1.html)

SOURCE: U.S. AAP, Office for Official Publications of the European Communities. Data are for mid- to late 1990s, except for Japan, which are for 1990.

PERCENT OF BIRTHS OUTSIDE OF MARRIAGE



Forty years ago unmarried mothers accounted for only 5 percent of births in western Europe and English-speaking countries; today that proportion is about 30 percent. The increase has been accompanied by the spread of cohabitation, more so in Europe than in the U.S., and indeed in some regions, such as Scandinavia, the distinction between legal marriage and cohabitation has been fading.

The causes of this historic development are even now not fully understood, at least in its American manifestation, but increased sexual permissiveness beginning after World War II is surely involved. Also among the developments that may have contributed to the rise in unwed motherhood in the U.S. is the loss, beginning in the 1960s, of relatively unskilled but well-paying manufacturing jobs. In working-class neighborhoods, young men capable of supporting a family became ever more scarce. Black men, who were just starting to participate in the industrial economy in the 1940s and 1950s, found it particularly difficult to get good jobs. Yet according to one estimate, the lack of decent jobs cannot explain more than a fifth of the nonmarital births among black Americans.

A second development may have magnified nonmarital births—the growing number of women who are financially independent and thus able to have children on their own. But the evidence suggests that single mothers by choice are, at best, a minor contributor to

the out-of-wedlock trend. Other explanations, such as the growth of welfare, are not well supported by research.

Some unmarried women who became mothers did not use contraceptives, and many who did found them ineffective. The Pill and condoms have failure rates of 9 and 15 percent, respectively, and among younger women, the unmarried and minorities, the rates are higher still. It is not surprising that 55 percent of all births among unmarried women and two thirds of those among teenagers, as noted in a 1994 U.S. survey, were unintended.

Compared with Canada and western Europe, the U.S. is in the middle range in births to unmarried women, but among adolescents U.S. rates are much higher [see table at left]. Teenage motherhood is particularly problematic because most girls lack parenting skills and don't have the resources to bring up children properly. In most western countries, but not the U.S., there is a strong consensus that adolescents should not bear children. American adolescents are less apt than those in other countries to use contraceptives and may not use them as effectively. Western Europeans and Canadians generally provide better access to family-planning programs for teenagers. In France, for example, nurses in public and parochial high schools dispense the "morning-after pill," a practice unheard of in the U.S.

In Japan, where nonmarital births are extremely rare, unwed mothers and their children are severely stigmatized, even to the point of denying them benefits available to married mothers. In Europe, countries with large Catholic populations tend to have fewer nonmarital births, although France is a major exception. In Scandinavia, a traditionally strong Protestant region, the rate of nonmarital childbearing is the highest in Europe.

Rodger Doyle can be reached at [rdoyle2@adelphia.net](mailto:rdoyle2@adelphia.net)

## ANEXO 5 – Dados sobre os informantes

### I – Dados pessoais

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_ E.mail: \_\_\_\_\_

### II – Hábitos de leitura em Português

a) Em geral, você lê: (marque com um 'x' e especifique

	Especificação
Jornal	
Revista	
Livro	
Artigos acadêmicos	
Outros	

b) tempo médio semanal dedicado à leitura (em português): \_\_\_\_\_ horas

### III – Experiência com línguas estrangeiras

IDIOMA	Onde estudou	tempo de estudo (marque com um 'x')			
		até 1 ano	de 1 a 3	de 3 a 5	mais de
<b>INGLÊS</b>	em colégio				
	em inst. de idiomas				
	na Graduação				
	c/ prof. Particular				
	no exterior				
<b>OUTRO IDIOMA (especificar)</b> _____	em colégio				
	em inst. de idiomas				
	na Graduação				
	c/ prof. particular				
	no exterior				

IV – Faça uma avaliação da disciplina Língua Estrangeira Instrumental – Inglês II (pontos negativos, pontos positivos e, principalmente, sugestões)<sup>95</sup>:

<sup>95</sup> Autorizo a utilização dos exercícios finais da disciplina Língua Estrangeira Instrumental – Inglês II, para pesquisa.

\_\_\_\_\_  
(assinatura)

## ANEXO 6 – Lista de expressões temporais

Nome: \_\_\_\_\_

Para cada expressão abaixo, indique (através de um número) qual o *tense* mais provável de ocorrer:

<b>TENSES</b>	
( 1 )	<b>SIMPLE PRESENT</b>
( 2 )	<b>SIMPLE PAST</b>
( 3 )	<b>PRESENT PERFECT</b>
( 4 )	<b>FUTURE</b>

<b>TENSE</b>	<b>EXPRESSÕES</b>
<b>TEXT 1: SUN POWER...</b>	
( )	<i>Throughout history...</i>
( )	<i>Almost 2,500 years ago...</i>
( )	<i>The oil shortage of the 1970s...</i>
( )	<i>The world is fast approaching a crisis... when...</i>
( )	<i>Within the next ten years...</i>
( )	<i>During the 1980s...</i>
( )	<i>The coming energy crisis...</i>
<b>TEXT 2: Why do prisons grow?</b>	
( )	<i>Based on... he estimates that...</i>
( )	<i>... in recent years.</i>
( )	<i>... in his eight years in office (1987-1995).</i>
( )	<i>During his administration (1985-1993),...</i>
( )	<i>... since 1970.</i>
( )	<i>...over the past three decades...</i>
( )	<i>Based on current incarceration rates...</i>
<b>TEXT 3 – A Brief History of the CompassionLab</b>	
( )	<i>A brief history...</i>
( )	<i>Over the next couple of years,...</i>
( )	<i>Recently...</i>
( )	<i>...after September 11, 2001 ...</i>
<b>TEXT 4 – Going Solo</b>	
( )	<i>Forty years ago...</i>
( )	<i>; today...</i>
( )	<i>... after World War II ...</i>
( )	<i>... in a 1944 U.S. survey,...</i>

## ANEXO 7a – Exercícios sobre texto 1

Nome: \_\_\_\_\_

### TEXTO 1: SUN POWER...

**Questão 1:** Marque ( V ) para a sentença verdadeira e ( F ) para a falsa, de acordo com o texto:

- ( ) A geotermia (calor da terra) é uma das fontes renováveis de energia.
- ( ) Os gregos faziam uso da energia eólica (do vento) para aquecer suas residências.
- ( ) Em termos de independência energética, os próximos 10 anos apresentam-se de forma pessimista.
- ( ) O aproveitamento da energia solar foi adotado com sucesso em alguns estados americanos.

**Questão 2:** Indique com um 'x', na tabela, as palavras ou expressões do trecho abaixo que sugerem idéia de TEMPO (PRESENTE, PASSADO OU FUTURO):

*"Sun power offers a vision of hope and a plan to begin the long journey to energy independence and global healing within the next ten years."* (linhas13/14)

Palavras (ou expressões)	PRESENTE	PASSADO	FUTURO
<i>sun power offers</i>			
<i>offers</i>			
<i>sun power offers a vision of hope</i>			
<i>offers a vision (of hope)</i>			
<i>(to) begin</i>			
<i>a plan to begin</i>			
<i>a vision of hope</i>			
<i>hope</i>			
<i>(the) long journey (to energy independence)</i>			
<i>global healing</i>			
<i>within the next ten years</i>			
<i>within</i>			
<i>(the) next ten years</i>			

## ANEXO 7b – Exercícios sobre texto 2

### TEXTO 2: Why Do Prisons Grow?

**Questão 1:** Marque ( V ) para a sentença verdadeira e ( F ) para a falsa, de acordo com o texto:

- ( ) O número de prisões americanas tem diminuído nos últimos anos.
- ( ) Nos Estados Unidos, há três tipos de prisões: federais, estaduais e municipais.
- ( ) Grosso modo, o número de prisioneiros por habitante é distribuído uniformemente pelos estados americanos.
- ( ) Um estudo feito em universidade mostrou que a política adotada pelos governadores dos estados pode explicar a relação entre quantidade de prisioneiros/habitantes.

**Questão 2:** Considere o emprego dos tempos verbais (*Tenses*) no início do texto:

"The U.S. (a) **has gone** through a historically unparalleled expansion in its prison – from fewer than 400,000 in 1970 to almost 2.1 million in 2000. The expansion (b) **continued** vigorously even as crime rates fell sharply in recent years. And it (c) **has happened** at all levels – federal, state and local..." (linhas 1-3)

- (a) **has gone**           => Present Perfect Tense
- (b) **continued**       => Simple Past Tense
- (c) **has happened**   => Present Perfect Tense

Escolha uma explicação para o uso dos *Tenses* em (a) (b) (c), marcando com um 'x'

EXPLICAÇÕES	(a) <b>has gone</b>	(b) <b>continued</b>	(c) <b>has happened</b>
Descreve ação ocorrida em um passado indeterminado			
Descreve ação iniciada no passado, verdadeira no presente e que se projeta para o futuro			
Relata fato historicamente delimitado			
Descreve fato ocorrido e determinado num passado conhecido			

**Questão 3:** Leia as duas sentenças abaixo e marque (com um 'x') a melhor alternativa para indicar a intenção do autor ao utilizar os sintagmas verbais em destaque:

Sentenças retiradas do Texto 2 – <b>Why do prisons grow?</b>	Possibilidade	Aconselhamento	Certeza	Ênfase
"And <b>could</b> the expansion <b>have been avoided</b> without harm to the public?" (linha 33)				
"Because Davey's study covers a limited period (the 1980s and the early 1990s) and a limited number of states, it <b>cannot be taken</b> as the last word on the subject". (linhas 21/22)				

### ANEXO 8a – Exercícios sobre texto 3

Nome: \_\_\_\_\_

#### TEXTO 3: A Brief History of the CompassionLab

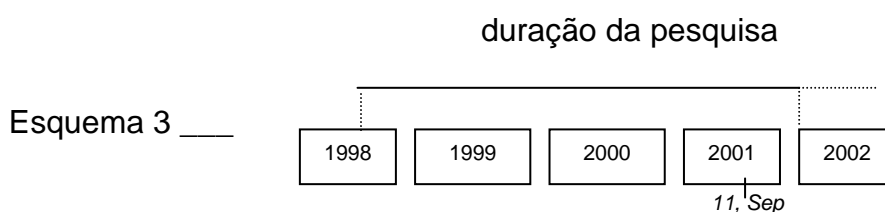
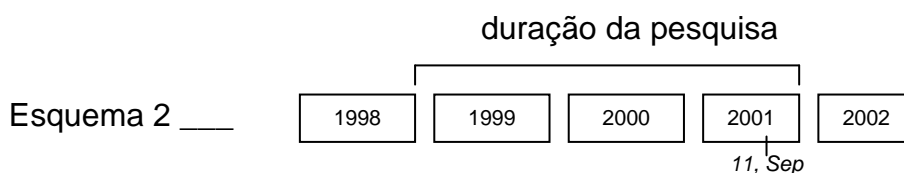
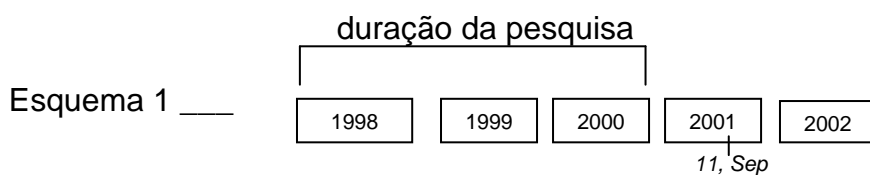
**Questão 1:** Marque ( V ) para a sentença verdadeira e ( F ) para a falsa, de acordo com o texto:

- ( ) A pesquisa sobre a compaixão revelou comportamentos semelhantes em empresas diferentes.
- ( ) A compaixão por parte das empresas tem efeito positivo sobre os funcionários que passaram por experiências trágicas.
- ( ) A pesquisa apontou caminhos para as organizações ajudarem os funcionários nos respectivos processos de recuperação.
- ( ) A pesquisa tomou novas dimensões a partir de 11 de Setembro de 2001.

**Questão 2:** Ordene cronologicamente os fatos, numerando de 1 a 6, conforme o texto:

- ( ) Elaboração de estudo sobre a retenção de funcionários em empresas que colaboraram com o processo de cura de seus empregados;
- ( ) Verificação do impacto da compaixão sobre a recuperação de traumas originários de experiências trágicas;
- ( ) O despertar do interesse pelo estudo das formas de expressão da compaixão;
- ( ) Elaboração de estudos sobre as ações que inibem ou aceleram o processo de cura de traumas;
- ( ) Elaboração, por dois anos, de estudos sobre como as empresas tratam a questão da compaixão;
- ( ) Elaboração de estudos complementares sobre a duração dos eventos causadores de traumas e do comportamento das empresas.

**Questão 3:** Marque com um 'x' o melhor esquema representativo do Texto 3:



## ANEXO 8b – Exercícios sobre texto 4

### TEXTO 4: Going Solo

**Questão 1:** Marque ( V ) para a sentença verdadeira e ( F ) para a falsa, de acordo com o texto:

- ( ) A coabitação não tem nenhuma relação com o aumento do número de mães solteiras.
- ( ) A liberdade sexual e a independência financeira das mulheres são fatores que contribuíram para o aumento do número de mães solteiras nos Estados Unidos.
- ( ) Na França, a pílula do dia seguinte é distribuída em escolas públicas.
- ( ) Na França, como no Japão, as mães solteiras não sofrem nenhum tipo de discriminação.

**Questão 2:** Leia as sentenças abaixo e marque (com um 'x') a melhor alternativa para indicar a intenção do autor ao utilizar os sintagmas verbais em destaque:

Sentenças retiradas do Texto 4 – <b>Going Solo</b>	Possibilidade (no presente)	Aconselhamento (no presente ou futuro)	Certeza (no presente)	Possibilidade (no passado)
"...among the developments that <b>may have contributed</b> to the rise in unwed motherhood..." (linhas 15/16)				
"...the lack of decent jobs <b>cannot explain</b> more than..." (linhas 26/27)				
"... there is a strong consensus that adolescents <b>should not bear</b> children." (linhas 57/58)				
"American adolescents are less apt than those in other countries to use contraceptives and <b>may not use</b> them as effectively." (linhas 59-61)				